This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

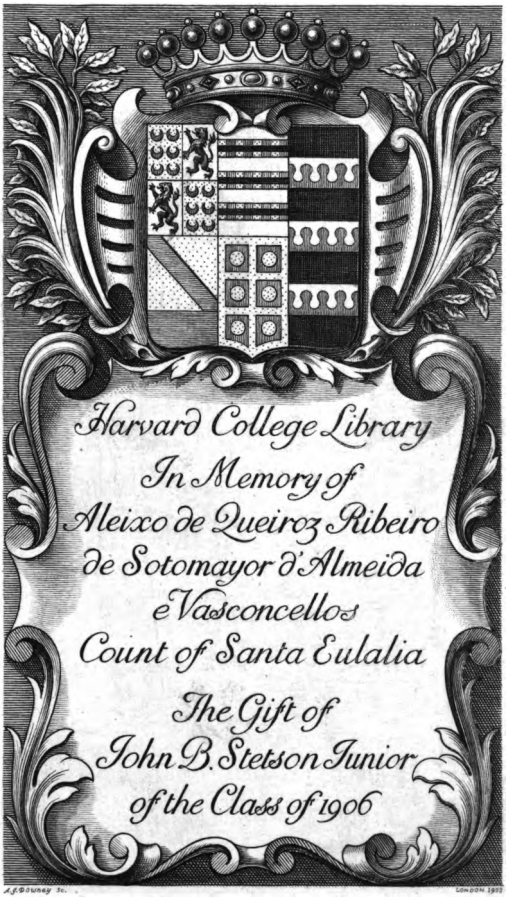
About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Phenicios e Carthaginezes

J. M. Pereira de Lima

AH 3707.17



Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

J.-M. PEREIRA DE LIMA

66

Phenicios e Carthaginezes

2ª EDIÇÃO

Viuva Tavares Cardoso — Livraria Editora

Lisboa

Digitized by Google

Digitized by Google

Phenicios e Carthaginezes

Digitized by Google

OBRAS DO MESMO AUCTOR

Chronologia, (1875) — 1 vol. — esgotado.
Historia da Chronologia, (1876) — 1 vol. — esgotado.
Chorographia portugueza, (1875) — 1 vol. — esgotado.
O Bretão — (traducção), (1875) — 1 vol. — esgotado.
Contos — traducção de E. Sue, (1875) — 1 vol. — esgotado.
Fomento Hydraulico-Agricola, (1897) — 1 vol. — (não entrou no commercio).
Iberos e Bascos, (1903), 1ª ediç.; — (1904), 2ª ediç. — 1 vol.
Phenicios e Carthaginezes, (1903), 1ª edição, — 1 vol.

(No prélo)

III

Celtas e Celtiberos

(Em preparação)

IV

Latinos e Germanos

V

Arabes, Berberes e Mosarabes

(No prélo)

Historia de Portugal

I

A Fundação da Nacionalidade

(Do Conde D. Henrique a D. Affonso III)

Digitized by Google

J.-M. PEREIRA DE LIMA

Phenicios e Carthaginezes

PERTENCE À Direcção Geral de Instrucção Publica

LISBOA
VIUVA TAVARES CARDOSO
LIVRARIA EDITORA

1904

Digitized by Google

AH 3707.17

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr.

MAY 28 1924

Digitized by Google

Ao Conselheiro de Estado

ANTONIO CANDIDO RIBEIRO DA COSTA

Digitized by Google

Digitized by Google

Meu presado ANTONIO CANDIDO

Ao delinear o plano da « Paleontologia Social da Iberia », prehistoria e historia antiga dos povos, que, por successivas camadas, imigraram, invadiram, e constituiram o seu habitat, *na peninsula de que o nosso Portugal faz parte integrante, tinha pensado proseguir as diversas séries dos meus estudos, adoptando a antiga ordem chronologica da imigração ou da invasão.*

Dirão alguns, que mais proprio do fim, que me proponho, seria estabelecer, em série ininterrupta, sem faltar á sequencia da chronologia consuetudinaria, as assisas ethnicas da nossa nacionalidade, como necessarios prolegómenos da « Historia de Portugal », em que trabalho, ha annos, — sem prenuncios de vão reclamo —, e em via de proxima publicação.

Seria mesmo o que havia indicado, no ante-rosto do primeiro volume da minha « Paleontologia Social »,

Digitized by Google

annunciando este segundo livro, sob o titulo de « Phenicios, Celtas e Carthaginezes ».

Outra ordem de razões me induziu, porém, a constituil-o sómente pelos estudos sobre os « Phenicios e Carthaginezes », deixando para o terceiro volume as indagações e considerações historicas, sobre a invasão celtica, e sobre a fusão dos celtas com alguns dos povos ibericos, debaixo da epigraphe « Celtas e Celtiberos ».

Direi da série de motivos plausiveis, que a tanto me moveram.

O trabalho feito, sobre a estada dos phenicios e libyophenicios, na Peninsula, compôz, de per si, material sufficiente, para este livro, no formato e typo, que se escolhera, segundo o modélo do primeiro, já publicado; embóra este motivo fósse o de somenos importancia.

E a materia, extensa e complexa, difficil e labyrinthica, sobre o apregoado « celtismo peninsular », tão impensada e infundadamente dilatado, tão demasiada e absurdamente prenhe de consequencias ethnicas, levou-me a destacar, para um só volume, o terceiro e seguinte, as minhas investigações, os meus trabalhos,

Digitized by Google

ethnegenicos a proposito dos invasores celtas, e dos afiliados celtiberos.

Demais, os navegadores de Sidon, Arad e Tyro, os audazes e intelligentes commerciantes phenicios, fôram, em parte, os proto-parentes dos carthaginezes, misturando o seu sangue com o libyano, produzindo assim os hybridos de Carthago, os libyo-phenicios.

Para intervallar, nas imigrações dos phenicios e punicos, as invasões dos povos celticos, scindindo, divorciando a familia ethnica turano-semitica, não havia portanto, outro motivo, que não fôsse o de seguir na rotina da archaica *e mal fundada chronologia das invasões ethnicas. Ora é de notar, que essa tradicional chronologia não tendo valor real, nem bases solidas, é muito hypothetica, e assás incerta. Porquanto não se deve attender, unicamente, ao facto da incursão bellica de Hamilcar Barca, nos fins da primeira guerra punica (237, antes de Jesus-Christo) para se iniciar, chronologicamente, a apparição dos carthaginezes, na peninsula iberica, pois que, como adiante se prova, os de Carthago tinham já, seculos antes, continuadas relações com os iberos, permutando mercancias, e recrutando, entre estes, os seus soldados auxiliares.*

Para mim, é convicção assente, que é falsa a ordem chronologica, seguida até agora, dando entrada aos celtas anteriormente aos carthaginezes, não só pelo que fica dito, mas ainda, pela existencia das ininterruptas relações mercantis, que os punicos mantiveram sempre com os seus parentes tyrianos, as

Digitized by Google

quaes deviam manifestar-se tambem na effectividade de transacções commerciaes entre Carthago e as feitorias e cidades, que os phenicios haviam fundado nas costas da Hespanha Meridional.

Diante de tão futil ordem chronologica e de tão pouco baseada seriação, adoptadas, sem fundado criterio, pelos escriptores do seculo findo, seria, além de um êrro, uma imperdoavel falta, desirmanar dois povos tão estreitamente ligados na mesma consanguinidade ethnica, interromper duas civilisações importantes, que se integram, n'uma successiva e identica orientação, porque a dos carthaginezes foi, em muitas das suas caracteristicas, um atavismo, uma hereditariedade da civilisação tyriana.

Eis a ultima das razões; a principal, e a verdadeiramente justificativa da alteração, por mim feita, na projectada, e bem affirmada, sequencia dos meus estudos ethno-historicos.

Agora justificarei a offerta d'este livro, que affectuosamente te endereço.

A dedicatoria é legitimada, pela sincera amizade, que

Digitized by Google

nos tem ligado, desde os nossos bons tempos coimbrãos, — cada dia mais distantes, e cada dia mais saudosos —, desde a boa camaradagem do nosso curso juridico.

Nunca em mim se desvaneceu o prodigioso effeito, que produzia a tua palavra colorida, quente, artistica, com filigranas de estylo, e com palhetadas de mestre, nas tonalidades fortes! A tua modestia obriga-te a esquecer esses triumphos escolares. Pois esse effeito, subindo, de escala em escala, da tribuna do Vieira á oratoria do Parlamento, das salas da Universidade aos cenaculos das Academias, tem sido progressivo, e sempre fundado no teu verbo eloquente, impressionante, e sobretudo suggestivo.

Bem sei, que não devia denunciar a magia da tua eloquencia, mas, como todos a conhecem, e confirmam, já não ha delação; e depois eu preso-me de ser d'uma franqueza rude, clara e nitida, amando dizer as coisas, pelo seu nome e pelo seu valor.

É arriscado e difficil, é escabroso e pouco usado, nos nossos tempos : concordo, mas não abandono o meu caracter. Não sigo a moderna corrente do tartufismo, em qualquer das mulliplices espheras da sua acção, muito menos em assumpto de dedicações altruistas. Não elogio, sorridentemente, pela frente, para depois cravar, pelas costas, o dito insidioso, ou a phrase dubia, contendo sempre a perfidia envolta, aliás, nas faixas innocentes d'uma apparente bonhomia.

Por isso as minhas affirmações criticas, até na área

Digitized by Google

das individualizações, moldam-se por uma vez, assentam-se sem quebrantamentos. Nunca tenho variado de julgamento, nem mesmo para alguns, que tão variaveis têm sido no juizo, que de mim têm feito; e n'isto não ha affirmação de qualidades evangelicas, que infelizmente não possuo, mas avulta um feitio especial, como diz a linguagem do povo, ou uma idiosyncrasia, segundo o fallar dos sabios.

Assim, e passando além do que poderia referir dos primores do teu caracter, posso dizer alto e desafrontadamente, sem recear apôdos de louvaminheiro, que a suggestão da tua palavra, d'uma chromatica tão attrahente no seu dizer, originou a minha fraternal estima por ti; e posso tambem aventar, que essa suggestiva eloquencia tem sido o primordial, e importantissimo, auxiliar do teu forte e robusto talento, na obtenção do merecido successo, que te guindou ás cumeadas da nossa hierarchia politica e social.

Aqui fica, pois, a offerta, confirmada e legitimada.

Que a recebas, como amigo, e que a julgues com criterio justo e imparcial, são esses os meus desejos, e, n'elles, se resume a minha ambição de momento, modesta e simplesmente.

Digitized by Google

Nas tuas mãos entrego, portanto, o primeiro julgamento do meu feito, pois que o segundo julgador, — sem appellação nem aggravo —, é o grande publico. Tomarás em conta as difficuldades que ha de atravessar, e a energia, que é de dispender: para não recuar desanimado, ao enveredar os enlabyrinthados e obscuros atalhos, por onde passou a grei humana, e para proseguir, com ousio, á descoberta d'uma tenue luz, que possa guiar a investigação, e conduzir a inducção, até aos campos abertos d'uma affirmativa, com fóros de veracidade.

O trabalho de paleontologia social, que adiante segue, é, não só um laboratorio de syntheses das opiniões classicas, dispersas nos auctores antigos, mas tambem um tentamen de analyse succinta dos factos historicos disseminados, em documentos diversissimos, e, finalmente, um elencho de opiniões individualizadas, minhas, sobre essas mesmas syntheses, e em resultado d'essa propria analyse.

Para a defeza do meu trabalho, principalmente na parte, que se refere á ethnogenia, e aos primeiros tempos da vida social dos phenicios, é importante, que eu repita aqui, como se fôssem do meu fabrico e lavor, as palavras do erudito J. Michelet, ao tratar do obscuro problema ethnogenico, e primévo-historico, dos romanos:

« Je sais, qu'il est souvent impossible de tirer une « histoire sérieuse d'une époque, dont presque tous les « monuments ont péri ».

Digitized by Google

Direi mais, que a sciencia historica, nos ultimos seis annos, evolucionou completamente. Se ao dominio realengo dos philologos com o rigor dos seus textos, havia succedido o regimen cesareo dos archeologos, não permittindo, que fôsse exacta a asserção, sem se fundar em enredados argumentos, mal alicerçados no pedaço d'um vaso, na lasca d'um tijolo, no plintho d'uma columna, ou n'uma inscripção sybillina, reconhece-se, hoje, que para produzir, com acêrto, é preciso congraçar a archeologia e a philologia, fazendo-as avançar simultaneamente, e auxiliar reciprocamente, na descoberta da verdade historica.

O notavel archeologo, M. Salomon Reinach, distincto escriptor, conservador do Museu de Saint-Germain, e auctor das « Chroniques d'Orient », *que são indubitavelmente uma das obras primas da litteratura archeologica, proclamou tambem a modernissima orientação :*
« *Un des caractères les plus frappants de la science,*
« *à la fin du XIX*e *siècle, a été l'effacement graduel*
« *de l'ancienne philologie devant l'archéologie envahis-*
« *sante. Il en est résulté un certain abaissement. Car*
« *un philologue, qui n'est pas archéologue, connait*
« *encore l'antiquité et l'aime, tandis qu'un archéo-*
« *logue, qui n'est pas philologue, n'est qu'un collec-*
« *tionneur ou éditeur de curiosités..... Une nouvelle*
« *révolution se dessine. Les papyrus grecs, sortant de*
« *terre, remettent en honneur, comme à l'époque de la*
« *Renaissance, la connaissance du grec, du* « vrai grec »,
« *qui n'est pas celui des epigraphies sur bibelots, mais*
« *des textes littéraires (Chron. d'Ori., II, pag. X)* ».

Digitized by Google

Foi com tal rumo, que caminhei, quanto ao primeiro volume d'estes estudos, — « Iberos e Bascos; — » *e assim proseguirei, n'este e nos seguintes, confessando, aos exclusivistas das duas decrepitas escolas, a minha enraizada convicção de que as suas theorias e escholios viveram o seu tempo. A hora soou-lhes; e o futuro é dos eclecticos.*

Os nossos avoengos latinos affirmavam, que « labor improbus omnia vincit ». Sou descrente da sabedoria dos proverbios, para poder fazer d'este uma divisa instigadora e animadora de novos commettimentos, porque, por mim o digo, aqui, muito á puridade, o meu « labor » é « improbus », e bem posso assegural-o, mas o « vincit » está longe de se realisar. Creio sinceramente, porém, que este trabalho representa o cumprimento d'um dever: depondo-o, em offertorio ao nosso patriotismo de peninsulares, e de portuguezes; apresentando-o, como convite e incitamento, para que outros prosigam, na mesma senda, com maior criterio e melhor successo.

Peço-te, que sempre me consideres teu amigo affectuoso e sincero.

J.-M. Pereira de Lima

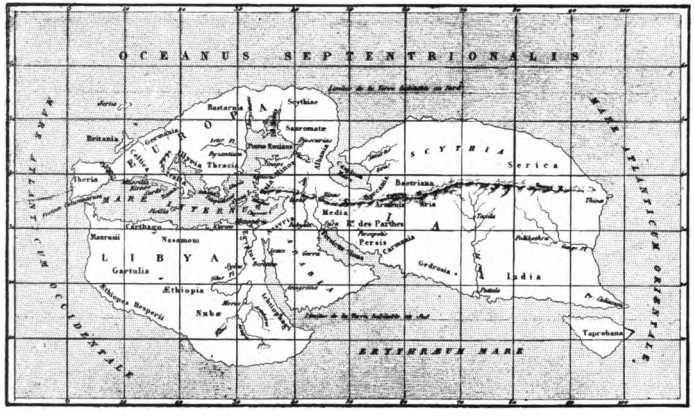
Paris, 17 — Julho — 1903

Digitized by Google

Digitized by Google

Phenicios

Digitized by Google



O Mediterraneo e o Mundo da Geographia de Strabão

Digitized by Google

I

O Mediterraneo e os Primitivos Navegadores

PERTENCE À Direcção Geral de Instrucção Publi

As imigrações turanianas, representadas na Peninsula, pelas diversas tribus e grupos da antiga familia dos iberos, succederam-lhe as migrações maritimas dos turano-semitas Kanaanéos, da Asia Occidental até ao littoral iberico, fixando os seus primeiros estabelecimentos coloniaes, nas regiões, mediterranea e atlantica, da Iberia.

Não fôram estes kanaanéos, vulgarmente appellidados « Phenicios », os primeiros grandes navegadores do Mediterraneo, pois tal prioridade pertenceu aos povos da raça turaniana, isto é, d'uma raça priméva anaryana, precedendo, nas emigrações, e na colonisação dos continentes, as raças dos aryas e dos semitas (1).

---

(1) Veja-se — Iberos e Bascos — a pag. 13 (do mesmo auctor).

Digitized by Google

Mas fôram os phenicios, sem contradicta, os directos successores dos ousados nautas turanianos, no primitivo emporio maritimo. Uns e outros começaram os seus primeiros tentamens, arriscaram as iniciaes viagens, n'essa longa bacia de mares interiores ou mediterraneos, que se estende desde as portas atlanticas do Mediterraneo, modernamente dito, até á ultima reintrancia hydrographica do actual mar Negro, no extremo nordéste, apellidada mar d'Azov.

Antes, porém, de nos embrenharmos na historia antiga dos navegadores primévos, cumpre pedir, aos escriptores das éras vetustas, e aos hydrographos modernos, algumas noções geraes sobre a extensão, as fórmas successivas da periphería, as vicissitudes geologicas e hydrographicas, as divisões e cognominações antigas, d'este importante estuário, que foi o primeiro a conhecer, nas suas vagas, e a impellir, nas suas marés, os ousados ancestres, que confiaram ao ignoto pélago o resultado das primordiaes derrotas maritimas.

O Mediterraneo, tal qual existe, depois da revolução geologica, que rompeu a successiva solução de continuidade, pela qual constituia quatro grandes lagos ou mares interiores, ficou o mais importante dos mares chamados de segunda ordem, communicando, pelo estreito de Gibraltar, com o Oceano Atlantico, e pelo estreito artificial ou canal de Suez, com o grande golfo do mar Vermelho, que o liga ao mar Asiatico, dito das Indias.

Ao norte, é o Mediterraneo o desaguadouro dos rios mais importantes da Europa; ao sul, minguadissimos são os tributarios, avultando por todos o grande Nilo, com as aguas avolumadas, pelos subsidiarios do seu longo curso, do interior da Africa até ao delta egypciaco.

Digitized by Google

O Ebro e o Rhodano, guardando, com ligeiras modalidades, os nomes antigos; o Pó, que outr'ora se chamava Eridano; o velho Istros, que hoje se cognomina Danubio; o antigo Tyras, appellidado Danaster pelos medievaes, d'onde o moderno Dniester; o Borysthéno, que passou a dizer-se Dnieper, por corrupção de Danapris, cognominação post-romana; e emfim o Don, lidimo successor do Tanais; eis os grandes rios, que levam as suas caudaes europeias ao Mediterraneo. Com excepção dos dois primeiros, tributarios immediatos, os outros só mediatamente o alimentam, porque têm as suas fózes, nos mares interiores, que d'elle são, actualmente, partes integrantes.

N'esses mares interiores, que na carta hydrographica mediterranea representam méros prolongamentos da grande bacia, temos: o Adriatico, o velho Adrias, que se estendia, até ao Egypto, absorvendo, na sua cognominação, o proprio mar Jonio; o mar do Archipelago, o Bahkr-el-Schâm dos semitas, e o Egeu dos romanos; o mar da Propontida, hoje mar de Marmara; o mar Euxino, o Ascenez dos hebreus, actualmente chamado mar Negro; o mar Meotidas, antigo Palus Meotis, que ficou slavisado, sob o titulo de mar de Azov.

Todos se reuniam ao Grande Mar, seguindo a denominação hebraica; ao Mar, cognominação dos pelasgo-hellenos, para o distinguirem do Oceano, o grande rio, que, segundo Homero, circumdava a terra; ao Mar Interior dos gregos; ao Thyrrenum dos italiotas; ao Internum Mare ou Mare Nostrum dos romanos; ao Mare Mediterraneum dos neo-latinos; ao Mediterraneo das cartas geographicas modernas; pois tantos têm sido os successivos appellativos com que o chamaram.

Nos fins do terciario, antes de se dar a grande revolu-

Digitized by Google

ção geologica, que fez avultar o relêvo orographico da Europa e da America, os grandes rios e lagos da vertente meridional europeia desaguavam n'esses tres lagos maximos, que não se communicavam entre si, o Euxino, o Adrias, e o Mar. O Euxino fechava-se nas visinhanças do Propontida (Marmara actual), e este ainda não havia

Modêlo de galéra libyo-phenicia

(Segundo o desenho d'uma medalha romana)

forçado a sua juncção ao Egeu, pelo Hellesponto, hoje estreito dos Dardanellos.

O Adrias defrontava-se, a oéste, com o grande isthmo italico, que jungia a Europa á Africa Septentrional, não havendo, portanto, os estreitos ou canaes, actualmente existentes, entre a Italia e a Sicilia, e entre esta e a região tunisina. O ultimo dos tres grandes lagos, o Mar, recebia as aguas da Europa do sudoéste (Iberia, Gallia e Liguria), e separava-se do Oceano pelos contrafortes terciarios, que ligavam as terras, que depois se chamaram Hispania, Mauritania e Numidia.

Digitized by Google

Revoluções geologicas successivas, acompanhadas de chuvas diluvianas, provocaram a transvasão do Euxino e do Mar sobre o Adrias; e este, irrompendo pelas depressões da costa africana, que avisinham o actual golfo de Gabés, o das antigas Syrtas, alastrou a sua liquida invasão por essa grande bacia africana, que hoje é um mar sêcco, um mar de areias, o Sahará ou Grande Deserto, limitrophe septentrional da primitiva Africa, a terciaria.

Depois, nos principios do quaternario, e ultimas despedidas do terciario, avultaram mais os Pyrenéos; destacaram-se os Alpes; avolumou-se o systema Hercyniano da Europa Central; levantaram-se as Alleganhys. A esta grande revolução geologica devia corresponder o desapparecimento das aguas, que cobriam o actual Sahará, pelo levantamento do seu leito, e pela abertura simultanea dos estreitos das Columnas (Gibraltar), e de Trinacria (Messina), e pelo canal siculo-maltino.

A corrente do Oceano, revolta e conjugada com taes abalos da parte solida, invadiu o Mar, tomando, impetuosamente, a direcção das costas africanas, envolvendo-o até vir quebrar-se, depois da sua circumvolução, na entrada do estreito, por onde irrompera, junto das faldas do Calpe.

Se a Atlantida existiu, como hoje tudo leva a crêr, perante as investigações scientificas, continuadas sobre as tradições historicas dos egypcios e dos hellenos, a sua submersão terá coincidido com estes grandiosissimos phenomenos sismicos (1).

---

(1) Vide « Iberos e Bascos », pag^s. 59 e seguintes.

Digitized by Google

Nos nossos dias, após a erupção vulcanica da montanha Pelée, na Martinica, as sondagens feitas pelos marinheiros americanos, nas proximidades da Florida, accusaram grandes differenças bathymetricas, desniveis importantes no fundo oceanico, fazendo emergir baixios, onde, pouco antes, havia profundidades abyssaes. E, caso mais curioso, que explica a hypothese do exgottamento do mar saharaeano-terciario, ao mesmo tempo, e em região assás distante, o mar interior da Judéa, o lago Asphaltite, começou a desapparecer rapidamente, deixando, a descoberto, grande parte do seu leito, revestida com as brilhantes crystallizações do chloreto de sodio.

A bathymetria mediterranea está feita e refeita; mas os estudos das correntes, oceanica e interior, a balança d'estas, no seu fiel hydrographico, estreito de Gibraltar, a determinação exacta das contra-correntes superficiaes e inferiores, ainda têm muito a adquirir, nos dominios scientificos, para poderem servir de douto commentario ao capitulo da revolução geologica, que, roubando á Europa grande parte das suas regiões meridionaes, scindindo isthmos, cavando estreitos, recortando continentes, fez a ligação dos dois mares, o conjungo oceanico-mediterraneo.

Pois n'esse Mar, que assim ficou subsidiario, senão vassallo do grande Oceano, do extenso Atlantico, n'essa grande bacia maritima, onde se tentearam as primitivas navegações, nasceram tambem as mais antigas thalassocracias, que successivamente fôram estendendo as dominações de diversas raças, propagando o commercio, fazendo brotar a industria, e abrindo, pouco a pouco, os embryões do progresso humano. O primordio de todos os periplos, ou itinerarios maritimos, a origem ancestral

Digitized by Google

do grande movimento mediterraneo, pertence porém, — e é bem de assignalar-se —, aos povos da raça dos turyas.

Digam-se elles : egypcios, pelasgos, iberos, tartessos, liguros, libyos, siculos, sardos, etruscos, venetos, œstrymnicos, albiões, scandinavos, e palé-americanos, todos pertenceram á mesma raça, que antecedeu as invasões aryanas (1), e á qual impropriamente alguns chamam autocthona, e outros, muito estrictamente, appellidam de mediterranea. Mas o nome implica pouco, a comprovada affirmação da sua existencia é tudo.

Os recentes estudos sobre a geographia dos Argonautas e da Odysseia, confirmam a interpretação archeologica, que se tinha dado a essas cyclopeias construcções, e a esses singulares monumentos, dispersos : nas terras do Mediterraneo, desde o Archipelago até Corfú, desde Malta e Gozo até á Sardenha; ou nas do Atlantico, desde a Iberia e da Armorica até á Ilha de Man, e aos campos da Irlanda; confirmam a civilisação vetusta dos turanianos.

Chamem-lhe como quizerem; porque é incontestavel, e isto é o mais importante, nos dominios da ethnologia, que uma e mesma raça agrupou as familias ethnicas das primeiras expansões migratorias.

---

(1) Vide « Iberos e Bascos », pag. 137.

Digitized by Google

Ás primeiras migrações terrestres succederam-se, nos tempos archeolithicos, as emigrações fluviaes, e depois, nos ultimos paleolithicos e primeiros néolithicos, as maritimas, já costeiras, já de mar alto. Nadar, por instincto de conservação, e até por imitação; apoiar-se sobre o primeiro tronco fluctuante, montando-o, dirigindo-o, e impulsionando-o; depois aperfeiçoar o roble fluctuoso, profundando-o, cavando-o, para mais commodamente assentar o corpo; eis os pródromos da navegação fluvial e lacustre, quer dos troglodytas, quer dos palafittarios.

A piróga, ou barco *monoxylo*, foi a céllula do grande transatlantico de 25.000 tonelladas. Áquella seguiram-se as bateiras e jangadas néolithicas, de 30 a 50 pés de comprimento, sobre 2 a 4 de largo, com remadores, e até com vélas, como nos bateis dos egypcios (1).

E fizeram-se ou de grandes troncos, ou de juncos e caniços enfeixados, ligados estreitamente, boiando sobre cabaças de barro, ou sobre ôdres de pelle de phoca e de diversos quadrupedes.

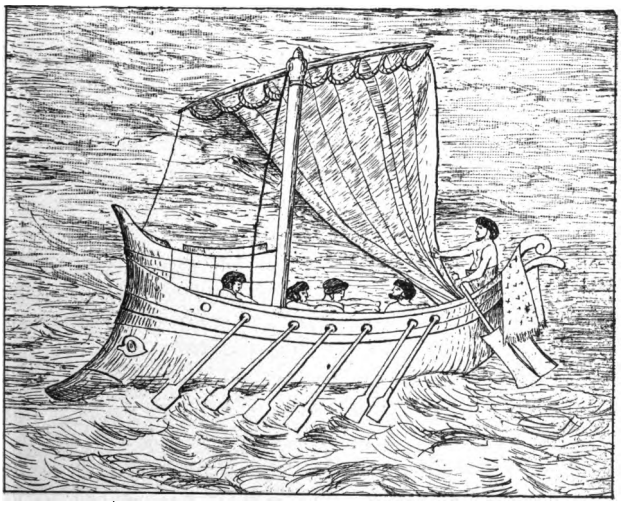
Levado pela alma energica do Homem, que deu o primeiro exemplo de taes derrotas, « com o peito forrado de triplice armadura de bronze », (como diz o Horacio, na sua imagem poetica, para significar a coragem do ousio), o paleolithico, aliás só conhecendo os instrumentos de pedra, fabricou barcos, e, mais ainda, arriscou-se n'elles, á descoberta das regiões mysteriosas da dilatada superficie liquida.

---

(1) São notaveis exemplares dos tempos archeolithicos, e das primeiras epochas do metal, os navios scandinavos primévos, os *hallristingär* de Bohuslän, Norrköping e Häggeby.

Digitized by Google

Nem admira, que em tão apoucados baixeis confiasse a vida, quando hoje, os indigenas das antigas familias americanas, e das africanas, ainda em civilisação identica, realisam as mesmas proezas, commettem as mesmas ousadias (1).



Navio dos primévos phenicios (segundo o baixo-relèvo do museu de Napoles)

No ultimo seculo, uns pescadores de Olhão fôram, em barco descoberto, ao Brasil, para darem a nova da expulsão dos francezes; e, mais recente ainda, o capitão Burth fez, por 2 vezes, a travessia atlantica, até á

(1) Prehistoric Man por Wilson, pag^{s}. 97 a 100, Londres, 1897.

Digitized by Google

Europa, só, n'uma canôa de véla, sem coberta! Mas, n'estes ultimos exemplos, ha a descontar o conhecimento do itinerario, o exemplo continuado, e os modernos meios de orientação maritima.

Áparte o grande heroismo, que representam os primeiros esforços para fluctuar, e as primeiras tentativas para devassar as movediças planicies do mar, diga-se tambem, que n'isto, como em todos os grandes emprehendimentos humanos, a necessidade de momento, a defeza da vida, o instincto da conservação, deviam ter sido os primordiaes incentivos de tão arriscados emprehendimentos.

Como prova de grandes travessias involuntarias, Wilson apresenta-nos o facto de ter naufragado, no seculo XVIII, proximo do Oregon, um junco japonez, que, impellido pela tempestade, atravessára o Pacifico, indo depois a tripulação estabelecer-se no littoral da bahia de Hudson.

Não é raro, em nossos dias, que os esquimós do Lavrador e da Groenlandia, aventurando-se ao mar, para viagens costeiras, sejam obrigados pelos ventos tempestuosos a percorrerem milhares de milhas, aportando ás praias do septentrião europeu.

Se o homem de hoje tem esta resistencia para supportar, incolume, os rigores de tal navegação, soffrendo fome e sêde; que dizer do ancestre, na integra robustez energica, no pleno vigor, e na forte pujança da raça primordial! Nem é de extranhar a proeza do heroe da Odysseia, que, partido da ilha de Calypso, — proximidades do estreito de Gibraltar, como triumphan-

Digitized by Google

temente é demonstrado pelo erudito Victor Bérard (1), — naufragado com a sua jangada, nas aguas do Jonio, passou dois dias montado sobre um dos troncos, que a formavam, e aportou á ilha dos Pheaceos (Corfú), com forças sufficientes para poder dirigir-se até á acropole do rei Alcinoos.

Muitos pseudo-sabios, que apodavam de lendarias as tradições de Homero, terão actualmente a prova de que os poemas do velho aédo representaram, com maior ou menor veracidade, os periplos das primitivas navegações hellenicas, tendo os gregos recebido as antigas tradições dos turanianos, e, mais immediatamente, as lições dos phenicios.

Mas quaes fôram os primeiros thalassocratas, os dominadores dos mares, da raça turaniana?

Os pelasgos, segundo a affirmativa de todos os historiadores antigos; os pheaceos e os cyclopes, no dizer, do poema homerico; e os seus agrupados ethnicos, que povoaram as ilhas e ilhéos do Mediterraneo, e semearam de habitadores as costas da sua ovoide periphería.

Muito antes dos Argonautas, em tempos muito mais

(1) Les « Pheniciens de l'Odyssée », por V. Bérard, Paris, 1903, tom. I.

Digitized by Google

remotos, outros nautas tinham feito os seus periplos, outros tinham sulcado o Mar, descobrindo costas e portos d'abrigo, devassando e colonisando as terras mediterraneas.

« Avant les Grecs, qui sont des tard venus dans le « monde levantin, les humanités antihelleniques n'ont pu « vivre autrement, que tous leurs successeurs. Que l'on « imagine ces premiers autochtones aussi barbares que « l'on voudra, ils devront encore nous apparaître sem- « blables à ces populations malaises, dont les guerriers, « armés de jade et outillés de bois, sillonnaient les im- « mensités du Pacific bien avant que les voiliers de nos « conquérants en eussent découvert le chemin.

« Avant les Argonautes, la Mediterranée dut connaître « d'autres marines. Avant l'histoire grecque il y eut une « prehistoire mediterranéenne. »

N'estas concisas e doutas asserções de V. Bérard (1), conjugamos tambem a nossa opinião sobre os primitivos navegadores do Mar.

De ilha em ilha, de ilhóta em ilhóta, até á costa visinha, bolinando, bordejando, aventurando-se propositada ou involuntariamente, a humanidade prehellenica, — paleolithica, néolithica, e dos primeiros tempos dos metaes —, navegou, emigrou por mar, transportou e trocou, por via maritima, as mercadorias de paizes distantes.

Na civilisação antiga do Egypto faz-se sempre menção,

(1) V. Bérard, ob. citada, tom. I, p. 14.

Digitized by Google

como bem testemunha a sua epigraphia vetustissima, dos « povos do mar ». A prehistoria maritima do Mediterraneo precedeu, de muitos seculos, a historia dos navegadores phenicios, e portanto a dos gregos.

Eusebio, seguindo Diodoro, fez a lista chronologica dos thalassocratas, ou dominadores dos mares, — *maria tenebant* —, desde a guerra de Troia até ás invasões persas (1) :

		annos			annos
I	Lydi et Mæones	XCII	X	Cares	(LXI)
II	Pelasgi	LXXXV	XI	Lesbii.	(LXVIII)
III	Thrakii	LXXIX	XII	Phokaei	XLIV
IV	Rhodii	XXIII	XIII	Samii	...
V	Phrygii	XXV	XIV	Lakedœmonii .	II
VI	Kyprii.	XXXIII	XV	Naxii	X
VII	Phynikii. . . .	XLV	XVI	Eretrii.	XV
VIII	Aegyptii. . . .	...	XVII	Egineuses . . .	X
IX	Milesii.	(XVIII)			

Deveremos ligar toda a auctoridade a esta ordenação chronologica? O criterio historico, que a defende, baseia-se, principalmente, no valor dos escriptores gregos, anteriores a Diodoro, cujas affirmações são as unicas, que nos podem guiar, com luz incerta, no oceano tenebroso da civilisação mediterranea prehellenica, áparte as asserções exactas da monumentologia d'aquellas éras.

Na lista thalassocratica se vê, porém, que se ignorava a antiguidade da thalassocracia do Egypto (2), e que,

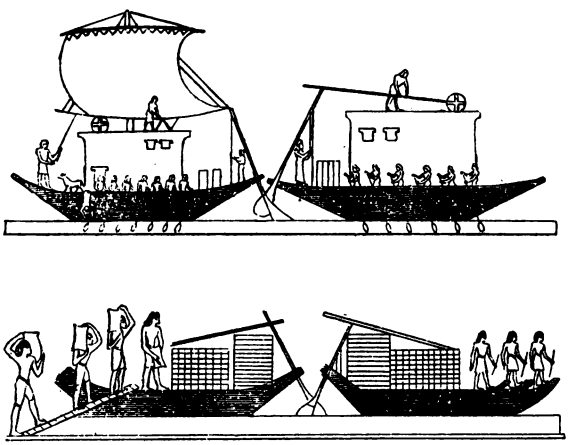
(1) Eusebio — Chron, I, p. 225.

(2) Nos monumentos nilinos descobrem-se as provas da alta antiguidade da thalassocracia egyptana, que, nas enormes dimensões

Digitized by Google

antes dos Phenicios, só se conheceram as navegações dos povos da familia pelasgica, que, sob differentes nomes : lydios, thracios, rhodianos, cypriatos, phrygios, estanciavam nas proximidades do Mar Egeu, já no continente, já nas ilhas.

Ora sendo a familia pelasgica uma das componen-



Primitivos navios turanicos (segundo os monumentos egypcios)

tes primitivas da raça turaniana, ficou, pelo menos, assim demonstrado, que os auctores antigos davam ao grande agrupamento ethnico dos turanicos a prioridade das primeiras viagens maritimas.

---

dos seus navios, attingiu proporções superiores ás dos navios medievaes. E, nos tempos postphenicios, o célebre navio de Ptolomeu Philopator (222 a 205, antes J.-C.), tinha 420 pés de comprimento e quarenta ordens de remadores, com 4.400 homens de tripulação e 3.000 de guarnição.

Digitized by Google

Mas não foi sómente no Egeu, que os phenicios encontraram as lições e o ensinamento dos seus predecessores, foi tambem na Europa Mediterranea, e outrosim na Iberia Atlantica, onde elles e os hellenos aprenderam, com os siculos, etruscos, sardos, tartessos, turdulos e liguros, todos affiliados no pelasgismo, ramo ethnico da raça dos turyas, a orientação das derrotas, as provas da existencia de novas terras, e os primeiros incitamentos do seu genio maritimo.

Bem sabemos, que muitas são as difficuldades do problema ethnographico dos antigos povos do Mediterraneo.

E sabemos tambem, que a moderna orientação dos estudos ethno-historicos, servindo-se de processos eclecticos, fugindo aos fanatismos dos exclusivistas, ataca de frente, acurada e infatigavelmente, a ethnographia e a ethnogenia dos primévos.

O estudo minucioso e exacto da topographia mediterranea, a confrontação orographica e hydrographica, já com as antigas narrativas dos escriptores e poetas do mundo grego, já com as succintas lições dos papyros, e com as laconicas inscripções dos tempos prehellenicos, solverão a maxima parte dos mysteriosos enigmas, e darão tambem, segundo o moderno criterio dos estudos das epochas ancestraes, a solução de muitas incognitas das primitivas navegações, sobre as quaes a phantasia d'alguns eruditos bordou *historias*, sem fazer a verdadeira historia. O sabio Curtius segue, na vanguarda da nova escola, confessando, com a sua auctoridade d'um dos mais eruditos archeologos allemães, a necessidade de fazer avançar a investigação por novos methodos, e protesta em favor da valorisação dos estudos de topographia comparada, dizendo :

Digitized by Google

« A topographia será o unico guia, que nos po-
« derá indicar, com exactidão de conceitos, a acção
« dos Orientaes e dos Hellenos, no Mediterraneo primi-
« tivo » (1).

(1) Ernst. Curtius, Topographie und Mythologie (Rhein-Museum, 1895), pag^s. 373 e seguintes.

Digitized by Google

II

Origens dos Phenicios

As migrações terrestres seguiram-se as fluviaes, e a estas as maritimas.

O Homem iniciava o seu grande movimento de expansão mondial.

Aos primeiros emigrantes turanianos, que sahiram do centro da Asia, proximo ao Turan, invadindo a parte septentrional e a occidental da velha Asia, estendendo-se pelas faldas do Caucaso até aos valles do Istros (Danubio) e do Eridano (Pó), envolvendo no seu movimento migratorio as terras avisinhadas pelo Euxino (Mar Negro), seguindo pelas praias do Egeu ao delta do Nilo, ás regiões da Libya, ás ilhas do Mediterraneo e á Iberia (1), succederam-se as emigrações dos semitas, que,

(1) Vide « Iberos e Bascos » (do auctor), pag. 39.

Digitized by Google

por terra, nunca passaram da periphería que vae dos valles do Tigre e Euphrates até ás praias do Egeu, aos desertos da Arabia, e ás visinhanças do Nilo.

Na Asia Menor, a expansão turanica realisou-se nas terras centraes e septentrionaes, embóra se tivesse alastrado por todo o littoral, quando foi o seu grande movimento migratorio da circumvolução mediterranea; e a semitica demorou-se nos plainos meridionaes, nas praias do Persico, para depois avançar até á fertilissima Sennaar, dilatando-se pela desejada Palestina, até ás orlas do Mar Interno, pelos desertos madianitas (Arabia) até ás praias do Mar Vermelho, o « Atlantikon Pelagos » dos Inachidas da Grecia (1).

Os semitas approximando-se, pouco a pouco, do littoral asiatico do Mediterraneo, juntaram-se, na Kanaanéa, ás colonias turanianas existentes, e d'esta fusão ethnica sahiram os phenicios.

A Phenicia nunca formou o que se chama um grande reino ou um imperio, foi antes uma confederação de cidades maritimas (2), que viveram mais da intensidade do

(1) Strabão (no XVI), e Diodoro (no III, 38) cognominam as aguas do Mar Vermelho, *Atlantikon Pelagos*, seguindo a nomenclatura dos primévos. Isto equivale a uma hydrographia dos começos do quaternario, e implica a tradição confirmativa da grande revolução geologica atlantico-mediterranea. O Atlantico dos fins do terciario, cobrindo o Saharà, estendendo-se pelos baixios da região do actual Nilo septentrional, dilatar-se-hia n'um extenso golfo, que, banhando o littoral occidental da peninsula madianita (Arabia), terminaria nas portas erythréas (estreito de Bab-el-Mandeb)?

(2) Ainda mesmo sob o regimen soberano dos reis de Tyro, as outras cidades phenicias fôram livres, embóra unidas sob a hege-

Digitized by Google

seu tráfego maritimo, e das riquezas das suas feitorias, ou colonias pacificas, do que do engrandecimento dos seus territorios asiaticos.

A população de toda esta hansomonia não passou, segundo os calculos dos melhores e mais auctorisados escriptores antigos, de seiscentos mil habitantes.

As principaes cidades, que fôram os centros da confederação phenicia, denominaram-se Gebal, Arad, Sidon e Tyro.

Gebal reputava-se a cidade mais antiga do mundo. Dizia-se edificada pelo heroe El, no principio dos tempos, e tinha exercido uma importante predominancia, sobre todos os Phenicios (1).

Depois de Gebal avultou Sidon, que de simples povoado de pescadores — *Tsidon,* pescaria, — se elevou a metropole, de tal maneira, que, já nos tempos moysaicos, a Biblia a cognominava « a primogenita de Kanaan » (2).

Arad, tão antiga como Gebal, só mais tarde poude rivalisar com Sidon (3).

Finalmente Tyro, apropriando-se da supremacia maritima, conquistou o dominio da parte meridional phenicia, desde o Leontes até ao paiz dos philisteus, deixando

---

monía tyriana, taes como as cidades hanseaticas germanicas, na antiga confederação da Allemanha.

(1) Movers — Die Phônizier, t. II, parte I, p. 14.

(2) Genese — X, 15.

(3) Strabão — XVI, II, 13.

Digitized by Google

Arad preponderar na região septentrional, onde governava sobre Paltos, Marath, Simyra, Gabala, Karné, chegando mesmo aos valles do Oronte.

Tyro e Arad eram construidas sobre ilhéos ou rochedos, batidos pelo mar, para terem assim elementos faceis de defeza, pelo auxilio que lhes podiam prestar os seus navios de commercio e as suas galéras de guerra.

A propria palavra Tyro, que é uma corrupção grega da phenicia « *Tsor* », quer dizer rochedo. O ilhéo tyriano, mais proximo da terra que o de Arad, distava apenas mil metros; e foi por isso que Alexandre poude fazer um aterro ou isthmo artificial, ligando-o ao continente, conseguindo approximar-se das muralhas, por terra, e conquistal-o com menores difficuldades.

Quem estudar as dispersas ruinas das métropoles phenicias encontrará em Arad e em Gebal, a architectura pelasgica (turaniana); em Sidon, uns leves restos de pelasgismo; e em Tyro, ultima no emporio, e assente no extremo meridional, a influencia do semitismo.

Os monumentos da antiga Babylonia, extrahidos das suas grandiosas ruinas, a epigraphia da Chaldéa, os restos architectonicos de Ninive, a cabeça do poderoso imperio assyriano, constatam, que as populações semiticas fôram precedidas, na Mesopotamia, (Sennaar dos

Digitized by Google

livros hebraicos), na Syria Kanaanéana e Araméana (1), por uma raça differente, « que fallou uma lingua turaniana, e que foi a auctora das mais antigas inscripções cuneiformes » (2).

Essa raça, pela prioridade da occupação, pela diuturnidade do seu estacionamento, dedicando-se á agricultura e ás primeiras industrias, dévassando os segredos dos rios avisinhados e os mysterios dos littoraes maritimos, d'onde enxergavam algumas das ilhótas, que numerosamente povoam o Mediterraneo levantino, arriscando-se ás travessias, bordejando costas, perscrutando golfos, penetrando continentes, formou, incontestavelmente, as primeiras assisas da civilisação humana, na Asia Occidental, berço primitivo das subsequentes civilisações, orientaes e occidentaes.

Pelasgos, lydios, liguros, rhodenses, chyprios, pheaceos, phrygios, iberos, milesios, todas essas migalhas da humanidade priméva, dispersas pelos pedaços de terra, que eram, banhados ou cercados, continentes ou ilhas, pelo Mar Interno, pelo Propontida e pelo Euxino, conjugam-se no mesmo agrupamento ethnico, inscrevem-se na genealogia antiga da raça turanica.

E de tal guiza a sua união consanguinea é perfeita, de

(1) A Syria Kanaanéana, ou Kanaanéa propriamente dita, bordava o Mediterraneo indo, no continente, até aos contrafortes do Anti-Libano e ás espaldas do Libano, Kanaanéa, « paizes baixos ». — A Syria Araméana, comprehendia a região montanhosa libanica, e as planuras que se lhe avisinhavam, para léste — Araméa, » paizes altos » —.

(2) L'Asie Occidentale, por Ott, pag. 48; Hist. assy-babyl. por J. Oppert, pag. 10.

Digitized by Google

tal fórma é accusada na homogeneidade de costumes, ritos religiosos, fórmas architectonicas, habitos migratorio-maritimos, que muitos conjugam as diversas familias ethnicas dos antigos turyas, n'uma unica, a pelasgica.

Porque é de notar, que, n'esta confusão nominativa das familias turanianas primévas, até os iberos são confundidos, por muitos escriptores, com os seus irmãos pelasgos. Pouco importa, comtanto que não se derrua a paridade ethnica, ou antes a consanguinidade, que os filia na mesma raça, que os agrupa no turanismo.

Os pelasgos (1) fôram reputados por todos os escriptores da antiguidade como os autochthones das regiões asiatico-occidentaes, e como os primeiros colonisadores da Grecia, das ilhas do Egeu, das regiões avisinhadas do Mar Superior e do Inferior (Thyrreno, Jonio e Adriatico), das ilhas de Hyperia e de Gaulos (Malta e Gôzo), das extremas « origens do mar », e das terras da Italia, da Iberia e da Europa Septentrional.

Herodoto, Thucydides, Aristoteles, Eschylo, Pausanias, Strabão, Dinyz, e outros, dão aos pelasgos a primazia da occupação nas regiões da primitiva civilisação asiatico-europeia, isto é, em todo esse longo itinerario, que a humanidade asiatica percorreu para explorar e

(1) Os gregos chamavam aos pelasgos os « autochthones » — aytokhthon — de *aytos*, mesmo, e *khthon*, terra reputando-os como oriundos da propria Grecia. E diziam, mythicamente, que o seu primeiro chefe fôra o divino Pelasgos, « filho da terra escura ». Alguns eruditos aventam, que o nome Pelasgos quer dizer « homens antigos ».

Digitized by Google

povoar, adquirir e possuir, os territorios da Europa e da Africa Septentrional.

Ruinas pelasgicas da ilha de Gaulos

Welker, Schelling, Lacroix, d'Avezac, Michelet, Niebuhr, E. Quinet, e numerosos auctores modernos, concordaram tambem n'este registo de prioridade, que certifica a alta antiguidade da raça turaniana, e que

Digitized by Google

confirma ter sido ella a ancestral dos primitivos habitantes da Asia Menor, na parte occidental, e dos primeiros colonisadores de toda a Europa e da grande faixa egypcio-libyana, ao norte da Africa.

Da Propontida ás Columnas de Hercules, da Araméa á Iberia, da fóz do Ister até ás ilhas do Mar das Cassiterides, se realisaram, por terra, pelos rios, e pelos mares, essas assombrosas disseminações da primitiva raça.

As ondas ethnicas da grande maré humana succederam-se, continuadamente, no grande movimento de léste para oéste, irrompendo por tres grandes canaes : o septentrional, do Caucaso até á Scandinavia; o central, do Danubio até ao Rheno, ou do Mar Euxino ao de Albion; e o meridional, da Araméa ao Egypto, á Libya, á Iberia e á Armorica.

Após as familias turanicas, que assentaram e formaram os iniciaes escholios, os primeiros estadios da migração e do habitat, appareceram as familias aryacas e as semiticas, mas muitas d'estas ultimas traziam comsigo a mescla de elementos turanianos.

Os turanianos tinham-se civilisado; haviam fixado o seu *habitat*, elevado as suas cidades, estabelecido as suas relações commerciaes.

Vieram, depois, as correntes impetuosas da migração aryaca, e a forte caudal da migração semitica: avançando pelos trilhados caminhos, percorrendo os indeleveis sulcos, que os turyas haviam rasgado e aberto, no seu grande movimento de expansibilidade.

Por toda a parte, nas regiões levantinas, nas mediterra-

Digitized by Google

neas, nas do extremo septentrião, os aryas, invadindo á força as terras habitadas pelos turanianos, conquistaram, destruiram, sujeitaram e escravisaram, emquanto os semitas, menos aguerridos, e menos numerosos, ou se fundiram ou se ligaram com os primitivos possuidores da Mesopotamia, da Araméa, da Kanaanéa e da Chaldéa.

Os primitivos invasores aryanos defrontando-se com os turanianos fôram como os medievaes barbaros do Norte, que despedaçaram o imperio romano.

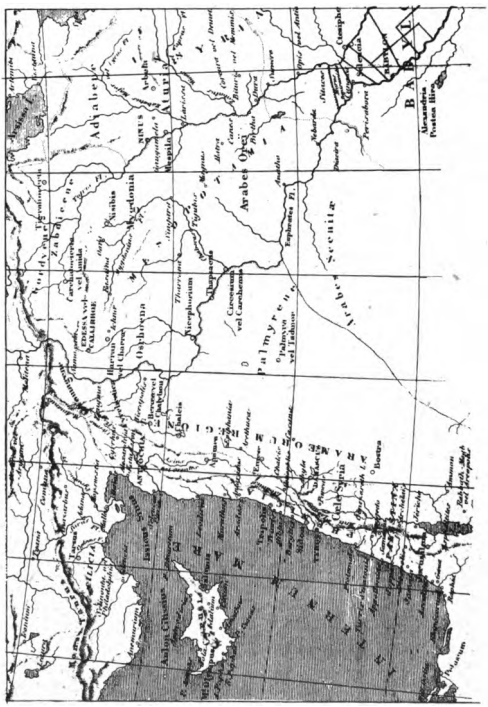
Não nos furtamos ao prazer de dar, aqui transcriptos, uns periodos devidos á penna brilhante do erudito J. Michelet, que a proposito d'uma familia turaniana, a pelasgica, defendeu tambem algumas das proposições, que vimos de enunciar.

« On s'étonne de voir une race étendue dans tant de « contrées disparaître entièrement dans l'histoire. Ses « diverses tribus ou périssent, ou se fondent parmi les « nations étrangères, ou du moins perdent leurs noms. Il « n'y a point d'exemple d'une ruine si complète.

« Une inexplicable malédiction s'attache à ce peuple; « tout ce que ses ennemis nous en racontent est néfaste « et sanglant. Ce sont les femmes de Lemnos qui, dans « une nuit, égorgent leurs époux, ce sont les habitants « d'Agylla qui lapident les Phocéens prisonniers. Peut-« être doit-on expliquer cette ruine des Pelasges et le « ton hostile des historiens grecs à leur sujet, par le « mépris et la haine qu'inspiraient aux tribus héroïques « les populations agricoles et industrielles, qui les avaient « précédées ».

Digitized by Google

Os semitas subindo do seu primitivo *habitat*, junto á fóz do Euphrates encontraram os turanicos chamitas, da narração biblica, com os quaes, na maxima parte se fundiram, excepção feita dos hebreus, povo de Israel, e dos joctanidos e ismaelitas, que fôram os ancestres dos arabes e dos beduinos.



A Phenicia, a Araméa e a Mesopotamia

Segundo o Genesis, os hethitas ou hethéos, os amoritas, os hevitas, e os jebuséos, que fundaram Jerusalem, descendiam de Kanaan, filho de Cham ou Kham.

Digitized by Google

Este nome de Kanaan, applicado ao proto-parente dos kanaanéos, quer dizer — o das terras baixas —; e effectivamente a Kanaanéa é uma Hollanda, paiz baixo, comparativamente com a Araméa, paiz montanhoso, paiz alto.

Da juncção dos elementos turanicos com os semiticos na parte asiatica, que depois se cognominou a Syria, que é, agora, a que nos importa, sahiram differentes povos, taes como os moabitas, os ammonitas, os edomitas ou iduméos, que demoravam a léste e ao sul do Mar Morto, e os philisteus, que habitavam proximo ao littoral do Mar Interno, nas visinhanças dos egypcios e dos kanaanéos. A vida historica d'estes povos não assumiu grande importancia, e apenas são conhecidos pelas luctas, que travaram com os hebreus, conforme dizem os livros sagrados de Israel, e pelas batalhas contra os conquistadores do Egypto, segundo attestam as inscripções hieroglyphicas.

O povo mais importante, originado d'esta ligação ethnica, turano-semitica, tendo o seu *habitat*, ou nas visinhanças ou nas proximidades dos outros que enumeramos, foi o kanaanéo, depois cognominado « phenicio » pelos escriptores gregos.

O semitismo, amalgamando-se com os primitivos aborigenes, fez prevalecer a sua lingua, a semitica, da qual o kanaanéo ou phenicio, e o punico ou carthaginez, fôram dialectos, como tambem, o aramaico, o chaldaico, o hymiarita, o assyrio, o arabe antigo, o syriaco e o hebraico.

Deve filiar-se o punico no grupo linguistico semitico; e póde dizer-se, que até mesmo a similhança dos alphabetos, hebraico e phenicio, é incontestavel.

Digitized by Google

Mas quantos vocabulos proviriam da primitiva lingua turaniana?

O dialecto dos chaldeus, tão primitivamente turanianos, como os seus astronomos sacerdotes, ou magos, fôram egypcios, que tinham seguido o seu principe e senhor, Baal, fundador da Babylonia, o chaldaico, foi a lingua-mãe dos babylonios, dos assyrios, e talvez de todos os mesopotamios. Pois no tempo de Jacob, (Genesis, cap. XXI, v. 47), este chamava, em hebraico, « *gal ét* » o monte de pedras sobre o qual concluiu a alliança com Laban, emquanto o patriarcha mesopotamico, empregando o chaldaico, dizia « *iegar sahadonta* », o que bem prova a enorme differença do vocabulario d'estas duas linguas semiticas, nos primeiros tempos do regimen patriarchal. Comtudo os hebreus e os assyrios comprehendiam-se, reciprocamente, na epocha do captiveiro, sem necessitarem de interpretes (1).

Imagine-se, portanto, que grandes differenças existiriam entre o vocabulario hebraico e o phenicio primitivo.

É preciso accrescentar, que da lingua phenicia não nos resta, senão medalhas, moedas e inscripções lapidares, como adiante referiremos, e que sobre estes parcos documentos se têm lançado mil e mil interpretações. Não duvidamos do semitismo da lingua kanaanéa, nos ultimos tempos, mas estamos convencidos da grande influencia do turanismo na glottica da região cis-libiana.

(1) La Babylone, por F. Hœffer, p. 431.

Digitized by Google

Heeren affirma, que entre o phenicio e o arabico havia importantes differenças, mas que os dois povos tambem se entendiam mutuamente. Outros, como Hœffer e Adelung, opinam, que na Phenicia, se usaram dois dialectos, um da Palestina, com predominancia semitica, e outro da Syria, com antigas influencias turanicas.

O egypcio antigo, ou a lingua dos primeiros povos do Nilo, e depois o coptico, ou cophtico, successor do egypcio, pertencem incontestavelmente ao grupo linguistico kamitico ou chamitico, nucleo importante das linguas turanianas.

Pois o grande e erudito auctor da « *Vulgata* », S. Jeronymo, nos commentarios á sua obra, assegura, que a lingua de Kanaan, ou da Phenicia, se devia collocar entre o egypcio, (kamitico, turanico), e o hebraico, (semitico puro), participando portanto dos dois idiomas.

A palavra « phenicio » que cognomina o povo kanaanéo, que tanto se illustrou pela sua civilisação, pelo seu vasto commercio, e mais ainda pelas suas ousadas e longinquas navegações, é attribuida, como dissemos, aos gregos, e quer dizer, litteralmente, « *vermelhos* » ou paiz dos « *vermelhos* ».

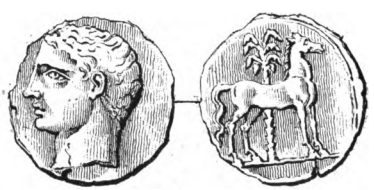
O sabio Movers diz, como explicação d'este cognome

Digitized by Google

hellenico, que a palavra « phenicios » deriva do nome da palmeira, a arvore symbolica dos kanaanéos, tomada como divisa nacional, em muitas moedas phenicias e punicas, e sendo o vocabulo commum á arvore e ao povo.

Não se adduz, porém, uma razão plausivel d'esta conjuncção nominal (1).

Para nós é indubitavel, que a applicação da palavra « phenicios », — vermelhos —, aos kanaanéos, se originou, caracteristicamente, pela importancia industrial da tinturaria tyriana, derivando da côr da purpura, que se fabricava em Tyro, e que era uma industria, privilegiada ou monopolisada, dos filhos de Kanaan, como se lhes chamava, mais propriamente, na phrase biblica.



Moéda libyo-phenicia

(Contendo o symbolismo da « palmeira » phenicia e do « cavallo » libyano)

A palmeira, a *phœnix dactilifera*, representava, nas moédas, e nos monumentos, um symbolo phalico, provando, que os phenicios haviam herdado dos turanianos o

(1) Das Phœnizische Alterthum, por Movers, tom. I, parte 2ª.

Digitized by Google

symbolismo do phallus, que se exercia nas festas do Osiris do Egypto e do Bacchus da Chaldéa (1), estádios primévos dos turanicos levantinos.

O Osiris egypcio, e o Bacchus chaldaico, conjugam-se no mesmo mytho, sob nome differente, formando a consubstanciação turanica do phalismo, que passou, diversamente cognominado, para os phenicios, gregos, punicos e romanos.

Os hebreus e os chaldeus chamavam á palmeira « *tamar* » (da raiz « *tamr* » alta, elevada), e os arabes, ainda hoje, dão o nome de « *tamar* », á palmeira e ao orgão da virilidade (2).

Não passaremos, além d'este escorso das origens phenicias, sem dizermos, que alguns sustentam, que os phenicios são semitas puros, tendo emigrado do littoral do Golfo Persico, directamente, para a Kanaanéa.

Isto é confundir a parte com o todo, e desconhecer por completo o movimento de expansibilidade das raças primitivas. Os semitas, um dos elementos ethnicos dos kanaanéos, o mais recente na genealogia phenicia, fizeram o movimento migratorio, já esboçado, encontrando, nas costas syriacas, os seus antecessores turanianos.

---

(1) No nosso volume IV, « *Latinos e Germanos* », (prestes a entrar no prélo), nos referiremos mais detalhadamente a este assumpto, no capitulo VIII, sob a epigraphe — *Theogonias e Mythismos da Antiguidade* —.

(2) Na lingua hespanhola e na portugueza, a palavra « *tamara* », derivada do vocabulario semitico, significa o fructo da palmeira.

Digitized by Google

Os turanicos kanaanéos fôram, repetimos, como os nossos aborigenes iberos os primeiros povoadores; depois, ligando-se aos imigrantes semiticos, formaram o povo phenicio (dos auctores gregos), ou o kanaanéo (dos auctores hebreus), tal como os iberos ligados aos celtas produziram os celtiberos.

Mas saliente-se e fixe-se este asserto, para dar a cada elemento ethnico o seu valor, e as suas caracteristicas atavicas, para descobrir, emfim, no composto « *phenicio* » as qualidades dos elementos primarios, que o formaram: fomento da navegação e ousio de periplos, pelo lado turaniano; commercialismo e actividade economica, pelo lado semitico.

Digitized by Google

III

Traços da Historia Phenicia

A proto-historia da Phenicia, na qual se abrigam os tempos mythologicos com todas as suas lendas e fundamentos theogonicos, comprehende tres epochas, segundo os fragmentos das obras de Mochus e Sanchoniathon. A primeira epocha corresponde á primeira imigração turaniana, composta de povos, que exerciam a agricultura, a caça e a pesca, e já conheciam a navegação.

Na segunda epocha, surgem as cidades : Byblos, Arad, Sidon, Gebal, e n'ellas apparecem os primeiros reis, que se notabilisaram, subindo ao primitivo pantheon phenicio, como deuses.

Na terceira epocha, ha uma absorpção do poderio magestatico, em favor de Sidon, pois que o Baal de Sidon sobresahe acima do El de Byblos e dos Baals das outras cidades.

Digitized by Google

Param aqui as informações da importante obra de Sanchoniathon, da qual só escaparam os fragmentos colhidos, e traduzidos para o grego, por Philon de Byblos.

Deveriam ter succedido, nos principios da segunda epocha, as primeiras imigrações dos semitas, para « as terras baixas » d'áquem-Libano, Kanaanéa, depois cognominada Phenicia pelos hellenos, porquanto as tribus semiticas sahiram da Chaldéa Meridional, subindo o Euphrates, no seculo XXIII, (antes J.-C.).

N'esses tempos primévos, os turanianos e os semitas fundiram-se ethnicamente, formando as cidades, que fôram, successivamente, as cabeças ou capitaes da confederação phenicia.

A duração d'este periodo, ao qual chamamos proto-historia phenicia, e que principia nos fins do néolithico, é incerta, como a de todas as éras proto-historicas.

Sanchoniathon chega a dar-lhe 30.000 annos. Resta saber se estes annos corresponderiam a uma simples rotação lunar, o que faria reduzir o computo a proporções mais humanas.

Depois do Baal de Sidon, (Senhor, Dominador de Sidon), appareceu o Baal de Tyro, que, segundo alguns auctores, foi tambem o fundador de Babylonia.

Este Baal, segundo a asserção chronologica de Philon Hérennius, citado por Estevão de Byzancio, governou, 2.000 annos antes da Semiramis, a referida pelo historia-

Digitized by Google

dor Herodoto. Mas, como a Semiramis (1) assyria viveu, 150 antes de Nitocris (ou Nitâqrit, rainha da 6.ª dynastia egypciaca) ou 750 annos (antes J.-C.), o reinado do Baal, fundador de Babylonia e de Tyro, foi em 2750 (antes J.-C.), epocha, que no dizer do escriptor grego coincide com a fundação do templo de Melkart, o Hercules de Tyro, (2).

O periodo historico da Phenicia, começou nos fins do seculo XVI (antes J.-C.), pelo apparecimento da hegemonia de Sidon, que chegou, por esse tempo, ao apogeu da grandeza e riqueza commercial, armando frótas que povoaram de feitorias algumas ilhas do Archipelago e do Mediterraneo.

Quando os hebreus, semitas puros, fizeram a conquista da Palestina, nos meados do seculo XVI, (antes de J.-C.), expulsando os turano-semitas, que a habitavam, já Sidon, segundo a narração biblica, era notavel pela sua industria e pelo seu mercantilismo.

---

(1) Semiramis, que vive para a historia, com a auctoridade de Herodoto, e com a das ultimas descobertas epigraphicas, embóra muitos a tomem, como um mytho, consubstanciando a Venus assyriana, teve, dentro dos fastos historicos da região de Sennaar, importante logar, na formação do imperio assyrio-babylonico, juntamente com seu esposo Ninus. Os restos da monumental pyramide, que ella fizera construir, em memoria de Ninus, junto ás ruinas de Nemroud, na confluencia do Grande-Zab com o Tigre, a 50 kilometros, ao sul, de Mossul, attestam com as inscripções cuneiformes, a sua existencia historica. Parece, porém, averiguado, que além da Semiramis, que compartilhou o throno com o rei Ninus, e que lhe succedeu, houve outras rainhas assyrio-babylonicas do mesmo nome.

(2) Veja-se Stepha. Byzant. voc. Babylon.

Digitized by Google

Tyro, ou antes Sôr, começou, depois, a desenvolver-se, e a chamar ao seu porto o commercio asiatico e egypciaco; e muitos sidonios vieram augmentar a sua população fixa e fluctuante.

Multiplicou a sua recente marinha mercante, impulsionou as longinquas expedições maritimas, abrindo novas derrotas, creando colonias, em quasi todas as ilhas e ilhéos, que semeiam o mar hellenico, avançando pelo littoral da Africa libyana, onde fundou Utica, Hadrumeta e Tunis, destacando colonos para Malta, Gôzo, Sardenha, Sicilia, Grande Grecia (Italia Meridional), e chegando até á Tartessia e á Turdetania (Iberia Meridional), onde elevou a cidade de Gadés.

A thalassocracia dos tyrianos desenvolveu-se prodigiosamente, desde o seculo XIV até aos começos do seculo XII, (antes J.-C.), isto é, até ao seculo, em que se pretende collocar a primeira invasão phenicia na peninsula iberica e a chamada conquista do paiz dos tartessos, bem como a simultanea fundação da importante colonia gaditana.

D'esta fórma, a chefia da confederação kanaanéana passou a ser em Tyro, e os livros hebraicos começaram a referir-se ás riquezas de Tyro, como anteriormente se referiam ás de Sidon.

Do seculo XII até ao seculo IX, (antes J.-C.), chegou ao apogeu o poderio de Tyro, consubstanciando em si todo o emporio phenicio.

Aos pequenos estabelecimentos mercantis das ilhótas levantinas, livres da tutella commercial dos phenicios, e já negociando de propria conta e risco, tinham succedido

Digitized by Google

as grandes feitorias ibericas, e as grandes cidades libyanas.

Mas a situação asiatica da Phenicia, collocada entre dois imperios grandes, a Assyria e o Egypto, era mal azada para deixar prosperar por muito tempo a hegemonia kanaanéa.

As apregoadas fortunas dos commerciantes phenicios, os grandiosos lucros tirados do seu intenso tráfego mercantil, causavam inveja aos poderosos chefes das monarchias proximas, e despertavam os desejos da conquista, que pagaria magnificentemente uma expedição guerreira, pelos despojos opimos das ricas cidades kanaanéas.

Por isso os conquistadores do Egypto fizeram varias incursões nas terras da Phenicia; chegaram a dominar, impondo tributos ás cidades, e cognominando de « nômo », ou provincia sua, a Kanaanéa (1), isto antes mesmo do poderio de Sidon (2).

Finda a influencia egypcia, quando governava a vigesima dynastia pharaónea, o que coincide com o desenvolvimento do imperio assyrio-babylonico, os phenicios soffreram muitas invasões dos conquistadores da Mesopotamia, que talaram o territorio continental dos kanaanéos, escravisando muitos, mas deixando incolumes as povoações estabelecidas nas ilhótas, que se defendiam

(1) Veja-se « Chanaan, province de l'Egypte », par Delattre.

(2) Nos monumentos egypcios, entre as listas dos povos vencidos encontram-se os de Kanaan e os de Assur, em epocha, que corresponde ao seculo XVIII, (antes J.-C.).

Digitized by Google

como grande fôsso do mar, e que se abasteciam pelas suas frótas.

Diz-se, que os phenicios tinham estabelecido o primeiro povoado tyriano junto ao promontorio Sôr (pescaria), em frente d'uma ilhóta, onde havia um antigo templo, ou santuario de grande veneração, e que, depois, transferiram Tyro para a ilhóta do santuario; ora esta translação de cidade, do continente para o ilhéo, deve corresponder, pelas necessidades da defeza, ás primeiras incursões dos reis da Assyria.

Quando se realisou a primeira invasão dos assyrios?

É difficil de assignar data certa, porque a historia elaborada, segundo os processos modernos, tem desprezado muitas das phantasiosas affirmações dos auctores gregos, que, até ha pouco, tinham curso forçado e auctorisado.

Tomava-se, como assente, seguindo a affirmação de Cetésias, citado por Diodoro, que fôra Ninus o primeiro invasor e conquistador da região phenicia.

Este inclito personagem era indicado, como fundador de Ninive, e dava-se-lhe como esposa a tal famigerada Semiramis, que elle raptára ao bondoso primeiro marido, Menomes, seu conselheiro d'estado, e um dos mais valentes generaes das suas tropas. Aconselhado e guiado pela formosa, perspicaz e aguerrida esposa, realisára este Ninus grandes conquistas para o sul da Mesopotamia, juntando o imperio assyrio ao chaldeu-babylonio.

Assim se ensinava a historia antiga; e, d'esta fórma, ainda por ahi correm livros de pseudo-sciencia historica,

Digitized by Google

para ensinamento das gentes e illustração dos estudiosos.

E dava-se ao reinado de Ninus uma chronologia, que pairava no seculo XIV (antes J.-C.), ou no seculo contemporaneo da decadencia hegemonica de Sidon, e do levantamento da de Tyro.

Depois da laboriosa decifração da escriptura cuneiforme, depois das acuradas investigações dos assyriologos, todas as protervas fabulas e falsas lendas se derruiram facilmente, deixando a descoberto a veridica chronica dos imperios da Chaldéa e da Assyria.

Os eruditos trabalhos de Th. Henri Martin, (1), de F. Lenormant, (2), de Joachim Menant, (3), de Rawlinson e Norris, (4), de Fox Talbot, (5), de Longperier, (6), de Saulcy, (7), e de Oppert, (8), crearam inteiramente de

(1) Mem. sur les observ. astron., no tom. IV das Mem. de l'Acad. des Inscrip. — Paris, 1863.

(2) Etudes cuneiformes, par F. Lenormant, Paris, 1879; — Etudes accadiennes, Paris, 1873-1879; — e Lettres assyriol. Paris, 1871-1872.

(3) Leçons d'épigraphie assyrienne, por J. Menant, Paris, 1873; — e Manuel de la langue assyrienne, Paris, 1880.

(4) Notes on the early histo. of Babyl., por Rawlinson, (Cl. C. B.), Londres, 1860; — e Inscriptions of Western Asia, par Rawlinson e Norris, Londres, 1867.

(5) Inscript. of Tiglath, Pileser I, por Fox Talbot, Londres, 1857.

(6) Catalogue des antiquités orientales, du Louvre, por de Longperier, Paris, 1864.

(7) Rech. sur l'écrit. cuneif., por Saulcy, Paris, 1858.

(8) Histoire des Empires de Chaldée et d'Assyrie, Versailles, 1865; — Éléments de grammaire assyr., Paris, 1868; — Grande inscrip. du palais de Korsabod, Paris, 1864; — e Expéd. en Mésopotamie, Paris, 1862, por Jules Oppert.

Digitized by Google

novo a historia antiga das civilisações turanicas, aryacas e semiticas, que se encontraram e debateram, nas uberrimas planicies do Tigre e do Euphrates, nas fertilissimas regiões da Asia Occidental.

« Cette étroite parcelle du territoire asiatique, située à « la fois à la limite du semitisme, du monde arien, et de « l'influence touranienne, fournit un curieux mélange de « races, qui est encore compliqué par des populations « couchites venues d'Arabie, et peut-être de l'Ethiopie « même.....

« Avant la prise de possession par les fils de Sem, « probablement venus du midi de l'Arabie ou de la mer « Erytrée, la Mesopotamie avait vu s'entrechoquer des « Ariens, des Touraniens et des Chamites » : assim emitte o seu credo ethnographico, similhante ao nosso, o douto assyriologo Jules Oppert.

Quem quizer descobrir as expansões primarias da grande familia humana, quem tiver de auscultar os movimentos cardiacos da civilisação inicial, quem houver de estudar a economia social dos povos ancestraes, terá de transferir-se, em espirito de cuidadoso exame, dos plainos do Nilo até á peninsula indostanica, demorando-se, longa e intensamente, durante este itinerario, na Mesopotamia, no paiz de Sennaar, e nas terras proximas, que vão desde a turaniana Suzanak (Susiania) até ao littoral da Phenicia.

Nem se póde recompôr, mais ou menos parcelladamente, a historia dos phenicios, sem o auxilio da monumentologia assyria, sem o glossario da epigraphia cuneiforme.

Digitized by Google

N'este alpha ethnographico, descortina-se o primeiro nivel da sociedade priméva, decifra-se uma das proposições d'essa enigmatica esphinge, que representa as origens do Homem, desvenda-se uma das faces da mysteriosa ethnogenia.

Regressemos ao mythico Ninus, e indaguemos o que este lendario personagem representou, e que pontos de contacto historico e de referencia chronologica elle nos poderá fornecer para a historia phenicia.

Muitos emparelham o pretenso esposo de Semiramis, a celebrada filha da deusa Dercéto, com o Ninip-Samdan, o Hercules assyrio, irmão cadete do Hercules turanico, da complicada e illustre genealogia do symbolismo herculeano ou archi-heroico.

Ao Ninip (Hercules) se refere a inscripção (1) do grande Teglathphalasar I, (anno 1250, antes J.-C.).

E como lhe assignam a sua existencia nos principios do seculo XIV, (antes J.-C.), vejâmos qual foi o monarcha, que, por esse tempo, dirigiu os destinos do imperio de Assur.

A ultima das tres dynastias primitivas da Assyria, cognominadas post-diluvianas na obra de Oppert, foi a

(1) Veja-se Inscrip. of Western Asia, por Rawlinson e Norris, pag^{s}. 9-16, e Hist. des empires de Chaldée et d'Assyrie, por J. Oppert, pag. 54. Esta inscripção, importantissima para a assyriologia, pertenceu ao templo de Assur, em Kala Chergat, junto ao Tigre, e foi cognominada « o prisma octogono de Teglathphalasar I ».

Digitized by Google

dynastia arabe, de 1559 a 1314, (antes J.-C.), cabendo portanto alguns dos seus ultimos reis, dentro da epocha assignalada como a da invasão da Phenicia por um conquistador oriundo da Assyria.

A Biblia (1) relata-nos o captiveiro dos filhos de Israel, durante oito annos, sob o reinado de Chusan-Risataïm, chefe da « Araméa d'entre os rios », ou da Assyria. Este conquistador, que uns classificam de araméano, e outros de arabe, invadiu e dominou a Palestina e a Phenicia, que n'esse tempo tinham intimas relações de consanguinidade, porquanto a narrativa biblica nos conta que os israelitas « habitaram no meio dos kanaanéos...., ligaram-se com as mulheres kanaanéas, e deram as suas filhas aos filhos de Kanaan, adorando os seus deuses..... »

E os assyriologos admittem este Chusan-Risataïm, rei d'Aram-Naharaïm, como um dos reis da dynastia arabe, que imperou na Assyria (2).

Mas a grande invasão da Phenicia, a mais importante, sem contar a de Teglathphalasar I, que segundo se deprehende da longa descripção do seu reinado, (com 700 linhas de inscripção), dominou sobre a Araméa e a Kanaanéa, foi indubitavelmente a de Belochus, esposo de Sommuramat, que os gregos, traduzindo, converteram em Semiramis.

Belochus I foi o rei da epocha mais gloriosa do grande imperio assyrio-chaldaico, que, no seculo X (antes de

(1) Jud. III, 8.
(2) Vej. Hist. des emp. de Chald. et Assy, por Oppert, pag. 40.

Digitized by Google

J.-C.), se dilatava por toda a Asia Occidental até ás espaldas das montanhas do Indostão, e pertenceu á série appellidada do « grande imperio assyrio », o qual durou desde 1314 até 788, (antes J.-C.).

Teriam os gregos confundido o rei Ninus, o tal Herculeano, com este Belochus I, o primeiro monarcha, que se conjungiu com uma Semiramis (1), ou com um dos primeiros monarchas da dynastia imperial assyrio-chaldéa, o Ninippalasar?

Mas se este governou, na segunda década do seculo XIV, (1314), não teve a fortuna de possuir a primeira das Semiramis assyria, embóra coincida chronologicamente com a data de Cetésias, acceite, por Diodoro, para fixar a invasão dos assyrios na Phenicia.

Por isso parece-nos, que o grande conquistador e dominador de Kanaanéa, o que deixou profundo rastro historico, foi, indubitavelmente, o Belochus I, o épico monarcha do dilatado imperio de Ninive.

---

(1) Houve differentes Semiramis assyrias, como já dissemos. A mais importante, a citada por Herodoto, como vivendo dos fins do seculo VIII aos começos do IX (antes J.-C.), foi, com o maior numero de probabilidades historicas, a Semiramis, que dominou na Babylonia, emquanto seu esposo, o rei Belochus IV, governava em Ninive.

Digitized by Google

Tyro trasladada para a ilhóta fronteira resistiu aos embates dos primeiros invasores assyrios, mas pagou-lhes tributo, comprando assim a paz e tranquillidade, que demandava para o desenvolvimento do seu grande emporio colonial.

A primitiva constituição de Tyro como de todas as outras cidades phenicias foi, primordialmente, democratica. Os suffétas eram os chefes supremos da sua administração.

Depois da democracia veiu, durante os fins do seculo IX uma oligarchia, que durou pouco.

Um dos suffétas, já appellidados principes, de nome Abibal, apoderou-se do poder, nos meados do seculo X.

Este Abibal foi o pae de Hiram I, que lhe succedeu em 980, (antes J.-C.), tomando o titulo de sufféta ou rei de Tyro, de Sidon e dos Phenicios (1).

Começa no seculo X, portanto, a hegemonia de Tyro, confirmada pela narração biblica, que, d'esta data por diante, não se refere ás riquezas phenicias dos de Sidon, mas á prosperidade dos de Tyro.

Os auctores gregos continuaram a reportar-se principalmente aos sidonios (2), o que se explica facilmente pelas maiores relações que os hellenos nutriram com Sidon e com as colonias d'esta no Egeu, emquanto os palestinos,

(1) Veja-se Eupolémus, por Eusebio (Prœp. Evangel.) IX, 31.
(2) Veja-se Homero — Odyss. IV, 84, 618; XV, 116; XIII, 285.

Digitized by Google

mais proximos de Tyro, tiveram mais contacto com os tyrianos.

Mas, sem contestação, a hegemonia pertenceu á Tyro, nos começos do reinado de Hiram I.

Em Sidon tambem houve o governo dos reis, que se póde collocar, nos fins do seculo XII, se é verdadeira a interpretação epigraphica do sarcophago d'Eschmonnezer, rei dos sidonios, (1), apresentada pelo hebraista Roller, attribuindo ao reinado do monarcha uma epocha proximamente anterior ao captiveiro das dez tribus israelitas, a que já nos referimos.

Depois encontra-se tambem, em plena guerra de Troia, um chefe ou rei sidonio, Phalis, que combatia pelos gregos. São os unicos pontos de referencia, que a custo descobrimos, e que nos fazem crêr, que o suffetado singular, ou a realeza sidonia, durou pouco mais d'um seculo, o decimo terceiro (antes J.-C.), finalisando quando despontava a prosperidade tyriana.

Com o reinado de Hiram I a historia da Phenicia começa a apparecer mais clara e nitida, nas narrativas da Biblia (2), e nos fragmentos das historias de Menandro e de Dius, que Josephus aproveitou e extractou (3), e nas obras de Chœtus, de Theophilo e de Eupolémo,

(1) Veja-se « Memoire sur l'inscription funéraire du sarcophage », d'Eschmonnezer, por E. Roller; Paris, 1875, e nota F.

(2) I Reg., V, 15-32; VII, 13-46; IX, 10-14, e 26-29; Sam. V, 11, VII, 2.

(3) Veja-se Antiq. Jud. VIII, 5, 3; contra Apion., I, 17, 18, por Josephus.

Digitized by Google

citadas pelos Padres da Egreja, principalmente, pelo erudito Eusebio (1).

O rei Hiram, ou Hirom (2), subiu ao poder pela morte de seu pae Abibal (3), vivendo cincoenta e tres annos, e governando trinta e quatro. Construiu o dique de Eurichorus, ligando a cidade, já situada sobre uma ilha, a uma escalvada ilhóta onde estava o templo de Jupiter, e offertou ao deus olympico a célebre columna de ouro, que foi a maravilha dos templos orientaes. Arrasou os velhos templos de Hercules e de Astarté, reedificando-os magnificentemente, e explorou as riquezas florestaes do Libano, aproveitando-as para os edificios e palacios, que levantou. Manteve estreitas relações politicas e commerciaes com Salomão, rei dos israelitas, enviando-lhe os seus mestres e artifices, para auxiliarem a edificação do famoso sanctuario de Jerusalem.

Houve tambem, entre os dois imperantes, continuadas relações scientificas, como se prova pelo facto de Salomão enviar a Hiram problemas para resolver, sendo decifrados pelo tyriano Abdémon, e pela ulterior remessa dos problemas propostos por Hiram, que Salomão deixou insoluveis, pagando a arbitrada multa. São estes os factos importantes, que se encerram nos extractos historicos de Dius e Menandro, aos quaes se deve ainda accrescentar

(1) Veja-se Prœp. Evang. por Eusebio, IX, 33 e 34.

(2) Segundo os antigos textos, escrevia-se dos dois modos o nome de Hiram; veja-se Movers, t. I, part. II, p. 327, nota 25, obra cit.

(3) De Abibal só se sabe que foi pae de Hiram, e o seu nome encontra-se, apenas, gravado sem dizeres epigraphicos, na célebre gemma do museu de Florença.

Digitized by Google

a guerra contra os citianos, (habitantes da ilha de Chypre), por se negarem ao cumprimento do tributo annual, que pagavam a Tyro.

Segundo Josephus, existiu nos antigos archivos tyrianos, o original d'um tractado celebrado entre Hiram e Salomão, pelo qual aquelle se obrigava a enviar os pedreiros e carpinteiros para as obras do templo jerusalemitano, e de fornecer as madeiras de cédro e cypreste, necessarias para a edificação, mediante vinte mil kors de trigo e vinte mil de azeite, (1).

Dizem as tradições hebraicas e hellenicas, que a célebre columna aurea do templo olympico fôra dada por Salomão ao monarcha de Tyro, o qual lhe havia mandado a filha para esposa, e as bellas sidonias para o povoamento do seu harem.

Os ritos maçonicos contam tambem a historia d'um Hiram, o mestre (2), assassinado pelos seus artifices, entroncando, portanto, no mythismo kanaanéo a maxima parte do seu decrepito symbolismo.

A Phenicia e a Palestina, n'esse tempo, tinham chegado ao cumulo da sua grandeza, em civilisação, e em extensão territorial, occupando todas as terras de Kanaan e as de Araméa.

---

(1) Veja-se Joseph (obr. cit.), VIII, 2, 6-8.

(2) Este Hiram, artista e architecto Tyriano, que Hiram I enviou a Salomão para construir e ornamentar magnificentemente o templo de Jerusalem, era filho d'uma viuva de Nephtali. Trabalhava o bronze e o ouro; e ás suas obras se refere o livro I dos Reis, cap. VII, versi. 13-50, que adiante extractamos.

Digitized by Google

E nas duas nações a morte dos seus chefes, Salomão e Hiram, marcou os inicios da decadencia, motivada pelas luctas politicas, pelas scisões e revoltas.

Para melhor comprehensão historica, damos adiante o quadro ou lista chronologica dos reis tyrianos, desde Hiram I até Pygmalião, o assassino do tio e esposo de Elissa (1), mythica e remota causa do exodo dos aristocratas tyrianos, que fundaram Carthago.

Pouco mais de seculo e meio decorreu, da installação do regimen monarchico até á revolta da facção aristocratica, que tinha por chefe, Elissa, a filha de Myttonus, e irmã do reinante Pygmalião.

Essa revolta, que, provavelmente pelo insuccesso, obrigou os conspiradores a fugirem, com as suas riquezas nos navios das suas frótas, preparou indirectamente a quéda da hegemonia tyriana, e da phenicia portanto, deslocando importantes haveres e numerosos habitantes, que fôram fundar a nova cidade africana, a que havia de ser a successora de Tyro, tomando a si o metropolismo dos turano-semitas.

Os reinados dos successores de Hiram I fôram semeados de continuadas luctas sociaes, sendo a mais importante a que fez perecer não só o rei Abdastartus, mas a maxima parte dos senadores e ricos negociantes da cidade.

---

(1) Os auctores gregos cognominam Elissa, de Dido ou Anna. Ora o nome de Dido, significativo de « errante », e o de Anna, « graciosa », fôram applicados, primitivamente, a Astarté, deusa graciosa, consubstanciada no errante planeta Venus.

Digitized by Google

OS REIS DE TYRO :

= desde Hiram até á fundação de Carthago =

Duração dos reinados de :	Josephus	Ruffino	Theophilo	Eusebio	Anonymo
Hiram	34 annos	34	falta	34	34
Baléazar	7	7	17	17	7
Abdastartus. . . .	9	9	falta	9	9
Anonymo.	12	12	falta	falta	falta
Astartus	12	12	12	12	12
Astarymus	9	9	9	9	9
Pheles	8 mezes	8 mezes	8 mezes	8 mezes	18
Ithobaal	32 annos	32 annos	12 annos	33 annos	32
Balezorus.	6 (8)	6	7	8	18
Myttonus	9 (25)	9	29	29	25
Pygmalião	47	40	falta	48	48
Total dos annos, até ao 7° anno do reinado de Pygmalion :	155	155			155+18

Na primeira columna d'este quadro apresentamos os numeros tirados do texto de Josephus, (Antiq. Jud. VIII, ediç. Dindorf); na segunda, os da traducção de Ruffino, (ed. Colon. 1534); na terceira, as de Theoph. (ad Autol. III, p. 132, ed. Paris, 1616); na quarta, os de Eusebio (Prœp. Evang. IX, 33, 34); na quinta, os d'um anonymo, (cit. em Cramer, Anedoc. Grœc. t. 1, p. 186).

Digitized by Google

Conta Justino (1), que os escravos sublevados levaram a cabo esta sangrenta conspiração, ligando-se depois ás viuvas dos assassinados, apoderando-se do poder, e elegendo um chefe de estado, cujo nome se ignora, e dominando, pelo espaço de doze annos, até que os exilados tyrianos, fugidos á sanha dos conspiradores, regressaram com importantes auxiliares recrutados nas colonias mediterraneas, fazendo uma contra-revolução, que collocou no throno Astartus, neto de Hiram I, e irmão do victimado Abdastartus.

Os phenicios, não conhecendo senão a egualdade das riquezas, usavam immoderadamente, ou antes abusavam, dos chamados direitos do senhor sobre os escravos. Taes defeitos de indole, e tal orgulho de raça, esta crueldade, e esta exploração do elemento democratico e da população servil, transplantados, para Carthago, pelos ricos senadores que se expatriaram por fugirem aos castigos de Pygmalião, deram os pessimos resultados de dissolução civica, que precipitou a decadencia da metropole punica, do mesmo modo como originára a ruina da opulentissima Tyro.

Os successores de Abdastartus governaram entre as alternativas d'estas discordias politicas.

A curiosa narrativa de Justino, que vamos extractar, relativamente a Pygmalião e ao successo capital do seu reinado, a fundação de Carthago, apesar de envolta nas roupagens do mythismo, deixa perfeitamente induzir, que o partido democratico elegera, ou antes confirmára, na

(1) Veja-se — Justino, XVIII, 3.

Digitized by Google

successão, o filho de Myttonus, influenciando o rei, em detrimento da facção plutocrata, que se tinha acoitado sob o nome de Elissa, irmã do reinante, a fim de produzir uma conspiração, a qual, gorando-se, obrigou os ricos mercadores á forçada emigração para o littoral libyano.

Póde comtudo admittir-se, sem faltar ao bom criterio historico, a maior parte dos detalhes, que acompanham a discordia da filha de Myttonus com seu regio irmão, desde o assassinio de Acerbas até á cupidez aurea do monarcha kanaanéo, bem como as linhas geraes do movimento migratorio.

« Por este tempo, o rei Tyron (Mytton) morreu, insti-
« tuindo como herdeiros, seu filho Pygmalião, e sua filha
« Elissa, princeza d'uma rara formosura. Pygmalião,
« apesar de muito joven, foi posto no throno pelo ele-
« mento popular. Elissa casou com seu tio Acerbas,
« sacerdote de Hercules, e que, por isso, era o segundo
« dignitario do Estado. Acerbas tinha importantes the-
« souros, que escondia cuidadosamente temendo a co-
« biça avara de Pygmalião, não em cofres mas no seio
« da terra. Todos fallavam de taes thesouros, embóra
« nunca os tivessem visto; e Pygmalião, dominado pelo
« desejo de os possuir, fez assassinar, desprezando todos
« os principios de direito natural, um homem de quem era
« sobrinho cunhado. Horrorisada pelo crime fraterno,
« dissimulando o seu sentimento, que não transparecia
« no seu rosto, Elissa preparou secretamente a sua
« fuga.

« Para isso ligou-se com alguns dos mais importantes
« da cidade, dominados por intenso odio contra o rei,
« dispostos a exilarem-se, a fugirem de Tyro.

Digitized by Google

« Depois d'isto procurou seu irmão, e ardilosamente lhe « disse, que desejava habitar ao pé d'elle, para não estar « mais tempo n'um palacio, que lhe recordava um esposo « que ella desejava olvidar, e para fugir dos objectos « que, incessante e importunamente, renovavam o seu « soffrimento.

« Pygmalião accedeu jubilosamente ao projecto da « irmã, suppondo, que ella traria comsigo os thesouros « d'Acerbas.

« Mas, n'uma noite, Elissa, aproveitando-se dos servi- « çaes, que seu irmão tinha posto ás suas ordens, fez « embarcar todas as riquezas a bórdo das galéras, mandou « levantar ferro; e já no alto mar ordenou que as lanças- « sem á agua, substituindo os volumes ricos por uns « saccos cheios de areia. Depois, toda lacrimosa, dirigiu « lamentações á memoria de Acerbas, pedindo-lhe, que « recebesse o seu ouro, e que acceitasse as riquezas « causadoras da sua morte. Seguidamente, dirigindo-se « aos mandatarios do monarcha disse — que, se ella « estava ameaçada de morte, o que, aliás, ha muito dese- « java, elles tambem não escapariam, soffrendo prévia- « mente tormentos e supplicios, os mais crueis, pois que « tinham privado o ambicioso rei de possuir os ricos the- « souros de Acerbas, por cuja causa elle se convertera « n'um parricida —.

« Aterrorisados e espantados de tal revelação, todos « consentiram em se exilarem com ella; e, n'essa mesma « noite, vieram juntar-se-lhes muitos senadores, cuja « fuga estava preparada. Sacrificaram a Hercules, de « quem Acerbas era grande sacerdote, e partiram em « cata d'uma nova patria.

Digitized by Google

« Primeiramente, abordáram á ilha de Chypre, onde o
« sacerdote de Jupiter, obedecendo aos desejos dos deu-
« ses, se offereceu para acompanhal-os, levando mulher,
« filhos e riquezas, sob condição de que as funcções
« sacerdotaes pertenceriam, perpetuamente, a elle e aos
« seus descendentes, o que foi acceite, como um feliz
« presagio.

« Era costume dirigirem-se á beira-mar, em taes dias,
« as donzellas casadeiras, a fim de ganharem um dote,
« sacrificando a Venus a sua virgindade.

« Elissa fêl-as raptar; e embarcou oitenta, destinando-
« as a esposas dos mancebos, que a acompanhavam,
« para povoamento da futura cidade.

« Pygmalião, ao saber da fuga da irmã, preparou-se
« para perseguil-a, e levantar contra ella armas impias;
« mas desistiu perante as supplicas da mãe e as ameaças
« dos deuses. Os agoureiros annunciaram-lhe,— que elle
« não ficaria impune, se fizesse opposição ao estabeleci-
« mento d'uma cidade, que os deuses já predestinavam
« distincta do resto do mundo —. Esta predicção deu
« tempo aos emigrantes de, impunemente, se escaparem.

« Chegando ás costas da Africa, Elissa procurou a
« amizade dos habitantes, que se alegraram pela vinda
« dos estrangeiros, e por terem occasião de trocarem as
« suas mercadorias. Comprou-lhes tanto terreno, quanto
« coubesse na pelle d'um boi, dizendo, que era para
« n'elle fazer descançar os seus companheiros, fatigados
« de tão longa viagem. Depois fez cortar o couro bovino
« em tiras estreitas, e assim envolveu uma porção de
« terra muito maior, que a que se julgava ter comprado.

Digitized by Google

« Por isso o sitio foi cognominado *Byrsa.*

« Attrahidas pela ambição do lucro, affluiram as popu-
« lações visinhas, que venderam aos imigrantes os pro-
« ductos das suas terras; e fixando-se, em tal logar,
« conjunctamente com os estrangeiros, contribuiram,
« pelo seu numero, para darem á colonia o aspecto d'uma
« cidade.

« Uns enviados d'Utica vieram offerecer-lhes presentes,
« como a irmãos, exhortando-os a edificarem uma cidade
« no sitio, que a sorte lhes tinha designado. Os proprios
« africanos testemunharam desejos de que elles ficassem.
« Com assentimento de todos, foi fundada Carthago, sob
« condição de pagar um tributo annual pelo sólo occu-
« pado. Começadas as fundações, encontrou-se uma
« cabeça de boi, o que presagiava terreno fecundo, mas
« laborioso e de eterna servidão, e por isso começou-se
« a fundar, n'outro logar proximo, onde se descobriu
« uma cabeça de cavallo, symbolo d'uma nação guer-
« reira e poderosa.

« A fama attrahiu rapidamente uma multidão de habi-
« tantes, que vieram povoal-a e engrandecêl-a. »

A fundação de Carthago desequilibrou, de léste para o sudoéste, a supremacia do grande mercantilismo, que em breve passaria dos tyrianos para os punianos ou punicos, (*puni*, *pœni*), ou carthaginezes.

De 826 até 747, (antes J.-C.), a decadencia de Tyro accentuou-se progressivamente; e as artes e industrias começaram tambem o seu exodo, já das fabricas de Sidon, já das de Tyro, para as cidades libyo-phenicias.

Digitized by Google

De 747 a 609, (antes J.-C.), succederam-se as invasões assyrias, e a dominação dos monarchas de Ninive e de Babylonia.

N'estes periodos obscuros da vida phenicia, apenas os elementos da historia biblica derramam alguma luz.

Registe-se, porém, com a affirmativa de Josephus, uma das ultimas façanhas dos ilhéos tyrianos (1).

Quando Salmanassar, já senhor da Phenicia, quiz apoderar-se da Tyro insular, foi auxiliado pelos phenicios continentaes, que pozeram á disposição das suas hostes sessenta navios tripulados por 800 remadores. Pois os tyrianos, dispondo apenas de doze navios, venceram a batalha naval, fizeram prisioneiros mais de quinhentos assyrios, e desembaraçaram o mar, o caminho do seu tráfego vital.

Durante cinco annos durou o cêrco, pelo lado de terra, e alfim pactuaram paz com os assyrios, sob promessa de tributo, porque nunca mais foram mencionados nas guerras dos conquistadores mesopotamianos, e até figuraram, como seus poderosos auxiliares maritimos, no combate naval, em que Sennacherib venceu os Gregos, segundo Abydemo menciona (2).

Depois, já não appareceram nas listas dos povos rebeldes, porque fôram alliados do imperio assyrio.

---

(1) Joseph. (ob. cit.), IX, 14, 2.
(2) Veja-se « Hieronym », Com. in Isai. c. 37.

Digitized by Google

Seguiu-se a grande invasão dos Scythas (1), os turanianos retardatarios, desde o anno 634 a 607, (antes J.-C.).

A nova onda ethnica dos turyas trasbordava por toda a Asia Occidental, não escapando, portanto, nem a Palestina nem a Phenicia.

« Senhores da Asia, refere Herodoto (2), os Scythas avan-
« çaram para o Egypto; mas encontraram, na Palestina
« da Syria, o Psammithicus, rei do Egypto, que os levou,
« por meio de presentes e de supplicas, a não irem mais
« longe.

« Retrogradando, os Scythas apoderaram-se de Asca-
« lon, cidade da Syria; a maior parte retirou-se sem cau-
« sar damno; mas um pequeno numero de retardatarios
« saqueou o templo de Venus Urania, o mais antigo,
« como me asseguraram, dos templos d'esta deusa; por-
« que o de Cypre, segundo os proprios Cyprianos decla-
« ram, é posterior; e um outro, que se vê em Cythéra, foi
« fundado pelos Phenicios, que são d'origem syriana.
« Venus, para vingar tal desacato, infligiu aos Scythas,
« que saquearam o templo de Ascalon, bem como aos
« seus descendentes, a doença das mulheres, (*eneskhépse*
« *é théos télean noson*); e até os Scythas confessam as
« causas d'esta doença. Os estrangeiros que vão á

(1) « Aqui dos Scythas grande quantidade
« Vivem, que antiguamente grande guerra
« Tiveram, sobre a humana antiguidade,
« Co' os que tinham então a Egypcia terra :
(CAMÕES — *Lusiadas*, cant. III, 9.)

(2) Veja-se Herodoto, 1, 105.

Digitized by Google

« Scythia descobrem facilmente taes doentes, que são « chamados « énaréos » (1).

Depois dos Scythas veiu nova invasão e conquista da Kanaanéa pelos exercitos e armadas do rei egypcio Necos, filho de Psammithicus, no anno 609 (antes J.-C.), mas os tyrianos insulares continuavam a gosar d'uma liberdade relativa, pagando tributo, para não serem incommodados ou perturbados nas suas lides mercantes. No seu regimen politico tinham substituido os reis, suffétas unicos e vitalicios, pelos suffétas annuaes.

O progressivo desenvolvimento das conquistas do grande imperio assyrio, cuja hegemonia se tinha já deslocado do norte para o sul da Mesopotamia, de Ninive para

(1) Parece-nos, que esta citação extractada do « pae da historia » será importante para os estudos historico-pathologicos.

Alguns commentadores de Herodoto dizem, que se trata da falta de qualidades viris, e que, por tal carencia, alguns da Scythia ficaram similhantes ás mulheres.

Julgamos, porém, que Herodoto forneceu á posteridade, sob esta fórma mytho-historica, a documentação da proveniencia syriana do morbus blenorrhagico.

Ha uma verdadeira paridade, para não dizer synonymia, entre o « théba nósos » a que se refere o texto herodotico e o « blénos rhog »; tal como o fluxo catarrhal inflammatorio se assemelhava ao fluxo cataménial, perante os antigos esculapios, porque consideravam este ultimo, não um phenomeno physiologico, mas um estado morbido da mulher. Nos templos asiaticos da Venus, havia sempre grande abundancia de mulheres, adstrictas aos ritos astartéos, as quaes sacrificavam aos visitantes o seu impudor. Prolixo é portanto avançar mais na etiologia do tal caso pathologico dos Scythas retardatarios, que, para a historia medica, ficarão sendo, na antiguidade, uns marcos milliarios similhantes aos outros da America da Descoberta, os companheiros de Colombo, inscios portadores do morbus, que Frascator cognominou.

Digitized by Google

a Babylonia, reflectiu-se tambem nas regiões da Palestina e de Kanaan.

O grande conquistador da dynastia chaldéa, Nabucodrossor (Nabuchodonosor), o Nebucadnezar da Biblia, invadiu a Palestina, tomou Jerusalem depois d'um cêrco de tres annos, e, apoderando-se tambem de toda a Phenicia continental, sitiou Tyro, no anno 586 (antes J.-C.).

Durou o cêrco treze annos, que fôram cheios das proezas heroicas dos sitiantes e sitiados.

Nabuchodonosor teimava por se apoderar da cidade insular, e açulava o animo aguerrido dos seus, com a promessa dos importantes despojos, que o saque da riquissima metropole phenicia lhes poderia dar.

Precedendo Alexandre, que depois o imitou, mandou fazer um aterro ou dique para ligar a ilha á terra firme, para assim a poder escalar com o seu numeroso exercito.

Quando era findo este isthmo artificial, e se preparava o chaldeu para apossar-se dos thesouros tyrianos, os insulares retiraram-se para a ilhóta, que mais avançava pelo mar, aos lados do occidente, e, cortando um estreito dique, que communicava com a primeira ilha, enganaram as esperanças do conquistador.

Isto confirma, que houve, por ordem successiva de fundação, tres Tyros : a continental, a primitiva Palœ-Tyro ou Sara, onde hoje é Adloun, (1); a Tsor ou Sor, na

(1) Nos rochedos da Palœ-Tyro, em Adloun, encontram-se muitas sepulturas tyrianas; deduzindo-se, que fôra ali a necropole da

Digitized by Google

proxima e fronteira ilha; e a Tsor ou Tyro, na ilhóta do santuario astartéo, onde se refugiaram os tyrianos, ao tempo do cêrco feito pelo rei assyrio-babylonico.

Reconhecida a difficuldade de se apoderar da segunda ilha, que melhor se defendia, pela sua limitada periphería, com as frótas phenicias, o rei da Babylonia levantou o sitio, deixando os tyrianos no seu rochedo, que dava ares d'um enorme navio ancorado.

Depois dos guerreiros chaldeus, appareceram os persas de Cambyses, que sujeitaram todo o occidente mediterraneo, incluindo o proprio Egypto.

Tyro alliou-se, ligou-se aos persas; e foi-lhes precioso auxilio nas suas expedições e combates navaes contra os gregos.

Finalmente o grande e assombroso conquistador macedonio, Alexandre, na sua róta victoriosa, apoderando-se da dominação de todos os imperios, desde a Thracia até ao Egypto, da Phenicia até ao Indus, e, copiando o precursor chaldeu, pôz cêrco aos tenazes e resistentes habitantes do ilhéo tyriano.

Durante sete mezes resistiram ao macedonio, com fortuna varia.

Alexandre aproveitando-se dos restos do dique chaldeu,

---

cidade, tanto quando esta demorava no continente, como depois do estabelecimento insular; veja-se « Essai sur la topographie de Tyr », por Bertou, a pag. 85.

Digitized by Google

reconstruindo-o com os materiaes encontrados nas ruinas da cidade arrasada por Nabuchodonosor, a da primeira ilha (1), formou um segundo isthmo ou aterro, ligando esta á ultima ilhóta tyriana. O aterro, segundo o testemunho de Guilherme de Tyro, tinha de comprimento um tiro de flécha, (2); e foi por elle que, depois de vencer em combate maritimo os navios tyrianos (3), se apoderou da cidade, lançando-lhe, sobre as muralhas, os seus soldados, por meio de pontes levadiças, que dependiam das altas torres de madeira, construidas propositadamente junto ás fortificações da cidade.

Toda a estrategia d'aquelles tempos foi empregada em tão memoravel cêrco.

Os detalhes são contados minuciosa e circumstanciadamente por Diodoro da Sicilia (4).

Quando as machinas de guerra ameaçaram a cidade, os tyrianos embarcaram, para Carthago, grande parte das suas mulheres, filhos e anciãos, não podendo sahir todos os que não serviam para a defeza, porque Alexandre fechou, rapidamente, as communicações maritimas, com as galéras da sua armada.

Sete mil habitantes se fizeram matar, na defeza heroica

(1) Veja-se Exped. Alex. II, 112, por Arriano.

(2) Correspondia a 60 metros, pouco mais ou menos.

(3) Os gregos tinham desenvolvido muito as suas forças maritimas, e já, seculos antes, pelas guerras persas, disputavam aos phenicios a supremacia do mar do Levante.

(4) Diodoro, tomo III, pag.s 220 e segt.es, trad. de Hœffer.

Digitized by Google

das suas elevadas habitações (1); dois mil adolescentes ficaram como escravos do conquistador; e treze mil homens validos, como prisioneiros de guerra.

Juntando taes dados estatisticos, fornecidos por Diodoro, addicionando estes 22.000 cidadãos, ás creanças, ás mulheres e aos velhos, uns fugidos para Carthago, outros vendidos em leilão servil, sob o calculo minimo d'um triplo, chega-se á conclusão de que a demographia de Tyro poderia accusar, antes do cêrco, oitenta mil habitantes.

Conquistada a grande monopolisadora do commercio oriental, pois que o occidental já era partilhado, por esse tempo, com Carthago, o conquistador deu á cidade um chefe, um mendigo elevado á purpura real, chamado Ballonymus; e deixando Tyro envolta nas ruinas da sua derrota e nas andrajosas roupagens do seu monarcha, tão symbolicamente escolhido, foi fundar Alexandria, na fóz do Nilo, para herdar a successão da cidade tyriana, perante o grande movimento commercial levantino.

---

(1) As casas de Arad e as de Tyro, as duas insulares, principalmente por causa do limitado espaço disponivel para as edificações, chegavam a ter sete e oito andares. Das preciosas ruinas das Tyros insulares pouquissimo restou. Os destroços da primeira fôram ainda mais inutilisados, sob o ponto de vista archeologico, porque Alexandre os aproveitou para o *seu* isthmo ou aterro; e os da segunda fôram, com grande parte d'esta, subvertidos pelo mar, no anno 163, (antes J.-C.), quando importantes phenomenos sismicos abalaram toda a região phenicia, fazendo avançar as aguas, e produzindo alterações em todo o littoral kanaanéo, (Athen. VIII, 2; e Strab. XVI, 1.). Os decadentes tyrianos já não tiveram forças para repararem taes desastres; o poderio maritimo era uma tradição longinqua; e assim limitaram-se a viverem das decadentes industrias da « purpura », do « vidro » e da « pesca ».

Digitized by Google

Feria-se, d'esta fórma, um duplo golpe de misericordia na thalassocracia phenicia, representada, tão brilhantemente, pela outr'ora rica e florescentissima Tyro. Porém a successora directa, e immediata, do poderio maritimo e commercial dos tyrianos, foi Carthago, e não a cidade alexandrina.

Os restantes dominadores e fabricadores de imperios, que mediaram, dos gregos até aos romanos, todos se abateram sobre a facil presa kanaanéa. Nem d'essa historia nos occuparemos, porque a verdadeira Phenicia, a maritima, a fortunosa e activa recoveira do commercio mondial pre-carthaginez findàra aos golpes da célebre espada, que havia cortado o mythico nó gordio (1).

---

(1) Na parte fabulosa da historia de Alexandre encontra-se a lenda asiatica do « nó gordio ».

Um lavrador da Phrygia foi elevado á realeza, por ter cumprido a predicção do oraculo, que dava o throno phrygio áquelle que primeiro entrasse no templo de Jupiter, em Gordium.

Midas, filho de Gordius, o lavrador feito rei, consagrou ao deus olympico o carro, que conduzira, tão rapidamente, o ascendente, ás portas do templo e ao supremo poder.

O nó, que unia o jugo ao timão, era feito com tanto engenho, que não se descobriam as suas extremidades, sendo portanto difficillimo desatal-o.

E o oraculo promettia o imperio da Asia áquelle que desfizesse o célebre nó. O grande conquistador macedonio, conhecendo a predicção, dirigiu-se ao templo, e empregou todos os esforços para solver a difficuldade.

Não podendo desatar, illudiu a fórmula mysteriosa do oraculo, pois que cortou o nó com o seu gladio; e o imperio asiatico pertenceu-lhe, não pelo córte do famoso nó, mas pelo denodado esforço da sua espada de grande batalhador.

Digitized by Google

IV

Religião e fórma de governo dos Phenicios

A cosmogonia e a zoogonia dos turyas constitue o fundamento inicial da theologia dos turano-semitas, phenicios ou kanaanéos.

O documento que nos póde guiar na investigação e estudo d'esta primitiva compendiação theologica é a obra de Sanchoniathon (1), traduzida por Philon de Byblos, em grego antigo, e vertida, d'este idioma para o latino, pelo erudito Eusebio, bispo de Cesaréa, (267-338), appellidado o pae da historia ecclesiastica.

O phenicio Sanchoniathon viveu no reinado de Abibal, contemporaneo da assyria Semiramis, a célebre consorte

(1) Sanchoniathonis Berytii fragmenta De Cosmogonia et Theologia Phœnicum, grœce versa a Philone Bylio, servata ab Eusebio Cæsarensi; recognovit Joh. Conr. Orellius, Lipsiæ, 1826; in-8°.

Digitized by Google

de Belochus I, e escreveu segundo os documentos, que lhe legára Hiérombal, que em tempo anterior á guerra de Troia, e nas proximidades da éra moysaica, foi sacerdote, em Bérita, do templo do deus *Iévo*.

Philon dividiu a obra de Sanchoniathon em sete livros, dizendo, no prefacio-commentario da sua versão, que « Sanchoniathon, homem muito instruido e estudioso, « desejando esclarecer-se sobre todos os conhecimentos « relativos á historia primordial, estudou cuidadosamente « as obras de Taaut, porque sabia que *Taaut* foi o pri- « meiro de todos os mortaes, *por ter inventado as lettras* « e *escripto a historia*. Baseou-se portanto n'aquelle, « que os egypcios chamam Thoyth, e os alexandrinos « Thooth, nome este, que os gregos mal traduziram em « Mercurio.

« Não fez como os posteriores hierologos, que despre- « zando a historia primitiva, inventaram allegorias e « mythos, e, adaptando-os á imagem dos phenomenos « cosmicos, crearam mysterios envoltos de tanta obscu- « ridade, que se torna difficil descobrir a verdade.

« Encontrando os livros secretos dos Ammonéos, (1), « archivados nos santuarios, e accessiveis a poucos, « apropriou-se, fazendo um profundo estudo, dos antigos « mythos e das allegorias, e fez um trabalho completo, « prevalecendo a sua auctoridade até que os sacerdotes

(1) Ammonéos eram os sacerdotes do sol. Gesénius cita a pag. 170 dos Mon. Ling. Scrip. Phœn. a inscripção phenicia, encontrada nos arredores de Carthago onde a palavra *amon* significa *sol*. O *Baal-Khamman* queria dizer o deus do sol.

Digitized by Google

« d'outra geração esconderam a obra, para fazerem novo « mytho ».

O turano-semita fez uma cosmogonia que se assemelha com a de Moysés. Passaremos além d'esta, não nos demorando tambem na zoogonia, que Sanchoniathon diz ter extractado das memorias escriptas por Taaut, o turano-egypcio, que descobriu a linguagem escripta, a ideographia, e que foi o proto-parente da historia.

« Do vento Kolpias (1) e da sua mulher Bauv (2) que « significa a morte, nasceram dois homens mortaes : « Aeon e Protogono; Aeon descobriu o alimento pro- « veniente dos astros. Depois nasceram Génos (genero) « e Genéa (procreação) que habitaram a Phenicia. Logo « que sentiram o calorico, levantaram as mãos ao céo, « na direcção do sol, porque julgaram este como o deus, « unico senhor do mundo, chamando-lhe Beelsamin, o « que para os Phenicios significa « senhor do céo », « correspondendo aos Zeus dos gregos (3).

« Aeon e Protogono geraram tambem outros filhos « mortaes, chamados Luz, Fogo e Chamma, os quaes « descobriram o fogo pelo attrito da madeira, e ensinaram

(1) O escriptor Bochart diz que Kolpias (*kol pi iah*) quer dizer « voz da bôcca de Deus ».

(2) No hebraico e no chaldaico « *bouth* » significava *pernoctare*. A palavra *bav*, portanto, póde reputar-se phenicia, significando a noite.

(3) Beelsamin é o mesmo que Baal-samin, Senhor Deus. O *Baal* phenicio, que os gregos e romanos converteram em *Belus* e *Bel*, significava, simultaneamente : *amo*, *senhor* e *deus*.

Digitized by Google

« a sua applicação. E estes geraram filhos que se dis-
« tinguiram pela sua estatura (1).

« Estes ultimos deram os seus proprios nomes ás
« montanhas de que se apossaram; d'onde a cogno-
« minação de *Casius*, de *Libano*, de *Anti-Libano* e de
« *Brathy* (2), e geraram de mulheres mortaes *Memrou-*
« *mos* e *Hypsouranios* (3).

« Hypsouranios estabeleceu-se em Tyro; inventou a
« maneira de construir cabanas com varas de scilla, can-
« nas e hastes de papyrus (4); e luctou contra seu irmão
« *Ousous*, que foi o primeiro a vestir-se com pelles dos
« animaes. Este *Ousous*, depois d'uma grande tempestade
« ter derribado grande parte das arvores da floresta de
« Tyro, consumindo muitas pelo fogo, aproveitou-se,
« para fluctuar, do tronco d'uma, tirando-lhe os ramos,
« e foi o primeiro homem que *ousou* entrar no mar (5).

---

(1) É como uma ethnogenia da raça priméva, ou uma arvore genealogica dos cyclopes, os homens de agigantados corpos; áparte a fabulação mythica.

(2) Sob o nome de *Casius* havia differentes montes na Syria e na Arabia, mas o nome de Brathy não se encontra nos antigos geographos.

(3) Dizem alguns, que *Hypsouranios* é a versão do phenicio *Memroumos*, e que tanto este como aquelle vocabulo significam *altura* (*roum* e hypsos), alludindo aos filhos *altos* dos taes homens de elevada estatura.

(4) Representa-se, n'este periodo, o troglodyta sahindo das cavernas, depois de ter descoberto o fogo na epocha paleolithica, inventando a maneira de se abrigar das intemperies, e creando a cabana, a cellula primaria do palacio grandioso dos nossos tempos.

(5) O primitivo navegador *Ousous* personificou bem o que o vocabulo *ousadia* quer significar. E poder-se-ha buscar a longinqua genésis da palavra *ousio*, (do *ausus* latino, para onde este, bem

Digitized by Google

« Elle levantou duas stéllas, e consagrou-as ao Fogo e
« ao Vento; e adorou-as offertando-lhes libações do san-
« gue dos animaes a que déra caça.

« Depois da morte de Hypsouranios e de Ousous, os
« outros homens dedicaram-lhes vergas, adoraram as
« suas stéllas e instituiram, em sua honra festas an-
« nuaes (1). »

Sobre estas origens da religião dos heroes elevados a deuses, diz Philon de Byblos, depois de atacar a maneira material como os gregos interpretavam o mythismo, desnaturando com uma fabulação complicada o sentido mystico e occulto que n'elle se continha: « é necessario recordar que os *mais antigos*, barbaros, « sobretudo os phenicios e os egypcios (2), cujas tradi- « ções fôram adoptadas depois pelos outros homens, « consideravam, como deuses de primeira grandeza, « aquelles que tinham inventado as causas mais necessa- « rias á vida ou haviam prestado algum beneficio aos

---

como para o grego, adveiu de chaldaico), ao cognome do corajoso homem, que primeiro se aventurou ao mar, ao heroe primévo, que Sanchoniathon appellida *Ousous?* Nós perguntamos apenas, sem *ousarmos* uma affirmação.

(1) Começava o culto das pedras, symbolisando uma força da natureza, ou um heroe extincto. O megalithismo religioso é dos tempos paleolithicos. Iniciava-se o culto externo, com as festas lithurgicas pelo anniversario do passamento dos heroes do progresso humano, auctores esquecidos dos primeiros tentamens da civilisação. Principiava o culto ancestral dos primévos. Veja-se « Iberos e Bascos », do auctor, a pag^s. 154 e 195.

(2) N'esta referencia Philon irmanando os phenicios com os turano-egypcios affirmou, implicitamente, o turanismo dos *primeiros* habitadores da Phenicia, como nós sustentámos no cap. II. d'este livro.

Digitized by Google

« povos. Portanto adoraram, como deuses, os que esti-
« maram, como seus bemfeitores. Edificaram-lhes tem-
« plos; levantaram-lhes stéllas, em sua honra; e consa-
« graram os seus nomes sobre varinhas (1). Os phenicios,
« principalmente, tiveram grande veneração por esses
« heroes, dedicando-lhes festas eponymicas (2). E, o que
« é mais de notar, transferiram os nomes dos seus reis
« ou chefes para os elementos cosmicos, e para algumas
« das suas divindades. »

Regressemos á theologia phenicia, ou antes á historia mythica dos inventores ancestraes, segundo a narrativa curiosissima do berytio Sanchoniathon.

---

(1) As varinhas, em que se consagravam os nomes dos heroes, eram tiradas da arvore sagrada sob a qual se faziam os sacrificios. (Vej. « Iberos e Bascos », pag^s. 154 e 155). Depositavam-se junto ás sepulturas dos heroes, e, mais tarde, quando se construiram templos, nos santuarios d'estes. Depois a superstição foi até levada a usar das varinhas consagradas, para os sortilegios ou maleficios dos feiticeiros, (De Diis Syriis Syntag., por Seldenus, — liv. I, cap. II, pag. 28).

Na historia biblica conta-se das varinhas de Moysés e de Aarão. Na mythologica, diziam-se maravilhas da vara magica de Circé.

De phase em phase, no decorrer dos seculos, a magica varinha serviu para poetisar o poder sobrenatural dos espiritos bemfazejos, appellidados, symbolicamente, fadas, chamando-se varinha do condão, no nosso folk-lore peninsular, que aliás é tambem d'uma generalisação europeia. Passou pelas mãos dos descobridores de fontes e de minas, que em França e na Italia ainda em pleno seculo XIX exerciam a sua industria armados das *baccketas* ou *baguette divinatoire*. E sendo a varinha, consagrada ou magica, a ancestral origem symbolica do poder politico, d'onde derivou a antiga insignia do chefe ou rei egypcio, o sceptro, depois, a sublime arte da musica apoderou-se d'ella para a entregar em mão d'outro chefe, o da orchestra. Que de caminho andado!

(2) Epònymico vem de « eponymo », vocabulo grego, que cognominava o primeiro archonte, o que dava o nome ao anno.

Digitized by Google

« *Passado muito tempo*, da raça de Hypsouranios nas-
« ceram *Agreus*, o caçador, e Halieus, o pescador, os in-
« ventores da caça e da pesca. Estes geraram dois filhos,
« e *descobriram o ferro e suas applicações :* um, cha-
« mado *Chrysor* (1), exerceu a eloquencia, os encanta-
« mentos e a arte divinatoria. É o mesmo que Vulcano :
« inventou tambem o anzol, a linha e a jangada. Foi o pri-
« meiro navegador. Por isso, após a sua morte, foi adorado
« como deus. Chamaram-lhe tambem *Diamichius*. Diz-se
« que os irmãos inventaram a arte de construir paredes
« com tijolos, e que tiveram dois descendentes : um cha-
« mado *Technite* (artista) e outro *Autochtone* (terrestre).
« Estes descobriram o processo de misturar a argamassa
« com a argilla, fazendo tijolos que, seccos ao sol, serviam
« para cobrir os edificios.

« Geraram *Agros* e *Agrouéros* ou *Agrotes,* que aperfei-
« çoaram a arte de construir casas, ajuntando-lhes ves-
« tibulos, compartimentos e galerias.

« Os filhos d'estes fôram cultivadores e caçadores, cha-
« mando-se *Alétes* e *Titans*, que procrearam *Amynus*
« e *Magus*, que edificaram povoações e crearam gados.

« Os seus descendentes *Misor* e *Sydyk,* (veloz no cor-
« rer ; e o justo), inventaram o emprego do sol.

« Misor foi pae de *Taaut que descobriu os primeiros*
« *caracteres da escripta;* este foi depois chamado *Thooth*
« pelos egypcios, *Thoyth,* pelos Alexandrinos, e *Hermés*
« ou Mercurio, pelos gregos (2).

(1) *Chrysor* significa *artista do fogo.*

(2) Platão faz dizer a Socrates, na Phœdr. cap. LIX : « Eu ouvi, que entre os antigos deuses do Naucratis do Egypto ha um ao qual

Digitized by Google

« Sydyk gerou os *Dioscuros* ou *Cabiras,* ou *Corybantas* ou *Samothracios* (1).

« Os Cabiras tiveram na sua descendencia outros inventores que ensinaram os conhecimentos das plantas, a cura das mordeduras venenosas e os encantamentos. Depois veiu ao mundo *Elioun*, appellidado o *Muito-Alto* e sua mulher *Berouth* (a alliança). Habitaram nas visinhanças de Byblos, e tiveram um filho, *Epigée* ou *Autochthon*, que tambem se chamou *Uranus* (céo).

« Este deu o seu nome ao elemento, que paira sobre nós, e que nos encanta pela sua inexcedivel belleza. A sua irmã, a *Terra*, cognominou o planeta que nós chamamos terra.

« Seu progenitor, o *Muito-Alto*, succumbiu n'uma lucta contra animaes ferozes, e foi divinisado. Os filhos offereceram-lhe libações e sacrificios. *Uranus*, succe-

---

consagraram a ave chamada ibis. Este deus tem o nome de Théoth ; descobriu os numeros, a geometria, etc. »

(1) Cabira vem de « cabir », que significa « grande ». Os deuses *Cabiras* fôram *dii Magni*, deuses dos dias epagomenos dos egypcios, passando o seu culto de Memphis para a Phenicia e d'esta para Carthago, segundo assegura Münter na sua « Religion der Carthaginienser, cap. VII, pag. 87.

Fôram os tutelares da navegação sob o nome de *Dioscuros*, porque sob o de Cabiras tiveram o patronato das emprezas mineiras.

Os principaes mysterios do seu culto celebravam-se em Samothrace, ilha arida, no archipelago das Sporades, fronteira á costa occidental asiatica, notavel, na antiguidade pre-romana, pelo seu templo dos Cabiras ou Cabirim (poderosos), cujos sacerdotes se chamaram *Corybantas*, empregando nas suas cerimonias lithurgicas a choreographia phrygio-turanica, (veja-se « Iberos e Bascos », pag. 197).

Digitized by Google

« dendo a seu pae, desposou a *Terra*, da qual teve quatro
« filhos (1): *Ilus*, tambem chamado *Kronos, Betylus,*
« *Dagon*, que preside á cultura do trigo, e *Atlas*, além
« de muitos outros que teve de differentes mulheres. A
« *Terra*, dominada pelos ciumes, altercou e invectivou o
« marido, e separou-se d'elle.

« Uranus repellido pela Terra, quando queria approxi-
« mar-se d'esta, chegou, desesperado, a querer matar
« os filhos, que a defendiam com a ajuda dos seus allia-
« dos.

« *Kronos*, chegando á edade viril, tomou por conse-
« lheiro *Hermés*, o tres vezes grande, e seguindo o
« partido da mãe combateu o pae Uranus.

« Kronos foi pae de Proserpina e de Minerva; aquella
« morreu virgem, e esta, juntamente com Hermés (Mer-
« curio), aconselhou Kronos a fabricar uma foice e uma
« lança de ferro.

« Depois, incitou com palavras magicas os auxiliares
« de Kronos a fazerem a guerra contra Uranus, em favor
« da Terra.

« Ajudado assim, o Kronos derrotou Uranus e expul-
« sou-o do seu imperio, apoderando-se das rédeas do
« governo. N'este combate foi feita prisioneira a favorita
« de Uranus, a qual estava gravida, sendo dada em

(1) D'aqui por diante desapparece o caracter accentuado do pan-turanismo; deparando-se uma mistura turano-aryca, uma confusão dos mythismos symbolicos dos turyas com a pantheista mythologia dos hellenos.

Digitized by Google

« casamento a Dagon, e tendo depois um filho que rece-
« beu o nome de Demarous.

« Seguidamente Kronos cercou a sua habitação d'um
« muro de defeza, e fundou a primeira cidade Byblos na
« Phenicia.

« Suspeitando de seu irmão Atlas, e por conselhos de
« Hermés, sepultou-o nas entranhas da terra.

« N'esse tempo, os descendentes dos Dioscuros nave-
« garam sobre jangadas e navios, que tinham construido,
« e, arribando perto do monte Cassius, n'este edificaram
« um templo.

« Kronos, tendo ciumes do seu filho Sadid, capturou-o,
« e matou-o com a sua espada, fazendo, depois, o mesmo
« á sua filha. Todos os deuses se admiraram das tenden-
« cias sanguinarias de Kronos.

« No decorrer do tempo, o refugiado Uranus enviou
« as suas filhas Astarté, Rhéa e Dione para attrahirem
« n'uma cilada o filho Kronos, mas este apoderou-se das
« irmãs, e guardou-as na sua companhia.

« Sabedor de tal nova o velho Uranus enviou, contra
« o filho, Himarméne e Hora com os seus auxiliares, mas
« Kronos capturou estes, do mesmo modo. Uranus inven-
« tou os betylos (casas de Deus, monumentos megalithi-
« cos) depois de ter fabricado as pedras animadas (1).

(1) As pedras animadas são os aerolithos, as pedras cahidas do céo, que nos tempos antigos cahiam sobre o nosso planeta com muita frequencia, constituindo um objecto sagrado, a que muitos votavam adoração.

Digitized by Google

« Kronos teve de Astarté sete filhas, ás Titanides ou « Artemides; e, de Rhéa, sete filhos, dos quaes o mais « novo foi divinisado, logo á nascença; e, de Dione, « muitas filhas tambem teve.

« Ainda houve de Astarté mais dois filhos : Pothos (o « Desejo, ou o *Cupido* dos gregos) e *Eros* (o amor).

« Dagon, pela sua invenção do trigo e da charrua rece- « beu o cognome de *Jupiter Aratrius*.

« Uma das Titanides, havendo tido relações amorosas « com Sydycus, o Justo, deu á luz Asclépius (1).

« Kronos procreou de Peréa tres filhos, Kronos, seu « homonymo, Jupiter Belus, e Apollo. Depois nasceram « Pontus, Typhon e Nereu. De Pontus originaram-se *Nep-* « *tuno* e *Sidon*, sendo este, com a sua voz melodiosa, « o inventor do canto e da musica.

« Demarous, o filho da favorita de Uranus que casára « com Dagon, irmão de Kronos, foi o pae de Melicarthus « (2), que tambem se chamou Hercules.

« Uranus insurgiu-se ainda attrahindo ao seu partido « Demarous, que foi vencido por Pontus. No trigesimo « segundo anno do seu reinado, Kronos ou Ilus attrahiu « a uma embuscada, no interior da terra, seu pae Uranus,

(1) Asclépius ou Esculapio, dos gregos, é o Esmoun (i. é, o oitavo) dos phenicios, porque era o oitavo dos irmãos Cabirim.

(2) Melicarthus, em phenicio, significava, ou « rei da terra », porque muitos querem que derive de « melek arta », ou « rei da cidade » se se acceitar a derivação de « melek cortha ».

Digitized by Google

« e, apoderando-se d'este, mutilou-o genitalmente, n'um
« logar proximo das fontes dos rios. Uranus morreu, mis-
« turando o sangue, que gottejava, com as aguas das lim-
« pidas nascentes e das impetuosas correntes, e foi rece-
« bido entre os deuses.

« Tal foi a historia de Kronos e da sua famosa epocha,
« que os gregos elogiam como a edade d'ouro dos mor-
« taes, o seculo da antiga felicidade.

. . . . . .

« Succederam-lhe, no poder, Astarté, a muito grande,
« Jupiter Demarous e Adod, rei dos deuses. Aschera
« ou Astarté, pôz sobre a cabeça, como insignia da re-
« aleza, uma cabeça de touro ; percorrendo a terra, e en-
« contrando um astro cahido do céo, levou-o para Tyro,
« onde o consagrou (1).

« Kronos, fazendo a volta do mundo e passando pela
« Attica, deu esta região a sua filha Minerva (2) ; e, che-
« gando ao paiz do sul, deu todo o Egypto, como reino,
« ao deus Taaut, ... que tinha imitado (desenhado) as fi-
« guras de Uranus, de Kronos, de Dagon, e dos outros, e
« traçado os caractéres sagrados dos elementos... dando a

(1) Esta phrase mythica allude ao planeta Venus, cujo disco figurava, sobre a cabeça da Venus Phenicia *(Astarté)*, que se confundia com *Tanais* (Tanit), a deusa perso-assyriana, quando a assimilavam á lua, *casta diva*, sendo aliás a sua principal face a Cytherea, que é equiparada a Aphrodite dos gregos, nos célebres mysterios astartéos.

(2) Este periodo symbolisa uma das muitas imigrações primitivas, que fôram attrahidas á Attica pela belleza do clima e bondade do seu solo.

Digitized by Google

« Kronos como emblema da realeza quatro olhos, e quatro
« azas, e aos outros deuses sómente duas azas.

. . . . . .

« Tudo isto foi redigido, sob ordem de Taaut, pelos sete
« filhos de Sydyk, os Cabiras (1), e por seu oitavo irmão,
« Esculapio. O filho de Thabion, que foi o primeiro hiero-
« phante dos phenicios, misturou todas estas allegorias
« com os phenomenos physicos e cosmicos, e transmittiu
« esta miscellanea de doutrinas aos prophetas que presi-
« diam ás orgias e aos mysterios. Estes fizeram amplifi-
« cações, e communicaram a obra aos seus successores e
« aos iniciados. Um d'estes foi *Isiris o accrescentador das*
« *tres lettras*..... (2)... irmão do *primeiro Khna* (kanaa-
« néo) ou mercador phenicio. »

Findamos por aqui a transcripção da theogonia de Sanchoniathon, a qual, até ao periodo em que começa a misturar-se o turanismo ancestral com o complicado mythismo dos aryas, melhor se poderia chamar repositorio dos primitivos inventores, ou historia genealogica do progresso primévo.

Nas notas, procurámos, tanto quanto nos foi possivel,

(1) O culto dos Cabiras, os commerciantes navegadores, os filhos da « Justiça » (de Sydyk), foi nato exclusivamente na Phenicia, d'onde passou para o Egypto e colonias mediterraneas.

(2) Comparando esta affirmação do *accrescente das tres lettras*, com a asserção dos egypcios e dos gregos, confirmando, que foi *Taaut*, turano-egypcio, o auctor das lettras e da numeração, cahe pela base a historia da invenção phenicia do alphabeto, como adiante, mais desenvolvidamente, demonstraremos. Addição de lettras, admittimos, mas a invenção das primeiras, não.

Digitized by Google

para não interrompermos o texto do escriptor berytino, explicar, e commentar, palavras e phrases, que em si envolvem uma affirmação importante, ou uma proposição de doutrina, ou um escholio da sciencia dos hierophantes (1) que assás se revéla na obra de Sanchoniathon.

O *Kronos* dos turano-semitas representa uma invasão theogonica do aryanismo, e talvez mesmo uma d'essas multiplices invasões ethnicas dos aryas, na Asia Occidental, onde, nos primeiros seculos lithicos, se encontraram e bateram com os habitadores turanicos.

Este *Kronos*, que degolava os filhos por suspeitas de pretensa emulação do poderio, era menos barbaro que o seu avatar hellenico, o *Saturno,* que não só matava a prole, mas, ainda por cima, a engulia, provavelmente depois de prévia mastigação !

O *Kronos* no seu culto de sacrificios cruentos, principalmente de infantes, representa a pagina mais negra, mais sangrenta e desoladora da lithurgia religiosa dos phenicios. Quantas creanças fôram immoladas ou lançadas, vivas, no brazido que crepitava junto á estatua do deus, em Tyro ou em Carthago, em Creta ou em Gadir? O mytho do sacrificio fundava-se em que o tal Kronos, para applacar a ira dos deuses, depois de ter assassi-

(1) Hierophantes eram os sacerdotes que presidiam aos mysterios de Eleusis, que se celebravam tanto no templo de Cêres, na cidade eleusina, como na Phenicia (em Byblos) e no Egypto (em Memphis). Constituiam um corpo scientifico e theologico, e fôram indubitavelmente impulsores activos, durante os primeiros tempos, do grande movimento da civilisação, pelos seus estudos e pelas suas descobertas physicas e mathematicas.

Digitized by Google

nado, á traição, seu pae Uranus, offertára, expiatoriamente, aos manes paternos e aos deuses superiores, um filho, assás joven, cuja belleza a todos assombrava, e que elle amava extremosamente, começando o holocausto pela tortura da circumcisão, a que depois se seguira a scisão, e a morte. O tal filho tão querido, e tão martyrisado, foi o Adonis da Syria, a quem as phenicias votavam, desde Byblos e Tyro até Cypre e Rhodes, um culto, que se parecia com o de Cupido dos hellenos. O Adonis, no decorrer dos tempos, regressava mythicamente á vida, e symbolisava a propria natureza, perdendo as forças geradoras no inverno, e resurgindo á vida, ao poder creador, na primavera, epocha em que se celebravam as festas adonicas de mistura com as orgias astartéas e com as choregraphias phallicas

O *Hercules*, o *Melicarthus*, o rei da terra, o grande imigrador, o epo-primévo, é verdadeiramente turanico, e constituiu no pantheon dos heroes-deuses dos phenicios a parte mais sympathica, aquella que representava o labôr do Homem, em procura do ignoto, em cata da descoberta, no lidoso afan de desvendar o mysterio da terra.

Trasladado para os pantheons aryacos, conservou toda a sua formosura plastica e espiritualista, symbolo perfeito da grande diastole ethnica das tribus dos turyas. O Hercules phenicio era o protector do commercio, o dirigente do sol e das estações, cuja festa se celebrava em Tyro, queimando uma enorme pyra de madeiras aromaticas, d'onde sahia, de seculos a seculos, a symbolica ave — *phenix* — vermelha, representando o cyclo planetario de Mercurio, ou a sua passagem pelo sol, no primeiro dia do equinoxio da primavera. Todas as colonias mandavam enviados, a Tyro, por occasião da festa herculéana, para renovarem o juramento do pacto federal, perante o deus

Digitized by Google

tutelar, que por isso tambem se chamava Melkarth Baal Berith, rei da cidade e deus da alliança.

Descobre-se, porém, em toda a narração de Sanchoniathon, que o culto ancestral foi a principal base turanica da religião dos phenicios.

Não repetiremos sobre este culto o que já, n'outro logar, deixámos enunciado (1).

O culto de Baal (Senhor-Deus) é turano-semita. Os egypcios tinham o seu Ammon-Ra, sob a mesma significação e invocação do Senhor de Tudo, o Deus Superior. Os phenicios tiveram, em Tyro, um grande templo, o mais importante da Phenicia, ao *Baal etan* (Belitan) ou *Baalram,* Senhor Eterno, Supremo Senhor (2), que era o *Jéhovah* (o verbo *ser* nos tres tempos, representando a sempiternidade) dos semitas-hebreus.

N'isto se revelava a tendencia turano-semita de seguir o monotheismo dos puros semitas, afastando-se das fórmas materiaes com que se revestira, nos ultimos tempos, a religião turano-egypcia, consubstanciando-se pelo excesso do symbolismo no labyrinthico polytheismo. A ideia de Baal planava, entre os phenicios, n'uma esphera superior ao circulo anthropomorphico da mythologia.

---

(1) Veja-se cap. IX, X e XI, dos « Iberos e Bascos » — do auctor.
(2) Vej. Santo Agostinho, Quæst. in Jud. liv. VII, quæst. 16.

Digitized by Google

O documento archeologico descoberto em Marselha, em 1845, contendo a mais extensa das inscripções punicas e phenicias (1), elucida sufficientemente sobre os sacrificios religiosos dos semitas.

Patenteia-nos um decreto do senado de Carthago, indicando, quaes os animaes a offertar, e estabelecendo os preços correntes das victimas.

Na lista figuram no primeiro logar, os touros; eram offerecidos a Hercules.

As vaccas não serviam para os sacrificios, nem para a alimentação; representando esta exclusão uma hereditariedade das crenças dos turano-egypcios, que respeitavam a vacca, como symbolo do trabalho agricola, chegando a adoral-a, conjunctamente com o boi Apis.

« Os Egypcios e os Phenicios, diz Porphyrio, antes « comeriam carne humana do que carne de vacca (2). »

Não se immolavam os vitellos, mas cortavam-lhes as partes genitaes, para offerecerem a Venus.

O sacrificio do bode era o mais elevado; e ordinariamente presenteava-se com um d'estes caprinos a « mulher sagrada », que dispensava ao visitante as suas complacencias.

---

(1) Veja-se « Temple de Baal à Marseille, ou Grande inscription phenicienne découverte en cette ville en 1845, expliquée par l'abbé Bargès. »

(2) Veja-se « Da abstinencia », liv. II, cap. 11, por Porphyrio.

Digitized by Google

Entre as aves eram preferidas as que mais salientavam o instincto da geração : pombos, gallinaceos, perdizes e codornizes, constituindo estas o primor dos sacrificios herculeanos.

Os sacrificios humanos eram apanagio dos deuses vingadores, o Molock (Kronos, Saturno), o Mouth e o Baal-Samin.

Serviam para o holocausto crudelissimo as creanças, principalmente do sexo feminino. Nas grandes calamidades, sacrificavam-se os primogenitos das familias mais distinctas, sendo o mais estimado sacrificio o do filho do chefe, rei, juiz ou sufféta.

Realisavam-se identicas hecatombes, quando fundavam uma cidade ou colonia, ou quando partiam para alguma expedição longinqua.

Lendo-se o Antigo Testamento (1. Reg. XIII, de 10, Jerem. XVIII, 5; XXXII, 35), encontra-se a referencia aos sacrificios humanos, que praticaram os hebreus idolatras, seguindo as praticas dos Ammonitas, que eram as seguidas em Tyro e Carthago, como refere Diodoro, na sua minuciosa narrativa historica (1).

(1) Diodoro, tom. IV, pag. 124 da trad. Hœffer.

Digitized by Google

As festas religiosas mais importantes eram : as herculeanas ou herculeas, as dionysias, as astartéas e as adonias ou adanicas.

As herculeanas realisavam-se, em Tyro, no mez peritius, que principiando em 16 de Fevereiro findava em 17 de março, o que as fazia coincidir com as vesperas da primavera.

Celebrava-se, n'estas festas, o mytho do Hercules Tyriano, succumbido na sua lucta contra o gigante Typhon, e tornado á vida, quando o seu companheiro e fiel amigo Iolaus, (heroe-divinisado pelos turano-libyanos), lhe fez aspirar o cheiro d'uma codorniz, que, por isso, se converteu em primicia offertoria para o culto do mythico heroe.

Na nossa Iberia, havia uma festa herculeana, de celebração assás differente. Commemorava-se o Hercules Gaditano, (em Gadés), o qual voluntariamente se tinha sacrificado em holocausto a Baal, a Deus, lançando-se n'uma pyra, que o consumiu. Chamava-se a festa da « auto-combustão » traduzindo, á grega, a cognominação bastula ou ibero-phenicia.

As festas dionysias dedicavam-se, por occasião das vindimas, a Dionysos, o turaniano inventor do vinho, o Bacchus dos Gregos.

As astartéas representavam os mythos diversos de Astarté, que, na mythologia grega, são cumulativamente figurados : por Io, Europa, Helena e Harmonia, quando symbolisavam a « fuga » ou a « desapparição » da lua, e por Venus, quando se referiam ao phallismo.

As adonias ou festas do Adonis, que se confundiam

Digitized by Google

com as astartéas, na maior parte das cidades asiaticas, renovavam a historia mythica do formoso Adonis, a que já nos referimos.

Eram precedidas por cortejos onde se enfileiravam os adoradores do mytho, levando grandes cestos de flôres ou vasos com plantas floridas, d'onde derivou a poetica imagem dos « jardins d'Adonis ».

Não se póde aqui referir todo o ceremonial subsequente. Que os curiosos se reportem ás obras de Luciano e de Creuzer, onde explicitamente encontrarão descriptas as scenas dos mythos astartéos e adonios, e as flagellações, mutilações, prostituições e orgias de Byblos e Heliopolis (1).

Prolixo é dizer, que estas celebrações mythicas deslocavam grandes multidões de crentes, e que o commercio e a industria se desenvolviam, incitados pelo augmento do consumo, attrahidos pelas boas compras dos forasteiros, que se abasteciam nos grandes centros, ao mesmo tempo que cumpriam os seus preceitos supersticiosos.

A fórma de governo dos primeiros turanianos e semitas foi a patriarchal.

(1) Veja-se « De Dea Syria », por Luciano, tomo III, pag^s. 654 e seg., edição Reisck; e « Religions de l'Antiquité » (refondu et complété por Guigniant), e « Symbolique », tom. I, por Creuzer.

Digitized by Google

O chefe mais velho e mais experimentado, entre os chefes das familias constitutivas da tribu, era o escolhido para derimir as luctas, julgar as contendas e decidir arbitralmente as questões dos seus eguaes.

É este o ovulo primario do regimen democratico. Para os grandes combates, o chefe dos chefes designava o guerreiro mais audaz e valoroso, que havia de guiar e levar os seus á victoria, n'esses encarniçados e cruentos « corpos-com-corpos », onde se encontraram, entrechocaram e despedaçaram as grandes familias ethnicas, quaes enormes vagalhões oceanicos, ao debaterem-se e desfazerem-se no impeto de correntes oppostas.

Os turano-semitas, depois de estabelecidas as suas primeiras cidades, aquellas de que só reza o mytho, ao referir a sua fundação, taes como Byblos e Beryta, seguiram uma vida politica accentuadamente democratica.

E póde ainda dizer-se, que salvo o parenthesis dynastico inaugurado por Hiram I, e findo a breve trecho, como dissemos, a organisação da suprema governança conservou-se sempre nos moldes republicanos, ora sob a influencia da aristocracia do dinheiro, ora sob a democracia revoltosa das massas populares.

Alguns historiadores appellidaram, *reis,* muitos chefes kanaanéos, que fôram simplesmente presidentes do executivo, *suffétas* ou *juizes.*

E esta confusão encontra-se em muitos auctores gregos, que traduziam o *sufféta* pelo *rei.*

Os textos de Polybio e de Aristoteles, e os de Diodoro e de Justino, confirmam, sob uma criteriosa interpreta-

Digitized by Google

ção, que o governo do paiz emanava directamente da soberania da nação.

A grande Assembleia Nacional constituia a manifestação d'essa soberania, conglobando os supremos poderes, formando os que hoje chamamos: legislativo e executivo.

A grande assembleia não funccionava permanentemente, mas só por convocação fundada nas necessidades de ordem social ou politica; e delegava os seus poderes n'uma grande commissão ou « Conselho dos Anciãos », que procedia á feitura das leis de importancia secundaria.

E este conselho, ou delegação da assembleia geral, ainda escolhia entre si uma limitada commissão, á qual incumbia directamente a execução das leis, correspondendo os seus membros aos modernos ministros, ou aos archontes gregos.

Os presidentes da assembleia e das duas commissões ou delegações, tinham o nome de *suffétas*, que significava, *juizes*, o que os gregos e romanos traduziram por *basileus* ou *rex*.

Depois os *suffétas* fôram reduzidos a dois: o presidente da assembleia, e o commandante das forças militares e maritimas, que funccionava como vice-presidente, quando não exercia as suas funcções guerreiras. Os mandatos eram annuaes.

N'este regimen democratico houve um parenthesis politico de pouca duração, como já indicámos na synopsis da historia phenicia, quando o suffetado se reduziu a

Digitized by Google

um só suffêta, ou rei, que guardou vitaliciamente a chefia, e que a transmittiu ao seu herdeiro consanguineo, continuando, porém, a funccionarem, com intervallos mais ou menos longos, a assembleia e as commissões delegadas, como no regimen monarchico-representativo. É caso para aqui repetir as palavras do Ecclesiaste « mil novi sub sole ».

Os phenicios foram os creadores da liberdade municipal, no mundo antigo do Oriente, e, portanto, os lidimos precursores do munipalismo (1).

As grandes agglomerações orientaes, dominadas e subjugadas pelo poder central dos imperantes, ignoraram os direitos do *cidadão* phenicio, que amava a sua pequena patria, limitada a uma cidade como Tyro ou Sidon, estremecia as suas liberdades, e compartilhava do seu governo.

Foi a liberdade civil, nascida do individualismo phenicio, que poude, com as minguadas forças kannaanéas, arcar e tratar, como de potencia a potencia, os primeiros invasores mesopotamios.

(1) Vej. « Mission de Phenicie » por E Renan, pag. 574.

Digitized by Google

Digitized by Google

V

A Industria e a Arte da Phenicia

A principal industria dos kanaanéos, aquella que lhes converteu, segundo a nomenclatura grega, o seu verdadeiro nome ethnico, no de phenicios, foi a industria da « purpura », isto é, a tinturaria dos tecidos com a côr purpurina.

O vocabulo « purpura » era consignado, inicialmente, ao mollusco, que produzia a côr vermelha, d'um tom especial e intensamente chromatico; e pela sua applicação tintureira passou a cognominar, lata e genericamente, os tecidos coloreados purpureamente.

Os dois grandes sabios da antiguidade hellenica e romana, Aristoteles e Plinio, estudaram o mollusco zoologicamente, e referiram-sé á sua importante applicação industrial.

O escriptor stagirio diz : « As purpuras, que vivem nos

Digitized by Google

« golfos, são grandes e de rude aspereza; quasi todas « têm um pigmento ou *flôr*, (*anthos*), que, em poucas, é « vermelha, e, na maior parte, é escura. As que existem « junto das costas maritimas são pequenas, mas de flôr « vermelha.

« Nascem no tempo da primavera. Reunem-se, para a « procreação, em grupos compactos, como colmeias feitas « d'uma materia mucilaginosa. As purpuras pequenas « são de difficil extracção, e por isso são trituradas com « a concha; mas as grandes são tiradas das conchas, « para se lhes aproveitar a flôr, que se colhe separando « o pescoço (*trachelos*, formando a parte anterior) da « protuberancia papaveracea (*mékón*, papaver, consti- « tuindo a parte posterior), porque a flôr está entre estes « dois orgãos (1).

« Trituram-se vivas, porque, desde que morrem, per- « dem a flôr. Por isso conservam-se nas redes, até que se « tenha pescado quantidade sufficiente para se proceder á « operação (2) ».

O naturalista romano (3), seguindo, na maxima parte, o zoologo grego, diverge d'este, quando refere : « As « purpuras têm no meio das fauces a *flôr* destinada á « tintura das vestes; (*purpuræ florem illum tingendis* « *expetitum vestibus, in mediis habent faucibus*). »

(1) O pigmento, materia colorante, que Aristoteles chamava a *flôr* situada entre o pescoço e a papoila, comprehendia o coração e o rim, (sacco calcareo). Assim affirma Heusinger, na « Dissert. de purpu. antiq. », Eisenach, 1826.

(2) Hist. Animal. por Aristoteles, liv. V, cap. 13, (da trad. franc.).

(3) Hist. Nat. IX, 36, 37 e 38, por Plinio, que parece ter mal interpretado as informações de Aristoteles.

Digitized by Google

Mais adiante, continua o mesmo Plinio :

« Ha n'uma veia branca uma pequena quantidade do « precioso licôr, que é d'um brilhante rosado escuro, « (*nigricantis rosœ colore sublucens*). O resto do corpo « é inutil. Apanham-se vivas, porque com a vida se lhes « vae o succo. As maiores são extrahidas das conchas; « mas com as conchas são trituradas vivas as mais pe- « quenas, para produzirem o licôr. *A melhor purpura da « Asia é a de Tyro;* havendo-a n'outros sitios, como em « Mœnix; e em Africa, na costa occidental da Getulia; e « tambem em Laconia, na Europa.

« Os machados e as fasces dos lictores abrem caminho « á purpura (*viam faciunt*).

« Serve para embellezar a juventude; e por ella a « ordem equestre se distingue da curia. Adorna a vesti- « menta do pontifice e as roupagens do triumphador, « etc., etc. »

Depois regressa ao mollusco que produz a purpura :

« O animal tem a lingua do comprimento d'um dedo, « tão dura na ponta, que perfura as outras conchas. « Morre na agua doce, e mesmo nas fózes dos rios, até « onde a agua doce se misture com a salgada. Depois de « appanhado póde viver da sua mucosidade, durante « cincoenta dias. As conchas crescem rapidamente, « adquirindo, n'um anno, o seu pleno desenvolvimento.

« As purpuras chamam-se tambem *pelagias* ou mari- « nhas. Distinguem-se muitas especies, segundo a sua « nutrição e attendendo aos logares onde habitam.

Digitized by Google

« As que vivem no lôdo e entre as algas são de má « qualidade. A melhor especie é a *dialutense,* assim cha- « mada, pela variada côr das rochas, onde ella se encon- « tra.

« Para as pescarem, lançam ao mar nassas pequenas, « feitas d'um tecido frouxo, levando, como isco, mollus- « cos similhantes aos mexilhões; porque estes, embóra « semi-mortos, ao reanimarem-se absorvendo a agua do « mar, abrem as conchas bivalves, que, depois, ao sen- « tirem-se atacados pelas linguas (1) das vorazes purpu- « ras, fecham rapidamente, comprimindo as aggressoras, « apanhadas e victimadas, por causa da sua voracidade.

« A melhor pesca da purpura faz-se ou depois dos come- « ços da canicula, ou antes da primavera, porque quando « ellas têm lançado a mucilagem de que fallamos, o seu « succo é muito fluido. Isto é ignorado nas tinturarias (2), « e é muito importante.

« Tira-se á purpura a veia, onde está a flôr, e ajunta- « se-lhe sal, vinte onças por cada quintal. Deixa-se ma- « cerar este licôr durante tres dias; quanto mais recente, « tanto maior força contém (3).

---

(1) Heusinger diz, que Plinio chama impropriamente « lingua » ao prolongamento do manto ou cobertura, (na parte anterior, *trachélos*, *cervix*, *spondilus*), o qual é contido n'uma especie de siphão por onde o animal aspira a agua.

(2) Plinio referia-se aqui ás tinturarias romanas, que desconheciam grande parte do processo tintureiro dos phenicios.

(3) Heusinger, (na obra já citada), affirma, que a materia córante existe no sacco calcareo ou rim dos gastéropodes, o qual fica á direita do coração. E que no interior da massa calcarea, mais ou menos crystallina, encontra-se o pigmento.

Digitized by Google

« Depois ferve-se em vasos de chumbo, até que cem « amphoras se reduzam a cincoenta libras, isto é, a « cêrca d'uma decima sexta parte; e, seguidamente, « recoze-se, n'um forno comprido, sob um calor mode- « rado.

« Tendo escumado algumas impurezas ou restos da « carne adstricta ás veias, procede-se ao ensaio do « licôr..... Para isso, ensopa-se n'este um pedaço de lã « branca, bem lavada, que se deixa embebida durante « cinco horas..... A côr que se procura é o vermelho « carregado.

« O buccino (1) não se emprega, por si só, porque des- « tingiria; mas, misturado com a purpura marina, dá uma « côr sombreada, onde avulta o brilhante do escarlate.

« Empregando cincoenta libras de lã, duzentas libras « de buccino, cento e dez de purpura marina, obtem-se « uma bella côr amethysta..... A *purpura* tyriana mais « estimada é a que tem a côr do sangue coagulado, e « uns sombreados reflexos.

« Por isso Homero falla do *sangue purpurino.* »

D'estes extractos dos trabalhos de Aristoteles e de Plinio conclue-se, que o animal productor da purpura pertence á classe dos molluscos, sendo univalve, e de

(1) O « buccino », outro mollusco d'onde se extrahia a purpura, é mais pequeno que a « purpura » e não tem, na concha, as pontas ou saliencias agudas, que Plinio dizia serem sete, em fórma de prégos e dispostas circularmente (clavatum est ad turbinem usque... aculeis in orbem septenis fere).

Digitized by Google

concha semeada de arestas agulhadas, prolongando-se em bico a sua abertura. E assim Blainville colloca-o no genero *murex*, como *siphonostomatum*. Quanto á especie, dizem os conchiliogistas modernos, que é o *murex brandaris*, porque é esta a especie mais commum no Mediterraneo, onde os tyrianos faziam as suas importantes pescarias.

Como corroboração d'esta affirmação zoologica, encontraram-se grandes jazigos, enormes montões de conchas do *murex brandaris* nos sitios onde as tinturarias phenicias trabalhavam a côr purpurina.

Os *buccinos*, os *ianthinos*, (especies oceanicas), tambem podiam fornecer os tons purpureos, mas, como se vê da informação de Plinio, as suas côres não attingiam nem a fixidez, nem o brilho chromatico ou a tonalidade especial da purpura extrahida do *murex brandaris*.

Imagine-se, portanto, que grande e copiosa fonte de receitas foi, para a industria de Tyro, a exploração monopolista das tinturarias da purpura, porque, apesar de se terem estabelecido outras eguaes, nas colonias phenicias mediterraneas, desde o Egeu até á Iberia e á Tingitania, nenhuma emparelhava na perfeição do fabrico tyriano.

Os vestidos, os mantos, os véos, e outros attributos do ornamental vestuario feminino, que agora cognominamos á franceza, genericamente, de « toilette », quadruplicavam de valor, se eram coloridos com a côr da moda, a côr purpurina.

Os chefes das diversas nações, sob qualquer regimen politico, reis ou suffétas, basileus ou consules, usavam como insignia distinctiva o manto purpureo.

Digitized by Google

O principal galardão do triumphador, como attesta Plinio, constituia em poder ornar-se, no dia triumphal, com as deslumbrantes roupagens da tinturaria phenicia.

Os membros da ordem equestre, em Roma, avultavam sobre os da curia, pois que podiam applicar ao seu trajo a côr brilhante da purpura.

Pannos bordados para cobertura dos triclinios, tapetes de differentes tecidos, e mil outros objectos de luxo e confôrto da vida punica, hellenica, e romana, tinham superior valorisação, sendo tintos purpureamente.

Os tecidos purpurinos eram na maxima parte feitos de fina lã; tambem se fabricavam com télas de algodão; e, raras vezes, com a sêda.

Calcule-se, a densidade de população da Europa e Africa Mediterraneas, e a da Asia Occidental até ao Indostão, onde, nos tempos phenicios, demorava a parte mais culta, a que usava o luxo e a ostentação dos trajos d'aquellas éras. Tome-se, para este calculo de probabilidades, as bases de grandeza das forças combatentes, maritimas e terrestres, nas guerras persicas, hellenicas e punicas, e, principalmente, o recenseamento do mundo romano de Augusto, (onde só a nossa Iberia entrava com perto de 20.000.000 de habitadores), elaborado em epocha

Digitized by Google

assás proxima. Por este processo, chegaremos á conclusão demographica : que o coefficiente populoso do mundo civilisado, no tempo de Hannibal, por exemplo, não poderia ser inferior a metade da população da Asia ottomana, persica e ingleza, da Europa Central, e da Europa e da Africa do Mediterraneo, nos principios do seculo findo.

Ora a riqueza da Inglaterra industrial fez-se, em tres ou quatro décadas, com a fabricação dos tecidos de algodão, não podendo sustentar-se n'esta primazia da fiação, tecelagem, e estamparia dos textis algodoeiros, porque, em breve espaço, as outras nações do industrialismo moderno começaram a fazer-lhe perniciosa concorrencia.

Pois a Tyro phenicia, admittindo mesmo que a população do seu mundo consumidor fôsse reduzida a cincoenta por cento da do seculo XIX, nos seus começos, deveria ter auferido da sua privilegiada fabricação da purpura mais proveitos, mais riquezas, que o moderno bretão poude extrahir do seu fabrico de téla d'algodão, que, aliás, o enriqueceu, e elevou industrialmente á primeira cathegoria das nações productoras.

Dissemos mais proveitos, porque emquanto a fabricação ingleza, como monopolio de facto, durou cêrca de meio seculo, a industria tintureira tyriana, a productora da purpura, durou seculos, pelo menos cinco, (desde a prosperidade de Tyro, no seculo XIII, até aos inicios da sua decadencia, no seculo VIII, antes J.-C.); e durante esse longo lapso de tempo a purpura de Tyro foi a preferida, pela sua excellente fabricação, pelo brilhantismo chromatico da sua tonalidade, que os fabricantes post-phenicios nunca poderam imitar, por desconhecerem o

Digitized by Google

conjuncto, justo e exacto, dos processos tyrianos, segundo confessa o naturalista romano.

Os proprios libyo-phenicios não poderam imital-os. Com a destruição de Tyro, com a sua reducção a um burgo de pescadores, desappareceu esta florescentissima industria, que prova, de per si, a que grau chegou o desenvolvimento industrial dos kanaanéos.

Tambem se conhecia, no mundo phenicio, a côr purpurea obtida pelas plantas maceradas, ou a côr vegetal, que era applicada nas tinturarias da India, Arabia e Lydia, mas não rivalisava com a côr da purpura-mollusco, com a côr animal.

O Homero distinguia as duas qualidades, nos seus poemas, referindo-se á vegetal (Illiad. VI, 291 e Odyss. XV, 424), chamava-lhe *aliporphuros*, para a distinguir da verdadeira purpura, a tyriana.

Alguns chegaram a affirmar, que a purpura de Tyro era produzida pela côr vegetal; hoje, porém, é mais que incontestavel, que os tyrianos a extrahiam do *murex brandaris*, não só pelas qualidades especiaes de brilho e colorido, mas pela descoberta dos grandes depositos de conchas do mollusco da purpura, como já referimos.

Segundo a Biblia (1), os principaes consumidores, asiaticos, da purpura tyriana, eram os assyrios, os araméos, os persas, os madianitas e os babylonios, isto é,

(1) Gerem. X, 9; Eze. XXIII, 6; Dan. V, 7, XVI, 29 ; Esth. I, 6; VIII, 15; Jud. VIII, 26.

Digitized by Google

todos os povos da Asia d'áquem-Indo, ricos e prosperos, ao tempo da fabricação da purpura de Tyro.

Dizem, que o inventor da purpura foi um dos primeiros suffétas ou reis de Tyro, e que este era tão dado á industria textil, que elle proprio fiava a lã, e tingia o fio, ornamentando-se com roupagens purpurinas, presidindo a os negocios do estado, sob um docel purpureo, e lançando-se á fogueira do holocausto com trajos purpureos (1).

Este purpurino sufféta, se existiu sem deixar o nome, deve pelo menos chamar-se-lhe um legitimo « vermelho », ou um puro « phenicio », visto que este vocabulo, traduzindo aquelle, appellidou, á grega, o povo kanaanéo.

Outros remontam até ás éras mythicas, e attribuem a invenção ao Sandon-Hercules, que, descobrindo a purpura, offereceu á sua amada Astarté deslumbrantes roupagens purpureas, que ella raramente usaria, pois que sempre a representaram muito pouco vestida (2).

A historia da tinturaria de Tyro de tal modo se prende com a sua prosperidade, com a sua economia social,

(1) Diod. II, 23; Lucian. « Quomodo Hist. » c. 10; Tertul. « De Pallio » c. 4.

(2) Plutarcho, XVII, 70; Curtius, X, 1, 24; Arriano, « Anab. », VI, 29.

Digitized by Google

com o seu desenvolvimento civilisador, que bem caracterisa e define as altas qualidades industriaes e mercantis do povo kanaanéo, constituindo, de per si, o principal capitulo economico dos phenicios, e a substanciosa narrativa do seu trabalho ingente no grande laboratorio da civilisação preromana.

Enumerando-se as importantes fabricas de purpura dos phenicios, sem se contar a principal, a tyriana, encontram-se os marcos milliarios das suas ousadas navegações, os itinerarios dos seus arriscados periplos, os assentos das suas importantes colonias-feitorias, desde o Egeu até ás Canarias.

Havia a fabricação purpurina : em *Sidon*, *Sarepta* e *Dor*, no littoral da Syria, e em *Lydda*, na Palestina, (segundo Strab. XVI, 2; Plin. V, 19; Vopisc. « Aurel » c. 29; Steph. 373, v. « Doros »); na ilha *Cyrusis*, ou Chypre, (seg. Isidoro, « Orig. » XIX, 28, 3); nas costas do *Peloponneso*, (seg. Ezeq. XXVII, 7); na ilha *Porphyrusa*, ou Cythéra, (seg. Pansan. III, 21, 6); nas ilhas de *Théra*, *Cos*, *Misyrus*, *Gyarus*, *Rhodes* e *Creta*, (onde os carios conjunctamente com os phenicios exploravam a industria da purpura, seg. Strab. VIII, 6). Faziase a purpura, na Africa Septentrional : em *Meninx* (seg. Plin. IX, 60), em *Succubis*, (seg. Treb. Pollion « Claud. » c. 14), em *Zuchis*, junto á Syrta Pequena, (seg. Strab. XVII, 3), e em *Culla* da Mauritania, (seg. Solin. c. 39). Existiam fabricas no littoral da Iberia : em *Gadés*, em *Tarsis*, nas ilhas Baleares; e nas feitorias do Atlantico Africano, bem como nas ilhas Fortunosas, ou Canarias, (onde se fabricava a afamada purpura *gétulica*, segundo Plin. V, 1, VI, 37; Solin. c. 56; Méla, III, 10; Sil. Ital., XVI, 570).

Digitized by Google

Tanto basta para se percorrer no mappa o mundo phenicio (1).

Durante a edade média ninguem estudou a historia e os processos da tinturaria purpurina. No seculo XVI, Rondelet renovou as informações dos antigos quando teve de se referir ao *murex* (2).

Réaumur, no seculo XVIII, tambem se occupou do mollusco da purpura (3), e aventou a opinião de que o seu *habitat* era atlantico e não mediterraneo, o que implicava a affirmação extraordinaria de que os tyrianos vinham ao Atlantico pescar as « purpuras ».

Depois foi proficientemente demonstrado o contrario, e restituidas ao seu posto scientifico as informações de Aristoteles, pelos trabalhos de Deshayes, notavel conchiliologista do seculo XIX (4).

Devemos accrescentar, que os trabalhos de Deshayes tinham sido precedidos, principalmente na parte da

(1) Veja-se: « Dissertatio de Purpura », por Roswall, Londres, 1750; « Delle Porpore », por L. Befli, Milano, 1830, pag. 130; « Dissertazione delle Porpore e delle materie vestiarie presso gli antichi », por Michaele Rosa, 1768; « Memorias sobre la Purpura de los antigos restaurada en España », por Marti, Madrid, 1779; « Forschungen aus dem Gebiete des Alterthums », t. I, pag.ª. 96-212, por W. A. Schmidt.

(2) Histoire des Poissons, por Rondelet, Lyon, 1558, pag. 44, 2.ª parte.

(3) Réaumur, memor. nas Mem. de l'Acad. des Sciences, 1711, 14 de Novembro.

(4) « Mollusques de la Mediterranée » (Expedition scientifique de la Morée), tom. III, pag. 189, por Deshayes.

Digitized by Google

applicação industrial do succo purpurino, pelas investigações de Duhamel (1).

Remonta aos tempos prehistoricos a predilecção do homem pela côr vermelha, dando-se a esta tonalidade a primazia chromatica, para os objectos e trajos de luxo.

O nosso amigo e erudito archeologo M. Henri Siret, pesquizando e estudando, conjunctamente com seu irmão M. Louis Siret, as 1.300 sepulturas prehistoricas, descobertas no sudéste da Hespanha, durante a sua campanha scientifica, que foi, incontestavelmente, a mais importante das archeologicas peninsulares, já pelos seus resultados, citados pelas principaes auctoridades hodiernas, como Reinach e outros, já pela extensão das observações e quantidade de exemplares analysados, affirma e prova, que os *iberos dos fins do néolithico e começos do bronze tingiam de vermelho o vestuario e os objectos de ornamentação* (2), servindo-se para isso do cinabrio, inventando portanto a purpura mineral.

A ceramica e a vidraria dos phenicios não nasceram na Kanaanéa, como muitos diziam, ainda ha poucos annos.

(1) « Quelques expériences sur la liqueur colorante que fournit la pourpre », por Duhamel, 1736, nas Mem. Acad. des Sciences.

(2) Veja-se Nota A, in-fine, extrahida de « Les Premiers Ages du Métal, dans le Sud-Est de l'Espagne », por Henri e Louis Siret, ingénieurs, (résultats des fouilles faites par les auteurs de 1881 a 1887), obra rara, esgotada, que mereceu o premio de 20.000 francos no Concurso Martorell; edição in-4°, Bruxellas, 1888.

Digitized by Google

As duas importantes artes de ornamentação tanto no seu invento, como nos seus processos industriaes e artisticos, tiveram origem entre os turano-egypcios.

Os phenicios, os grandes recoveiros da civilisação levantina, principiaram por serem os transportadores e os vendedores dos productos do Delta do Nilo.

Não é de admirar portanto, que os povos da bacia mediterranea e do littoral atlantico, ao receberem das suas mãos os vasos ceramicos, as faianças e os vidros egypcios, reputassem os vendedores como auctores de taes artefactos e de taes producções artisticas.

Assim se espalhou falsamente, que a vidraria e a ceramica provinham de inventores phenicios.

Os trabalhos de investigação moderna sobre esse assombroso emporio turanico, que foi o antigo Egypto, permittem affirmar, que a ceramica nilina existia, muitos seculos antes da imigração dos semitas para a Kanaanéa. Na propria Chaldéa, dependencia da civilisação egypcia, como já alludimos, estes encontraram, no seu movimento migratorio, a ceramica turaniana, como proficientemente o sustentou e demonstrou o sabio membro do Instituto de França, M. Georges Perrot, na sua « Histoire de l'Art » (1).

Mas, approximando-se das fabricas egypcias, tomando-lhes os productos para a venda em paizes longinquos,

(1) Veja-se « Histoire de l'Art », por G. Perrot et Ch. Chipier tom. I, cap. IX, § 2º, Paris, 1883.

Digitized by Google

reconheceram as vantagens de elles mesmos os produzirem.

Começaram por contractar artistas nilinos, aprenderam com elles, e chegaram a fabricar ceramica egual á do Egypto.

Decerto a industria do oleiro foi a primeira a estabelecer-se, e a desenvolver-se na Kanaanéa.

Dia a dia, chegavam de retorno, os navios do alto-mar trazendo os bons resultados da collocação, dos productos ceramicos, em paizes assás distantes.

E as fabricas phenicias, desde o rochedo de Arad até ao de Tyro, pululavam, incitadas pelos proveitosos lucros das que primeiramente se haviam fundado.

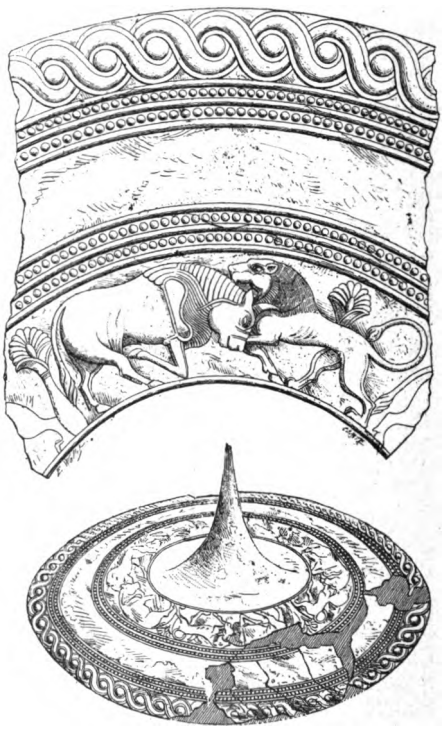
Porque o phenicio, a quem faltaram dotes artisticos, teve em seu favor, a par da tendencia mercantil, as mais altas qualidades do industrialismo.

Não inventava, não creava, não descobria processos artisticos, mas aproveitava-os, assimilava-os; e depois fazia nascer, em ponto grande, a industria, que os applicaria multiplicando a fabricação, desenvolvendo a producção na quantidade necessaria para o grande consumo mondial do seu tempo.

As fórmas e os desenhos artisticos da olaria phenicia fôram copiadas dos modêlos egypcios; e nos tempos em que o hellenismo artistico começou a attrahir pela sua modelação plastica o Mediterraneo Oriental, a influencia da arte grega chegou a reflectir-se na ceramica artistica da phenicia Cyrusis.

Digitized by Google

Com a vidraria succedeu o mesmo. Fôram os egypcios os inventores do vidro.



Escudo de bronze, descoberto em Amathonta

« C'est sur les plages du Delta, ou non loin d'elles « qu'on dû se fabriquer en Egypte les premiers verres... « Les véritables inventeurs du verre, ce sont les Egyp-

Digitized by Google

« tiens. Cette fabrication remonte, peut-être, en Egypte, « jusqu'à l'ancien Empire (1). »

Na éra dos Thoumtés e dos Ramsés, os phenicios eram os grandes armadores do Mediterraneo. Apossados do tráfego maritimo, transportando nas suas galéras as producções nilinas, que, outr'ora, eram conduzidas nos primitivos navios dos velhos thalassocratas do Delta, tinham monopolisado as exportações egypcias.

Os bellos productos das vidrarias pharaóneas passavam-lhes pelos seus armazens, e serviam-lhes, concomitantemente com os productos da sua ceramica e da sua metallurgia, embóra de nascenças recentes, para a grande permuta dos metaes ricos e dos productos agricolas da uberrima Iberia e da longinqua Albion.

Strabão refere-se aos vasos de barro, e de cobre, aos objectos de vidro, e ao sal, que os phenicios exportavam para as Cassiteridas, (Sorlingues ou Scilly), obtendo em troca o estanho e outros mineraes dos ricos jazigos d'aquellas regiões do Noroéste-Europeu (2).

Tudo os incitava a imitarem os processos das vidrarias do Delta, e a estabelecerem fabricas suas, tomando a si os dois lucros, o industrial e o commercial.

Fundadas as fabricas phenicias, chegaram estas a elevado grau de prosperidade, e de tal modo se fixaram no sólo, que ainda mesmo depois da destruição de Tyro, foi

(1) Veja-se « Histoire de l'Art », já citada, vol. III, pag^s. 733 a 738.

(2) Strabão, III, v. 11.

Digitized by Google

esta a industria, que resistiu dispersa em pontos afastados do littoral, emquanto a industria da purpura fenecia, e desapparecia juntamente com o poderio dos seus inventores.

Cabe, porém, aos phenicios a invenção da applicação do nitro ou salitre (azotato ou nitrato de potassa) no fabrico do vidro (1).

Primordialmente o vidro fabricava-se com a soda extrahida das cinzas das plantas, e, especialmente dos arbustos marinhos, taes como as salsolacéas (*Arthocenemum fruticosum*), que attingiam, nas terras limitrophes do Mar Morto, dois e tres metros de altura. Ignora-se, se os egypcios precederam os phenicios, fabricando o vidro com o salitre, porquanto aquelles possuiam importantes depositos de carbonato de potassa, na região dos lagos occidentaes do Nilo.

Mas ha a mais historica certeza de que as vidrarias phenicias começaram, quasi logo da sua installação, a utilisarem-se da potassa mineral, o que é confirmado pelos escriptores antigos (2), e verificado pela limpidez dos vidros phenicios, muito superior á dos egypcios, pois é bem sabido, que os vidros fabricados com a soda vegetal contêm impurezas das cinzas.

---

(1) Veja-se « La Verrerie Antique », por Frœchner, pag. 26.

(2) Tacito, na sua Hist. v. 7, diz : « O rio Belus lança-se no mar judaico. Junto á sua fóz produz-se o vidro, submettendo á acção do fogo uma mistura de areia e de nitro. O deposito de nitro situado na margem do rio, n'uma pequena extensão de terreno, é inexgottavel. »

Plinio, (XXXVI, 191), diz, que se fabricava o vidro juntando o nitro com a areia.

Digitized by Google

Junte-se aos predicados do nitrato ou carbonato de potassa mineral a boa qualidade da areia do rio Belus, usada na fabricação phenicia, e ficará explicada a causal do grande aperfeiçoamento da vidraria kanaanéa.

A lenda conta, que a origem da descoberta do nitro, como elemento do fabrico do vidro, foi devida ao acaso. Que estavam encalhados n'uma praia phenicia alguns navios, tendo como lastro uma porção de nitro; que a bórdo se desenvolveu um incendio, convertendo-os em enorme brazido; que apagada a intensa fogueira se viu, entre as cinzas e o carvão, uma massa vidrada, devida á combinação do nitro com a areia da praia, pela fusão ignea; e que assim se descobriu o vidro preparado com o nitrato de potassa mineral.

Emparelha esta narrativa com a da descoberta da purpura, attribuida ao cão d'um tyriano, que, pulando e correndo junto ao littoral, se approximára do mollusco, trincando-lhe o pigmento, tingindo-se de encarnado-vivo nos pellos do fòcinho, e fixando-se-lhe a côr de fórma a attrahir a attenção do dono, testemunha presencial d'este invento canino.

Os phenicios fabricaram tres qualidades de vidro: o vidro incolor e transparente, que se deixa passar pelo raio visual; o vidro translucido e colorido, que a luz atravessa tomando a côr que a arte deu á materia vitrea; e o vidro opaco, que se assemelha á porcellana.

Nas sepulturas gregas da ilha de Chypre, encontram-se urnas de vidro transparente, pertencentes á arte phenicia de epocha assás adiantada.

Suppõe-se, que as maravilhosas irisações d'algumas

Digitized by Google

d'estas urnas provêm da alteração mollecular produzida pelo tempo.

Esta explicação, quanto a nós errada e falsa, serve para defender a actual impossibilidade de irizar o vidro tão perfeitamente, como o phenicio; e manifesta a orgulhosa pobreza da moderna fabricação artistica, apresentando um obnoxio alvitre, que a desculpe na crassa ignorancia de grande parte dos antigos processos.

Os vidros de luxo, translucidos e bem coloridos, filigranados e chromatisados, com filetes e listões multicolôres, provam a educação artistica do phenicio, que os produziu, e asseguram as suas excepcionaes aptidões para tão difficil acabamento.

Fabricavam tambem o vidro completamente opaco, desconhecendo-se o seu processo de fabrico, sepultando-se o segredo com as escorias das vidrarias de Sidon e de Tyro.

Serviam do opaco, para fazerem estatuas (1), para cobrirem os moveis, e revestirem as paredes.

Existem, na collecção Gréau, fragmentos d'uma estatua de Serapis, feita de vidro opaco muito duro e pesado, pois contém, segundo analyse quantitativa, cêrca de trinta por cento de cobre.

---

(1) Plinio, (XXXVI, 197), chama-lhe « totum rubens vitrum atque non translucens, *hæmatinum* appellatum ». E diz ter visto estatuas de Augusto feitas do vidro opaco phenicio, nas quaes admirou a sua densidade « capti materiæ ejus crassitudine ».

Digitized by Google

O que sobresahe entre todos os productos das vidrarias phenicias é, incontestavelmente, o vidro de luxo.

Os pequenos vasos, as amphoras e objectos de « toilette »,que escaparam aos multiplices elementos destruidores, ainda hoje nos assombram nos museus da Europa Central, tanto pela perfeição da sua massa vitrea, como pela magia das côres, bem applicadas n'um matiz brilhante, casando-se com uma fórma artistica singela e elegante.

Os estudiosos da arte antiga admiram, simultaneamente, a agilidade e rapidez de operações, que eram necessarias ao artista kanaanéo, para applicar, em quente, filetes filigranados de côres diversas, bordando e fixando o desenho, de maneira a parecer á vista, que constituia uma e unica massa vitrea.

Que progressos de execução fôram precisos para attingir tal grau de pleno e perfeito acabamento? Que processos desconhecidos se empregavam, e que não se podem realisar, hoje, sem ficarem com o cunho indelevel d'uma grosseira imitação?

Quatro ou cinco côres dominavam toda a chromatica: o branco, o amarello, o verde, o castanho, e o azul.

Só por excepção se encontra o vermelho; tendo sempre a primazia o azul, a côr brilhante e suave, preferida tambem pelos antigos esmaltistas do Egypto e da Assyria.

Para obterem as colorisações, serviam-se dos oxydos metallicos. O manganez dava o castanho, o negro e o violaceo; o oxydo de ferro fornecia o amarello; o cobalto

Digitized by Google

e o cobre produziam o azul; extrahindo-se tambem do cobre o verde, nas suas differentes tonalidades.

O tom leitoso e nacarado, que tanto deslumbra nos rarissimos exemplares alabastrinos, era feito pela applicação d'um oxydo de estanho, ou, talvez, pelo phosphato de cal.

Apossando-se dos aperfeiçoamentos de fabrico, começou o phenicio a imitar, pelo vidro, as pedras preciosas.

« A massa vitrea colorida, diz Plinio (1), imita as « gemmas, com grande perfeição; e excede-as, frequen- « temente, pelo brilho e intensidade do tom, de modo a « embaraçar o mais habil perito, que pretender distin- « guil-as; porquanto a propria gemma é uma massa fun- « dida pela natureza ».

Herodoto descrevendo as riquezas do templo de Hercules, em Tyro, extasia-se perante uma stéla de esmeralda, que, no seu dizer, brilhava nas trévas da noite (2).

A esmeralda era a pedra preciosa, que os phenicios imitavam, com maior perfeição, e em maior quantidade, como uma das preferidas pelas mulheres preromanas.

A monumental esmeralda do templo melkartino devia ser um blóco de massa vitrea, fundida perfeita e nitidamente, tendo, ao centro, uma cavidade, onde ardesse uma pequena lampada.

---

(1) Veja-se Plinio « Histo. Nat. XXVII, 98, 128. »
(2) Veja-se Herodoto, II, 4.

Digitized by Google

Vê-se, que a industria abandonava a arte pura, para se lançar nos braços sofregos do ambicioso mercantilismo, que, sendo a proeminente caracteristica do elemento semita, não podia reprimir a sua tendencia dominadora, levando-se pela miragem do lucro, e afastando-se dos primores artisticos.

Começaram, portanto, a produzir-se, em grande quantidade, as falsas pedras preciosas, que, pondo o luxo das pedrarias ao alcance de todos, deviam ter enorme consumo, com venda rapida e lucrativa.

Assim faziam-se sinetes, collares, pingentes, anneis, braceletes, amuletos; ornamentavam-se vasos e pratos de metal e de vidro; e produziam-se desenhos e caryatides, que se abrilhantavam pelos tons das falsas gemmas.

Um dos exemplares mais completos que conhecemos, nas nossas visitas aos principaes museus europeus, é o collar do museu do Louvre, que nos deu, á primeira vista, a impressão de que era feito com verdadeiras pedras preciosas.

Tal collar foi descoberto, nas pesquizas phenicias da missão scientifica de Renan; e n'elle se encontram, a par das pedras imitativas, bi-cylindricas, d'uma chromatica similhante á das turquezas e dos topazios, muitas agathas e cornalinas... verdadeiras.

A sua fórma artistica é variada e elegante, contendo seis pingentes: uma pequena amphora, (0,018 de compr. por 0,012 de larg.), quatro cabeças de grosseiro feitio, e uma, mais acabada, e de maiores dimensões, (0,025 de compr. por 0,015 de larg.), como remate central, figu-

Digitized by Google

rando uma cabeça humana, com a barba á maneira assyriana.

Ainda se deparam outros maravilhosos productos das vidrarias phenicias.

Seguindo a nomenclatura correntia, os mais afamados e aperfeiçoados são : os *vidros polychromos imitando a textura da madeira,* que fôram imitados pelos *vetri tarsiati* e pelos *millefiori* de Veneza; os *vidros de miniaturas,* impropriamente chamados vidros mosaicos; os *vidros ornados de gemmas artificiaes,* como a preciosa taça de Chosroés II, na collecção da Bibliotheca Nacional de Paris.

Ha tambem os *vidros em fórma de fructos e de figuras animaes;* os *vidros duplicados,* da qualidade e feitio do famoso *Vaso de Portland;* os *vidros de altos relevos;* os *vidros soldados,* que parecem envoltos nas malhas d'uma rêde; os *vidros pintados e dourados;* os *encrustados no metal;* e os *gravados* e *lavrados.*

Dizem os mais peritos, que a maior parte d'estes ultimos productos artisticos é posterior á invasão e conquista de Alexandre, e que até alguns são de fabricação coéva dos romanos.

Póde consequentemente avaliar-se, quão rica foi a industria da vidraria, e quão aperfeiçoada existiu a maneira artistica do vidro, na Phenicia.

Digitized by Google

Os seus productos mais estimados pagavam-se a peso d'ouro, e tinham melhor venda e maior preço, que as maravilhosas producções da ceramica pintada dos gregos.

A narração biblica assás o confirma, egualando ao ouro o valor do vidro d'arte : « a sabedoria tem maior preço, que o ouro e o vidro (1) ».

Nem os navegadores phenicios se arriscariam a transportarem mercadorias tão frageis, que teriam de soffrer numerosas perdas nas viagens, pelos defeitos da conducção d'aquelles tempos, pelos abalos dos mares tempestuosos, se os exemplares, restantes das tormentosas e demoradas travessias, não fôssem bem pagos, dando preço assás remunerador, para indemnisação das quebras e completa satisfação do lucro industrial e mercantil.

Em todo o Oriente, e em toda a Europa Mediterranea, se descobriram exemplares dos antigos vidros kanaanéos (2).

É importante fixar-se bem, que a feição artistica do vidro phenicio filia-se, principalmente, na arte egypcia, com uns laivos de chaldeismo; e que, só mais tarde, quando a arte do hellenismo marchava para o seu apogeu, se notaram fortes e nitidos reflexos da arte grega.

Se, na ceramica, o grego foi incomparavelmente supe-

(1) Job. XXVIII, 17.

(2) Na Italia, por exemplo, encontraram-se « vidros phenicios » nas velhas sepulturas de Cumes e de Syracusa, e na parte mais antiga da necropole de Tarquinii, segundo constata Helbig (Das Homerische Epos aus den Denkmälern erläutert — Leipzig, 1884).

Digitized by Google

rior, facilmente se descobre a sua inferioridade no vidro d'arte; porque, levando-se pela sua intuição artistica, apaixonando-se pela belleza plastica, pela fórma viva, não podia dar, na massa transparente do vidro, a plasticidade dos corpos, a firmeza dos contornos, a reflexão das linhas, a modelação plena dos relevos.

Mas o turano-semita, apesar de não ter descoberto a inicial fabricação da vidraria, aperfeiçoou-lhe os processos, desenvolveu-lhe as maneiras artisticas, sob a feição levantina, e levou o vidro trabalhado a uma perfeição, que nem a postera Veneza, já depois de duas grandes civilisações, a hellenica e a latina, poude exceder ou sequer egualar.

A republica do Adriatico, a dos doges, que tanto se assemelhavam aos suffétas phenicios, até na grande industria e na emerita arte do vidro, imitou a sua antecessora da Phenicia.

A purpura e o vidro fizeram a prosperidade das cidades phenicias, enriqueceram os seus activos e trabalhadores habitantes, e deram-lhes um quinhão certo e avultado, na historia da arte.

Os phenicios não padeceram da qualidade de eximios esculptores.

Desde os seus primeiros tentamens plasticos, grossei-

Digitized by Google

ros e imperfeitos até aos ultimos productos estatuarios onde já se distinguia a influencia grega, reconhece-se a falta de aptidões do semita, a sua repulsa para a reconstituição da figura humana.

Nos dois periodos da esculptura kanaanéa : o egypcio-phenicio e o helleno-phenicio, a figura humana toma sempre um caracter abstracto, e de méra convenção.

Examinem-se as differentes cabeças humanas, representadas estatuariamente, desde as figuras iconicas até ás pedras tumulares, dos pequenos idolos até ás estatuas e estatuetas de pedra e de bronze, e encontrar-se-ha sempre o mesmo typo physionomico, sem tendencia para representar as feições particulares d'uma determinada individualidade.

Estatua tumular

Sarcophago, em marmore, do museu de Palermo

Todas se assemelham; e só ha a absoluta e necessaria differenciação do sexo, da edade, e do vestuario proprio da epocha, que as produziu.

Digitized by Google

As do primeiro tempo, em que predominou a influencia do Egypto, têm os mesmos trajos da civilisação turano-nilina, a *schenti*, ou saiote curto, como se vê nos mais antigos exemplares : na estatueta de bronze e no torso d'uma estatua de chefe, existentes no museu do Louvre (1).

Só mais tarde apparece a tunica longa dos semitas, a *aba* dos arabes, cobrindo todo o corpo.

Póde deduzir-se d'aqui mais uma affirmação, para as nossas proposições ethnicas em que affirmamos o turano-semitismo dos kanaanéos.

Reconhece-se, que a influencia hellenica, dèpois que a arte grega começára o seu movimento de expansão pelas terras levantinas, modificou bastante a maneira do artista phenicio, ensinando-lhe a salientar as roupagens; mas descobre-se que, nunca poude conseguir d'elle a reproducção do movimento e da vida pela plasticidade, nunca poude insufflar-lhe o espirito plastico, que inspirou e animou a grande estatuaria da Grecia.

O artista phenicio apparece-nos dominado pela suggestão do industrialismo mercantil, quando se nos apresenta sob a fórma creadora da enorme multidão de estatuetas e pequenas figuras de idolos, com que inundou todos os mercados, continentaes ou insulares, terrestres ou mariti-

(1) Nos monumentos egypcios da éra dè Thoumtés e de Ramsés, os phenicios, então chamados os habitadores do paiz do Keft, são representados com o mesmo trajo, um simples saiote, cabeça e torso nus, cabello com tranças e altos cothurnos. Veja-se Lenormant, « Hist. Ancien. de l'Orient, tom. II, pag. 175.

Digitized by Google

mos, aonde chegava com as suas caravanas ou com as suas galéras.

Figuras de Astarté e de Hercules, Pygmeus e Phtahs, Cabyras e Dioscuros, existem em barro simples, pintado ou esmaltado, e em bronze, dispersas por todas as collecções da Europa e dos Estados-Unidos, attestando mais o grande commercialismo, que o kanaanéo fazia com taes mercadorias, sendo o grande fornecedor dos templos onde ellas se expunham á venda, do que as qualidades artisticas da sua producção.

Nas sepulturas phenicias da ilha de Chypre têm sido descobertas centenas e centenas de taes « figurinas ».

A architectura phenicia, que mal se póde recompôr entre tantas ruinas sidonias e tyrianas, reveste o primordial caracter turaniano do Egypto, apresentando tambem o cunho semitico na fórma dada ás linhas geraes do seu conjuncto. Assim nos templos e monumentos da região nilina, e outrosim na chaldaico-babylonica, depara-se-nos a *linha* na sua horisontalidade e verticalidade, desde a porta até á columnata, da abóbada rasa até á cobertura plana dos edificios, formando, na sua compostura, a caracteristica do angulo recto.

O semita, nas suas sepulturas, nas suas portadas, e em muitos motivos ornamentaes dos seus templos e grandes edificios, applicou, como remate, a linha formando angulo agudo, caracterisando a sua architectonica com este cunho especial.

No resto, tanto em ornatos como em disposição e divi-

Digitized by Google

são das edificações, tanto na fórma quadrada ou rectangular, como na construcção por andares sobrepostos, imitou, copiou as lições das architecturas precedentes, a egypcia, e a assyrio-chaldaica.

Aza ornamentada d'um vaso de bronze, existente no museu de New-York, descoberto, em Chypre, por M. de Cesnola.

É certo que os phenicios nunca attingiram o elevado grau de aperfeiçoamento architectonico, que se nota nos palacios e templos do Egypto e da Mesopotamia, magestosos e imponentes, ou nos da Grecia, elegantes e artisticos.

Mas deve admittir-se o que nos é contado pelos proprios gregos sobre as maravilhosas e riquissimas ornamentações do interior, tanto em mobiliario, como no revestimento das paredes, tectos, pavimentos, estatuas, columnas e stélas.

Os templos de Tyro e de Cythera, de Paphos e de Byblos, de Idalia e de Golgos, de Beryta e de Amathonta, eram museus da arte preromana, contendo

Digitized by Google

tudo o que um povo industrioso, activo, navegador, mercantil e rico podia accumular em obras primas das suas industrias e artes bem como das alheias, que lhe passavam pelas mãos, como senhores do movimento de transportes, e dominadores do tráfego universal.

Os antigos hellenos, ao visitarem os templos phenicios, antes de apparecerem á flux da civilisação, ficavam maravilhados e subjugados pela admiração que lhes causava o agrupamento de tantos esplendores e riquezas. E o proprio Herodoto que já viveu entre os primores e bellezas do hellenismo e na epocha da decadencia tyriana, ainda se impressiona com os deslumbramentos ornamentaes do santuario do mythico Melcarth.

Em Tyro, como depois em Carthago, procurava-se mais o util e o commodo que o bello; não se faziam theorias especulativas sobre a origem e fim das coisas; estanciava-se no presente, sem preoccupações do futuro; trocavam-se as cotações das mercadorias; labutava-se n'uma prodigiosa actividade industrial e mercantil; não se discutiam theorias philosophicas ou scientificas, litterarias ou artisticas.

Por isso, se a sua architectura religiosa foi pesada, sem elegancia, triste e severa, e poucas vezes monumental, se a sua architectura civil não egualou a assyriana e a egypcia, o architecto phenicio, ou antes o engenheiro, como hoje lhe chamamos, dedicou-se principalmente a crear os grandes e espaçosos caes, os mólhes, os ante-portos e os portos, para embarque das innumeras e quantiosas mercadorias, que passavam pelo activo dos notaveis mercadores mondiaes; e consagrou mil cuidados minuciosos ás obras de fortificação e defeza das dócas, cidadellas, portos e cidades.

Digitized by Google

Todos os edificios e templos, caes d'abrigo e muralhas defensivas, palacios e habitações, desappareceram, como levados por um devastador cataclysmo. Mas das poucas ruinas, que escaparam, porque com os materiaes das primitivas cidades fizeram-se as construcções de duas ou tres civilisações successivas, póde ainda fazer-se a synthese, a recomposição dos trabalhos grandiosos da engenharia militar e da hydraulica dos turano-semitas, notavelmente em Carthago, como attestam os restos das bacias do seu porto, e as monumentaes assisas da triplice muralha.

Em Sidon e em Arad descobrem-se apenas os vastos alicerces das portentosas fortificações, que deviam guardar as cidades contra o furor das hostes invasoras. A guerra foi o grande flagello da antiguidade ; a guerra sem quartel, a guerra feroz, sangrenta e destruidora. Não concordamos com o dito de Michelet : que « só a guerra descobriu o mundo na antiguidade ».

Como prova do contrario bastará considerar o papel descobridor e civilisador dos nautas ibero-tartessos, e especialmente, n'este momento do nosso estudo, o dos navegadores phenicios, que, em regra geral, não conquistavam, mercadejavam ; não tomavam de sitio ou d'assalto, aforavam terrenos, edificavam cidades, estabeleciam feitorias.

Já o libyo-phenicio foi uma excepção, motivada pelo elemento libyano e pelas condições mesologicas, pois, quando herdou o emporio tyriano do Mediterraneo, onde havia feitorias, fundou fortalezas, onde existiam cidades com armazens de mercadores, construiu aquartelamentos para moradia de soldados.

Digitized by Google

Que valiosos documentos das civilisações preromanas, que maravilhosas e artisticas preciosidades, que magestosos monumentos, fôram destruidos ou inutilisados totalmente pelas invasões dos grandes capitães da antiguidade?

As cidades da Phenicia fôram das que mais soffreram nos cyclos das guerreiras devastações.

Quasi não lhes deixaram pedra sobre pedra.

Assim como a lava vulcanica, vomitada na incandescencia da cratéra tonitruante irrompia em caudal destruidora, alastrava em lençol igneo, lambendo mortalmente as viridentes cumeadas, nivellando montes, sepultando cidades, enchendo escarpas, amontoando valles, e semeando no seu curso a desolação e a ruina; assim tambem a lava humana, que se dizia a guerra da conquista, invadia e assolava os paizes, onde se assentára a prosperidade, talando campos, incendiando povoados, arrasando templos e palacios, queimando, derruindo e destruindo as paginas vivas, ou as insculpidas, d'uma civilisação inteira, os povos ou os monumentos, que estes haviam creado.

Taes fôram, para as thalassocratas cidades da Phenicia, as invasões dos assyrios, chaldeus, e, principalmente, dos gregos de Alexandre.

Para se fazer uma ideia do desenvolvimento artistico dos trabalhos em bronze, ouro e prata, marfim e madeiras preciosas, damos aqui um extracto do « Livro dos Reis, cap. VII, vers. 13-50 », que nos informa da producção phenicia, principalmente na metallurgia e ourivesaria.

Digitized by Google

13. Mandou tambem o rei Salamão, que de Tyro viesse Hirão.

14. Filho d'uma mulher viuva da Tribu de Nefthali, e cujo pae era de Tyro, que trabalhava em bronze, e era cheio de sabedoria, e de intelligencia, e de sciencia para fazer todo o genero de obras de bronze. Tendo pois vindo Hirão para o Rei Salamão, fez todas as suas obras.

15. E fundiu duas columnas de bronze : cada uma d'ellas era de dezoito covados de altura : e a ambas as columnas dava voltas uma linha de doze covados.

16. Fez tambem dois capiteis de bronze fundido para os pôr sobre o alto das columnas : um capitel tinha cinco covados de altura, e outro capitel era tambem da altura de cinco covados.

17. E via-se como uma especie de rede, e de cadeias entrelaçadas umas nas outras com admiravel artificio. Ambos os capiteis das columnas eram fundidos : havia sete ordens de malhas n'um capitel, e outras sete no outro capitel.

18. E rematou as columnas com duas ordens de romãs ao redor de cada uma das malhas, para cobrir os capiteis que estavam no alto : e o mesmo fez tambem no segundo capitel.

19. Os capiteis, porém, que estavam no alto das columnas no Portico, eram fabricados em feitio de açucena, e tinham quatro covados.

20. E além d'isto no alto das columnas sobre as malhas outros capiteis proporcionados á medida da columna : na circumferencia, porém, do segundo capitel havia duzentas romãs postas em duas ordens.

21. E pôz estas duas columnas no Portico do Templo : e tendo levantado a columna direita, chamou-a por nome Jaquin : levantou do mesmo modo a segunda columna, e chamou-a por nome Booz.

22. E por cima das columnas pôz um lavor a modo de açucena : e acabou-se a obra das columnas.

23. Fez tambem um mar de fundição de dez covados d'uma borda a outra, redondo em circumferencia : a sua altura era de cinco covados : e cingia-o um cordão de trinta covados.

24. E por baixo da borda corria uma talha por dez covados que rodeava o mar : duas ordens de canaes eram entalhados de fundição.

Digitized by Google

25. E firmava-se sobre doze bois, tres dos quaes olhavam para o Septentrião, e tres para o Occidente, e tres para o Meio-dia, e tres para o Oriente, e o mar estava em cima d'elles : as partes posteriores d'elles todas se escondiam para a parte de dentro.

26. A grossura da bacia era de tres pollegadas : e a sua borda era como a borda d'um copo, e como a folha d'uma açucena aberta : ella levava dois mil batos.

27. Fez mais dez bases de bronze, cada uma das quaes tinha quatro covados de comprido, e quatro covados de largo, e tres covados de alto.

28. E a obra mesma das bases era de varias peças : e havia suas talhas entre as junturas.

29. E entre as corôas e laçadas havia leões e bois e Cherubins : e tambem nas junturas da parte de cima : e debaixo dos leões e dos bois, como pendentes, uns loros de cobre.

30. Cada base tinha quatro rodas com seus eixos de bronze : e nos quatro cantos debaixo do lavatorio havia uns como hombrinhos fundidos, em correspondencia uns dos outros.

31. Havia tambem dentro no alto da base uma cavidade em que encaixava a bacia : e o que se via por fóra, era d'um covado tudo redondo, e tudo junto tinha covado e meio : e nos cantos das columnas havia varios abertos : e os intercolumnios que mediavam, eram quadrados não redondos.

32. E as quatro rodas que havia nos quatro cantos da base, correspondiam-se umas ás outras por baixo da base : e cada roda tinha covado e meio de altura.

33. E as rodas eram como as que costumam fazer-se em uma carroça : e os seus eixos, e raios, e cãibras, e cubos tudo era de fundição.

34. Porque até os quatro hombrinhos que estavam nos quatro cantos de cada base, eram fundidos e pegados com a mesma base.

35. No alto da base, porém, havia uma redondeza de meio covado, feita de tal modo, que se podia pôr em cima a bacia, e tinha suas talhas, com variedade de relevos que sahiam d'ella mesma.

36. Lavrou tambem n'aquelles taboleiros que eram de bronze, e nos cantos Cherubins, e leões, e palmas, como representando a figura d'um homem em pé, de tal modo que estes não pareciam gravados, mas de vulto postos ao redor.

Digitized by Google

37. D'este modo fez dez bases, fundidas do mesmo estylo, da mesma medida, e por similhante entalhadura.

38. Fez tambem dez bacias de bronze : cada uma das quaes continha quarenta batos, e era de quatro covados : e pôz cada bacia sobre cada uma das dez bases.

39. E das dez bases pôz cinco á parte direita do Templo, e cinco á esquerda : e pôz o mar á parte direita do Templo entre o Oriente e o Meio-dia.

40. Fez tambem Hirão caldeirões, e panellas e hamulas, e acabou toda a obra do Rei Salamão no Templo do Senhor.

41. As duas columnas, e os dois cordões dos capiteis sobre os capiteis das columnas, e as duas redes, para cobrir os dois cordões, que estavam sobre os capiteis das columnas.

42. E quatrocentas romãs nas duas redes : duas ordens de romãs em cada rede; para cobrir os cordões dos capiteis, que estavam no alto das columnas.

43. E dez bases, e dez bacias sobre as bases.

44. E um mar, e doze bois por baixo do mar.

45. E caldeirões, e panellas, e hamulas : todos os vasos, que Hirão fez ao Rei Salamão na casa do Senhor, eram de latão fino.

46. O Rei os fez fundir nos campos do Jordão n'uma terra barrenta entre Socoth e Sarthan.

47. E Salamão pôz todos estes vasos : e pelo seu excessivo numero ignorava-se o peso do metal.

48. E fez Salamão todos os vasos para a casa do Senhor : o Altar de ouro, e a Mesa de ouro, sobre a qual se pozessem os Pães da Proposição.

49. E os Candieiros de ouro, cinco á direita, e cinco á esquerda de fino ouro diante do Oraculo : e em cima havia umas flôres de açucenas, e alampadas de ouro : e tenazes de ouro.

50. E quartas para agua, e os garfos, e os copos, e os graes, e os thuribulos, de ouro purissimo : e as couceiras das portas da casa interior do Santo dos Santos, e as das portas da casa do Templo eram de ouro (1).

---

(1) « Biblia Sagrada » trad. Padre Antonio de Figueiredo. Lisboa, 1867.

Digitized by Google

A ourivesaria artistica attingiu grandes progressos nas officinas de Tyro e de Sidon.

As joias de Curium (Museu de New-York)

« A e B, collares; C, D e E, brincos; F, fibula ».

Faziam-se braceletes, collares, anneis e outros objectos de luxo e ornato, misturando o ouro com a prata, tecendo

Digitized by Google

filigranas metallicas, e bordando lavores, que se resentiam principalmente da influencia da arte nilina.

Cabe aqui dizer, que os phenicios fôram os grandes joalheiros do seu tempo.

Se ás classes menos abastadas vendiam as joias falsas, as de imitação pelos processos vidreiros, forneciam aos grandes potentados da sua epocha, reis ou chefes, argentarios ou grandes dos povoados, as gemmas, as pedras preciosas, lapidadas, gravadas ou trabalhadas artisticamente.

As joias constituiam com a purpura o grande e ostentoso luxo d'aquellas éras. Todos sabem, quanto hoje importa á economia da rica Hollanda a lapidação e o commercio dos diamantes, ainda actualmente em mãos de descendentes dos semitas, que fôram expulsos de Portugal.

E é de notar que o mercado hollandez, embóra seja o principal, não é o unico e exclusivo fornecedor joalheiro de toda a Europa.

Imagine-se agora, com o augmento d'uma progressão, quanto lucro tirariam os phenicios do seu commercio de joalharia, sendo os principaes, e quasi unicos fornecedores da Asia Occidental, da Africa Septentrional, e da Europa, desde o levante mediterraneo até ao extremo noroéste dos albiões!

Sardónicas, topazios, chrysólithos, onyx, beryllos, escarbunculos, jaspes, esmeraldas, saphiras, topazios, cornalinas: eis as principaes das pedrarias usadas no mundo preromano.

Com ellas se faziam os escarabéos ou sinetes, que com

Digitized by Google

distinctivos diversos serviam de sêllo ou de assignatura para os actos publicos e commerciaes, que o chefe do estado e o magistrado guardavam nos seus cofres, e os mercadores nos seus escrinios.

As pedras preciosas ornamentavam as taças de ouro e

Arte phenicia — Estylo egypcio

Taça de prata, descoberta na necropole de Préneste

de prata; e com ellas se faziam incrustações nas baixellas, nos diademas, nas columnatas, e nos objectos rituaes dos templos (1). O electro, succino, ou ambar amarello, era de alto preço, não só pelo longinquo transporte mas tam-

(1) Veja-se Diodoro, III, 47; Cicero, In Verr. II, 4, 27; Joseph. Antiquit. VIII, 7, 2.

Digitized by Google

bem pelas propriedades medicinaes que se lhe attribuiam; e intervallava com o ouro na fabricação dos braceletes mais preciosos (1).

Fabricavam-se moveis de marfim e de cedro com incrustações de ouro, ou de madeiras aromaticas, com incrustações de marfim.

Laminava-se o ouro, para cobrir as paredes dos templos e dos palacios, as columnas e as estatuas dos deuses, os escudos sagrados e os dos commandantes dos exercitos (2).

Havia ricos mercadores de Sidon e de Tyro que tinham guarnecido o pavimento das suas casas, com laminas de ouro.

Os principaes instrumentos de musica eram feitos de marfim ou de prata, como a flauta e as trombetas, e até de ouro, como algumas lyras e pequenas harpas.

É preciso não olvidar, que os phenicios se serviram dos marmores para as construcções de casas e de necroterios, para a feitura de stélas votivas, estatuas e estatuetas, bonecas e « figurinas » de idolos; e que fôram elles os primeiros que usaram o empedramento, nas ruas e largos das suas cidades.

---

(1) Pausan. IX, 41, 2; Odyss. XV, 459.
(2) Veja-se Plinio, XXXV, 4; Liv. XXV, 39; Creq. XXVII, 11, 13,

Digitized by Google

VI

Navegação, Commercio e Colonias

Os phenicios sustentaram uma activa navegação no Mar Arabico, no Persico e no Indico.

Os seus navios trafegaram desde o Malabar até á extremidade septentrional do Elanitico ou Mar Vermelho; e assim alimentaram com os productos orientaes os mercados da Syria, do Egypto e da Grecia.

Ligados aos israelitas fizeram, nos tempos de Salomão, a viagem ao celebrado Ophir.

« O rei Salomão equipou uma fróta em Asiougaber,
« que é proxima de Eloht, no littoral do mar Vermelho,
« no paiz da Iduméa; e Hiram enviou com esta fróta
« alguns dos seus marinheiros que conheciam muito
« bem a navegação, os quaes se juntaram á gente de
« Salomão. E, tendo ido até ao Ophir, tomaram lá qua-

Digitized by Google

« trocentos e vinte talentos de ouro que trouxeram ao rei
« Salomão. (I. Reis, 9, 26 e 27).

« E a fróta de Hiram, que trazia o ouro de Ophir,
« transportou tambem uma quantidade de madeiras
« muito raras, e pedras preciosas. (Ibid. 10 e 11). »

A biblica rainha de Saba desembarcou, em Asiougaber ou Eziougeber, testa da navegação phenicia para o Mar da Africa e das Indias, « com os seus camelos carregados de aromas e d'uma quantidade immensa de ouro e de pedras preciosas ». (I. Reis 10, 2).

Esta expedição phenicio-judaica para o paiz do ouro, Ophir, é a mais antiga que se conhece por documento historico, e realisou-se no principio do seculo X, (antes J.-C.).

Onde era este decantado Ophir?

Livros in-folio, brochuras, artigos de jornaes scientificos, opiniões dos auctores antigos e dos descobridores modernos, dissertações e monographias sobre a situação geographica do Ophir, fornecem, por si só, uma importante collecção ophiriana, e compõem uma volumosa bibliotheca.

Christovão Colombo dizia, que Ophir era uma das suas ilhas do golfo das Antilhas, a Hespanhola. Calmet (1) colloca-o na Armenia; Hardt (2), na Phrygia; Arias

(1) Dissert. sur le pays d'Ophir, por Calmet, La Haye, 1730.
(2) Dissert. de regiane Ophir, por Hardt, Helmstadt, 1746.

Digitized by Google

Montanu, no Perú; Oldermann (1), na Iberia; Seetzen, Tychsen e Niebuhr, na Arabia Meridional; Huet e d'Anville (2), n'uma região do Indico; e finalmente, Bruce desenvolvendo este ultimo alvitre, assenta Ophir, na nossa Africa Oriental, ficando indeciso sobre a situação exacta, que alguns querem dizer em Sofala.

Se os Setenta da versão grega do Philadelpho Ptolomeu deram impunemente Sophir, Souphir, *Sophara* e Sophira por Ophir, nós poderemos, apesar de Champollion (3), dizer, que Sophir é o nome copta da India, inclinarmo-nos para a nossa Sofala, como uma corrupção do hebraico Sophara, dando-lhe a successão do celeberrimo Ophir.

Para confirmar a posição africana, opinam alguns que podendo, em hebraico, dizer-se, indifferentemente, Ophir ou Aphir, a palavra convertendo-se, por metathese, em Aphri seria a propria raiz do nome continental da Africa (4). Parece-nos metathese demasiada, e afigura-se-nos, de apoucado criterio, esta subtilissima interpretação toponymica (5).

---

(1) De Regione Ophir, por Oldermann, Helm. 1716.

(2) Comment. sur les navigations de Salomon, por Huet; Mém. Acad. Inscript. t. XXX, pag. 83, mém. de d'Anville.

(3) Veja-se « L'Egypte sous les Pharaons », t. I, pag. 65, por Champollion.

(4) « Ophir », por Hœffer, Paris. 1852.

(5) A Africa foi chamada pelos antigos: Olympia, Oceania, Eskhatia, Koriphe, Hesperia, Ortygia, Ethiopia, Ammonida, Ophiusa, Cyrénea, Kephenia, Aéria, e Libya. O vocabulo « Africa » é derivado do phenicio, e só se appellidou, por tal nome, o grande continente banhado pelo Mediterraneo, pelo Vermelho, pelo Indico e pelo Atlantico, depois da fundação da colonia tyriana de Carthago, a qual constituiu um *estabelecimento* ou *feitoria separada*, i. é.,

Digitized by Google

Mas que fôsse na India ou na Africa Oriental o certo é que para lá chegarem, importava aos phenicios o fazerem e conhecerem a navegação do Mar das Indias.

Teriam ido, mais além de Sofala, os ousados nautas kanaanéos?

Muitos affirmam, que os phenicios circumnavegaram a Africa, do oriente para occidente.

Se tal realisaram, não é para admirar porque a diuturnidade das suas viagens no Indico, e os conhecimentos, que, pouco a pouco, e de seculo para seculo, se accresciam sobre a viagem costeira pelo littoral da Africa Oriental, podiam dar-lhes ousio para emprehenderem propositadamente e depois levarem a cabo, voluntaria ou involuntariamente, a demorada expedição em volta do continente africano.

Admittindo tal hypothese, em nada se deslustram, nem se empanam os grandes feitos dos nossos immortaes Bartholomeu Dias e Vasco da Gama, dobrando o tormentoso promontorio, e patenteando á Europa a estrada maritima das Indias.

Se os phenicios realisaram tal proezà, jamais a repetiram; porque, assombrados das difficuldades, e atemorisados pelo longo espaço de tempo, que lhes fôra preciso para tal levarem a cabo, não lhes ficou animo para frequentarem o caminho. E nem elles nem a civilisação do

---

em punico, *Afriqha*. Os arabes estenderam genericamente a todo o continente o nome especifico da feitoria *separada*, a carthagineza, chamando-lhe *Afriqyah*.

Digitized by Google

seu tempo se utilisaram com a descoberta, ou aproveitaram mais que uma simples affirmação geographica, traduzida, posteriormente, pela penna de Herodoto.

Dos pródomos da nossa epopeia maritima, e dos roteiros das nossas viagens costeiras africanas, provieram, para a civilisação moderna, os resultados praticos da approximação dos continentes longinquos, e a utilisação, para a vida mercantil universal, d'esse grande estuario, que se chama o Atlantico, sem contarmos com a patenteação da mysteriosa e ignorada Africa Austral.

Em logar apropriado, quando, na sequencia dos nossos estudos, chegarmos á chronica das nossas navegações, na parte da Historia de Portugal relativa aos seculos XV e XVI, refutaremos as falsas affirmações de considerados escriptores modernos, que tendo cabedal de erudição em assumptos da propria casa, mostram absoluta inopia dos factos mais importantes do grande cyclo maritimo, que formou a genese da civilisação em que vivem.

E então produziremos argumentos, que nos parecem desconhecidos, e que podémos colher, nas nossas peregrinações pelos códices, mappas, cartularios e manuscriptos das preciosas bibliothecas da Europa Central.

Para não faltarmos, porém, á imparcialidade, que se nos impõe, e expostas as considerações relativas ao feito dos nautas phenicios, extractemos aqui a passagem de Herodoto onde se faz allusão á viagem em torno da Africa (1).

« A Africa é manifestamente cercada de agua, á excep-

(1) Veja-se Herod., IV, 42.

Digitized by Google

« ção do isthmo que a une á Asia. Néchao, rei do Egypto,
« foi, segundo os nossos conhecimentos, o primeiro que
« deu a demonstração d'este facto. Depois de ter desis-
« tido do acabamento do canal de communicação entre o
« Nilo e o Golfo Arabico, expediu navios, *tripulados por*
« *Phenicios,* sob ordens de voltarem pelo mar, que
« banha a costa septentrional da Africa, e assim regres-
« sarem ao Egypto.

« Partidos do Mar Vermelho, os Phenicios navegaram
« no Mar Meridional (Oceano Indico).

« Quando a falta de mantimentos se fazia sentir, fôsse
« qual fôsse o logar da costa, abordavam, semeavam a
« terra, e esperavam pela seara. Realisada a colheita do
« trigo, continuavam a navegação.

« *Depois de assim terem viajado durante dez annos,*
« chegaram ao Egypto, n'um terceiro anno.

« Contaram-me um facto que eu não creio, e que pode-
« ria ser crivel para outro qualquer, e é que os navega-
« dores volteando a Africa tinham o sol á direita. »

Aqui, por agora, só accrescentamos que Strabão, concordando em que a Africa era desligada da Asia (1), na sua parte austral, e affirmando, que se conhecia quasi todo o littoral africano de léste e oéste, faltando, no dizer do geographo grego, uma pequena parte extrema por explorar, não acreditava na circumnavegação dos pheni-

(1) Hipparco e Marinho de Tyro diziam, que a Africa se prendia á parte sud-éste da Asia, sendo o Indico um mar mediterraneo.

Digitized by Google

cios e chamava a este periplo « uma fabula grosseira » (1).

O commercio dos phenicios com os arabes era muito intenso. Segundo o texto biblico, os de Sabá e Regma vinham vender-lhes os perfumes, as pedras preciosas e o ouro (1), que eram mercadorias em transito, pois que os arabes iam procural-as á India e á Africa Oriental.

A navegação mediterranea que começou apenas de ilha em ilha, e d'estas para o continente proximo, desenvolveu-se com o conhecimento das derrotas maritimas, com a sciencia dos roteiros e dos ventos, com o augmento da tonelagem dos navios e com os aperfeiçoamentos da construcção naval.

Ás jangadas-barcos haviam succedido os barcos de véla segundo o modêlo egypcio, com coberta na pôpa; e depois os barcos de fundo chato e d'uma só ordem de remadores fôram substituidos pelas galéras de fundo arqueado, com quilha.

Fôram assim as ilhas fronteiras, a de Chypre, as do Egeu, Sporades e Cyclades, as primeiras, que fizeram as suas permutas com os kanaanéos. D'estas arriscaram-se á Attica e ao Peloponneso, e communicaram, por mar, com os pelasgos-hellenos, que estavam na chrysallida da sua civilisação.

Quando a Grecia começou a sua expansão hellenica e iniciou as suas invasões guerreiras, tomando a si a hegemonia do Egeu e do Jonio, conquistando pedaços de

(1) Veja-se Strab, lib. II, pag^s. 98 e 100.

Digitized by Google

Asia Menor, e apoderando-se de Troia, o commercio e a navegação transportadora da Phenicia padeceram uma grande diminuição nos mercados gregos, porque estes tinham aprendido a fornecerem-se directamente na Asia Menor e no Egypto, fazendo até grande concorrencia nas cidades levantinas.

Os gregos da éra de Homero haviam imitado as galéras sidonias, e arriscavam-se aos mares seguindo na esteira dos phenicios; já não eram sómente os periplos, para o oriente, figurados na expedição pelasgo-hellenica dos mythicos argonautas, pois realisavam-se as viagens maritimas ao Mediterraneo Occidental, que fôram immortalisadas pelo grande aédo na sua celebrada Odysseia.

Nos tempos homericos, os phenicios accumulavam, nos portos da Grecia, as funcções mercantes com as virtudes de piratas.

Note-se, que são os gregos que o affirmam, devendo descontar-se muito, á conta da inveja suscitada pela poderosa thalassocracia phenicia.

Herodoto (1) conta, que os phenicios d'essa epocha raptaram, em Argos, muitas formosas donzellas, filhas das mais importantes familias, sendo uma a bella Io, filha do rei Inachus, as quaes fôram surprehendidas perfidamente quando examinavam, ás pôpas das galéras, os braceletes e tecidos de ornamentação feminina, os bonecos e pequenos idolos, que constituiam os artigos mundanos de Tyro, a rainha das modas coévas.

(1) Herodoto, I, 1.

Digitized by Google

E que as raptadas fôram vendidas nos leilões da escravatura branca, no Egypto.

Parece que a belleza plastica das mulheres da Hellade aguçava o sensualismo turano-semita, porque, ou voluntaria ou forçadamente os phenicios importavam grande quantidade de gregas, que na maxima parte eram destinadas aos templos de Astarté e de Adonis, onde se appellidavam, segundo Pindaro diz, no seu *scholion* dirigido a Théoxénos de Corintho, as servas da persuasão.

Apesar de todos estes aggravos, e de todas estas emulações maritimas e commerciaes, os phenicios continuaram a fornecer aos gregos as mercadorias ricas, que estes não podiam obter das suas colonias nascentes, taes como: os perfumes e o incenso da Arabia, objectos indispensaveis para os templos; as purpuras; as estatuetas; as joias trabalhadas; as peças d'ourivesaria; e os vidros communs e artisticos.

E não era só commercio passageiro, á chegada dos navios phenicios aos portos das ilhas, da peninsula e do continente, pois por toda a parte estavam disseminadas as casas commerciaes dos kanaanéos, de Byzancio e Cios até Samos, Mélos, Théra, Délos, e de Rhodes a Corintho, Attica e Thebas (1).

As provas d'esta supremacia maritima e d'esta influencia commercial do turano-semita sobre o pelasgo-helleno, n'aquelles tempos, existem na propria lingua grega, onde

(1) Veja-se Athen., II; Aristoph., « Aves » 505; « Vita Thales, e Vita Zenou », por Diog. Laert.; e Corpus Inscrip. Grœc., t. II, pag. 213.

Digitized by Google

os vocabulos dos pesos, medidas, e de muitas mercadorias são de origem phenicia (1).

Do Jonio passaram ao Thyrreno, tendo feito escala, e fundado feitorias, nas ilhas de Melita e Gaulos, nas costas da Trinacria, de Sardos e Kyrnos, (Malta, Gozzo, Sicilia, Sardenha e Corsega).

Entenderam-se com os turanianos etruscos, senhores do mar, ao qual deram o nome, convertido depois em Thyrreno. Travaram com os civilisados habitadores da Etruria relações commerciaes, que pareciam envoltas n'uma alliança e defensiva, porque os piratas etruscos, que limpavam o mar italico de navios alheios á sua

---

(1) Grego :	Hebreu ou Phenicio:
Μνᾶ (*mina, pêso de 100 drachmas*)	מנה (*maneh* ou *mnah*),
Κεράτιον (*especie de medida*),	גדה (*gherah*),
Κάβος (*id.*),	קב (*kab*),
Κόρος (*id.*),	כר (*kor*),
Δραχμή (id.),	דרכמון (*drachmon*),
Μύρον (*myrrha*),	מר (*môr*),
Κιννάμον (*canella*),	קנמון (*kinmôn*),
Κάννα (*junco aromatico, canna*),	קנה (*kaneh*),
Λιβανωτό (*incenso*),	לבנה (*lebonah*),
Χαλβάνη (*galbanum*),	חלבנה (*khalbonah*),
Βάλσαμον (*balsamo*),	בשם (*besham*),
Νίτρον (*nitro*),	נתר (*neter*),
Σάπφειρος (*saphira*),	שפור (*saphir*),
Βύσσος (*tecido fino, bysso*),	בוץ (*boutz*),
Συκάμινος (*sycomoro*),	שקמים (*shikmin*),
Ὕσσωπος (*hyssope*),	אזוב (*ésob*),
Σάκκος (*sacco*),	שס (*sak*),

Digitized by Google

nacionalidade, não perseguiam os phenicios; e estes que apresavam ou mettiam a pique as galéras extranhas poupavam as etruscas. O limitado atavismo ethno-turanico dos kanaanéos concorreria, d'alguma maneira, para esta amizade estreita com os turano-etruscos?

Nas antigas sepulturas da Etruria encontraram-se muitos dos objectos do commercio phenicio, principalmente nos necroterios de Alisium, Zambra, Caéra, Pyrgoi. Vasos da ceramica assyrio-babylonica, com figuras aladas, com gryphos e com luctas leoninas, manifestando o estendal do symbolismo chaldeu.

Estatuetas de Phtha, caixas de alabastro, contendo inscripções hieroglyphicas, vasos esmaltados e ornados com a flôr de lotus, e com escarabéos, attestando a origem egypcia. Ovos de abestruz, contendo desenhos cabalisticos, flautas de marfim, *tibiæ Sarranæ,* pois n'esse tempo a ultima metropole phenicia ainda era conhecida pelo seu nome de Sôr, Sar ou Sour, e não pelo grecisado vocabulo Tyro, indicando a pura proveniencia phenicia.

Chegamos finalmente, n'este longo itinerario da grande migração maritima mediterranea, ao mar da nossa peninsula, ás aguas da Iberia, a « Chersonesus aurea » da Europa.

Nas sentinellas mediterraneas da Hespanha, as Gimnesias (Baleares), estabeleceram-se os phenicios, deixando desde a maior ilha (Maiorca) até ás mais pequenas (Pithyusas) os traços do seu habitat. Os nomes Ebusa (Iviça),

Digitized by Google

Pithyusa (de *pitys*, pinheiro maritimo, em phenicio) e outros hoje deturpados e desnaturados certificam a estadia phenicia, durante seculos.

Os phenicios, como todos os thalassocratas antigos e modernos, (attente-se na Inglaterra), estimaram a posse das ilhas, de preferencia aos trechos de terreno continental. A ilha é como um grande baixel ancorado no oceano; batida pelas vagas, castigada pelo temporal, dá-nos a impressão fallaz de estarmos a bórdo d'um enorme navio, ess'outra ilha fluctuante, formada pelo artificio humano.

Diodoro assegura, que entre a população de barbaros de differentes raças que habitavam a Pithyusa, no seu tempo, a maioria era de phenicios ou descendentes d'estes (1). O mesmo não aconteceu nas colonias do littoral iberico, onde os poucos phenicios fôram sobrepujados pela grande multidão iberica.

Era mais facil povoar um ilhéo ou uma ilha, que assoberbar demographicamente um populoso continente.

Das Baleares passaram á Iberia, e costeando, e mercadejando, chegaram, alfim, á parte mais rica, mais civilisada e mais commercial, n'aquellas éras preromanas, a Tartessia ou Turdetania (2).

Das Pithyusas ao fronteiro promontorio Dianium, passando pelo golfo Illicitan, até ao promontorio Scombraria, e d'este ao Caridema e ao Calpe, fôram deixando estabe-

(1) Diodoro, tom. II, pag. 65, trad. Hœffer.
(2) Veja-se « Iberos e Bascos » (do auctor), pag. 97.

Digitized by Google

lecimentos commerciaes, fundando feitorias, attrahindo os indigenas, obtendo informações sobre as « origens do mar », cobrando animo para se aventurarem além das columnas de Hercules (Calpe e Abyla), onde o mytho collocára a lendaria divisa impedindo a passagem para o Atlantico.

Persuadidos pelos iberos de que povos irmãos d'estes habitavam no littoral do Oceano, avançaram e lograram aportar á fóz do Tarsis (depois Bœtis, e hoje, Guadalquivir), onde existia a cidade Tartessus no paiz dos tartessos ou região da Turdetania, na qual fundaram Gadés ou Gadir, a povoação que havia de ser a cabeça de todas as suas colonias e feitorias ibericas. Com isto coincidia o estabelecimento de Utica e das outras colonias da Libya Occidental e Central, completando a expansão phenicia o seu movimento de circumvolução mediterranea, e chegando ao seu auge a prosperidade de Tyro.

Iniciou-se então o grande tráfego do Atlantico, que os phenicios começaram a devassar, por indicações e conselhos dos iberos da Tartessia, que assás conheciam a róta até ao mar do Norte, em cujas ilhas habitavam os seus irmãos da raça turanica, como já provámos no nosso anterior trabalho ethno-historico (1).

O poema de Festus Avienus, que não é mais que uma synthese das tradições maritimas bordadas sobre os periplos phenicios e libyo-phenicios, faz avultar a precedencia dos tartessos sobre as derrotas oceanico-septentrionaes dos turano-semitas e dos carthaginezes de

(1) Veja-se « Iberos e Bascos », pag^s. 179 e 287.

Digitized by Google

Himilcon (1), dizendo « a *ilha dos Albiões encontra-se ao lado. As expedições de commercio dos Tartessios iam outr'ora até ás ilhas Œstrymnides* », ilhas ou regiões do estanho, situadas no sudoéste da Grã-Bretanha.

Isto tambem comprova as nossas primeiras asserções, sobre a prioridade das thalassocracias turanicas, em geral, e da tartesso-iberica, em especial.

Apossando-se do commercio da antiga Tartessus, que estava em decadencia, começou para os phenicios a sua verdadeira epocha aurea, porque se lhe abriram as portas da rica Iberia, e encontraram, além dos civilisados turdetanos, outros povos da mesma familia ethnica, em adiantado caminho de civilisação, formando um agrupamento de milhões de habitadores, que estavam promptos a permutarem os ricos productos agricolas e mineraes do seu abençoado e uberrimo sólo, em troca das mercadorias vistosas dos negociantes phenicios.

Os navios de Tyro augmentaram, de volume e de força de remadores, passaram a birémes e trirémes com largo bôjo, de quilha ou de fundo chato, fazendo a travessia da Phenicia á Iberia, e ás vezes d'esta ás Britannicas-Œstrymnides.

Chamavam-se « tartessios » estes baixeis mercantis, para se distinguirem dos de menor tonelagem, que

(1) O nosso mallogrado escriptor Martins Sarmento publicou um estudo sobre o *Ora Maritima*, de Avienus, produzindo o seu melhor trabalho de erudição, do qual discordamos, excepto na maxima parte das affirmações ethnicas. Faremos especificada referencia ás hypotheses do nosso saudoso archeologo, no volume seguinte « Celtas e Celtiberos ».

Digitized by Google

faziam as viagens até á Syrta ou até á Trinacria, como hoje se chamam « transatlanticos » os grandes colossos do mar, que fazem o transporte das mercadorias entre a Europa e a America do Norte.

A Biblia refere-se muitas vezes aos « navios de Tarsis, ou Tartessus ».

« Tarsis traficava comtigo (diz Ezequiel fallando de « Tyro), trazendo-te toda a especie de riquezas, e enchia « os teus mercados de prata, de ferro, de estanho e de « chumbo » (1).

D'aqui póde induzir-se, que não eram sómente os navios phenicios que transportavam as riquezas da Iberia para os mercados da Kanaanéa, mas tambem os dos tartessios, que decerto disporiam ainda de galéras mercantes.

O que mais augmentou a cobiça e a ambição do turano-semita foi a facilidade com que o peninsular trocava grandes quantidades de mineraes e metaes preciosos pelas mercadorias de baixo preço: as joias falsas, os collares de vidrarias, os pannos de côres variegadas e os bonecos e as « figurinas » ou imagens dos multiplices deuses e heroes semi-deuses do pantheon phenicio.

Faz-nos lembrar, mal comparado, o commercio portuguez da Africa Occidental na sua permuta com os naturaes do sertão africano; missanga e contas de vidro, pannos e lenços de côres vivas e em pouca quantidade, em troca de borracha e dentes de marfim.

(1) Ezeq. XXVII, 12.

Digitized by Google

« Os primeiros phenicios, que desembarcaram em « Tartessus, conseguiram, em troca dos seus oleos (per- « fumarias) e outras drogas, tomar tanta prata, que, não « podendo mettêl-a totalmente nos seus navios, até fize- « ram de prata todos os utensilios, incluindo as anco- « ras (1) ».

Diodoro quando diz da industria mineira, na Iberia (2), refere-se ao grande incendio das florestas dos Montes Pyrenéos, que decerto, por ser nativa, e em filões superficiaes, se fundira correndo pelas encostas como correntes de ribeiros.

Podemos facilmente suppôr como os mercadores de Tyro se enriqueceram adquirindo a baixo preço o precioso metal, que o montanhez vasconio lhes vendia, como se fôssem pedras de marmore ou de calcareo, pois tanta importancia ligava á argentea mercadoria, como aos productos das suas pedreiras.

A Iberia não precisava das importações phenicias, quanto aos productos mais necessarios á vida, porque ella possuia : vinhos que excediam os da Palestina e de Chypre; cereaes que egualavam os da Mesopotamia; lãs que rivalisavam com as do Ponto ou da Thracia; gados abundantes e bem apascentados; peixe e sal mais que sufficientes para um largo consumo e para uma intensa exportação; oleos vegetaes, e emfim todos os productos agricolas europeus e africanos, pois que a zona meridional podia egualar-se em flóra com a da Libya.

---

(1) Veja-se « De Mirabilib., c. 147, por Aristoteles.
(2) Veja-se nota B., in-fine.

Digitized by Google

E, sobre todo este elencho de abundancia, salientava-se ainda a riqueza extraordinaria dos seus jazigos mineraes, desde o ouro, prata e estanho até ao cinabrio, ferro, cobre, chumbo, manganez, e outros.

As alluviões auriferas deslocadas e depuradas pelas correntes ou caudaes do seu systema hydrographico, que comporta grandes differenças de nivel, por causa do accidentado relêvo das suas montanhas, serviam de manancial inexgottavel para a colheita das pepitas de ouro. A prata nativa, sem ligação plumbea, aflorava em filões pujantissimos nos dorsos montanhosos das serras septentrionaes e meridionaes da peninsula.

O célebre philosopho Posidonius, visitando a peninsula, depois da epocha phenicia, exclamava « tal paiz não só é rico, mas tambem está assente sobre riquezas », e n'isto se referia aos minerios da Iberia.

Por tudo isto, os phenicios não podiam offerecer mais que a purpura, os vidros d'arte, as taças e ornamentações lavradas de metaes preciosos, para os ricos ; os unguentos e perfumes, ou as drogas, no dizer de Aristoteles, os tecidos de lã e de bysso, para os remediados ; os pannos ordinarios do algodão arabe, os enfeites e pedrarias de imitação, a longa série de idolos e estatuetas em barro, madeira e massa vidrosa, para os menos afortunados.

Podemos fazer uma ideia dos enormes lucros que este « Eldorado » primévo proporcionou aos turano-semitas. E devemos afoitamente affirmar, que o ouro e os metaes da Iberia fizeram progredir, a passos agigantados, as colossaes riquezas dos taes mercadores tyrianos, que forravam as paredes das suas casas com laminas de ouro, e usavam de mobiliario de prata marchetado de ouro e de

Digitized by Google

pedras preciosas, porquanto, apesar do apoucado relativo da sua architectura, a casa phenicia continha interiormente todo o conforto e um simile do luxo e das riquezas, que o posterior contista semita das « Mil e uma noites » descreveu para nosso deslumbramento.

Junte-se a este quadro da esphera commercial dos phenicios, no Mediterraneo Septentrional e no Atlantico Occidental, as importantes feitorias da Africa Meridional, que estanciavam desde a Syrta até para além da columna Abyla.

Que numerosas frótas mercantes fôram necessarias para este tráfego mondial, de colonia para colonia, de paizes do Oriente para o Extremo-Occidente, de Albião até ao littoral da India!

Os dois portos de Tyro, o *interior* e o *egypcio,* regorgitavam de navios, que aguardavam a sua vez para o embarque ou descarga das mercadorias ; e o mesmo acontecia nos outros portos, já dos paizes extranhos, já das centenas de feitorias, semeadas nas diversas costas maritimas, aonde os turano-semitas chegavam com o seu afanoso e activissimo mercadejar.

Digitized by Google

Pelo que levamos dito, facilmente se marcam as colonias, feitorias e estabelecimentos mercantes que fôram fundados pelos phenicios.

Em Chypre havia : Golgos, colonia giblita ; Catium, sidonia ; Paphos, sidonia ; Amathus, sidonia.

Em Rhodes, em Karpathos, haviam sido fundadas colonias sidonias, e depois feitorias tyrianas.

Na Créta : a colonia de Leben, sidonia ; Itanos, sidonia ; Karat, sidonia ; Lappa, sidonia ; e, na ilha da Astarté, transformada na hellenica Aphrodite, a celebrada Cythera ou Kythera, havia sido fundação colonial dos de Sidon.

Passando á peninsula hellenica, ao Peloponneso, encontramos a colonia sidonia de Cythion ; e, além do isthmo, na Attica, a Thebas teve uma colonia ou grande feitoria sidonia.

No Egeu, nas dezenas de ilhas, de ilhéos e ilhotas, que o povoam, encontravam-se, por toda a parte, os colonos de Arad, de Gebel, de Sidon e de Tyro ; mas as mais importantes colonias eram : a de Paros, sidonia, e a de Melos, giblita.

Na Lycia, continente asiatico, fronteira a Chypre, existia Side, colonia de Sidon.

No Propontida (Marmara), a Pronestos, sidonia ; e no Euxino, a Sinope e a Phase, sidonias.

Voltando ao Egeu Septentrional deparava-se, no littoral da Thracia, a Thasos, sidonio-tyriana ; e, junto de

Digitized by Google

Hellesponto, as ilhas de Lemnos e Imbros, sidonio-tyrianas.

Depois, seguindo para o Jonio, a Corcyra, tyriana. Entrando na Italia Adriatica, a Malaca, sidonia, assente no littoral calabrez.

No mar Infero, (Thyrreno Meridional), na Brutia, a extremidade da peninsula italióta, a Medama, e a Temesa, colonias dos sidonios.

Na ilha Trinacria, a Ras Melkarth, tyriana; a Kepher, tyriana; a Motye, tyriana.

Começa a reconhecer-se a predominação de Tyro tomando a Sidon a hegemonia phenicia, e conglobando a thalassocracia kanaanéa.

Ainda na insula dos siculos, ao norte, a Makhanat, dos colonos de Tyro.

Entre a Sicilia e a Libya, a Cossyra tyriana; a Melita e Gaulos, tyrianas, e todas tres insulares.

Os sidonios tinham deixado como sentinella avançada da Grande Syrtha, a sua colonia Leptis Magna.

Avançando para o mar da Pequena Syrtha descobria-se a Thapsus, tyriana; a Hadruméta, tyriana; a Carthago, tyriana; a Utica e a Hippo-Zaritos, ou Hippo-Diarhytos, tyrianas.

São grandes os vestigios do potentissimo genio commercial dos phenicios, na Africa Mediterranea.

Digitized by Google

Bastariam Carthago e Utica para assás o demonstrarem.

Mas ha mais; a oéste da Syrtha, até á Numidia, havia povoações olvidadas pelos antigos geographos, e que nos são patenteadas pelos escriptores gregos e romanos: Ruscinona (Tit. Livio XXX, 10); Rusuca (Acta Conc. t. I, pag. 1086); Caput-vada (Procop. De Ædif. VI, 8); Ruspina (Plin. V, 3); Ruspe (Vit. S. Fulgentii, c. 17); Kephalé (Strab. XVII, 3); Caput Cillani (Itin. Anton., pag. 31).

E no littoral numida (1): Rusticia (Act. Conc., t. II, pag. 871); e Rusicada (Plin. V, 2).

Na Mauritania: Rusikibar (Ptol. IV, 2); Rusconia (Plin. V, 1); Rusibis (Ptol. IV, 1); Rusukuro (Plin. V, 2); Rusagis (Itin. Ant., pag. 17); Rusubeser (Ptol. IV, 2). Na costa mauritano-atlantica: Rusadir, ou o *Cabo Atlas* (Plin. V, 1; Ptol. IV, 1); Risardir (Plin. V, 1); e Bysadium (Ptol. IV, 6); Ausa, cidade forte, no interior, edificada por Ithibal, (Josep. Antiq. VIII, 13).

E o geographo Strabão (lib. XVII, 3), citando Eratosthene, diz, que os tyrianos tinham construido *trezentas cidades* no littoral atlantico da Mauritania.

Decerto fôram estas as cidades, que, mais tarde, o carthaginez Hannon reedificóu e repovoou, embóra do seu

(1) *Rus*, significava *cabo*. Na maioria dos nomes d'estas colonias tyrianas havia o prefixo *rus*, demonstrando assim que o povoado assentava junto d'um dos muitos cabos que avultam, em variadissimos recortes, as costas algero-marroquinas.

Digitized by Google

periplo (1), que é sem dúvida um dos fastos gloriosos das navegações libyo-phenicias, se possa induzir que elle as tinha construido e fundado.

Note-se que as taes *cidades antigas*, com excepção das grandes metropoles, Tyro, Ninive, Babylonia, Memphis, Carthago, Roma, Syracusa, Athenas, Susa, e outras, não passavam de pequenos povoados.

Tingis, a avoenga da moderna Tanger, foi de fundação phenicia, bem como a Ceuta, um dos padrões das nossas gloriosas expedições maritimas, a Zelis dos tyrianos (Strab. III, 1 e Pomp. Méla, II, 9), e outrosim a Lix ou Lekhes, da qual restam medalhas confirmativas da sua origem tyriana (Judas, Lang. Phenic. tab. 2, n. 16-20).

Affirma-se, que os phenicios tinham estabelecimentos, para o interior, escalados n'uma linha de trinta dias de jornada, até aos confins do Sahará (Strab. XVII, 3).

Muitos não duvidam acreditar, que, por acaso, involuntariamente, os phenicios chegaram até ás Canarias, onde tiveram relações commerciaes com os antigos indigenas.

A seriedade do auctorisado Diodoro (2), confirmando a exploração das Fortunadas ou Fortunosas pelos phenicios, será sufficiente prova da descoberta tyriana?

Retrogradando ao Mediterraneo, e aportando á pelasgica ilha dos sardos, tinhamos a Nora, tyriana; a Caralis, tyriana; e a Tharros, tyriana.

---

(1) Veja-se Nota C, in-fine.
(2) Veja-se Nota D, in-fine.

Digitized by Google

Na ilha de Cyranos ou Kyrnos (Corsega) possuiram estabelecimentos pouco importantes, que no seculo VI, (antes J.-C.), já tinham abandonado os tyrianos, pela pouca riqueza da ilha e pela aspereza intratavel dos insulares. N'esta mesma ilha, nem os libyo-phenicios nem os romanos conseguiram grande proveito, ou fixa dominação, sobre o pelasgismo indomito dos seus habitadores.

Quanto ás Gimnesias (Baleares), já referimos as colonias que os tyrianos fundaram, principalmente na Major, nas Pithyusas e na Ebus, Ibous, ou Ebusa.

Na Iberia Mediterranea, desde Emporias, além do Ebro, que antes de ser hellena foi tyriana, até á Diania, tyriana, fronteira ás Pithyusas, e até aos estabelecimentos do golfo Illicitan; e, depois, até Barea, na fóz do arabisado Almanzora, estabeleceram-se importantes colonias e grandes armazens mercantis.

Costeando em direcção ao estreito, devassavam-se importantes colonias tyrianas de Abdera, Malaca e Carteja, sendo esta ultima a proxima visinha do Calpe, a columna herculeana do Septentrião.

Passado o estreito, havia Bellon, tyriana; Mergabla, tyriana; e descortinavam-se finalmente as aurificadas columnas do templo do Hercules Gaditano, que annunciavam a entrada do porto onde estava situada a rainha das colonias phenicio-ibericas, Gadés ou Gadir, a metropole kanaanéa da nossa peninsula.

Succediam-se os pequenos estabelecimentos da fóz do Ana, como Lepa, e as feitorias da terra dos Cynetes; e dobrando o promontorio sagrado, onde se diz ter havido um templo de Tanit, não se sabe, se phenicio se ibero-

Digitized by Google

phenicio, avistava-se o Barbarium extremo meridional da peninsula de entre Sado e Tejo, a qual foi frequentada pelos phenicios, que ahi tiveram feitorias maritimas, sem deixarem vestigios confirmativos da asserção.

Proximo ao Lunarium dos romanos, nas Berlengas, houve feitorias phenicias.

D'ahi até ao Avarum e até ao Nerium, promontorios que desenhavam a costa atlantica, desde a fóz do Vacua (Vouga) até ao extremo noroéste do paiz dos gallecios, encontravam-se importantes feitorias, e até algumas pequenas colonias, no dizer dos auctores gregos e romanos, mas das quaes não sobreexistiram documentos archeologicos confirmativos do seu assento topographico.

A revolução geologica, que pouco a pouco, latentemente, tem modificado todo o littoral da Iberia Occidental, fazendo avançar o oceano que assim conquistou grande parte do littoral dos tempos preromanos, deve ter sido uma das causas d'esta falta de descobertas archeologicas, que poderiam habilitar-nos ao estudo directo do habitat phenicio, nas nossas costas maritimas, e nas gallaicas.

Na Galliza, porém, entre outras provas da passagem dos phenicios, existe a da sua exploração mineira, nos jazigos mais proximos do mar.

Os geologos, Schulz e Paillette, publicaram no *Bulletin de la Société de Géologie* (1), uma interessante memoria, na qual se prova, que os phenicios extrahiram o estanho das minas avisinhadas ao rio Minho, na provincia de

(1) Bull. Soc. de Geolo. Dez. de 1849.

Digitized by Google

Orense, junto aos limites da de Pontevedra, e nas proximidades da fronteira portugueza, em Verin e Monterey.

Conhece-se a exploração phenicia, pela descoberta dos pesos especiaes, feitos de pedra, que elles usavam para a pesagem do mineral, e, principalmente, pela maneira caracteristica da construcção dos seus fornos.

Fundiam proximo da bocca da mina, e faziam fornos pequenos, dispostos circularmente; encerrados por um *duplo circuito de fóssos*, como formando uma pequena fortaleza assás differente dos *castra* romanos.

Nas Asturias tambem se descortinaram provas irrefragaveis das explorações mineiras dos tyrianos.

« Ces mines d'étain de l'antiquité, (dizem os engenhei-
« ros francezes), dans les Asturies, sont très curieuses.
« L'une, celle de Salabe, probablement chez les anciens
« Artabres, située sur le bord de la mer, à l'est de Riba-
« deo, se présentait sous les rapports les plus favorables
« pour un peuple navigateur et hardi comme la nation
« phénicienne, et l'autre, non loin des rives du fleuve (le
« Nalon, Nœlus), où existait, selon les Tables de Ptolé-
« mée, la fameuse Argentoleas, n'offrait pas des conditions
« moins avantageuses de transport et d'exploitation. »

São tambem notaveis os trabalhos hydraulicos que elles faziam, para levarem a agua ás minas. Nem admira, que os phenicios conhecessem bem os preceitos de hydraulica terrestre, porque estavam na visinhança dos grandes mestres hydraulicos da antiguidade, os egypcios e os assyrio-chaldeus; mas da hydraulica maritima, como já provámos, fôram elles os hollandezes do seu tempo.

Digitized by Google

Na exploração de Ablaneda (Asturias), existem as ruinas de tres aqueductos *(acequias)*, em niveis differentes, admiravelmente traçados, atravessando, em differentes pontos, grandes massas de duro quartzite, e isto n'uma extensão total de cêrca de doze kilometros.

No resto da Europa Occidental e Septentrional, que elles percorreram até ás portas do Baltico, permutando, vendendo, negociando e devassando os mercados dos povos longinquos, houve estabelecimentos de pouca importancia, que não deixaram rastro historico. Prefeririam trocar, em cada viagem, as suas mercadorias, sem fundarem estabelecimentos, que difficilmente poderiam resistir aos impetos guerreiros dos indigenas septentrionaes. Depois, os libyo-phenicios exploraram, mais demoradamente, as regiões estaniferas da Inglaterra, e ahi deixaram alguns traços da sua passagem.

Havia dois regimens nas colonias, segundo estas tinham sido fundadas pelas expedições enviadas pelo governo de Tyro, ou por iniciativa privada, á custa dos ricos mercadores phenicios.

Isto sem fallarmos d'aquellas que provinham das emigrações politicas mallogradas, como a de Carthago. As colonias do Estado, taes as da Iberia, tinham um governo local, constituido á similhança do de Tyro, como referimos, com assembleia geral e com suffétas. Outras, de menor importancia, tinham um enviado de Tyro, como governador delegado do poder central, mas elegiam os seus suffétas, juizes locaes.

Digitized by Google

Deviam todas auxiliar a metropole, quando esta lh'o demandasse; e pagavam annualmente um imposto equivalente ao decimo dos rendimentos (imposto de renda), que devia chegar a Tyro no dia da grande festa do Hercules Melkarth.

Tinham obrigação de repartirem, com os tyrianos, a decima parte dos despojos opimos das suas victorias.

E impendia-lhes a formal prohibição de contractarem mercadorias com os navegadores estrangeiros, devendo prohibir-lhes a entrada dos seus portos. Era o bloqueio mediterraneo-atlantico, que depois os libyo-phenicios continuaram, chegando até ao extremo de metterem ao fundo qualquer navio, que pretendesse seguir-lhes o rumo.

As colonias particulares eram independentes da metropole, mas concorriam com o imposto annual, como offerta á divindade tutelar dos tyrianos; e os seus colonos chamavam-se *am* ou *amat,* isto é, *povo,* como o indicam as inscripções punicas, gosando d'uma constituição politica similhante á de Tyro.

Muitos escriptores modernos, desconhecendo estes diversos regimens politicos, julgaram mal a grande familia turano-semita.

Mas todos concordaram, que foi verdadeiramente assombroso, enorme, e dilatadissimo o movimento commercial e colonial dos phenicios.

Digitized by Google

HESPANHA
GALLIA
ITALIA
MAR ADRIATICO
PONTO EUXINO
Sardenha
Baleares
Tharshish
Gades
Hippo Regius
Utica
Carthago
Hadrumetum
Malta
Leptis Magna
Syrtis Cyrenaica
Creta
Rhodos
Cypro
Sidon
Tyro
Joppe
Carmelo
Mar Morto
Elath
Memphis
Thebas
Carchemis
Euphrates
Thapsacus
Hamath
Aram
Dumas
Berotha
Tais
Arados
Sidon
Tyro
Joppe
Cosa
Calneh
Amathus
Cypro
Rhodos
Karpathos
Kythera
Kythnos
Amorgos
Ios
Lycosemos
Sidon
Arados
Tyro
Tharsis
Thracia
Bosporus
Byzantium
Sinope
Trapezus
Sesamus
Amisus
Cerasus
Danubius
Tanais
Tyro
Sardenha
Gadeira
Malta
Lampedusa
Pantelleria
Ulisipo
Tarragona
Ebusus
Mallorca
Menorca
Gerali
Norax
Thanos
Hippo Regius
Utica
Carthago
Hadrumetum
Malta
Leptis Magna
Syrtis Cyrenaica
Creta
Rhodos
Cypro
Sidon
Tyro
Joppe
Carmelo
Mar Morto
Elath
Memphis
Thebas
Carchemis
Euphrates
Thapsacus
Hamath
Aram
Dumas
Berotha
Tais
Arados
Sidon
Tyro
Joppe
Cosa
Calneh
Amathus
Cypro
Rhodos
Karpathos
Kythera
Kythnos
Amorgos
Ios
Lycosemos
Sidon
Arados
Tyro
Tharsis
Thracia
Bosporus
Byzantium
Sinope
Trapezus
Sesamus
Amisus
Cerasus
Danubius
Tanais
Tyro
Sardenha
Gadeira
Malta
Lampedusa
Pantelleria
Ulisipo
Tarragona
Ebusus
Mallorca
Menorca
Gerali
Norax
Thanos
AFRICA OU LIBYA
MARE MEDITERRANEO
DESERTO da LIBYA
MAR VERMELHO
EGYPTO
Syrtis Cyrenaica
Leptis Magna
Memphis
Thebas
Elath
Mar Morto
Joppe
Cosa
Calneh
Carchemis
Euphrates
Thapsacus
Hamath
Aram
Dumas
Berotha
Tais
Arados
Sidon
Tyro
Cypro
Rhodos
Karpathos
Kythera
Kythnos
Amorgos
Ios
Lycosemos
Sidon
Arados
Tyro
Tharsis
Thracia
Bosporus
Byzantium
Sinope
Trapezus
Sesamus
Amisus
Cerasus
Danubius
Tanais
Tyro
Sardenha
Gadeira
Malta
Lampedusa
Pantelleria
Ulisipo
Tarragona
Ebusus
Mallorca
Menorca
Gerali
Norax
Thanos
Hippo Regius
Utica
Carthago
Hadrumetum
Malta
Leptis Magna
Syrtis Cyrenaica
Creta
Rhodos
Cypro
Sidon
Tyro
Joppe
Carmelo
Mar Morto
Elath
Memphis
Thebas

VII

O Alphabeto não foi invento dos Phenicios

A antiguidade grega e a romana, Platão e Tacito, Plinio e Plutarcho, Diodoro e Varrão, attribuiram aos egypcios a invenção da escriptura alphabetica.

Foi o Egypto, turanico, quem primeiro iniciou o systema ideographico, e quem depois attingiu o fim real da graphica creando o alphabeto.

Seria uma descoberta localisada na região nilina?

Tudo faz suppôr, que o glorioso invento pertenceu aos sacerdotes hieraticos, — padres, philosophos, astronomos e mathematicos —, que formaram a hierarchia religiosa e o corpo docente do turanismo primévo.

As civilisações ancestraes anaryanas, a palé-americana (azteca e inca), a turano-mongolica (aino-sinica), a turano-semita (assyrio-babylonica), e a turano-nilina (egypcia).

Digitized by Google

filiaram-se todas, directa ou indirectamente, na grande raça dos Turyas, os predecessores dos Aryas, pamiro-indianos, e irano-europeus, seguindo-se n'ellas os mesmos iniciaes processos, que fôram os precursores da escriptura phonetica.

Em todas estas civilisações, a ideographia turanica creou os alphabetos figurados, sob a pintura mais ou menos aperfeiçoada dos objectos a representar, das ideias a communicar, dos pensamentos a transmittir; e em todas, com maior ou menor intensidade, se deu a transformação da ideographia no phonetismo, dando, pelo menos a algum dos seus caracteres, valores oraes e phoneticos.

Excepção feita do mongolismo, que estacionou, fixado em lingua monosyllabica, e do paléamericanismo, que desappareceu, sem successão directa na historia, os turano-semitas da Chaldéa, da Mesopotamia, e da Kanaanéa, e os turano-chamitas do Egypto legaram, por successões ethnicas, mais ou menos proximas, juntamente com o inventario das suas civilisações findas, as riquezas das suas linguas, e o grandioso espolio dos seus alphabetos.

Aos grosseiros desenhos das coisas, feitos pelo paleolithico, na pedra, nas cascas das arvores, nos ossos dos animaes; ás pinturas embryonarias dos néolithicos, com tintas e côres, nas suas figuras tôscas, nos seus signaes

Digitized by Google

d'uma ideographia realista, rude e grosseira, succedera-se a symbolica das coisas abstractas, das que não têm fórma material, representada por imagens reaes traduzidas n'um sentido metaphorico.

O turaniano dos metaes, o chamita do paiz nilino, deram a esta symbolica, que foi simultaneamente mystica, no sentido verdadeiro do vocabulo, uma fórma pictorica figurada; assim a *dôr* foi representada por uma lagrima, a *justiça* por uma penna de abestruz, a *realeza* por uma abelha; e, nos chaldeus, a juncção dos dois ideogrammas representativos de *região* e *medo* significava *dominação*, isto é, *um paiz sob o terror*. Assim appareceram os hieroglyphos, e depois os cuneiformes.

Depois, quando as imagens figuradas e as symbolicas, tiveram de passar dos obeliscos, dos muros dos palacios, das columnas dos templos, e dos caixões funerarios dos embalsamados, para o uso quotidiano, para as necessidades sociaes e familiares, os escribas, os entes privilegiados, que possuiam a sciencia da mechanica calligraphica, a fim de poderem produzir mais em menos tempo, simplificaram pouco a pouco a longa theoria dos complicados e pictoricos signaes. Substituiram, na imagem da coisa representavel, o todo pela parte, por exemplo, o boi pelas pontas do mesmo, d'onde proveiu o phonetico *alpha*, ou no hebraico o *aleph*, *alph*, que significa o mugido taurino, e que adhere á symbolica hieroglyphica do boi, pela *demotica* das pontas, porquanto o A, o alpha grego ou o aleph hebraico, tem a fórma das defezas bovinas, como tambem succedia no A do alphabeto turano-nilino ou no do egyptano-phenicio.

É admissivel, que o trabalho da *phonetica* fôsse obra dos escribas *demoticos*, que já tinham, pela sua simpli-

Digitized by Google

Alphabetos : grego, demotico e hieratico

A		
B		
Γ		
Δ		
E		
Z		
Θ		
H		
I		
K		
Λ		
M		
N		
Ξ		
O		
Π		
P		
Σ		
Σ		
T		
Y		
Φ		
X		
Ψ		
Ω		

Digitized by Google

ficação stenographica, avançado a maior parte do caminho, que conduzia ao alphabetismo phonetico, ao alphabeto expressivo dos sons traductores da linguagem fallada.

Os orientalistas, mais auctorisados, dão aos livros sagrados dos indostanicos, especialmente ao Rig-Veda, um assento chronologico de quinze seculos, antes da era christã.

A civilisação aryaca, que produziu a lingua sanskrita, é portanto muito posterior á civilisação turano-chamita da região do Nilo, usualmente chamada egypcia.

Para nós é hypothese acceitosa e bem fundamentavel, que os hieratas turanicos, ou sejam os magos da Chaldéa, que, aliás, são reputados oriundos dos collegios nilinos, ou sejam os astronomos de Memphis e de Thebas, começaram a fixar as suas observações astronomicas, por meio de prégos, ou de pedaços de metal, que lhes indicavam, no zodiaco, as differentes revoluções astraes e os diversos movimentos sideraes.

Os prégos collocados em differentes posições, desde a vertical até á incidencia angular, fôram depois desenhados, copiados, nos papyros, onde iam registrando, compendiando a sua sciencia inductiva, baseada na observação successiva e continuada.

Para contar o numero de annos da vida d'um chefe,

Digitized by Google

serviram-se tambem do systema de fixação de peças de metal, prégos de cobre ou de bronze. Ainda nos primeiros tempos da fundação de Roma, se usava — e quão distante a humanidade já era das civilisações egypcia e chaldaica —, do systema « *figendo clavos* » (1).

Mas além da parte astronomica, que havia a registrar, e da chronologica a assentar, havia tambem a ideia a communicar, a inscripção a perpetuar, os tentamens da historia a alimentar e a desenvolver; e assim os hieratas crearam os hieroglyphos, que, afóra o seu principal fim ideographico, formaram tambem um alphabeto, o *hieratico*, o qual foi um resumo, uma stenographia dos hieroglyphos propriamente ditos.

E do hieroglyphico derivou o *demotico*, como um alphabeto usual, que os egypcios empregavam, por ter um numero mais reduzido de signaes ou caracteres graphicos, na feitura dos seus contractos civis, correspondencias particulares, assumptos familiares, e actos administrativos, como se vê nos papyros das collecções dos museus do Cairo e da Europa, nas stélas e nas inscripções mais vulgares.

Assim se creou o alphabeto *cuneiforme*, assim se produziu o *hieratico*, assim se originou o *demotico*.

Quem examinar uns e outros, quem os confrontar com os alphabetos semitas, principalmente com o phenicio, ao qual se queria dar a paternidade alphabetal, facilmente

(1) Os peruvianos serviram-se, para o mesmo fim, dos « guippos », ou cordões com nos de differentes fórmas e feitios; e os tartaros, de pequenos bocados de pau.

Digitized by Google

Alphabetos : hebraico e phenicio

א		A
ב		B
ג		GH
ד		D
ה		H
ו		OU (W)
ז		Z
ח		KH
ט		T
י		I
כ		K
ל		L
מ		M
נ		N
ס		Ç
ע		Â
פ		P
צ		TS
ק		Q
ר		R
ש		S SCH
ת		TH

Digitized by Google

se convencerá de que os turano-semitas da Kanaanéa, os phenicios, não fizeram mais que apropriar-se dos alphabetos turanicos da Chaldéa e do Nilo, com pequenas transformações graphicas, com algumas adaptações simplificativas.

Foi, portanto, a antiga raça dos Turyas a inventora do alphabeto.

Fôram, porém, os phenicios, que transmittiram a sua adaptação graphica, deduzida das fórmas demoticas e cuneiformes, primeiro aos aryanos hellenos, e depois aos outros povos levantinos, que desconheciam ainda o poderoso invento, o qual havia de revolucionar a intelligencia humana, perpetuando, estabelecendo perduravelmente, os productos da concepção, as obras da especulação, e os effeitos maravilhosos d'essa força magnificente, que se chama a mentalidade do homem.

O ideogramma creára o phonetogramma, á pintura das ideias succedera-se a pintura dos sons.

Quando se inventou o primeiro alphabeto? Quem foi o descobridor da grande invenção?

Nos sarcophagos dos Pharaós, nas Pyramides de Memphis (1), que pertencem ás primeiras dynastias egypcias,

(1) Vej. « Iberos e Bascos », nota C, pag. 271.

Digitized by Google

não se encontrou, interiormente, traço algum de inscripção. E por isso alguns egyptologos suppõem, que a escriptura hieroglyphica ainda não era descoberta, ao tempo da sua construcção. Não nos parece isto razão sufficiente. Quem visitar o tumulo de Napoleão, no templo dos Invalidos, deve admirar-se da falta d'uma grande inscripção, que commemore as façanhas guerreiras, e a vida illustre do grande cabo de guerra. E comtudo esta sobriedade é contemporanea dos epitaphios pomposos d'algum burguez, inutil, do seculo XIX!

Diz-se, que, no seculo XXIII (antes J.-C.), já os monumentos egypcios eram cobertos de inscripções. Será justa esta chronologia? Conhecer-se-ha bem a éra da fundação das pyramides memphinas?

Decerto ninguem se atreve, com bons argumentos, a solidificar tal asserção.

Outros dizem, que, na grande pyramide de Chéops, até havia as contas das despezas feitas com a edificação, o numero dos trabalhadores e artistas, e a especificação detalhada dos alimentos, que lhes fôram fornecidos.

Mas seja como fôr, relativamente á epigraphia ou anepigraphia das pyramides, o que nos importa agora é affirmar, que não se conhece a epocha da importantissima descoberta do alphabeto phonetico, e menos ainda o nome do portentoso inventor, embóra seja admittida, com bom fundamento, a sua origem especialmente egypcia.

Digitized by Google

Digitized by Google

VIII

Influencia da Civilisação Phenicia

A influencia phenicia, na peninsula iberica, foi bastante diminuta, como elemento civilisador.

Bem se póde concluir esta asserção, considerando, por tudo o que temos dito, que os turano-semitas fôram assás exclusivistas, zelando tão ciosos os segredos das suas industrias, que não os deixaram descobrir a extranhos.

Já affirmámos, que os seus processos especiaes, technicos, na fabricação da purpura e do vidro trabalhado, não fôram legados á posteridade.

Até na fundição dos metaes, que aliás era já bem conhecida dos iberos, elles se cercaram de todas as defezas possiveis para occultarem as suas operações metallurgicas, impossibilitando o accesso ás visinhanças dos seus fornos.

Digitized by Google

A sua licção commercial e navegadora não podia ser de grande e novo ensinamento, porque os tartessos, senhores dos segredos maritimos, do Atlantico até ao mar do Norte, e conhecendo a fundo as travessias, do Mediterraneo até á Libya, commerciavam e negociavam com a Africa Septentrional e com toda a Europa, desde o Ebro até ao Rheno, e d'este até ao mar das Cassiterides; e por isso nada tinham que aprender do grande movimento mercantil do seu tempo, possuindo tão abundante peculio de conhecimentos praticos que podiam ser repartidos com os outros povos, como fizeram com os phenicios.

E accrescente-se, que os armadores tyrianos davam ordem ás tripulações dos seus navios, para metterem ao fundo qualquer galéra, que pretendesse seguir-lhes a esteira, intentando descobrir os novos mercados oceanicos. Se os iberos não soubessem os itinerarios, as derrotas atlanticas, nada poderiam aprender com taes mestres, que não se prestavam á licção.

Relativamente ao desenvolvimento intellectual, que elles poderiam fomentar na Iberia, temos a notar, que a esphera da sua acção se limitou ao littoral, e que as regiões da Hespanha Meridional, principalmente na Tartesso-Turdetania, tinham chegado a um alto grau de civilisação, n'uma éra muito anterior á apparição dos phenicios na peninsula, pois que o geographo Strabão faz remontar a seis mil annos, antes da éra christã, a litteratura dos turdetanos (1).

Cabe aqui o perguntar, se os phenicios, que fôram os

(1) Veja-se « Iberos e Bascos », (do auctor) pag. 97.

Digitized by Google

emeritos propagadores do alphabeto turanico, trouxeram para a Iberia o maravilhoso invento.

Não pômos em dúvida, que os navegadores da Phenicia, pelas suas relações com levantinos, e com gregos, espalhassem, entre estes, a descoberta dos signaes da escriptura phonetica.

Mais ou menos mythicamente, a historia dos primeiros tempos da Grecia até se refere a Cadmos, (reputado um dos primeiros suffétas ou reis de Tyro), como introductor do alphabeto nas regiões da Héllada.

Facil é de suppôr, que todas as colonias phenicias do Mediterraneo Oriental communicaram entre si, e, depois, com os povos proximos, a preciosa invenção.

Mas d'ahi até concluir, que fôram os phenicios os introductores do alphabeto nos paizes do Extremo-Occidente, vae uma grande distancia, e não ha base segura para tal affirmação.

Pelo contrario, as informações incontestadas, que os escriptores antigos nos deixaram, sobre a alta antiguidade da civilisação da Iberia Meridional, levam-nos a admittir, conjunctamente com a existencia da sua litteratura escripta, a implicita confirmação de que os turdetanos tinham um alphabeto seu, derivado do demotico nilino, tendo umas semelhanças, e uns tons de affinidade, com a escriptura cuneiforme, como bem se prova na graphica das primitivas inscripções ibericas, especialmente nas da Hespanha Mediterranea.

As estreitas relações commerciaes, que os tartessos mantiveram com os povos fronteiros d'Além-Mediterraneo,

Digitized by Google

mouros, e libyanos; as viagens costeiras, que os navios de Tartessis faziam pelo littoral africano-mediterraneo; as necessidades da permuta mercantil do seu tempo; tudo isto levaria, necessariamente, a pôr em contacto os nataus ibericos com os povos da civilisação egypcia.

Pela remota antiguidade da sua thalassocracia, os iberos e os liguros, nos primeiros tempos do metal, deveriam ter sido os grandes transportadores dos metaes europeus; e, nos mercados egyptanos, os vendedores do precioso « succino », que valia mais que o ouro, e que era importado, por terra e por mar, desde as septentrionaes regiões do Baltico.

Não é de extranhar, que as relações continuadas com os civilisados egypcios, lhes déssem, desde remota antiguidade o conhecimento do alphabeto demotico, e que, apropriando-se d'este, o modificassem a seu talante.

Parece-nos escusado, pelo que deixamos dito, attribuir aos phenicios a divulgação do alphabeto, em terras da Iberia, porque tudo induz a crêr, que n'estas já ha muito se conhecia a grande invenção hieratica dos egyptanos.

Os phenicios serviram de élo mercantil entre os povos peninsulares e os do Levante, trazendo, nas suas galéras, productos das industrias asiaticas e nilinas, para levarem em troca a prata, o cobre, o estanho, os cereaes e as lãs.

Digitized by Google

Mas attendendo ás caracteristicas ethnicas dos mercadores de Tyro, e mais ainda á cupidez do ganho, que sempre tem dominado o commercialismo, é admissivel o que nos contam os mais remotos escriptores, assegurando, que os phenicios pagavam, pelo valor de vinte, o que valia duzentos, e collocavam, com valioso lucro, além dos seus productos artisticos, uma enorme quantidade de bonecos, idolos, contas de vidro, perolas vitreas, imitações de pedras preciosas, a collecção, emfim, de mercancias baratas, a que então se chamava « artigos de Tyro. »

Os iberos, com excepção dos chefes e dos ricos proprietarios, não seriam muito contemplados com os verdadeiros productos da arte tyriana, que d'este modo, nem mesmo poderiam ser conhecidos da grande maioria dos peninsulares.

Julgamos, porém, que a estada dos phenicios, nos littoraes ibericos, produziu um accentuado movimento mercantil; pois que, nas suas feitorias, não só fomentaram a importação e a exportação, mas tambem aproveitando-se da excepcional posição da peninsula, a meio caminho entre a Tyro e a Albion, fizeram dos seus estabelecimentos hispanicos os importantes armazens da grande reexportação.

Attrahidos e levados, pela descoberta de abundantes jazigos mineraes nas terras ibericas, encetaram a exploração mineira, movimentando bastante a economia intima dos povos peninsulares.

Mr. Louis Siret, de cujos eruditos trabalhos já temos feito referencia, não discorda da nossa opinião, sobre o apoucado coefficiente real das modalidades civilisadoras,

Digitized by Google

que os phenicios trouxeram á peninsula iberica; e partilha a ideia, que pregoámos e defendemos, no primeiro volume d'esta « Paleontologia Social », ao affirmarmos, que a familia iberica tinha conservado as suas caracteristicas atavicas, as suas qualidades ethnicas primitivas, com maiores ou menores modificações, atravez as differentes camadas dos povos, que invadiram o seu habitat.

Recentemente (1), dizia-nos o illustre escriptor :

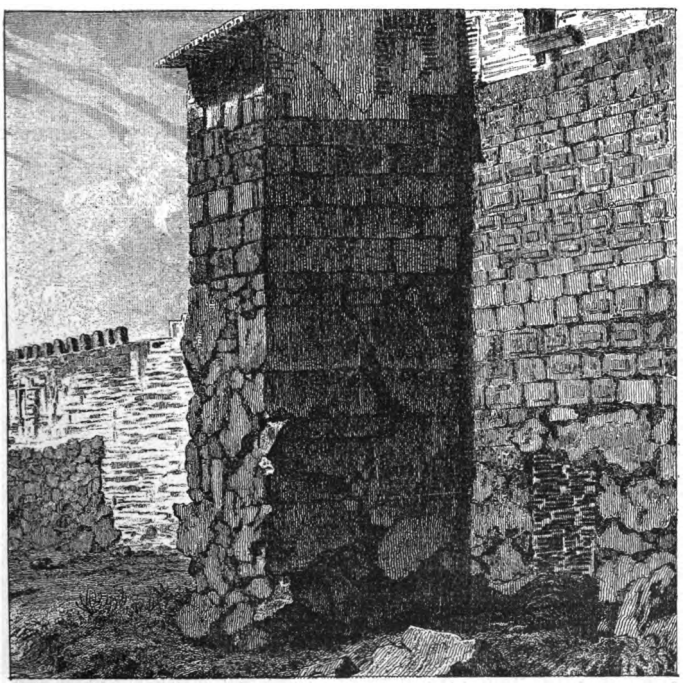
« Je crois, comme vous, que l'influence des phéniciens « s'est réduite à des échanges commerciaux et à déve- « lopper l'esprit minier des indigènes : les relations « commerciales existaient avant eux; toutes ces relations, « et, après, les conquêtes des carthaginois et des romains, « ont certainement eu une influence profonde sur le « développement de la civilisation (industrie, langue, « religion, etc.), mais, malgré de nombreux mélanges, « je ne vois ni dans l'histoire, aucun fait, qui permette « de croire, que l'ancienne race d'Espagne ait été dé- « truite ou refoulée. »

As celeberrimas lettras, que assignalam as cyclopeias pedras das antigas muralhas do Tarragona, fôram attribuidas, até meados do seculo passado, aos phenicios.

(1) Carta de Mr. Louis Siret ao auctor, em 24 de Novembro de 1903.

Digitized by Google

Nem outra coisa era de suppôr, attenta a morbida e inveterada tendencia, que tem havido, e, infelizmente,



Muros de Tarragona (bases phenicias e muralhas romanas)

ainda ha, de se attribuir tudo, o que reveste o cunho do mais vetusto assento, ou aos phenicios ou aos celtas..

Foi, portanto, á conta do phenicismo peninsular, que se levaram as lettras desconhecidas, e dispersas, como se

Digitized by Google

fôssem uma marca ou figura-puncção do lapidario, nos ingentes blócos de pedra, que formam as bases gigantescas dos muros tarraconenses preromanos.

Esses enormes pedregulhos, juxtapostos, sem ligação de cal ou cimento, sem perfeição de esquadria, talhados com pouca arte, revélam a architectura turanica. Uns deram-lhe, com alguma propriedade, o nome de pelasgica, visto que os pelasgos eram turanianos, e outros, sem móres indagações, lançaram tudo ao activo architectonico dos mercadores phenicios, attribuindo-lhes tambem a paternidade de todas essas assombrosas ruinas, que, de Malta e do Gózo, até á Etruria e á Iberia, attestam a monumentologia da nossa priméva raça.

Pelas provas, que nos fornece o typo inconfundivel d'esta estructura prephenicia, se affirma, tambem, a prioridade da occupação turanica, nas regiões da Asia Occidental.

Pelos seus processos especiaes, pelas suas caracteristicas d'uma arte, que se patenteára, a avançar os primeiros tentamens, a estabelecer as primeiras regras, e a revelar o testemunho da poderosa força muscular dos artifices, que a trabalhavam, insculpe-se, até na propria Phenicia, o registo ethnico da raça turaniana, á qual, só muito depois, advieram os elementos semitas. Sirvam de exemplo os restos das ruinas architectonicas de Arad, uma das quatro cidades importantes da confederação phenicia.

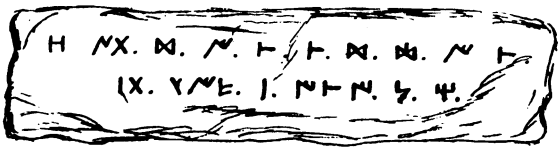
As lettras das pedras de Tarragona, depois dos estudos de Hermes, Phillips, Berlanga e Hübner, fôram caracterisadas e classificadas ibericas.

Digitized by Google

A paginas 147 do seu « *Monumenta Linguæ Ibericæ* », diz Hübner :

« Berlanga quœ vidit signa ita exhibet »

« Signa Tarraconensia omnia litteras esse Ibericas, non figuras temere fictas, certum est. »



Voltaremos ao assumpto da antiga epigraphia da Iberia, com maior desenvolvimento, quando, no volume seguinte, nos occuparmos do celtismo e do celtiberismo (1).

Para nós, antes mesmo de conhecermos a ponderosa opinião de Hübner, filiando as lettras tarraconenses no alphabeto iberico, já era ponto assente, que as primeiras fieiras das vetustas pedras, sobre as quaes os romanos reconstruiram os muros de defeza da sua Tarraco, eram de estructura iberica, applicando-lhes o methodo de comparação com as construcções similares levantadas pelos

(1) A maior parte da epigraphia iberica, conhecida, pertence á epocha chamada celtiberica, isto é, aos tempos que se seguiram á invasão d'algumas tribus de celtas, ou celticos, (seculo VII, antes J.-C.), que se fundiram com os povos ibericos. Mas o cognome de celtiberico, quando nos dá a conhecer um facto historico, ou appellida uma epocha, não importa, que a maior parte da epigraphia d'esse tempo fôsse dos povos celtiberos propriamente ditos.

Digitized by Google

turanianos, como marcos miliarios, no longo itinerario das suas prodigiosas emigrações.

As ruinas dos templos e edificações, ditas pelasgicas, (ou, melhor, turanianas), nos antigos povoados mediterraneos já referidos, fôram infundadamente, portanto, até ha poucos annos, reputadas de origem phenicia.

Desfaça-se por uma vez a falsa lenda, e assente-se com fóros definitivos o turanismo archeologico, principalmente, nas regiões do Mediterraneo e da Europa Occidental (1).

Tambem os vetustos « touros de Guizando » têm sido uma das incognitas da priméva arte peninsular, chegando alguns escriptores do ultimo seculo, sem maiores difficuldades, a quererem attribuil-os tambem aos phenicios (2).

Nem admira, porque o horizonte da investigação era ainda mui limitado, ou demasiadamente acanhado, havendo grande receio de o dilatarem; e assim, por maior commodidade, dava-se uma paternidade « ad libitum » a tudo o

(1) Veja-se « Iberos e Bascos », do auctor, pag^{s}. 41 a 45.

(2) No volume « Celtas e Celtiberos » tratamos, mais largamente, d'estes monumentos da primitiva Iberia, appellidados pela sua tôsca fórma estatuaria « os touros de Guizando ».

Digitized by Google

que se encontrava de mais remota proveniencia, levando a inventiva genesis, repetimos, até aos mercadores de Tyro.

Mas, apesar de não terem sido os tyrianos aquelles, que nos legaram os grandiosos destroços da mais preterita architectura, fôram elles os constructores de importantes edificações, nas cidades do littoral, segundo attestam os escriptores antigos, e principalmente em Gadés ou Gadir, onde o famoso templo de Hercules, e as obras do importante. porto attestaram, por muitos seculos, a pericia dos artistas e architectos de Tyro.

Diz-se, que as duas columnas, erguidas á entrada do porto gaditano, eram encimadas pela colossal estatua da divindade tutelar do commercio e da navegação, o Hercules tyriano.

Affirmavam ellas, symbolicamente, o « *nec plus ultra* » da geographia dos tempos ante-homericos; e resistiram incolumes, até á invasão dos arabes, que as derruiram, para se apoderarem do ouro laminado, valioso revestimento da grandiosa estatua herculeana.

De todas estas construcções nada nos restou, porque as civilisações, que se succederam, inutilisaram o cunho phenicio de taes monumentos, transformando-os, e aproveitando-os, para as edificações do seu tempo.

Rarissimos são os exemplares archeologicos, que se têm encontrado, nas differentes pesquizas e excavações do littoral peninsular.

M. Louis Siret, atravez a longa sêrie dos seus prolongados trabalhos de archeologia iberica, apenas encontrou, ultimamente, uma stéla votiva e o destrôço d'uma estatua

Digitized by Google

representando uma das azas do esphinge turanico, o qual tambem figurou na symbolica turano-semita.

Accrescente-se, como confirmação do que dissemos sobre o motivo do lamentavel desapparecimento e barbara inutilisação da monumentologia tyriana, que o pedaço do esphinge alado, descoberto pelo distincto archeologo, estava fazendo parte integrante da alvenaria d'uma sepultura antiga, entre as ruinas da necropole romana de Villaricos.

Aza do esphinge de « Barea »

« Ces ruines se trouvent près de la mer, à Villaricos, « sur l'embouchure du Rio Almanzora; elles occupent « l'emplacement attribué par certains à Ursi, par d'autres « à « Barea »; ceci me paraît plus admissible, parce « qu'on y a trouvé une dédicace où le nom de cette ville « est renseigné.

« La stèle dont je vous envoie une photographie, pro- « vient de la nécropole, ainsi que le fragment du sphinx « ailé, qui se trouvait employé comme moellon dans la « maçonnerie d'une sepulture (1). »

(1) Carta de M. Louis Siret, ao auctor, em 18 de Dezembro de 1903.

Digitized by Google

O mythismo dos kanaanéos, na peninsula, pouco deve ter passado, além da área principal da sua acção economica, nas costas meridionaes.

Afóra das suas feitorias do littoral, poderiam ter espalhado alguns dos muitos idolos de que elles faziam commercio importante, e, com estes, a historia mythica de muitos deuses-heroes; mas tal diffusão e propaganda não influenciariam profundamente a religião dos iberos, cuja theogonia turanica tinha, aliás, pontos de contacto com a dos turano-semitas.

Isto não destroe, antes corrobora, o que dissemos no primeiro volume da nossa « Paleontologia social da Iberia » (1), e não é de extranhar, que os iberos adorassem o Baal, o Senhor, o Deus do Tempo, que representou para os turyas o Deus Creador (2).

Stéla votiva de « Barea »

(1) Veja-se « Iberos e Bascos », (do auctor), pag^{s}. 145 a 179.
(2) Campbell-Monumental evidence of an Iberian population of the British Islands, Montreal, 1887.

Digitized by Google

Fôram os phenicios, que mudaram o antigo nome de Iberia, a mais remota cognominação peninsular, pelo de Hispania, que as epochas post-phenicias seguiram e adoptaram.

Os hellenos appellidaram sempre de Iberia a peninsula sud-occidental da Europa.

Os romanos já usaram o nome de Ispania ou Hispania, o qual haviam recebido dos seus vencidos punicos, parecendo assim incontestavel, que o cognome teve origem semitica, como muito bem diz H. Lewy (1).

O auctorisado Polybio extractou, na sua erudita obra, os tratados de commercio, celebrados pelos carthaginezes do seculo VI (antes de J.-C.), onde se reservava para Carthago, o monopolio do Mar Occidental da Ispania (2).

Alguns escriptores antigos inventaram differentes etymologias, mais ou menos absurdas, chegando a affirmarem, que o nome de Hispania queria dizer « terra de muitos coelhos ».

A algumas d'estas interpretações etymologicas se refere o nosso historiador Alexandre Herculano, na introducção da sua historia de Portugal (3).

Hoje a opinião mais correntia, e a mais admissivel, fundamenta a origem da palavra nas riquezas mineiras

(1) H. Lewy, Semit. Fremdwört, pag. 146.
(2) Polybio III, 24, 2 e 4.
(3) Historia de Portugal, tom. I, pag. 17, por Alex. Herculano.

Digitized by Google

da peninsula iberica, que deslumbraram os navegadores-mercantes da Phenicia.

Por isso os melhores etymologistas remontam o nome á raiz semitica « *sapan* », d'onde deriva o vocabulo « *sapin* » ou « *sapoun* », que significa o *thesouro;* e, portanto. a Hespanha seria a I-spania, isto é, a « *terra thesouro* » (1).

O erudito Victor Berard, seguindo tambem esta etymologia, diz :

« L'Espagne minière, productrice de toutes les ri-
« chesses minérales, mérite bien ce nom. Les Anciens
« s'accordent à célébrer la richesse de cet Eldorado. Po-
« seidonios vante le nombre et la richesse des mines es-
« pagnoles. Il dit qu'on peut croire vraiment à la légende
« des forêts enflammées, fondant les minerais, et de la
« terre ayant l'or et l'argent (2).

Numerosos vocabulos legaram os phenicios aos dialectos da Hespanha. Sem fallarmos aqui na sua influencia directa sobre o extincto dialecto bastulo, na região meridional da peninsula, podemos afoitamente dizer, que muitas palavras appellativas de especiarias levantinas, perfumes, metaes, medidas e pesos, etc., que se attribuiam a origem latina, e d'esta se ascendiam ao grego (3),

(1) H. Lewy, pag. 146.

(2) Les Pheni. et l'Odyss. tom. I, pag. 285, por Victor Berard, (Paris, 1903).

(3) No volume « Celtas e Celtiberos » enxertamos um capitulo sobre os raros estabelecimentos gregos e sua limitadissima influencia na Iberia.

A civilisação da Grecia reflectiu-se-nos indirectamente, e foi principalmente vehiculada pelos latinos.

Digitized by Google

fôram introduzidas, pelos phenicios, na lingua da Grecia, como já demonstrámos, e outrosim nas linguas dos povos italicos e ibericos, com os quaes nutriam continuadas relações de commercio.

Já dissemos, que a onomastica do littoral hispano-mediterraneo e atlantico é plena de nomes derivados, ou antes corrompidos, das antigas cognominações phenicias.

Um erudito anonymo, que escrevia, nos principios do seculo passado, sobre origens phenicio-hispanicas, diz :

« *Tyrio,* y despues *Turia*, se llamó el Guadalete, que « desde Aragon corre á fertilisar el reyno de Valencia : « *Tyrsis* fué el nombre, si no de la misma ciudad de « Valencia, á lo ménos de alguna otra no distante de la « embocadura de aquel rio; *Tyrulium* ó *Turulium* toda- « via muy conforme al nombre de *Teruel*, *ciudad* del « reyno de Aragon (1) ».

Bochart diz, quanto á toponymia da nossa terra portugueza, em materia de origens phenicias, que os nomes dos rios Ana (Guadiana) e Tagus (Tejo) derivam do phenicio, vindo este de *dagi* (piscoso) e aquelle de *ana* (ovelha), e que Olissippo (Lisboa) vem de *alissubbo* (bahia amena), bem como *Luzitania* de *luz* ou *luzi* (amendoas, ou cheia de amendoeiras) (2).

(1) Oci., tom. III, pag. 284; 1825. Londres.
(2) Veja-se Chanaan, L. 1, c. 35, pag. 695 e seguintes, por Bochart.

Digitized by Google

Não concordamos com a opinião de alguns, que negam aos kanaanéos o uso da moéda metallica, nos tempos anteriores ao apogéu do hellenismo.

Asseguram, sem criterio solido, que a Phenicia só cunhou moéda depois das amoedações gregas.

Parece-nos absurda tal opinião, porque, sendo os turano-semitas exactos seguidores dos preceitos economicos do Egypto e da Assyria-Babylonia, onde vigorava, desde as primeiras dynastias historicas, o regimen da moéda metallica, e tendo elles attingido, muito anteriormente ao hellenismo, um elevado grau de prosperidade mercantil, não podiam desconhecer a grande utilidade do metal como mercadoria-padrão, para simplificar e auxiliar a troca commercial, para desenvolver e valorisar a compra e venda do mercantilismo.

Um povo, como o phenicio, que chegou a ter o monopolio do commercio mondial, e que se dilatou pelas regiões mais longinquas, estendendo, por todos os littoraes mediterraneos e atlanticos, as suas florescentes feitorias, ainda que não tivesse estado em contacto com civilisações, onde houvesse o regimen monetario, teria de invental-o, pela absoluta necessidade, e pela imperiosa evolução, do seu giro commercial.

Mas os kanaanéos e os araméos, — turano-semitas da Phenicia, e semitas da Palestina, — tiveram, após a apparição do semitismo no extremo-oéste da Asia, relações tão estreitas, já pela commum ethnogenia, já pela proxima visinhança, que a economia social d'uns reflectira-se immediatamente nos outros, com maior ou menor intensidade.

Digitized by Google

Ora os semitas do tempo de Abrahão, e os habitadores da Kanaanéa na epocha do patriarcha hebreu, conheciam e usavam a moéda de prata, que era e foi, durante muitos seculos, o padrão, a moéda-typo dos regimens monetarios antigos.

Moéda phenicia (prata)

O biblico « Genesis » dá-nos Abrahão « portador de muito ouro e de muita prata, sendo muito rico, quando sahiu do Egypto » (1).

Mais adiante diz-nos, « que elle recebeu, em Guara, das mãos de Abimelech, mil moédas de prata » (2); e que, depois, « comprára a Efrom por *400 siclos de prata, de boa moéda corrente,* um campo para a sepultura de sua mulher Sara » (3).

Não resta assim dúvida de que as cidades e povoados das regiões cis e trans-libanas usavam da moéda de prata,

(1) Genesis, cap. XIII, 2.
(2) Gen., c. XX, 16.
(3) Gen., c. XXIII, 15 e 16.

Digitized by Google

no tempo de Abrahão, muito antes da edade aurea da confederação phenicia, sob a hegemonia de Tyro, e, portanto, antecedentemente á epocha civilisada do hellenismo.

Seriam os commerciantes phenicios os inventores das primitivas cartas de crédito, com a feição de cartas mandadeiras?

Teriam elles creado a bolsa dos valores mercantes, sob a fórma embryonaria dos leilões, ou vendas publicas por lanços, relativamente ás mercadorias, que se demorassem invendaveis, nos seus armazens, quando demais fôssem avultadas as repetidas importações?

Não podemos responder com dados historicos, que nos minguam, mas, pela feição e feitio das nossas perguntas, vê-se, que nos declaramos dispostos a admittir a affirmativa.

A carencia de documentos precisos, sobre tal assumpto, é irremediavel. Mas o estudo analytico da economia social dos phenicios, leva-nos á convicção intima de que elles fôram os remotos creadores dos processos, em que se desenvolve e vive o moderno mercantilismo, nas duas espheras da sua acção, a financeira e a commercial.

PERTENCE Á Direcção Geral de Instrucção Publica

Digitized by Google

Digitized by Google

Carthaginezes

Digitized by Google

Digitized by Google

I

Carthago; a sua fundação e os seus elementos ethnicos

O que nos resta da vida antiga de Carthago, da historia do seu poderio maritimo, e da sua expansão colonial, foi-nos transmittido por escriptores extranhos ao povo carthaginez, principalmente, quando tiveram de tratar assumptos, em que a historia das suas nações se havia misturado com a dos punicos, por motivo de guerras ou de invasões dirimidas pelas armas.

Calcule-se, portanto, que grandes lacunas existem na successão, e quiçá mesmo na veracidade, dos feitos illustres d'esta grande nação de navegadores-mercantis e de negociantes-conquistadores.

Sobre as origens ethnicas, sabe-se, pelos conhecimentos advindos da monumentologia e dos papyros egypciacos, que os libyos, um ramo da antiga raça turaniana, se dilataram, das fronteiras do imperio nilino, até ás cha-

Digitized by Google

madas « origens do Oceano », isto é, até ás columnas de Hercules, actual estreito de Gibraltar, sendo os primeiros habitadores da Africa Septentrional, d'áquem Nilo até ao Atlantico.

Colonias successivas de navegadores phenicios, de Sidon, d'Arad e de Tyro, onde o sangue turanico havia sido mesclado e sobrepujado pelo sangue semitico, (como já dissemos, na primeira parte d'este livro), vieram estabelecer-se nas praias mediterraneas, já habitadas pelos libyos, quer pela força, quer pelo accôrdo com os primitivos occupantes.

Mas, ainda antes d'estas invasões maritimas, houvera uma grande imigração turano-semitica, que, com visos de verdade historica, se póde chronologicamente assentar, nos fins do seculo XVI, (antes da Era Christã).

N'isto são accordes, os livros dos Hebreus, a affirmação do escriptor grego Procopio (1), e o testemunho unanime dos principaes historiadores antigos.

E asseguram, que os povos, habitadores da Palestina, ao tempo da invasão dirigida por Josué, os hethéus, os hevéus, (2), os jebuséus, e outros, fugiram aos conquistadores hebreus, e, atravessando o Egypto, fôram estabelecer-se nos confins da Libya, nas proximidades das columnas de Hercules, sendo os ancestraes dos Mouros ou Mauritanos.

Assim, quando a tyriana Utica se fundou, havia, na

(1) Procop. Vandal., II, 10.
(2) Josué, cap. XII, vers 1 a 24.

Digitized by Google

Libya Occidental, differentes tribus, onde a similhança de linguagem e de costumes deveria facilitar as relações commerciaes, e auxiliar a fundação das colonias ou novas cidades maritimas dos phenicios.

Sendo Utica estabelecida, depois da emigração forçada dos palestinos, cêrca do anno 1400 (antes J.-C.), a fundação de Carthago, que foi posterior, perto de dois seculos, deve remontar, approximadamente, a 1250 (antes J.-C.), o que coincide, em synchronismo historico, com a guerra de Troia, dando alguns fóros de possibilidade á narrativa poetica de Virgilio, que immortalisou os amores da phenicia Elsa, Elissa, ou Dido, com Enéas, o emigrante troiano. Os auctores gregos affirmaram, que Carthago fôra fundada por Karchedo, e os latinos attribuiram o estabelecimento tyriano á colonia de Dido.

Damos de barato o synchronismo, e não discutimos se Dido ou Karchedo (1) fôram os fundadores, ou sómente, — e o que é mais provavel, — os restauradores successivos, das antigas muralhas de Byrsa, a primitiva colonia.

(1) O archeologo P. Delattre, nas suas excavações punicas, tem encontrado inscripções com os nomes de Karchedo e Karchedonia. Mas pertencem a uma epocha, relativamente, moderna, pois são dos seculos III e II (antes J.-C.). Veja-se « Fouilles Archeologiques », por P. Delattre, Paris, 1892, e « Les Tombeaux Puniques », pelo mesmo, 1890, Lyon.

Digitized by Google

Byrsa era o nome da cidadella, que formava o centro da defeza militar de Kart-Khadasht, — cidade nova —, pois assim se chamava, em punico, a cidade de Carthago. Este ultimo nome é uma corrupção greco-latina do verdadeiro nome phenicio.

O cardeal Lavigerie, que, auxiliado pelo erudito Delattre, iniciou a campanha archeologica das ruinas punicas, sustentou (1), que Carthago foi fundada junto á praia, nas proximidades do sitio, onde depois havia de ser o seu importante porto Cothon, e alvitrou, que o monte de Byrsa fôra destinado para cemiterio, segundo o costume semitico de fundar as sepulturas nos pontos mais elevados.

Se assim foi, as necessidades de defeza da cidade engrandecida levaram, depois, os carthaginezes a aproveitarem a posição de Byrsa, como fortaleza principal; e a antiga necropole converteu-se em forte acropole (2).

Delattre cognomina Carthago, em punico, Kart-Hardach, e não Kart-Khadasht, como até agora dizia a maioria dos semitistas. Pelo estudo dos monumentos descobertos, nas ruinas da metropole punica, o notabilissimo investigador conclue, que a fundação da cidade foi anterior, n'um seculo, á fundação da sua grande rival futura, a latina Roma.

---

(1) Veja-se « Carthage autrefois et Carthage aujourd'hui », par le Père Vellard (des Pères Blancs), pag. 38, Lille, 1896.

(2) Byrsa dizia-se, em punico, « berdj », significando fortaleza. Os gregos corromperam o vocabulo em « byrsa », pelle de boi, alludindo á historia mythica de Dido.

Digitized by Google

Assim se confirma tambem o nosso calculo de probabilidades chronologicas, que não desmancha, antes corrobora, nas suas linhas geraes, a tradição virgiliana, hoje assegurada, quanto á imigração da colonia turano-troiana, pelos trabalhos de Giacomo Boni (1).

Accentuem-se bem, portanto, as varias imigrações dos

Carthago em ruinas, e os seus pórtos

elementos turano-semiticos, que vieram fundir-se com os libyos, os turanianos da Africa Mediterranea, desde a Grande Syrta até ás columnas de Hercules.

Renovando-se, em successivas invasões maritimas, o sangue semitico, embóra mesclado com o turanico, sob o cognome especifico de « phenicio », e fundindo-se com o turanismo dos primeiros habitadores da Libya, proveiu, para Carthago, a co-existencia de duas importantes caracteristicas sociaes, a simultaneidade de duas

(1) Veja-se « Iberos e Bascos », a pag. 56.

Digitized by Google

feições ethnicas do seu poderio : a mercantil, pelos semitas, a nautica e conquistadora, pelos turanianos.

O proprio Michelet, seguindo Polybio, sem explicar ethnicamente esta differencial, que bem se salienta, no elemento egoista dos mercadores carthaginezes, menosprezando os seus generaes vencedores, ou abandonando intempestivamente o caminho da victoria, por não sacrificarem maior capital á consecução do successo, põe em relêvo, que a familia dos Barcas, a de Hasdrubal e de Hannibal, a dos grandes batalhadores, tivera origem libyana, e que a dos Hannons, famosos mercadores, millionarios negociantes, entroncara na pura ascendencia phenicia (1).

Onde o sangue libyo, pela sua vivacidade, força de caracter, e energia mascula, tinha corrigido a tendencia natural do semita, trabalhador de negocios, astuto e sagacissimo nas operações mercantis, paciente e avaro accumulador dos idolatrados capitaes, desprezador de escrupulos, e adorador do oiro, ahi se encontrou a pleiade de homens audazes e valorosos, que fizeram a epopeia da metropole punica, e que lhe deram animo e ousio, desde o imperio africano até á conquista das ilhas do mar Thyrrheno, do dominio de Melita até á acquisição da grande Iberia, da lucta com os insulares siculos até ao duello porfioso com o romano.

---

(1) Diz J. Michelet, a pag. 254 da sua Hist. Rom. : « le génie mi-
« litaire des Barcas appartient, comme le nom de Barca semble
« l'indiquer, aux nomades belliqueux de la Libye, plus qu'aux
« commerçants pheniciens. Les vrais Carthaginois sont les Han-
« nons, administrateurs avides et généraux incapables. Polybe
« s'exprime ainsi dans son récit de la guerre des Mercenaires,
« lib. I. »

Digitized by Google

Tomando bem conta d'estes elementos, dando-lhe o devido peso e valor, explica-se facilmente toda a historia de Carthago, interpretam-se desassombradamente os annaes d'essa grande potencia maritima, que foi predecessora, no mundo antigo, tanto das actuaes nações thalassocratas, como das modernas colonisadoras.

Porque os phenicios, de per si, e antes da sua fusão com os libyos, só fundaram, como indicámos, estabelecimentos mercantis, e pequenas cidades, sendo poucas as grandes e fortes, á similhança de Gadés e Utica, não estendendo o seu dominio, que visava unicamente ao pacifico mercantilismo, afóra dos limites das suas feitorias ou cidadellas.

Mas digamos agora da posição geographica, que occupavam os povos da Africa Septentrional, cis-nilina, quando ao seu littoral abordaram os primeiros emigrantes phenicios.

As narrações de Sallustio, e as descripções de Herodoto, apresentam, por grandes zonas, sem limitações precisas, as regiões habitadas pelos differentes indigenas africanos.

Na primeira zona, proxima e parallela ao Mediterraneo, a começar de léste, demoravam os libyos, os numidas e

Digitized by Google

os mouros (1); na segunda zona, os garamantas e os gétulas; na ultima, os ethiopes.

Difficil e aventuroso será o marcar-se, para cada um d'estes ultimos povos, a periphería do seu *habitat*, mas, quanto aos que se avisinhavam do littoral, póde mais afoitamente suppôr-se os seus limites territoriaes.

Assim a crista do Atlas separava os libyos, os numidas e os mouros, pelos lados do sul, dos garamantas e dos gétulas. O rio Tusca limitava o paiz dos libyos perante os seus visinhos numidas, e estes defrontavam-se com os mouros, que tinham por limite occidental, além

(1) Varias têm sido as origens etymologicas, que se tem pretendido dar ao nome « mouro ».

O escriptor De Brosses diz, que a derivação vem da palavra chaldaica, *mer*, significativa de trocar, traficar, permutar, — d'onde a palavra *commercio*, e a latina *mercator*, — e que os povos da Mauritania eram muito affeitos ás operações mercantis.

Nós preferimos a opinião de Bochart, que faz derivar do termo *mahur* — o que está no Occidente —, por allusão á posição topographica da sua região africana.

Ora, sendo vulgar, nas linguas orientaes, a eliminação das gutturaes, o *h* de *mahur* desappareceu, e ficou *maur*, d'onde *mauros*, *mauritania*, *mouros*.

Parece-nos infundada, e assás mythica, a opinião do sabio historiador M. L. Lacroix quando diz, que *mauri* provém de *mar*, que em kanaanéo significa *médas*. Affirma-se, com esta origem etymologica, a emigração de tribus médas, da Asia á Europa Central, e depois até á Iberia, d'onde passaram á Africa do Noroéste, quando se dispersou o exercito de Nabu-Kodn-Asar, o qual, (segundo alguns escriptores antigos, como Strabão e Eusebio), fez este exodo guerreiro, conquistando e devastando, desde Senaar até ás columnas de Hercules, sendo confundido com o grande guerreiro turaniano, heroe elevado a semi-deus, Harokèl, Melekh-Karth ou Hercules Tyrio.

Digitized by Google

das columnas de Hercules, as « Origens do Mar », o Oceano Atlantico.

Os libyos (os *lehbym*, dos livros sagrados dos hebreus), primeiros occupadores do littoral, desde os limites egypciacos até ás fronteiras atlanticas, deram guarida, na região mais occidental, como já dissemos, ás colonias turano-semiticas expulsas da Palestina, as quaes, ligando-se com os primeiros habitadores, formaram a Mauritania.

Uma parte dos libyos, a mais nomada, a que preferira a vida pastoril, errante pelas planicies avisinhadas do Atlas, deu origem aos chamados numidas, *(numidas,* quer dizer, *pastores)*, que entre si ainda se subdividiram, em massésylianos (capital Siga), e massylianos (capital Zama, e depois Kirta).

Os libyos, propriamente ditos, os que tinham consentido na formação das colonias phenicias, juntaram-se facilmente aos punicos, formando, como dissemos, a grande base da nação carthagineza, os libyo-phenicios.

Os numidas pouco se fundiram com os phenicios; serviram-lhes, porém, de deposito inexgottavel da cavallaria ligeira, para os seus exercitos combatentes; embóra, muitas vezes, atacassem vigorosamente os senhores de Carthago, nas suas disputas fronteiriças.

Os mouros, pouco se misturaram com a vida punica, e, só por chamamento dos seus affins e visinhos numidas, acudiram ás refregas, ou á pilhagem. Negociaram, com Carthago, os seus productos agricolas, respeitaram o seu poderio, quando este era no apogeu da

Digitized by Google

predominação africana, e forneceram-lhe mercenarios para as suas legiões. De resto, os habitantes da Mauritania, repetimos, eram, na maxima parte, turanianos, pela primeira occupação libyana, e outrosim turano-semiticos, pela emigração das tribus kanaanéas, que poderam escapar-se dos hebreus.

A parte libyana é representada, ainda hoje, pelas tribus berbères, e a turano-semitica, pelos mouros do imperio cheriffiano ou marroquino.

As outras familias ethnicas, que demoravam para o interior, garamantas, gétulas e ethiopes, algum contacto tomaram com os punicos. Quando vencidas, n'alguma escaramuça, ou incursão das phalanges carthaginezas, forneceram-lhes escravos; e, em tempos de paz, trocaram os seus productos naturaes pelas mercancias exoticas dos mercadores de Carthago.

Havia tambem para os lados de léste, a notavel colonia lacedemonia, Cyréne, junto á Grande Syrta, avisinhada do Egypto, e fundada pouco antes de Utica, nos principios do seculo XIV, antes da éra moderna.

Esta colonia grega, que deu o nome á região importante, que se chamou Cyrenaica, foi, depois, conquistada pelos persas, e soffreu successivamente a dominação de Alexandre, dos lagidas, dos romanos, e dos imperadores de Byzancio, tendo, finalmente, um papel importante nos fastos da Egreja Christã.

Cyréne, se não foi tão poderosa, como Carthago, pelo commercio e riquezas, teve, sobre esta, a superioridade da sua alta cultura, do seu grande desenvolvimento lit-

Digitized by Google

terario e artistico (1), que beneficamente deveria influenciar e contagiar a sociedade carthagineza.

Nas proximidades, era a região intensamente cultivada, e profusamente abundante em pomares de variados fructos, conhecida pelos antigos sob o poetico nome de « jardins das Hesperides ».

Outros colonos, foragidos, naufragos e aventureiros gregos, se estabeleceram, pouco depois da edificação de Cyréne por Battos, nas visinhanças da Syrta, cêrca das margens do Cinyps, em Kyrkinis e na Uzala. Em Meskela haviam formado povoado alguns dos sitiadores de Troia, que tinham arribado, á Africa, acossados pelo temporal. Tão pequenas colonias desappareceram, sem deixarem nome na historia.

Todos estes povos limitrophes fôram inquinados da influencia, mediata ou immediata, dos carthaginezes, quer ligando-se ethnicamente com elles, quer auxiliando-os nas suas guerras, quer, ainda, combatendo-os nas suas extorções. Todos soffreram, tambem, a ambição intensa do seu absorvente mercantilismo.

---

(1) A primeira guerra dos carthaginezes, conhecida pela historia, foi contra os de Cyréne, por causa dos limites entre os dois povos. Terminou, pelo feito epo-historico dos Philenos, sacrificando as vidas, para alongarem as fronteiras orientaes dos carthaginezes, que, « pro memoria », lhes erigiram um monumento, cognominado « altar dos Philenos », o qual ficou servindo de balisa aos limites, entre os dois estados visinhos. Isto succedeu, pouco antes do tratado de alliança, de 509 (antes J.-C.), entre Roma e Carthago, e prova o poderio do carthaginez, já n'esse tempo, pela sua grande extensão territorial, até á Grande Syrta, quasi ás portas do Egypto, junto ao meridiano commum ao Peloponnéso e á Cyrénaica.

Digitized by Google

Os primeiros colonos de Carthago, os tyrianos da fundação, crearam, para si, uma classe superior na hierarchia social, uma aristocracia, com representação senatorial, quer, sob o governo dos primeiros chefes ou reis, quer depois, no regimen republicano, com os suffétas, que se equiparavam aos consules romanos, tendo mais poderes, e sendo vitalicios.

Esta aristocracia não era, como a romana, fundada nas glorias das batalhas, não provinha da chamada nobreza hereditaria, não avultava pelos feitos illustres dos antepassados; mas baseava-se nas riquezas dos argentarios, que a constituiam, de tal fórma que, se perdessem a força monetaria, perderiam tambem o dominio, a força do poder, nos negocios publicos.

Na maxima parte, os descendentes dos primeiros imigrantes phenicio-tyrianos guardaram, e augmentaram, o peculio da familia, e, com elle, o vóto na grande assembleia, ou na delegação d'esta, commissão executiva, composta de 100 membros. A assembleia, a commissão executiva e os suffétas, eram eleitos, escolhidos, pelo censo do livro cadastral das riquezas; e assim se constituia o *synedrin* ou *sanhedrin*, o senado punico.

Por isso Aristoteles dizia: « Julga-se, em Carthago, que, para exercer funcções publicas, só é apto, aquelle

Digitized by Google

que, além de grandes aptidões, possue maximas riquezas. »

Para a assembleia do povo, que devia tambem ser consultada, segundo a constituição politica da cidade, raramente se recorria, excepto nos casos de conflicto entre o synédrio e os suffétas.

O elemento semitico, o idolatra da riqueza, predominando, entre os colonos phenicios, sobre o elemento turaniano, arrogára a si, pelos interesses egoistas do capitalismo, o supremo poder, pretendendo sempre excluir o elemento libyo, do qual se tinha approximado, só por necessidade, para a fundação da metropole. O libyo, que não se fundiu, pela alliança de sangue, com o phenicio, ficou constituindo o povo, a grei, para trabalhar, nos diversos mistéres, e para tripular ou pilotar os navios.

Esta lucta de interesses antagonicos, e esta exclusão da influencia do pôvo, na governança publica, enfermaram a republica carthagineza, levando-a, pela desorganisação politica, ao enfraquecimento social, que havia de precipitar, e dilatar, os desastrosos resultados das ultimas guerras punicas.

Quando, após as victorias dos Barcas, estes se engrandeceram, perante a opinião popular, a facção democratica poude distinguir, n'elles, os chefes valorosos e energicos, que lhe convinham, e o povo impôz-se á aristocracia punica, pretendendo regenerar, e salvar a patria periclitante.

Era tarde : porque Roma, alcançada a supremacia terrestre e a maritima, não lhe agradando o resurgimento das forças vivas da sua temida rival, lançava a sizania

Digitized by Google

social entre mercadores e populares; e a discordia apoderava-se de Carthago, impellindo-a, pouco a pouco, para a perda da autonomia.

Diga-se, porém, em abono da verdade historica, que, já no pendor do abysmo, onde a tinham levado os erros e desastres das duas guerras punicas, a metropole carthagineza viu, que os seus cidadãos, sem differenças ethnogenicas, tanto libyo-phenicios, como punicos, — ou phenicios puros, por hereditariedade —, sacrificavam heroica, e resolutamente, as suas vidas e os seus haveres, em defeza da patria.

Mui tardia e improficua abnegação a d'estes ultimos, que redimiu, só em parte, tantos erros accumulados pela mira na continuação da ganancia, pela avareza do capitalismo senatorial.

Se elles, os senadores, apesar dos seus escrupulos religiosos, como semitas, até se fôram esquecendo de enviar integralmente o tributo d'ouro ao templo de Hercules, divindade protectora de Tyro, o primitivo berço da origem avoenga!

Hercules era reputado o protector das duas cidades, a nova e a velha. Carthago havia deliberado mandar, todos os annos, para o templo do deus tutelar, o dizimo dos rendimentos da republica. Pois, d'anno em anno, os avarentos plutocratas, fôram diminuindo a offerta, que estava reduzida a proporções minimas, quando Agathocles, rei de Syracusa, se lembrou de fazer aos carthaginezes, o que estes lhe faziam na Sicilia, isto é, a guerra e o exterminio, nos dominios proprios do contendor.

O syracusano, depois de vencer os exercitos, que o se-

Digitized by Google

nado punico levantára, á pressa, para defeza da cidade e das suas colonias africanas, depois de se ter apoderado de grande parte d'estas, obtendo a alliança dos povos que se avisinhavam, assentára arraiaes em Tunis, approximando-se das portas de Carthago, emquanto os exercitos d'esta cercavam a capital do seu reino siciliano, (309, antes J.-C.).

Foi então, que os escrupulosos ricaços, transidos de medo e de superstições, se lembraram, que tinham offendido os seus deuses, faltando ao cumprimento exacto da annual offerta ao tyriano. Penitenciaram-se, indo em alta grita confessar perante o povo a sua sacrilega avareza. Como bons commerciantes consultaram a escripturação das offerendas, balançaram o « deve e o haver », mandaram aprestar a galéra mais veloz, e, embarcando n'ella um da sua confiança, deram-lhe por missão ir offerecer, ao Hercules Tyrio, não só o saldo dos atrazados, mas tambem, como compensação ou juros, uma grande quantidade de ricos presentes!

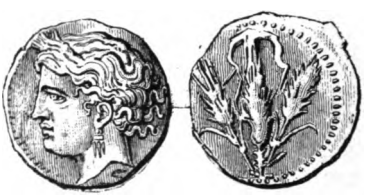
As portas de Carthago fôram abaladas, e, com ellas, as pesadas arcas de ferro, que escondiam os ricos thesouros. Se Agathocles tomasse a cidade, decerto não deixaria de tomar em mão o valioso metal dos senadores e argentarios punicos. O caso era, portanto, duplamente assustador, para a vida politica da republica, e para a preciosa existencia das caixas fortes.

Não contentes com a tal restituição das offerendas, ao Melkart, voltaram-se para Saturno, perante o qual tambem se haviam esquecido de sacrificarem victimas humanas, que fôssem descendentes das primeiras familias, pois, de ha muito, taes sacrificios eram fornecidos pelos filhos do povo, a quem os ricos pagavam as creanças,

Digitized by Google

para as immolarem, em substituição da sua prole. Então, redobrando os escrupulos, realisou-se uma horrorosa cremação de aristocratas, uma grande hecatombe da progenie abastada.

Duzentas creanças, pertencentes ás principaes estirpes carthaginezas, fôram incendidas na ara da sanguinaria divindade; e perto de trezentas pessoas, que se reputa-



Moéda punica

vam cumplices da tal fraude impia, a substituição dos filhos dos ricos pelos dos pobres, offereceram-se para o holocausto, e fôram queimadas, para aplacar o deus.

Superstição e coragem, terror e heroismo civico, defeza dos thesouros proprios e amor pela patria, avareza e sacrificio da propria vida, tudo á mistura, e em plena confusão, se revéla no que acabamos de relatar, como pagina de historia veridica, e assás notavel, para avultar bem uma epocha, para salientar fortemente as modalidades intimas d'um povo.

Parece-nos tambem, que estes factos frisam perfeitamente uma caracteristica, que vimos esboçando, do elemento punico, e affirmam uma das feições semiticas do povo carthaginez.

Digitized by Google

Quasi sempre eram vencidos os generaes que provinham do elemento punico, principalmente nas batalhas feridas com os romanos. Mas o senado da plutocracia carthagineza, aliás duro e cruel para os capitães, que não tinham o nome no grande livro censual das riquezas, mandando-os castigar e suppliciar barbaramente, sem attender ao heroismo, sem acceitar, como attenuantes, as victorias anteriores, desculpava facilmente os derrotados da sua facção, e, apenas como méra penalidade, condemnava taes argentarios-capitães a uma multa pecuniaria.

Foi um Hannon, que perdeu ineptamente, no anno 262, (antes da éra christã), terceiro anno da primeira guerra punica, a batalha de Agrigento (Sicilia), tornando improficua a resistencia de Hannibal Giscon, e dos seus heroicos soldados, — onde abundavam os iberos —, defendendo heroicamente a praça agrigentina.

Pois este Hannon foi castigado, na bolsa, obrigado a pagar uma indemnisação, em dinheiro, ao thesouro de Carthago, e continuou passeando os seus dias, nas ruas de Megara e de Byrsa, os bairros ricos da metropole libyophenicia.

Um outro Hannon, no vigesimo terceiro anno da primeira guerra punica (242, antes J.-C.), soffreu a derrota naval das ilhas Égatas, deixando homens, galéras, dinheiro e armamento, em poder dos romanos, e tornando nullos os anteriores resultados favoraveis, obtidos pelo grande Hamilcar Barca; mas não consta, pela historia, que elle expiasse a inhabilidade e a impericia, nem mesmo com o tal castigo monetario.

Em contraposição: Hasdrubal, — mas não o Barca —,

Digitized by Google

depois de ter prestado relevantes serviços á sua patria, batalhando, em varios recontros, as legiões romanas, mostrando ser general habil e consumado, teve a infelicidade de ser vencido junto aos muros de Palermo

Ruinas de Carthago

(Sicilia), no decimo quinto anno da mesma guerra punica, e anno 250, (antes da éra christã); pois foi encarcerado, logo que chegou a Carthago, e de seguida julgado, condemnado á morte, e atrozmente suppliciado!

Não se caracterisam, distincta e profundamente, os dois elementos ethnicos, que constituiram a vida de Carthago?

Não se accentuam, nitida e claramente, as qualidades e

Digitized by Google

faculdades sociaes das duas facções, que, na sua lucta intima, na sua desordem de familia, arrastaram Carthago para a decadencia, e para a destruição final?

Parece-nos implicita e formal a affirmativa.

Os principaes escriptores, que trataram das causas da quéda politica de Carthago; Heeren (1) e Montesquieu (2), Dureau de la Malle (3) e Yanoski (4), Lacroix (5) e d'Avezac (6), Bötticher (7) e Munter (8), são accordes em attribuirem á discordia das duas facções, aos defeitos da plutocracia punica, á oligarchia phenicia fundada nas fortunas do mercantilismo, e defendida pelas riquezas accumuladas, os motivos sociaes ou causas politicas, que levaram a grande republica africana ao abysmo historico, onde se subverteu.

Mas esses elementos phenicios, esses punicos, não tinham qualidades sociaes apreciaveis?

Tinham; e com ellas os defeitos inherentes a essas mesmas qualidades, como é axiomatico. E já o patenteá-

(1) De la politique et du commerce des peuples de l'antiquité (traducção franceza), por Heeren, Paris, 1837. — tom. IV, pag^s. 140 e seguintes.

(2) Grandeur et décadence des Romains, par Montesquieu cap. VIII.

(3) Recherches sur la topog. de Carthage, par Dureau de la Malle. — Carthage, pelo mesmo, Paris, 1844.

(4) Carthage, par Jean Yanoski, pag. 130, Paris, 1844.

(5) Numidie et Mauritanie, par L. Lacroix, Paris, 1854.

(6) Afrique Ancienne, par d'Avezac, pag. 194, Paris, 1846.

(7) Geschichte der Carthager, par Bötticher, pag^s. 86 e seguintes Berlin, 1887.

(8) Religion des Carthages, par Munter, pag. 102, Berlin, 1839.

Digitized by Google

mos: quando dissemos da parte importante, que os filhos da Phenicia tomaram, no movimento commercial do mundo antigo; quando nos referimos aos seus ousados planos de navegação e descoberta; quando contámos o impulso das importantes industrias tyrianas, o desenvolvimento da sua permuta mercantil, e o fomento do seu commercialismo atravez os povos da Europa e do Oriente.

Digitized by Google

II

Primeiras relações dos Carthaginezes com os Iberos

Não se póde precisar a data historica da chegada dos primeiros carthaginezes, como mercadores-maritimos, á peninsula iberica.

A visinhança das costas mediterraneas, em que habitavam iberos e punicos, a assimilação d'estes com os povos libyos, produzindo reciprocas affinidades ethnicas, e, mais ainda, o conhecimento das florescentes e prosperas feitorias phenicio-tartessas, deviam attrahir ás costas ibericas os navios de Carthago. É de presumir, que longos annos antes da expedição de Hamilcar Barca, anteriormente á conquista da Hespanha Meridional, os carthaginezes tratassem mercancias, quer com os povos peninsulares, quer com as proprias feitorias phenicias, estabelecendo, talvez, pequenas colonias commerciaes.

D'esta mesma opinião é o erudito escriptor, e distincto

Digitized by Google

investigador da historia carthagineza, M. Jean Yanoski, dizendo (1) :

« Il serait difficile de préciser le temps où Carthage « mis le pied pour la première fois sur le sol de l'Espa- « gne. Toutefois, il est averé que déjà, à une époque fort « ancienne, les Carthaginois envoyèrent *des colons sur* « *les côtes de l'Iberie*. Nous savons, au reste, que les « Phéniciens les avaient devancés en fondant des établis- « sements célèbres, Gadès, entre autres, sur la côte mé- « ridionale de l'Espagne. Les rapports de Carthage « florissante avec la peninsule iberique furent tout paci- « fiques. »

Como a orientação suprema da governança publica residia no senado punico, e este se constituia na maxima parte de elementos tyrianos, descendentes, mais ou menos puros, dos colonos primitivos, é facil suppôr, que os dirigentes politicos de Carthago, não ousavam ferir directamente os interesses dos que elles reputavam seus irmãos de raça, e por isso não enviavam as suas armadas guerreiras, para as praias da Iberia, onde os phenicios tinham assentado, pela occupação, o seu registo de prioridade.

Negociavam apenas, e tanto lhes bastava. Pela alliança tacita, que sempre ligou Tyro e Carthago, os nautas-mercantis das duas cidades toleravam-se, nos mesmos mercados, auxiliavam-se em circumstancias extremas, soffriam-se na concorrencia dos negocios, e informavam-se, reciprocamente, das descobertas advindas pelos seus periplos, pelas suas aventurosas derrotas maritimas. Se

(1) Veja-se « Carthage », por M. Jean Yanoski, pag^s. 133 a 134.

Digitized by Google

algumas feitorias Carthago fundou, por esses primeiros tempos da sua thalassocracia, na Iberia continental, fôram de pequena importancia, e não deixaram traço historico.

E dizemos especificadamente, no continente iberico, porque na parte insular, nas ilhas Baleares, já no seculo VI (antes J.-C.), havia colonias de occupação punica.

Pois a metropole carthagineza podia, e devia ambicionar o estabelecimento de grandes colonias na Hespanha Mediterranea, muito antes da invasão guerreira de Hamilcar, porque accentuára, de ha muito, a sua prosperidade e as suas tendencias de expansão nacional. Tres seculos antes, ella se havia libertado do tributo annual, que pagava aos libyos; depois, estendera os seus dominios, ou directos ou de vassallagem, até ás columnas de Hercules; vencera, em guerra maritima, os grandes thalassocratas Phocéos (543, antes J.-C.), tomando-lhes a ilha de Cyrna (Corsega); invadira a Sardenha (530, antes J.-C.); fôra sollicitada em alliança pelos Romanos (509, antes J.-C.) (1); e intentára a conquista da Sicilia (489, antes J.-C.). O valor d'estes factos historicos prova, que, se o senado carthaginez houvesse menos respeitado a primazia dos estabelecimentos tyrianos, as phalanges e as galéras libyo-phenicias teriam conquistado grande parte importante do littoral iberico.

(1) Polybio, que verteu do latim antigo (do latim, que os romanos do seu tempo, no dizer do veridico historiador, não entendiam, e difficilmente decifravam), o tratado original, marca-lhe, como epocha da sua ratificação e feitura, o anno seguinte á expulsão dos Tarquinos, 28 annos antes da invasão de Xerxes, na Grecia, e sob o consulado de J. Brutus e M. Horatius, o que corresponde ao anno 509, antes de Jesus-Christo.

Digitized by Google

Tanto os carthaginezes almejavam por dominarem na Iberia, quanto sabiam bem poderem tirar d'ella valorosos soldados, para os seus exercitos mercenarios; porque, muito antes da conquista barcina do seculo III (237, antes J.-C.), haviam assoldadado iberos, para fazerem parte do grande exercito (1), que conquistou as importantes cidades sicilianas, Hyméra e Selinonta (410, antes J.-C.), sob o commando de Hannibal, o neto do grande sufféta, ou dictador Magon.

A republica carthagineza havia começado, por esse tempo, a famosa guerra da Trinacria (Sicilia), onde chegou a ter feitorias, colonias e fortalezas, consumindo, porém, innumeras vidas e cabedaes, sem nunca chegar a dominar totalmente a ilha siciliana.

---

(1) O grego Éphoro avaliou este exercito em 200.000 infantes e 4.000 cavalleiros. Mas Xenophonte e Timêo, historiadores mais auctorisados, apontaram um total de 100.000 combatentes, o que é ainda importante, n'uma invasao por via maritima. Para o seu transporte fôram precisas, pelo menos, 800 galéras, de carga, e 400 de guerra, o que prova o grande poderio maritimo de Carthago, já antes da primeira guerra punica. E isto, no tempo, em que os navios tinham tres ordens ou fileiras de remadores, segundo o modêlo dos navios de Corintho, onde, poucos annos antes, se lançára a primeira galéra « triréme ».

As primeiras galéras « quadrirémes » e « quinquerémes » fôram construidas, em Syracusa, centro da resistencia siciliana contra os carthaginezes, passados poucos annos, (399, antes J.-C.), por ordem de Diniz, o Tyrano, quando, para expulsar os carthaginezes, da Sicilia, formou uma forte armada, e levantou um numeroso exercito, dispondo, pela primeira vez, em terras da Europa, das machinas de guerra denominadas « catapultas », o que fez dizer a Eliano e a Plutarcho, que estas tinham sido inventadas na Sicilia, quando é indiscutivel, que tal invento veiu da Asia, pois que a Biblia faz menção d'elle, em 810 (antes J.-C.), sob Osias, rei de Jerusalem.

Digitized by Google

Pela ambição de possuir a formosa insula italica, Carthago teve de soffrer a invasão dos seus dominios africanos, pelo notavel cabo de guerra Agathocles, rei de Syracusa (310 a 306, antes J.-C.), o qual, vencido na sua ilha, foi depois vencedor e conquistador de toda a Africa Carthagineza, chegando até a cercar a metropole, e sendo assim o precursor dos Scipiões. Pela mesma ambição, houve necessidade de defender as colonias insulares, contra as victorias do grande Pyrrho, rei do Epiro (278 antes J.-C.) (1). E, por ella, se originaram os motivos apparentes das primordiaes luctas contra os romanos, ou as causas immediatas da primeira guerra punica.

Em todas estas luctas, dos seculos III e IV (antes J.-C.), os carthaginezes levantaram soldados, entre os povos da Iberia, principalmente nas regiões meridionaes e occidentaes. Os iberos e os baleáreos constituiam já o grosso importante dos numerosos exercitos, que os ricos mercadores punicos assoldadavam, para as novas conquistas mediterraneas. O sonho do imperialismo tomava vulto importante, na politica guerreira dos commerciantes da metropole africana.

Aspiravam, pela conquista, á hegemonia dos povos

(1) Plutarcho refere, que Pyrrho, cognominado por Hannibal, o primeiro general dos tempos antigos, ao deixar as praias da Sicilia para voltar a Tarento, abandonado pelos sicilianos, que o tinham chamado, para expulsarem os carthaginezes, perseguido por estes e pelos romanos, (que pelo medo das suas hostes victoriosas, haviam firmado novo pacto de alliança offensiva e defensiva, em 276, antes J.-C.), exclamára, sob a videncia do seu grande espirito, relanceando as posições estrategicas da Trinacria : « que bello campo de batalha eu deixo, para os carthaginezes e romanos ! ».

Digitized by Google

do Mediterraneo; mas, em regra geral, não expunham as vidas aos perigos dos combates.

Mandavam aprestar as galéras, angariar mercenarios, juntar viveres e armamentos; faziam o calculo arithmetico das despezas a fazer com a guerra projectada; balanceavam os lucros provaveis da conquista; mas guardavam os seus preciosos dias, nas luxuosas casas e nos ricos palacios, onde estanceavam, com todos os confortos e magnificentes commodidades, que lhes dava a civilisação do seu tempo.

Os iberos eram, portanto, para os carthaginezes o que hoje se chama « chair à canon », e que n'aquellas éras bem se poderia dizer « carne do gladio ». Não se contavam, em Carthago, as vidas dos mercenarios, que pereciam, mas calculava-se, o que havia a despender para contractar novas machinas humanas, que se prestassem a fazer a mechanica da guerra.

N'isto o punico contrastou com o romano, porque emquanto este, desde o senador até ao plebeu, do *civis* até ao alliado, se batia corajosamente em todos os campos de batalha dos seus cyclos guerreiros, aquelle armava os seus auxiliares libyos, e os mercenarios dos differentes povos d'áquem e d'além Mediterraneo, e quedava-se nas suas lides commerciaes, intercaladas pelos ocios das villas da Byzancéna.

Digitized by Google

Em 262, antes da éra christã, segundo anno da primeira guerra punica, os carthaginezes levantaram um poderoso exercito, para, sob o commando de Hannibal, filho de Giscon, combater os romanos, que cercavam Syracusa, onde reinava Hieron, que, n'esse tempo, ainda era alliado de Carthago.

A maxima parte dos estipendiados, ou guerreiros contractados, era composta pelos naturaes da peninsula iberica.

Bateram-se denodadamente; e, acossados, defenderam-se energica e tenazmente, dentro das muralhas de Agrigento, sitiada pelo consul Posthumius. Depois da derrota de Hannon, (quando um Hannon capitaneava, era quasi certa a derrota), que viera de Carthago para levantar o cêrco agrigentino, commandando cincoenta mil homens de infantaria, seis mil de cavallaria, e sessenta elephantes, os valorosos mercenarios ibero-libyanos ainda poderam romper o apertado sitio, e atravessar as linhas romanas.

Mais tarde, quando Himilcon, (395, antes J.-C.), formou um exercito de mais de 100.000 guerreiros (1), para reconquistar as cidades perdidas, anteriormente, na Sicilia, e para sitiar Syracusa, a invencivel colonia hellenica, foi, ainda na Iberia, que elle recrutou grande parte da sua gente de pé.

Por aqui se vê claramente, que além das relações de

(1) Este exercito foi transportado, ás praias de Palermo, em 600 navios de carga, com viveres e munições, e em 300 galéras de guerra, já, na maxima parte, quadrirémes.

Digitized by Google

commercio, outras relações de intimo convivio marcial, de efficacissima cooperação nos emprehendimentos guerreiros, existiram, de longa data, entre libyo-phenicios e iberos.

Estes assêrtos historicos, colhidos nos auctores alheios ao povo punico, são os unicos, que se podem apresentar, com visos de verdade, porquanto o barbaro incendio de Carthago sepultou, desfeitos em cinzas, ou reduzidos a migalhas, os papyros, os tabularios, e as lapides, em que se encerrava a historia da grande nação carthagineza, a chronologia dos seus feitos, e a substancia do seu trabalho ingente, perante o grande movimento da civilisação mediterranea.

Mas o que nos restou, já pela narração dos extranhos, já pela recomposição moderna, iniciada nos estudos archeologicos das suas ruinas, bastará para assombrar os que queiram estudar a vida social, e os progressos maritimos e commerciaes, d'aquelles antigos tempos.

Digitized by Google

III

Carthago perde as Ilhas Italicas, e invade a Hespanha

Havia-se desencadeado a lucta punica.

Romanos e Carthaginezes tinham começado esses primeiros recontros, de horrorosas carnificinas e de valorosas proezas, que preludiaram o duello épico das duas nações rivaes.

O Sul-mediterraneo invadira o Norte; apossára-se das ilhas que se lhe avisinhavam, Corsega e Sardenha; dominava em parte da Sicilia; assombrava, com a força capitalista, dos ricos negociantes semitas; e intimidava, com o numero das suas alterosas galéras e com o poder.

O Norte-mediterraneo, sob o impulso e energia do povo do Latium, tinha, pouco a pouco, tomado robustez e forças, pela aggregação, mais ou menos forçada, das outras familias ethnicas da Italia.

Digitized by Google

A céllula latina tornára-se em orgão romano, e convertera-se, finalmente, no corpo italico.

Roma era senhora da Italia continental, não podia por isso vêr, com bons olhos, a dominação punica n'esses pedaços de terra italiana, que as revoluções geologicas haviam destacado da peninsula, dando-lhes o Tyrrheno como fôsso de intervallo.

Aguerrido por dois seculos de victorias, contra os povos visinhos, o nucleo latino-romano alvejava, depois da supremacia italiota, o primaciado do Mediterraneo.

Carthago era o obstaculo.

Era a rival : grande, pelas suas forças materiaes, e pela sua vida historica, já secular; temida, pelo vigor libyano, e pela proverbial astucia phenicia. D'aqui surgiu, originariamente, o « Delenda Carthago » dos patricios romanos.

Ou uma, ou outra, havia de desapparecer perante o *struggle for life* da luctadora humanidade.

Roma egualava, senão excedia, pela disciplina militar, e pelo acrisolado amor patrio, o valor dos mercenarios exercitos carthaginezes; mas, no mar, aos começos da grande lucta, Carthago era predominante, pelo numero dos seus navios e pela pericia dos seus marinheiros.

Tudo incitava o genio bellicoso do grupo italiota, turano-aryaco, (pois os elementos celtas e hellenos se haviam mesclado com os primitivos turanianos : etruscos, ombrios, liguros, venetos, siculos, etc.), contra a poderosa familia libyo-phenicia, ou turano-semitica.

Digitized by Google

Fôram estas as verdadeiras causas da guerra punico-romana. As apparentes fundaram-se, nas discordias de Messina, e no auxilio prestado pelos romanos, contra os syracusanos, recentes alliados de Carthago, aos aventureiros campanianos, chamados Mamertinos, os quaes, depois de terem passado á espada a maxima parte dos messinenses, se tinham apoderado da cidade siciliana.

Dava-se, assim, como causal da quebra de alliança, por parte dos romanos, estes tão futeis e tão pouco justificaveis motivos.

Todos os romanos sabiam, porém, que Syracusa, a invencivel, se ia assimilando pouco a pouco a Carthago, e que, dominada esta cabeça da Sicilia, a ilha toda ficaria em poder dos carthaginenses, e a Italia Insular perdida totalmente para a hegemonia romana.

Durante vinte e quatro annos durou, sem interrupção, a primeira guerra punica.

Com varia fortuna para romanos e carthaginezes, ora vencidos, ora vencedores, uns e outros luctaram encarniçada e sanguinariamente, junto aos rochedos escarpados da Trinacria, nos golfos e enseadas do Mediterraneo Septentrional e Meridional, e até nas planuras proximas de Carthago.

O tratado de Eryx (anno 241, antes J.-C.), celebrado

Digitized by Google

entre o consul Lutatius e o general Hamilcar Barca, pôz termo a esta primeira lucta.

Roma impunha a indemnisação de dois mil e duzentos talentos euboicos (1), o abandono completo das cidades sicilianas e de todos os ilhéos situados no mar da Sicilia.

Ao findar de tantos prelios terrestres e de tão porfiadas batalhas navaes, os romanos alcançaram a supremacia dos exercitos de terra, e passaram, inesperadamente, a primeira potencia maritima.

Os carthaginezes dispunham, ao principio, dos melhores, mais fortes e mais velozes, navios de guerra, com pilotos e mareantes que conheciam, de longas práticas, a vida do mar.

Fôram, porém, perdendo, pouco a pouco, a primazia do poderio maritimo por negligencia dos dirigentes, por demasiada confiança, ou, antes, por desmedido orgulho, nos seus poderosos recursos, e, principalmente, pela inepcia dos commandantes a quem entregaram as expedições maritimas.

Os romanos imitaram os modelos das quadrirémes e das velozes galéras, que formavam o nucleo das armadas punicas; ensinaram e adextraram as equipagens; inventaram o apparelho de abordagem, dito « o corvo »; e tiveram, quasi sempre, homens valorosos á frente das suas campanhas navaes.

É de contrastar : que fôram do elemento phenicio os

(1) Cêrca de 2.000 contos de réis.

Digitized by Google

suffétas do mar, os vencidos, nas differentes batalhas, onde Carthago perdeu importantes esquadras; e que as suas victorias terrestres, a sua resistencia heroica, se deveram ao elemento libyo-phenicio.

Quando commandava um Barca, se não era uma victoria, succedia pelo menos uma defeza, que esgotava as forças romanas.

Sirvam de exemplo as proezas de Hamilcar, na Sicilia : resistindo em Eryx ; tratando, e finalisando a primeira guerra punica, sem quebra de dignidade, com Lutatius, o vencedor da batalha naval das ilhas Égatas, (242, antes J.-C.), onde a famosa esquadra de Hannon, composta de quatrocentos navios, fôra batida totalmente, perdendo cento e vinte galéras : cincoenta, levadas a pique, e setenta, com dez mil homens de tripulação, apresadas pelos romanos.

Isto prova, ethnicamente, a differença, que já esboçámos, entre o elemento phenicio, semita-turanisado, e o elemento libyo-phenicio, onde os libyos, puros turanianos, haviam transmittido as caracteristicas ethnicas dos turyas.

Assim os Hannons fôram bons negociantes, optimos planeadores das novas feitorias, eximios e economicos mercadores, professos accumuladores de riquezas, mas politicos de curtas vistas, e pessimos capitães.

Pelo contrario os Barcas, batalhadores notaveis, generaes de grandes recursos estrategicos, — da estrategia do seu tempo — (1), sagazes politicos, souberam empregar

(1) O primeiro documento historico em que apparece a palavra « stratégos », grega por nascimento, é na narrativa das luctas do

Digitized by Google

os meios para obterem o successo, fóra mesmo do campo das batalhas.

Folheie-se a historia romana, nos pontos de contacto com a dos carthaginezes, visto que a d'estes não existe, e ter-se-ha centenas de provas d'esta asserção.

Roma, pelo encendrado amor da patria, pelo inegualavel zêlo da *res publica,* sempre manifestado por patricios e plebeus, pela coragem civica, que até perdoava as derrotas, pois bem sabia, que os seus cidadãos se batiam sem medo, sob a nobre emulação da gloria,

---

archontado d'Athenas, contra as outras nacionalidades hellenicas. Quando em 683, (antes J.-C.), a revolução popular abateu o poder do archonte unico, que se assemelhava ao dictador, foi creado o archontado de 9 membros, e d'estes era o archonte polémarca o encarregado do commando dos exercitos, « stratégos », ou ministro da guerra d'aquelles tempos. A massa embryonaria dos ministros da nossa epocha encontra-se nos 6 archontes thesmothétes, encarregados de proporem as leis, e de as fazerem cumprir. Até havia um presidente, sem pasta, o archonte eponymo. Da Grecia passou o titulo de stratégos para o Egypto dos Ptolomeus, 323 (antes J.-C.).

Nem admira, porque o fundador da dynastia néo-egypcia, dita dos Ptolomeus ou das Lagidas, foi um dos tenentes do grande Alexandre, o Ptolomeu Soter, filho de Lagus, o qual introduziu no seu exercito a nomenclatura grega da hierarchia militar creada pelo portentoso conquistador macedonio. No Egypto ptolomaico o stratégos commandava um nómo, as tropas d'uma circumscripção administrativa, ou o que hoje se chama uma divisão militar. Não era o commandante em chefe, como entre os athenienses.

Na historia de Carthago, feita pelos gregos e romanos, apparece, pela primeira e única vez, o nome de « stratégos » dado a Hannibal, quando contractou a alliança com Philippe de Macedonia, contra os romanos, em 215 (antes J.-C.). Veja-se : Polybio, III ; Tito Livio, XXIII, 33. Explica-se o extranho do nome, attendendo a que o tractado era celebrado com um potentado grego, porquanto em Carthago não havia stratégos, mas sufféta ou suffetim.

Digitized by Google

que a todos incitava, luctára com braveza, e sem desfallecimentos.

Pela força sábia das suas instituições, pelo respeito consagrado ás suas leis, e pela cohesão dos interesses vitaes da sua sociedade, entrára confiada, embóra arriscadamente, na guerra; proseguira com animo, tenazmente, exhaurindo os seus recursos publicos e privados, mas vencêra.

Se, pelo desbarate de Carthago, os romanos ascenderam á thalassocracia, ao poderio maritimo, foi-lhes preciso esmagarem, em dezenas de combates navaes, as forças maritimas dos seus potentes adversarios. Aprenderam á sua custa, deixando em poder dos punicos, ou no fundo do pélago, o melhor de 700 navios, com grande parte dos seus tripulantes.

Os carthaginezes supportaram damno moral superior, porque perderam, vergonhosamente, a anterior fama de invenciveis no mar. Ainda que contassem menores perdas de gente e de galéras, — pois que os combates e os naufragios levaram-lhes o total de 500 navios —, soffreram derrotas, de perniciosos effeitos; e a supremacia do Mediterraneo fugira-lhes inesperadamente.

Carthago, soberba do activo e importante commercio, orgulhosa das poderosas e argentarias fortunas, suppondo-se invencivel nas suas fortes esquadras, começára, confiadamente, o duello, julgando facil a victoria, tendo em pouca conta o valor e as forças dos romanos.

Subjugada pela oligarchia do synhedrim aristocrata-mercador, desprezando as leis e os tratados, que se faziam e desfaziam á vontade dos millionarios senadores, desli-

Digitized by Google

gando da governança publica o elemento popular, mantido em lucta aberta com os poderes dirigentes, combatera teimosamente, sem plano seguido, sem espirito coordenado.

Pelas proezas dos seus libyos, numidas, e outros africanos, pelo vigor dos seus mercenarios, iberos, baleareos, siculos, sardos, liguros, gregos e gaulezes, pela pericia dos seus marinheiros, e pelo valor d'alguns dos seus illustres capitães, praticára numerosas façanhas, gloriosas e heroicas, mas ficára vencida.

Eis a lição da historia.

A seguir á lucta romana, pela inepcia e avareza do elemento plutotocrata, discutindo parcimoniosamente, addiando subtilmente, pela cupidez do ouro, o pagamento dos soldos aos mercenarios, que tinham combatido os romanos, desencadeou-se sobre Carthago a terrivel guerra, dita « dos Mercenarios ». Sob o commando de Mathos, Spendius e Autarito, os barbaros levaram a ferro e fogo as ricas campinas avisinhadas da cidade; trucidaram os enviados do senado; alliciaram muitas tribus do interior; captaram a adhesão das cidades d'Utica e de Hippona (1); e, formando uma multidão superior a 80.000 guerreiros, sitiaram apertadamente Carthago, que esteve prestes a succumbir.

N'estes transes, foi um Barca, então quasi exilado, quem

(1) Isto prova, que as phenicias Utica e Hippona não só invejavam a supremacia de Carthago, mas tambem já a reputavam, libyo-phenicia, e não tyriana pura. Note-se, que os libyos-numidas ajudaram Hamilcar a vencer os estipendiarios.

Digitized by Google

salvou a metropole carthagineza, depois de se reconhecer a incapacidade d'um Hannon (238, antes J.-C.), e fôram os numidas, do massyliano Naravaso, os mais poderosos auxiliares de Hamilcar Barca, contra os revoltosos mercenarios (1).

Os mercadores carthaginezes começavam, apenas, a cogitar nos interesses das mercancias, quando pronuncios de nova lucta se desenharam no seu horisonte politico. Os habitadores de Sardos (Sardenha), incitados pelas victorias romanas, haviam sollicitado de Roma uma guarnição, ou, para melhor dizer, a sua dominação.

De Carthago allegou-se, que o tratado de Eryx resalvava a posse do dominio punico, e mandou-se aprestar uma armada, que se dirigisse ás aguas sardas, para acalmar os impetos anti-punicos dos ilhéos sublevados. Mas o povo romano, forte das suas victorias, não podia deixar passar esta occasião de augmentar a sua hegemonia italica, apoderando-se da grande ilha do Tyrrheno. Imitando a chamada fé punica dos tratados, o senado romano declarou a guerra aos carthaginezes, allegando que estes preparavam uma expedição contra Roma, e não contra os insulares. A metropole africana, enfraquecida por tantas luctas, receando, após as lições da ultima guerra, os resultados da contenda, abandonou a Sardenha (237, antes J.-C.).

Para obter a paz, ainda se obrigou a juntar mil e duzentos talentos á indemnisação de guerra, pactuada anteriormente, no tratado de Eryx, o que, para as bolsas dos

(1) Gustave Flaubert immortalisou esta lucta, no seu primoroso, romance historico — Salammbô —.

Digitized by Google

ricaços phenicios, representava mais que a perda d'alguns milhares de soldados mercenarios, mortos no desastre d'uma batalha.

O carthaginez pagava, por alto preço, a paz e a tranquillidade, para poder recomeçar novamente, sem perigo de complicações guerreiras, o seu importante giro mercantil.

Roma ficava tranquilla e satisfeita, com tantos louros victoriosos, com tão quantiosas indemnisações, e com a desejada posse das regiões insulares thyrrhéneas.

Sem colonias, sem feitorias, não podia, porém, o mercantilismo carthaginez readquirir a antiga prosperidade, apesar de continuar a usufruir os proventos do commercio levantino, e de ter iniciado o monopolio mercantil das longinquas terras do Norte-Europeu, aonde, na esteira dos tartessos e dos phenicios, havia chegado, n'um ousado periplo da sua aventurosa navegação (1).

Começou-se, portanto, a pensar nas riquezas da Iberia (2). Mas os seus parentes de raça, os phenicios, ainda occupavam os pontos importantes da Hespanha Mediterranea, e alguns do littoral Ibero-Oceanico, e o senado carthaginez, que continuava a enviar o tributo dizimal ao templo

(1) O periplo de Himilcon, que attingiu o mar d'Albion.

(2) Dizem alguns auctores, que a iniciativa da expedição á Hespanha, foi toda e unica, de Hamilcar Barca, o qual, sob o pretexto de pacificar algumas das cidades africanas, se dirigiu ás terras da Libya e da Numidia para levantar o exercito com que invadiu a peninsula, mostrando-se o senado punico jubiloso por vêr fóra de Carthago o general que era sympathico ao povo, e que podia aspirar, com fortes fundamentos, á dictadura contra a plutocracia dos velhos elementos phenicios.

Digitized by Google

do Hercules Tyriano, recebendo tambem dos phenicios todo o auxilio mercantil, não podia, sem ferir os seus escrupulos religiosos, e sem golpear os seus interesses commerciaes, desapossal-os das suas colonias e feitorias.

Succedeu, porém, que os iberos, que demoravam na Turdetania, pretenderam expulsar os phenicios, da sua principal colonia, a cidade de Cadix, e que estes fôram obrigados a impetrar o auxilio dos carthaginezes, para a defeza de suas pessoas e bens.

Optima occasião, e azado pretexto tiveram assim os libyo-phenicios, para se poderem introduzir, á mão armada, em terras da Iberia. Coincidia isto com o abandono da Sardenha, ao qual se seguiu, a breve trecho, o da Corsega.

E no anno 237, (antes J.-C.), Hamilcar Barca, que sonhára, de ha muito, a conquista iberica, desembarcou em Gadés (Cadix), com numeroso exercito, composto, na maxima parte, de numidas e libyanos. Combateu os turdetanos; assegurou Gadés, em codominio com os phenicios; estendeu as suas conquistas, ou antes as suas incursões, pela Turdetania e parte da Iberia central, não se podendo dizer, precisamente, até onde, attingiu a sua influencia e dominio.

Digitized by Google

Digitized by Google

IV

Inicios da dominação carthagineza na Peninsula

Hamilcar e seu genro Hasdrubal fôram os fundadores do dominio carthaginez na Iberia.

Sem fallarmos da apropriação de Gadés, e d'outros pequenos povoados do littoral, que haviam pertencido aos phenicios, os carthaginezes dilataram-se, nos primeiros tempos, mais como alliados do que como invasores.

Protegeram a permuta das suas mercadorias; estabeleceram a ordem, entre os povos bellicosos da Iberia, deixando nas principaes povoações representantes seus, que eram mais embaixadores, que legados de conquistadores ; e cobraram impostos, ou indemnisações de guerra, das tribus, que mais se lhes tinham opposto á sua dilatação.

Entre os principaes adversarios peninsulares contavam-se os celtiberos, que demoravam ao centro da Iberia,

Digitized by Google

nas proximidades do rio Anas, e nas montanhosas regiões do Noroéste, desde os Montes Cantabricos até aos Asturianos propriamente ditos.

Hamilcar passou, durante a sua chefia de nove annos, alguns sanguinolentos recontros, com tão aguerridos contendores, nas regiões centraes e meridionaes da Hespanha.

Refere Diodoro da Sicilia (1), que nas visinhanças do Anas houve sangrenta lucta entre as hostes carthaginezas e as tribus celtiberas, sendo mortos os dois chefes indigenas, logo no principio do combate, que se decidiu a favor do Barca.

Diz mais, que as forças dos celticos se reformaram e reforçaram, em breve espaço, sob o commando do chefe Indortés, ascendendo a 50.000 homens, que fôram derrotados, ficando dez mil prisioneiros.

E que Hamilcar concedera a liberdade a todos os que se haviam rendido, mandando, porém, crucificar o chefe, como exemplo terrorisante para os outros capitães insubmissos ; a crueldade punica ao lado da generosidade libyana.

Quando já era dominador e arbitro da Iberia, além e áquem do Ebro, exceptuando Sagunto, os povoados cantabricos, os euskarianos ou bascos, e os lusitanos, succumbiu n'uma escaramuça, embóra as suas hostes, onde eram combatentes numerosos iberos meridionaes, não ficassem vencidas.

(1) Diodoro da Sicilia, lib. XXV.

Digitized by Google

Alguns escriptores dizem, que o exercito de Hamilcar foi posto em fuga, e que este, na retirada, fôra ferido e impellido até á corrente d'uma ribeira tributaria do Alto-Anas, onde perecera.

Os celtiberos, que atacaram as phalanges do Barca usaram d'um curioso ardil de guerra, segundo a narrativa do auctor siciliano.

Ataram, ás pontas dos bois, feixes de palha, que incendiaram, precipitando-se os ruminantes, em furia brava, contra o acampamento libyo-phenicio, onde produziram o panico, e, com este, uma retirada desordenada. O general carthaginez fez frente com os mais valorosos batalhadores, susteve os seus e os adversarios, tornando indeciso o prélio, onde sacrificou a vida corajosamente.

Arriscára-se com a sua proverbial valentia, ao ponto mais ferido do combate, encontrando assim a morte d'um verdadeiro guerreiro, em pleno campo de batalha.

Hamilcar foi o fundador da povoação « Barcina », que hoje é Barcelona, a grande cidade commercial e industrial da Hespanha, e a segunda, pela sua importancia politica e densidade de população.

Áparte as luctas com os celtiberos, a invasão carthagineza fez-se antes pela força da persuasão do que pela das armas.

A grande diplomacia de Hamilcar Barca, a affinidade da origem ethnica, e as antigas relações dos capitães carthaginezes com os iberos, visto que, de ha muito, como dissemos, Carthago assoldadava grande parte dos seus guerreiros, entre os povos peninsulares, facilita-

Digitized by Google

ram, em parte, o ingresso dos libyo-phenicios, abrindo-lhes as regiões, onde dominava o puro elemento ibero.

Os soldados libyo-phenicios elegeram, como successor do grande Hamilcar Barca, o seu genro Hasdrubal (227, antes J.-C.).

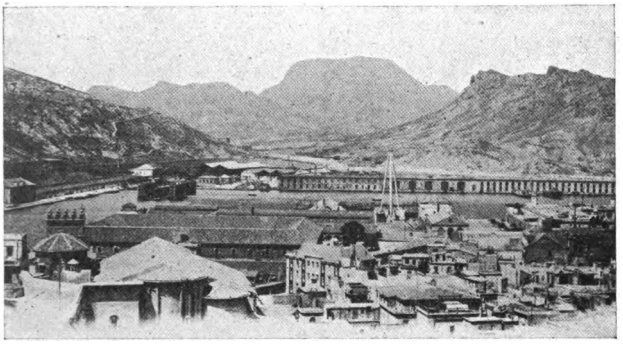
O senado punico de Carthago confirmou a escolha, e Hasdrubal incumbiu-se do difficil papel de pacificar a Iberia, dilatando e estabelecendo, em bases solidas, a influencia carthagineza.

N'essa missão, foi devéras inexcedivel. A sua arte de conhecer as paixões humanas, a sua prudencia, a sua equidade arbitral, nos amiudados conflictos dos peninsulares, a facilidade com que rapidamente se deslocava, para extinguir, pela palavra persuasiva, os começos de insurreição ou de contenda, deram-lhe tal preponderancia e tal influencia, que os proprios romanos invejaram-lhe os successos, e começaram de temerem os resultados de tão grande poderio, proximo das fronteiras proprias, dos seus protegidos e alliados.

Mas, onde Hasdrubal provou ser um verdadeiro e habil politico, para os fins commerciaes e maritimos da sua patria, foi na fundação da cidade de Carthagena.

Digitized by Google

A escolha do local onde estabeleceu esta Nova Carthago, a preferencia dada á bahia, que lhe serviu de porto de guerra e de commercio, a maneira como a fortificou e abasteceu, fizeram de Carthagena não só a principal praça forte do littoral mediterraneo-iberico, mas a chave do poderio carthaginez, na Peninsula.



Carthagena (outr'ora Nova-Carthago)

Não morreu em batalha, mas sob a arma traiçoeira d'um escravo gaulez, que pretendera vingar a morte do seu senhor celtibero, justiçado por ordem de Hasdrubal, (220, antes J.-C.).

Havia escolhido, para sua mulher, uma ibera; e diz-se, que pensara fazer, na Iberia, um imperio independente de Carthago.

Tres annos antes da sua morte, Hasdrubal havia sollicitado de Carthago a nomeação de Hannibal Barca, seu cunhado, para a tenencia dos exercitos d'occupação.

Digitized by Google

Os partidarios de Hannon, irreductiveis inimigos da familia dos Barcas, quizeram levar o Senado, á rejeição de tal pedido, allegando : que era imprudente constituir n'uma familia o patrimonio do commando dos exercitos; que Hannibal era assás joven, de caracter guerreiro e audaz; e que conviria mais, que elle viesse a Carthago, aprender o respeito ás leis do seu paiz, e reconhecer os preceitos da egualdade. São os historiadores romanos, que assim fazem perorar os senadores punicos.

Fallavam de « egualdade » os aristocratas-argentarios, que o abuso das riquezas envaidecera, a ponto de desprezarem os seus proprios concidadãos menos fortunosos, rejeitando-lhes a participação na governança publica!

A facção barcina, que tinha augmentado de numero e de valor, já pelo descredito, que os Hannons se tinham acarretado, com as suas derrotas, na guerra punica e na dos mercenarios, já pela aura popular, que engrandecera as proezas de Hamilcar Barca, na defeza tenacissima da Sicilia, e na salvação de Carthago, com o desbarate dos revoltados estipendiarios, preponderou decisivamente, em favor do filho de Hamilcar.

A maioria dos votantes decidiu nomear Hannibal, que então tinha 24 annos, general auxiliar, ou tenente dos exercitos de Hespanha.

No anno 223, (antes J.-C.), assumia, em Carthagena, o commando effectivo das tropas libyo-phenicias, o joven guerreiro, que tanto n'ella havia de illustrar o nome dos Barcas, demonstrando as suas excepcionaes qualidades de emerito batalhador.

Digitized by Google

V

Hannibal na Peninsula Iberica

Na Hespanha, o filho do Barca começou por desenvolver as naturaes qualidades de guerreiro, e os altos predicados de bom capitão, disciplinador, e suggestionador da acrisolada affeição, que acendradamente os soldados lhe votaram.

Os veteranos das guerras sicilianas e punicas julgaram vêr n'elle a resurreição do grande Hamilcar, taes eram as parecenças physionomicas, que o aparentavam com o illustre Barca, seu progenitor.

A mesma vivacidade fulgurante, no olhar, as mesmas linhas fortes e accentuadas, no rosto, denotando o caracter energico e vigoroso, juntamente com a perspicacia inventiva e a rapidez de conceito, seguidas da tenacidade, na prosecução do fim a attingir.

Elevado á tenencia do exercito, dentro em pouco tempo,

Digitized by Google

os soldados começaram a vêr n'elle mais que uma segunda encarnação do genio de Hamilcar, porque facilmente se descobria, que Hannibal excederia seu pae.

Mui poucos homens de guerra possuiram, como elle, as duas virtudes, assás difficeis de reunir n'um verdadeiro guerreiro, a subordinação despida dos resaibos de orgulho humilhado, e o talento de commandar.

Obedecia, sem objecções, a seu cunhado, sabendo aliás a inferioridade dos conhecimentos militares de Hasdrubal, que idolatradamente o estremecia. Commandava, sem hesitações, nem falsas prosapias, a soldadesca, que o adorava. Para as expedições, que demandavam uma actividade extrema e uma vigorosa execução, era o preferido e o bem succedido.

Conhecia os seus homens, fallava-lhes familiarmente, afóra do regimen disciplinar.

E, o que mais o fazia estimar por aquelle exercito, composto de homens, que fallavam differentes dialectos, conhecendo a lingua de cada povo, numida ou turdetano, grego ou liguro, libyo ou basco, conversava com todos, nos seus idiomas proprios (1).

---

(1) Todos os auctores antigos affirmam, que tanto Hamilcar Bárca como o seu filho Hannibal oravam ás phalanges dos exercitos que commandavam, nas differentes linguas falladas pelos guerreiros dos diversos povos da Iberia, Italia, Gallia, Liguria, Numidia, Mauritánia, etc.

Hannibal, segundo Plutarcho e Cornelio Nepos, conheceu a litteratura grega, escreveu, na lingua da Grecia, as memorias das suas campanhas, e compôz, em grego, a famosa inscripção do templo de Juno Lacinia, que Polybio viu, e mencionou especificadamente.

Digitized by Google

Facilmente, assim, lhes fazia aquellas exhortações ou discursos marciaes, vividos e energicos, que levantavam a alma dos guerreiros, dispondo-os aos sacrificios das proprias vidas.

Pela morte de Hasdrubal (anno 220, antes J.-C.), os soldados, que não consideravam Hannibal, como seu logar-tenente, mas sim como se fôra seu general, conclamaram a sua eleição para a chefia das forças carthaginezas, na Peninsula.

O senado, após d'algumas hesitações, e depois de ouvir, mais uma vez, os discursos contrarios de Hannon, como representante do odio secular, que familia hannina sempre votára aos Barcas, approvou a escolha feita pelo seu exercito, e mandou a Hannibal plenos poderes, para governar a Iberia, e para o commando geral, *suffétado*, dos exercitos de além e áquem Mediterraneo.

Começou então a exercer-se a actividade energica de Hannibal, na administração da grande colonia punica : captando mais as sympathias dos povos ibericos; fazendo allianças com uns; e guerreando outros, até lhes obter a submissão.

Um dos primeiros cuidados do novo *sufféta* foi provêr a uma distribuição das suas tropas, de fórma a conservar forças, sufficientes, para guardarem, em Africa, o imperio carthaginez, que se dilatava, então, desde a Grande Syrta, proximidades da Cyrénaica, até ás columnas de Hercules, e para manterem na Iberia, a occupação punica, sob uma guarnição d'élite, forte e segura.

Levantou, na peninsula, um exercito de dezeseis mil homens, que enviou para guarnecerem Carthago e as

Digitized by Google

fortes cidadellas da Metagonia, deslocando d'estas, para a metropole punica, quatro mil homens, que n'ella ficaram, mais como refens asseguradores da fidelidade dos seus conterraneos, que como elementos de segurança.

Para a Hespanha mandou vir um corpo do exercito africano, de cêrca de quinze mil homens, assim composto: doze mil libyos, gente de pé; quinhentos libyo-phenicios, trezentos lorgitas, e mil e oitocentos numidas e mouros, constituindo a cavallaria.

Addicionou ás phalanges africanas uns trezentos liguros, fronteiriços da Italia, e quinhentos homens de funda, das Baleares.

Dispôz estas forças nos pontos mais importantes, já do littoral, já das proximidades do Ebro, e manteve comsigo um exercito de mais de vinte mil homens, veteranos aguerridos, libyos e numidas, que conheciam bem, por uma longa estadia, a peninsula iberica.

Apreciando as distinctas qualidades dos peninsulares, estimando-os, como irmãos de raça, quer pelo parentesco ethnico, morphologicamente bem pronunciado, quer pelas similhanças dos usos, costumes, religião e linguagem, — principalmente entre os africanos libyo-numidas, e os europeus iberos —, Hannibal, o grande libyo-phenicio, considerou a Iberia, como uma segunda patria, e n'esta escolheu a preferida mulher, com quem realisou casamento, em Castulo (anno 219, antes J.C.).

Apercebera, com a nitidez de vistas d'um verdadeiro politico, que a Peninsula poderia ser a grande força para vencer o rival romano, auxiliando com homens valorosos, e fornecendo quantidades, mais que sufficientes, de vi-

Digitized by Google

veres e de armamentos, para o que abundavam as planicies uberrimas de cereaes e gados, e os jazigos plenos dos preciosos mineraes.

Comprehendera rapidamente, que o verdadeiro centro do imperio libyo-phenicio, como elle o sonhára, deveria ser, mais exacta e apropriadamente collocado, no quadrilatero peninsular, batido por dois mares, defendido pelos fortes naturaes dos Pyrenéos, agarrado á Europa, pelo continente gaulez, e offerecendo a mão á Africa Septentrional, atravez do estreito.

A nova Carthago iberica (Carthagena) seria o prenuncio d'uma hegemonia ambicionada; e ou esta se solidificaria em terras da Hespanha, alcançando-se, seguidamente, a submissão ou, antes, o anniquilamento de Roma, combatida e vencida na propria casa, ou o sonho da supremacia carthagineza se converteria no pesadelo do predominio romano.

Não havia, nem podia haver, um meio termo.

Pensando n'estes grandiosos fins a alcançar, olhos fitos no seu magnificente ideal, Hannibal procedeu, na Peninsula, de fórma opposta aos antigos preceitos da colonisação punica.

Em vez das pesadas contribuições, que chegavam, muitas vezes, até á exigencia de metade do producto das colheitas, e em substituição das duras extorsões, useiras e vezeiras, dos delegados senatoriaes, limitou-se a lançar suaves impostos, em generos ou em dinheiro; mas confirmou a antiga prohibição de permutas mercantis com os mercadores extranhos, nos portos da Iberia, consi-

Digitized by Google

gnando a exclusiva protecção de bandeira, como hoje lhe chamamos.

Entretanto alguns povos mais irrequietos, açulados pelos que se tinham fundido no primeiro elemento ariano-celta, pelos celtiberos, deram mostras de se sublevarem, na Hespanha Central, contra a influencia soberana dos libyo-phenicios.

Hannibal teve, por isso, de luctar contra os Occladas e Vaccéos (1), que fôram vencidos nos primeiros recontros. Mas estes, aguerridos e turbulentos, não se aquietaram; fazendo alliança com os Capetanos, levantaram tumultuariamente, e sem organisação militar, uma multidão de combatentes, avaliada em cem mil, composta de homens validos, velhos e adolescentes, armada ainda, em grande parte, de armas néolithicas, a qual foi duramente vencida, pelo disciplinado exercito de Hannibal, na batalha dada junto ás nascentes do Tejo, (anno 219, antes J.C.).

Após esta victoria, os povos da Iberia ficaram em paz; e todos sob a influencia carthagineza, ou por submissão d'uns, ou por alliança d'outros.

Hannibal, porém, sabendo pelos mensageiros de Carthago, que o seu partido, o barcino, animado pelas victorias de Hespanha e pelos successos da conquista, augmentára de influencia a ponto de contrabalançar

(1) No volume seguinte, no prélo, sob o titulo « Celtas e Celtiberos », trataremos do *habitat* dos differentes povos iberos, ao tempo da invasão das tribus celtas, e desenvolveremos o assumpto do « celtismo peninsular », nas suas modalidades, e na sua influencia ethno-historica, referindo-nos detidamente á civilisação e navegações dos tartessos, ou liguros da Iberia Meridional.

Digitized by Google

senão superar as forças do velho elemento punico, o dos Hannons, e confiando nos exercitos e nos recursos de que dispunha, julgou azado o momento de precipitar a lucta com Roma, por um golpe de guerra sobre a sua alliada saguntina.

Sagunto era a cidade populosa e forte, que uns colonos hellenos tinham ajudado a fundar, ao sul do Ebro; a unica que desdenhára a alliança carthagineza, e a protegida dilecta dos romanos, que, como tal, a tinham especificado, excluindo-a da partilha dos dominios ibericos.

Esta partilha, ou esphera de influencia e de limites de conquista, fôra pactuada até ao Ebro, no tratado celebrado com o senado punico, quando Hasdrubal, após a conquista de Hamilcar, iniciára a colonisação da Iberia, despertando os ciumes e invejas dos romanos, (anno 224, antes J.-C.).

Os saguntinos fôram sitiados; e como offerecessem tenacissima resistencia, nos multiplices assaltos e combates, tiveram a sorte dos vencidos, n'aquelles tempos de luctas sanguinarias, sendo passados ao fio da espada, os poucos que teimaram até ao fim da heroica defeza.

Sagunto foi anniquilada; a cidade e as muralhas abatidas e arrasadas.

O povo romano indignou-se, mais pelo sentimento de receio, que lhe causava o grande resurgimento do poderio punico, revelado na audacia do seu primeiro general, e bem patenteado nas forças poderosas de que este dispunha, do que pela destruição de Sagunto, ou pela falta de cumprimento dos tratados, cognominada ironicamente, a fé punica.

Digitized by Google

Roma, repellidos por Hannibal os seus legados, enviára ao senado carthaginez uma embaixada, ainda durante o cêrco de Sagunto, pedindo que lhe fôsse entregue, para exemplar castigo, o audaz general, que violara os tratados; mas o senado de Carthago, contra vontade do partido hannonino, não accedeu, respondendo com evasivas ou subterfugios politicos.

Mas os romanos, tão faceis, outr'ora, em declararem a primeira guerra punica, sem motivos que tal a justificassem, tão promptos tambem a menosprezarem os tratados, — roubando a Corsega e a Sardenha, que tinham sido garantidas aos carthaginezes, no anno 241, (antes J.-C.), quando estes, seguidamente aos desastres da guerra punica, se viram a braços com os 60.000 mercenarios revoltados —, os romanos, tão ciosos do respeito devido aos seus alliados, não declararam immediatamente a guerra, porque, se a lucta anterior tinha deixado tão exhaustos os vencedores, como os vencidos, estes, sob o impulso e direcção do grande Hannibal, haviam cicatrisado, com o balsamo das riquezas da Hespanha, as feridas mais fundas, haviam retemperado a energia guerreira, com as forças valorosas da Iberia.

A ruina, porém, de Sagunto, demandava mais alguma coisa, da parte dos romanos, que a reclamação politica, pela noticia do sitio, exigia a immediata declaração de guerra, ou, melhor ainda, a rapida invasão de qualquer colonia carthagineza; pois os romanos ainda enviaram terceira embaixada pacifica, sob ordem expressa de se contentar com a platonica declaração de que « o senado punico desapprovava o feito do seu general, e lamentava a violação do tratado ».

Os senadores de Carthago, inebriando-se com as vic-

Digitized by Google

torias de Hannibal, e excitando-se com as fortunas, rapidamente auferidas pelo monopolio mercantil dos portos peninsulares, não concordaram com os dictames pacificos, aconselhados pelos sequazes de Hannon, mais talvez pelo odio aos Barcas, que por prudencia calculada, e responderam negativamente ás simples e modestas pretensões dos enviados latinos.

Apresente-se, por conta do paduano historiador, Tito-Livio, a narração do historico episodio, em que resalta o facto surprehendente, extraordinario, de se aperceber os vencedores, tão orgulhosos, poucos annos antes, a mendigarem dos vencidos, em casa d'estes, a esmola d'uma sahida azada, ou diplomatica, segundo o termo moderno, para a posição vergonhosa, em que Roma se encontrava, perante os seus alliados, tendo deixado anniquilar o seu federado do Ebro!

Diga-se tambem, que defrontando a altaneira recusa da sollicitadissima declaração, o nervo altivo da familia latina vibrou n'uma reacção de dignidade.

Perante a soberba dos senadores punicos, usual e habitual, principalmente quando tinham os dôrsos em boa defeza, e as arcas com valiosas moédas d'ouro, retemperou-se o orgulho dos patricios romanos, e soube achar o caminho do verdadeiro patriotismo, disposto a todos os sacrificios.

Resumiremos a diffusa narrativa do escriptor romano.

Os embaixadores romanos tinham patenteado, em pleno senado punico, a exposição das suas queixas e aggravos.

Digitized by Google

Então Fabius, o principal dos legados, apanhando a patricia toga, dobrou-lhe uma extremidade, e, com esta em fórma de bolsa, irrompeu, estendendo-a sacudidamente na dextra, com um gesto assás figurado e pathetico: « trago-vos, aqui, a paz ou a guerra; escolhei! »

Todos os membros do synhedrio, sem discrepancia, *una voce*, responderam: « escolhei vós. »

Fabius abriu mão da bolsada toga, a dobra desdobrou-se, e com ella, symbolicamente, soltou-se a declaração bellica: « eu vos deixo a guerra! »

« A guerra! nós a acceitamos, e nós saberemos sustental-a »; conclamaram os senadores carthaginezes.

Foi este o prefacio, posthumo, do grande duello punico-romano. A segunda guerra punica, delineada e preparada, incendida e principiada, na Iberia, como a desforra, que o grande Barca antevira nos seus sonhos ambiciosos de gloria e de poderio, ja se havia iniciado, auspiciosamente, para a metropole mediterranea com a tomada de Sagunto.

Carthago commungára, depois, os ideaes de Hannibal, e entrára, plena de enthusiasmo e de esperança, no novo cyclo guerreiro, (anno 219, antes J.C.).

Durante o inverno do anno 219, (antes J.-C.), foi Carthagena o quartel general de Hannibal.

Digitized by Google

Ali dispôz e ordenou as coisas da guerra, fazendo os ultimos preparativos para a grande campanha, que o immortalisou.

Mantimentos, armas, metaes amoedados, machinas de cêrco, animaes de transporte, galéras de guerra, todos os aprestes de combate, terrestre e maritimo, fôram, sábia e prudentemente, accumulados e arrecadados, constituindo, na Nova-Carthago, o grande arsenal das suas forças.

Recrutou novas lévas de iberos, entre os povos que lhe mereciam mais confiança ; e n'estes sobresahiam, pelo indomito valor marcial, os lusitanos e os bascos.

Constituiu na Iberia duas grandes divisões militares, a que correspondiam dois exercitos, formando as reservas que ficavam promptas, para, ao seu chamamento, acudirem, em reforço seguro e de decisivo esforço.

A divisão meridional, a maior, e a mais importante, pela occupação peninsular, que sustentava, e pelas valorisações, que defendia, era dilatada na Iberia d'áquem-Ebro, com as grandes cidades do littoral, com os arsenaes de Gadés e de Nova Carthago, sob o commando de seu irmão Hasdrubal Barca, tendo ás ordens, além dos mercenarios indigenas, um corpo de quinze mil libyo-phenicios, com vinte e quatro elephantes de guerra, e uma armada de sessenta galéras.

A divisão septentrional, Iberia d'além-Ebro, chegava aos Pyrenéos ; e o exercito, que n'ella se aquartelava, sob o commando de Hannon, compunha-se de onze mil carthaginezes.

Digitized by Google

Incitando o animo bellico dos seus soldados, Hannibal repartiu-lhes gratificações em dinheiro e vestuario; licenceou os naturaes da Iberia, a fim de visitarem os seus lares, dando-lhes, como repouso, mais que sufficiente para renovarem energias e estimulos, todo o inverno do anno que decorria.

Para dar melhores auspicios á lucta projectada, para enlevar fortemente a alma dos guerreiros, Hannibal foi em peregrinação religiosa a Gadés; e, no templo magestoso e riquissimo do Hercules Gaditano, impetrou a divindade dos combates, offerecendo sacrificios, não só ao Melkart (Hercules), mas tambem a Baal, o deus supremo, e a Astarté, Tanit, a protectora de Carthago.

Facilmente se espalhou supersticiosamente, por toda a Iberia, que os deuses lhe tinham promettido a victoria, e até mesmo, que um enviado das divindades lhe predissera, que os soldados do seu exercito fariam a conquista da Italia.

Imagine-se, portanto, que enthusiasmo bellicoso animaria, na expedição contra os romanos, os povos aguerridos da batalhadora Iberia!

Nos começos da primavera do anno 218, (antes J.-C.), Hannibal avançou com o seu numeroso exercito (1), na força de oitenta mil combatentes, com numerosos ele-

(1) O exercito era composto: pelos cavalleiros da Numidia e da Mauritania, e por alguns de Carthago; pelas phalanges pedestres, dos libyo-phenicios, dos libyos, e dos baléareos — que forneciam, annualmente, 1.000 homens das fundas, que atiravam rapidamente a grande distancia, pesadas pedras, que despedaçavam escudos e couraças, quaes artilheiros d'aquelles tempos —; pelos

Digitized by Google

phantes e fortes machinas de guerra, passou o Ebro, atravessou as montanhas dos Pyrenéos, e entrou na Gallia.

O nosso escôpo não nos permitte seguir detalhadamente o grande heroe libyo-phenicio na sua assombrosa campanha italica, que era mais digna do poema de um Homero, que os proprios fastos dos heroes da Illiada.

Procuraremos, porém, dizer, synopticamente, os feitos mais importantes. Chegado ao Rhodano, Hannibal evitou dar batalha ao general P. Scipião, limitando-se o recontro a escaramuças dos cavalleiros da vanguarda; e entrando na região dos Allobrogos, passado o Durancio, chegou ás faldas dos Alpes. Depois, subindo caminhos estreitos, abrindo passagens, galgando desfiladeiros, salvando precipicios, atravessou as montanhas alpinas, com bagagens e elephantes, perdendo na travessia trinta mil homens, mas chegando finalmente ás terras da Italia, nos meados do anno 218, (antes J.-C.).

Rompeu pela Cisalpina; venceu o combate do Tessino, contra o consul Scipião; derrotou este e o seu collega Sempronio, nas margens do Trébia, onde ficaram, mortos

---

auxiliares iberos, dos variados povos da peninsula; e pelos liguros e gaulezes.

Os soldados da Iberia eram os mais disciplinados; e constituiam o nucleo forte da infantaria. Usavam vestuario de linho, branco com ornatos vermelhos. A sua principal arma era uma grande espada cortante, e tambem perfurante como uma lança. Os Gaulezes usavam da maça, ou d'um pequeno sabre, e batalhavam, nus até á cintura, trajando apenas um saio, frequentemente, de couro. Assim o affirma o grande historiador allemão Heeren. (De la politique des peuples de l'antiquité), tom. IV, da trad. franceza, pag. 150 e seguintes.

Digitized by Google

e prisioneiros, trinta mil romanos; e ganhou a batalha do lago Trasiméno, contra o imprudente e orgulhoso Flaminio, (218 a 217, antes J.-C.).

Penetrando na Italia Central, passando a ferro e fogo as regiões dos alliados de Roma, procurou, debalde, attrahir a combate, o prudentissimo Fabio; e obteve a victoria, na grande batalha de Cannas, contra os consules, Paulo Emilio e Varrão.

N'este célebre prélio, ferido na Apulia, junto ao rio Aufidus, tributario do Adriatico, e proximo da cidade de Cannas, que cognominou a derrota latina, perderam os romanos : oitenta mil homens, dois questores, vinte e um tribunos das legiões, oitenta senadores, e o proprio consul Paulo Emilio (anno 216, antes J.-C.). Os gaulezes cisalpinos, e os apulios, os campanios, os bruttios, os lucanios, os samnitas, e outros povos italiotas, passaram-se, na maxima parte, ao lado do vencedor; e o poderio romano, limitado a Roma e aos povos da Italia Central, tremeu fundamente, ameaçando derrocada, como nos dias funestos de Allia (1).

Hannibal, destacando logar-tenentes, com forças sufficientes, para a occupação da Italia Meridional, avançou, com vinte e cinco mil homens, pelos territorios da Campania; cercou improficuamente Napoles; penetrou em Cápua; e n'esta cidade aquartelou o seu exercito, que, apesar de vencedor, estava assás reduzido e fatigado. Seguidamente enviou, a Carthago, seu irmão Magon, portador dos despojos opimos dos vencidos, e sollici-

(1) Junta ao rio Allia os invasores gaulezes haviam derrotado os romanos, (390, antes J.-C.).

Digitized by Google

tador de reforços, em dinheiro e em homens para poder levar a cabo a conquista italica (216 e 215, antes J.-C.).

Outros dirão, se foi, ou não, um êrro, a hibernação em Cápua, e se Hannibal poderia e deveria, por um ousado golpe de mão, ou entrar em Roma, ou, derrotando, mais uma vez, as enfraquecidas legiões romanas, impôr á metropole latina condições leoninas e humilhantes, sob a espada do vencedor.

Feche-se este parenthesis historico, e regressemos á nossa Iberia, onde descobriremos os motivos, que impediram Hannibal de servir-se dos reforços, que tinha deixado aprestados para um momento decisivo, e onde encontraremos os successos da lucta peninsular, travada entre os capitães libyo-phenicios e os romanos.

Digitized by Google

Digitized by Google

VI

A segunda guerra punica na Iberia

Quando Hannibal atravessava a Gallia, dirigindo-se para a passagem dos Alpes, encontrára, como dissemos, o consul Publio Scipião, que baldadamente pretendera forçal-o a combate.

O consul Publio e seu irmão Cnéo, que pretendiam passar á Hespanha para impedirem a marcha do grande carthaginez, sobre a Italia perderam o intento, pela rapidez da travessia, que este realisou brilhantemente, do Ebro ao Durancio.

Publio, depois de Hannibal se lhe ter esquivado, junto ao Rhodano, só tornou a avistal-o, para ser derrotado e ferido no combate do Tessino; e Cnéo seguiu para a Iberia, entrando por Emporias, e venceu immediatamente o Hannon, que Hannibal deixára a commandar o exercito de occupação da Iberia Septentrional, (anno 218, antes J.-C.).

A região dos Pyrenéos ao Ebro cahira, nominalmente,

Digitized by Google

em poder dos romanos; e, como peor resultado da derrota, Hannibal ficára privado de chamar a si as forças, que deixára mais proximas das regiões italianas.

No anno seguinte (217, antes J.-C.), o irmão de Hannibal, o Hasdrubal Barca, apesar de não ser Hannon, foi tambem batido por Cnéo, que poude assim passear as suas legiões victoriosas, pelas regiões da Iberia Meridional. Espalhando falsas noticias sobre inventadas derrotas de Hannibal, quando este obtinha os louros gloriosos de tantas victorias, incitando á defecção os peninsulares, ou antes ao levantamento contra os libyo-phenicios, alliciou, por todos os meios, os indigenas, attrahindo-os para a supremacia romana.

Grandes politicos, e grandes capitães, deu a Roma a notavel familia dos Scipiões!

Os carthaginezes tiveram assim de luctar, não só com os legionarios romanos, mas tambem com os bandos armados dos iberos, livres da suggestão e do poder dominador de Hannibal, incitados pela astucia romana e pelos elementos celtiberos, que apparentemente submettidos ao carthaginez, tinham sempre guardado o rancor da derrota.

Hasdrubal mantinha-se na Tartessia junto da Turdetania, e estribava a defensiva nos auxilios das cidades do littoral, que ainda se conservavam pelos carthaginezes, especialmente as praças fortes de Gadés e Carthagena.

Comtudo os revézes succediam-se, com poucas alternativas de bom exito, para os punicos, nos diversos recontros e escaramuças, que se feriam continuadamente. Corria o anno de 216, (antes J.-C.), o anno da victoria de Hannibal, em Cannas, e Hasdrubal recebia do senado de

Digitized by Google

Carthago ordem bem terminante, para ir juntar-se a seu irmão, passando á Italia, com todas as forças, já assás minguadas pelas perdas anteriores.

Entregou o governo da Hespanha Punica a Himilcon, e seguiu ávante, para passar o Ebro.

Esperava-o, porém, defendendo a passagem d'este rio, o exercito dos dois Scipiões, — porquanto Publio viera em auxilio de Cnéo, com um exercito de oito mil homens e uma armada de trinta navios —, e, ferindo-se encarniçada batalha, foi vencido Hasdrubal, e obrigado a retroceder. Estes felizes successos, annunciados para Roma, pelos Scipiões, fizeram levantar o espirito publico abatido pelas derrotas de Italia, e excitaram o povo romano aos heroismos da desforra. Carthago enviou reforços para Hespanha, mas um pouco tardiamente; e a mesma morosidade se dava com os poucos auxilios, que mandava a Hannibal.

Os senadores carthaginezes, em vez de fazerem convergir todas as forças da republica punica, na lucta da Iberia e na campanha da Italia, levaram a insania até mandarem exercitos e esquadras, já para a Sicilia, já para a Sardenha (anno 215, antes de J.-C.), onde aliás fôram batidas as suas expedições.

Esta teimosia na conquista das preciosas ilhas do Thyrreno foi uma obsessão desastrosa, que mereceu sempre a reprovação de Hannibal, o qual acertadamente pensava, que tudo facilmente se rehaveria, se fôsse vencida e submettida Roma.

Esta divisão dos elementos de combate produziu a penuria dos exercitos, da Hespanha e da Campania, que,

Digitized by Google

minguados pelos successivos recontros, se viam obrigados a luctarem contra novas e numerosas legiões romanas, mantendo-se mais na defensiva, que rompendo pela offensiva, a que, aliás, lhes davam direito as primeiras gloriosas victorias.

Assim se justifica o mau exito da restante campanha de Hannibal, na peninsula italica, e, d'esta fórma, facil era de prever a continuação dos revézes, na peninsula iberica.

Os Scipiões proseguiam no seu caminho victorioso, ganhando as batalhas de Illiturgi e de Intibili, com perdas importantes para os carthaginezes.

E no anno 214, (antes J.-C.), perderam estes mais quatro batalhas : Bigerra, Illiturgi, Munde e Auringe. Imagine-se o exultamento e a alegria, que as tão notaveis proezas dos Scipiões fariam sentir em Roma ; e calcule-se a perniciosa influencia moral, o quebrantamento de adhesões, que estes successos produziriam, nos povos da Iberia, já, em grande parte, abalados em pról dos romanos !

« Depois d'esta brilhante campanha, diz Tito Livio, os « Romanos sentiram extrema vergonha, ao pensarem, « que Sagunto estava, havia oito annos, em poder dos « seus adversarios. Expulsaram a guarnição carthagineza « da cidade, e n'ella introduziram alguns dos antigos « habitantes, que haviam podido fugir ás calamidades da « guerra. » Por aqui se vê : que os carthaginezes tinham reconstruido Sagunto, que Hannibal arrasára ; e que, apesar das victorias romanas, os libyo-phenicios não só se mantinham na sua Hespanha Meridional, mas tambem na Septentrional, porque parte das batalhas do anno 214 fôram dadas, junto á região pyrenaica, e, ainda

Digitized by Google

até esse anno, Sagunto, a reedificada, estava em poder dos carthaginezes.

O dominio punico, sob a politica administração de Hasdrubal, e, depois, pelo absorvente dominio de Hannibal, tinha lançado fundas raizes, no sólo da Iberia.

Os exercitos carthaginezes, na peninsula, eram então commandados por Giscon, Magon e Hasdrubal, que tinham recebido sufficientes reforços para sustentarem a guerra.

Os Scipiões, animados pelos importantes resultados da sua feliz campanha, pensaram em incommodar Carthago, nos seus dominios africanos, fazendo assim, por uma diversão de guerra, dividir as forças da republica libyo-phenicia, e impossibilitando-a de enviar novas phalanges a Hannibal, que continuava, tenaz e habilmente, a lucta da peninsula italica, terrorisando Roma, que não podia ainda esquecer a derrota de Cannas. Mas não podendo distrahir forças das suas legiões combatentes da Hespanha, e não esperando, da Italia, auxilios proximos, pretenderam explorar a inimizade, que se suscitára, entre Syphax, rei dos numidas occidentaes, ou massésylianos, e os de Carthago, enviando ao monarcha numida tres mensageiros, escolhidos entre os seus mais habeis e astutos centuriões, para o persuadirem a fazer guerra aos carthaginezes, sob promessas de alliança e protestos de eterno reconhecimento dos romanos, anno 213, (antes J.-C.).

Syphax prestou ouvidos aos incitamentos dos enviados, escutou, maravilhado, as novidades da arte da guerra, que estes lhe referiam, e obteve que um d'elles, Q. Statorio, ficasse na sua côrte, para militarisar as suas hostes, creando um corpo de infantaria, instruido á romana, visto

Digitized by Google

que os seus intrepidos cavalleiros não sabiam luctar, como gente de pé, contra os soldados carthaginezes.

O centurião romano, rapidamente, adextrou e disciplinou os massésylianos, ensinando-lhes a tactica da infantaria; e, por isso, Syphax investiu contra os carthaginezes, que fôram vencidos em batalha campal, nos fins do mesmo anno 213, (antes J.-C.).

Carthago tinha a guerra, por todos os lados, na Italia, na Sicilia, na Sardenha, na Iberia, e até na propria Africa!

Mas Syphax perdeu em breve os seus louros gloriosos, porque os carthaginezes, juntando-se com as forças massylianas de Gula (ou Gala) (1), rei da Numidia Oriental, e pae do aguerrido Massinissa, derrotaram e destroçaram o exercito de Syphax, que perdeu mais de trinta mil homens, abandonou a sua capital Siga, e teve de refugiar-se entre as tribus visinhas da Mauritania. Pretendendo depois passar o estreito, para ir juntar-se, aos Scipiões, com um importante troço de cavalleiros massésylianos, foi ainda vencido pela cavallaria massyliana, commandada por Massinissa.

Este habilissimo cabo de guerra, que amava, então, os carthaginezes, como seus irmãos, tanto pelo parentesco proximo com a familia barcina, como pelo projectado casamento com Sophonisba, filha de Hasdrubal, aprendera com os capitães libyo-phenicios a arte da guerra.

---

(1) Gula era filho de Naravaso, rei da Numidia Massyliana, o qual auxiliára Hamilcar, na guerra dos mercenarios, e casára com uma filha d'este; sendo, portanto, sobrinho de Hannibal.

Digitized by Google

Massinissa, depois de vencido e perseguido Syphax, ficando Carthago desembaraçada da guerra africana, passou á Hespanha com um importante contingente de numidas, que fôram um poderoso auxiliar dos exercitos de Hasdrubal e de Magon, que tinham feito juncção para melhor combaterem os Scipiões.

Começou logo a mudar a sorte das armas; os Scipiões tiveram de se separar, formando dois exercitos: um, o de Cnéo, que se defrontava com Giscon, e outro, o de Publio, que luctava, em successivos recontros, quasi sempre desastrosos para elle, contra as forças de Hasdrubal e Magon e contra os infatigaveis e valentes cavalleiros de Massinissa.

Os romanos fôram novamente acossados pelos carthaginezes, não os deixando, em descanço, a cavallaria ligeira dos auxiliares numidas.

Juntando-se, novamente; os Scipiões fôram forçados a dar batalha, já pela falta de communicações, que lhes eram cortadas pela cavallaria adversa, já pela carestia de viveres para as suas legiões; e fôram vencidos depois d'uma lucta encarniçada e heroica, onde deixaram as vidas, perdendo-se a maior parte do exercito, que elles commandavam, no anno 212, (antes J.-C.). Perante estes acontecimentos, perante a fortuna vária, que ora pendia a favor dos romanos, ora favorecia as armas carthaginezas, os povos da Iberia, sem saberem para que lado se voltarem, conservaram-se, pela maxima parte, na expectativa, ou, antes, n'uma neutralidade ficticia, pois tanto ajudavam os libyophenicios, como auxiliavam os latinos. Resultava isto, não só da descrença em que os lançára a variação dos successos, mas ainda a propria divisão, entre as differentes tribus, e ainda a penuria e desolação, que esta

Digitized by Google

guerra acarretava sobre os povoados mais importantes da peninsula. É preciso, porém, accentuar, que n'esta derrocada do dominio punico, os povos das regiões dos Pyrenéos e os da Turdetania (mais tarde chamada Bética) conservaram-se fieis, até á ultima, defendendo e auxiliando os carthaginezes.

Digitized by Google

VII

Cornelio Scipião e o fim do dominio Carthaginez

Mas em breve aportou á Hespanha, o joven Publio Cornelio Scipião (1), filho do inclito Publio, que vinha vingar a morte dos seus, e principiar a assombrosa série de successos, que depois proseguiria, da Iberia á Africa, até ás portas de Carthago.

Chegou, no anno 211, (antes J.-C.), com uma esquadra de trinta galéras e um exercito de dez mil homens, que immediatamente juntou aos parcos restos das hostes de Publio e Cnéo, e ás legiões que Néro commandava.

Rapidamente principiou a illustrar o seu commando, conquistando a Nova-Carthago (Carthagena), da qual se apoderou, por surpreza, depois de algumas horas de

---

(1) Publio Cornelio Scipião nascera em 235, (antes J.-C.), contando, portanto, vinte e quatro annos, quando entrou na peninsula iberica.

Digitized by Google

assalto. A cidade, que era na peninsula, o arsenal dos carthaginezes, o seu primeiro porto militar, a principal base de defeza da Hespanha Mediterranea, e a fortaleza que se reputava inexpugnavel, cahira contra todas as previsões, em poder dos romanos, commandados por um inexperiente general (anno 208, antes J.-C.).

Carthago sentiu a grandeza da perda, e mediu-lhe as consequencias, que fôram assás desastrosas, para o dominio punico na peninsula iberica.

Póde julgar-se dos importantes valores, que a Nova Carthago continha, e dos quaes os romanos se apossaram, lendo-se a narrativa do minucioso Tito Livio.

« Apoderaram-se d'uma prodigiosa quantidade de ma-
« chinas de guerra, a saber: cento e vinte catapultas,
« das maiores; duzentas e oitenta, das médias; vinte e
« tres grandes balistas; cincoenta e duas balistas peque-
« nas; um grande numero de escorpiões, grandes e pe-
« quenos, de armas offensivas e defensivas; e tambem
« setenta e quatro bandeiras. O general apossou-se de
« importante quantidade de ouro e de prata; duzentas e
« setenta e seis taças de ouro, quasi todas, do peso
« d'uma libra; dezoito mil e trezentas libras de prata,
« amoedada e em obra cinzelada; e muitos vasos do
« mesmo metal. Todos estes objectos fôram contados e
« pesados, diante do questor Caio Flaminio; encon-
« trando-se mais quarenta mil alqueires de trigo, e du-
« zentos e setenta mil alqueires de cevada. Sessenta e
« tres navios fôram apprehendidos, no porto; e entre estes
« havia muitos, que estavam carregados de trigo, de ar-
« mas, de cobre, de ferro, de vélas, de cordame, e d'ou-
« tros aprestes necessarios para equipamento d'uma
« armada. »

Digitized by Google

Por esta especificação quantitativa, que chegou ao manifesto historico do escriptor romano, se avalia dos grandes e importantes haveres, que ficaram nas mãos dos vencedores romanos, sem contar com a rapina, peculiar da soldadesca d'esses tempos, e até dos proprios cabos de guerra.

Hannibal, com sábia previdencia, tinha accumulado bem as suas reservas de dinheiro, mantimentos e armamento, mas a fortuna do ousado Scipião destruira-lhe as suas acertadas previsões, e o que aquelle julgava seguro, dentro dos muros da forte Nova Carthago, cahira em poder d'este depois d'algumas horas de assalto, mal repellido pela apoucada guarnição.

Galéra de guerra

(segundo uma medalha romana)

Scipião começou a mostrar-se digno émulo de Hannibal, na difficil arte de captar as sympathias das massas populares.

Prohibindo a pilhagem, aos seus legionarios; exercendo justiça recta e imparcial; empregando, para todos, um fino trato e captivantes maneiras; usando de longanimidade com os vencidos; mandando respeitar a religião dos indigenas, e acatar os seus usos e costumes; seguia os processos, que Hannibal adoptára, para se fazer amado pelos iberos. Áparte as affinidades da raça e a diutur-

Digitized by Google

nidade de relações dos peninsulares com os carthaginezes, o que aliás fôra tambem poderoso auxiliar do grande libyo-phenicio para obter o predominio, dir-se-hia, que o joven latino aprendera, ou copiára d'aquelle, as regras conducentes a adquirir a affeição dos povos.

Assim se justificam as adhesões e as allianças, que diariamente chegavam ao quartel do grande general romano; e assim principiaram a estabelecer-se as primordiaes assisas da dominação romana, e as primeiras raizes da influencia latina, que tão profundamente haviam de entrar na alma nacional da Iberia.

Convem não occultar, que o elemento celtibero, que sempre odiára o libyo-phenicio, e sempre o combatera, foi adulado e captado por Scipião, que conseguiu pôr do seu lado as tribus mais aguerridas do centro e do sudoéste da Hespanha. Em abono d'esta astuciosa politica peninsular, cita-se a maneira como o general romano libertou os prisioneiros celtiberos, detidos nas fortalezas de Carthagena, especialisando-se até o facto de mandar entregar, ao seu noivo Allucio, uma formosa captiva, que os soldados lhe apresentavam, como despojo opimo da victoria para elle, que trouxera de Roma a fama do seu desregramento.

Mas os carthaginezes ainda disputaram, com teimosia e bravura, o sólo da peninsula.

As phalanges punicas combateram denodadamente os legionarios de Scipião.

Digitized by Google

O exercito libyo-phenicio, onde a cavallaria ligeira de Massinissa (1) fazia prodigios, era o mesmo que tinha vencido as legiões de Publio e Cnéo Scipião. Pois foi esse nucleo das forças punicas, sob o commando de Hasdrubal, o primeiro a encontrar-se com as hostes disciplinadas e aguerridas do filho do vencido, que poude vingar a derrota paterna, vencendo a disputada batalha de Bœcula (ou Bœtula), e infligindo graves perdas aos carthaginezes.

Ao findar um recontro, que se seguira a este grande combate, quando se procedia á venda dos prisioneiros, encontrou-se, entre estes, um numida, assás môço, ainda na adolescencia, o qual pelo trajo e maneiras se distinguia de todos os outros captivos. O questor informou do caso o general romano, que immediatamente chamou á sua presença o prisioneiro. Scipião soube d'elle: que se chamava Massiva, que era neto do rei Gala, da Numidia, que viera para Hespanha com seu tio, o general Massinissa, e que entrára na lucta, contra a expressa prohibição d'este. Offerecia-se assim uma occasião excepcional, para patentear a sua proverbial generosidade de vencedor, e para captar as sympathias do valoroso Massinissa, que, por todos os modos, lhe convinha attrahir.

Deu a Massiva um annel e um colchete de ouro, pre-

(1) Os numidas constituiam a cavallaria ligeira dos exercitos carthaginezes. Montavam agilissimos cavallos, que elles mandavam com extraordinaria pericia. Não applicavam freios aos cavallos, mas uma simples corda guiadora. A sua sella era uma pelle de leão ou de tigre, que lhe servia de cama ou de cobertura.

A cavallaria pesada era composta dos carthaginezes, libyos, hespanhoes e gaulezes.

Digitized by Google

ciosamente lavrados, um saiote hespanhol, uma tunica laticlave, e um cavallo magnificentemente ajaezado; e, fazendo-o acompanhar por uma boa escolta, mandou entregal-o ás avançadas carthaginezas. Foi grande a surpreza de Massinissa revendo o sobrinho, estimado como filho, que elle julgava perdido, ou para sempre, ou, pelo menos, por muito tempo. A longanimidade de Scipião veiu augmentar, no seu espirito de numida, impressionavel e suggestivo, o effeito moral produzido pelas ininterruptas victorias do romano.

Coincidia isto com o procedimento dos punicos, não só pretendendo alliar-se ao seu inimigo massésyliano, o rei Syphax, mas tambem offerecendo-lhe a sua promettida noiva, a formosissima Sophonisba.

Entretanto, isto era nos fins do anno 208 (antes J.-C.), Hasdrubal reconhecendo a impossibilidade de luctar victoriosamente contra Scipião, e sabendo, que seu irmão Hannibal precisava ser auxiliado na sua épica campanha da peninsula italica, onde resistia, mais pelo valor das suas qualidades militares, que pelas forças do seu minguado exercito, preparou-se para passar á cisalpina. Desviou-se das legiões romanas, diante das quaes deixou as phalanges de Magon, Hannon e Massinissa, atravessou o Ebro, galgou os Pyrenéos, superou os Alpes; e, chegando finalmente á Italia, no anno 207 (antes J.-C.), commetteu o êrro de se demorar a sitiar Plasencia, em vez de ir atacar Roma, ou juntar-se ao exercito de Hannibal. Hasdrubal pagou, com a vida, esta falta, na batalha ferida junto ao rio Metauro, onde Lavinio e Néro destroçaram completamente as forças carthaginezas.

Esta derrota, cumulativamente com a perda do irmão,

Digitized by Google

affligiu profundamente Hannibal, que perdendo as esperanças de reforçar a sua gente de guerra, e, portanto, as possibilidades de tomar uma offensiva, que lhe désse a victoria, retirou-se de Canossa e concentrou no Brutium, extremidade meridional da Italia, todas as suas forças.

Na Hespanha, os soldados de Magon (1) e Hannon limitavam-se apenas á defeza dos povoados, que lhes restavam na Turdetania, ou Bética, e Massinissa, proseguia, já tibia e frouxamente, a guerra de embuscadas — a guerrilha — na qual os seus numidas eram temiveis adversarios dos romanos.

Scipião, não podendo resolver os seus adversarios a acceitarem batalha campal, regressou a Tarragona, nos fins do anno 207 (antes J.-C.).

Adveiu, por esse tempo, uma entrevista secreta entre Massinissa e Silvano, logar-tenente de Scipião, offerecendo-se ao numida a alliança dos romanos, e o compromisso de o ajudarem a subir ao throno dos massylianos.

A fidelidade de Massinissa, em pról de Carthago, assás abalada, como já dissemos, cedeu, perante tão deslumbrantes promessas, realisando-se um pacto secreto entre elle e o representante do general romano.

Massinissa exigiu, porém, uma conferencia com Sci-

(1) Este Magon era o irmão de Hannibal, que o acompanhára á Italia; fora, depois da batalha de Cannas, enviado a Carthago, noticiar as victorias e pedir reforços, e regressára á Hespanha para auxiliar a compromettida defeza da colonia peninsular.

Digitized by Google

pião, para ouvir da palavra d'este os compromissos, feitos por intermedio do seu logar-tenente; e regressou aos acampamentos punicos, que tinham recuado para as proximidades de Gadés, principios do anno 206 (antes J.-C.).

Sonhando a derrota de Carthago, nos seus proprios muros, Scipião não pretendia sómente a adhesão de Massinissa, queria tambem manter, solidamente, para Roma, a alliança do inconstante rei dos massésylianos, entendendo que o auxilio, conjugado, dos dois potentados numidas seria a mais poderosa força, para o bom exito da sua projectada expedição contra a metropole punica.

Sabendo, pelas noticias de Africa, que Syphax, com uma desenvoltura, que se diria infantil, e com uma inconstancia pouco politica, se inclinava para o lado dos carthaginezes, mandou-lhe, em missão especial, o seu devotado Lélio, portador de preciosos presentes, com o fim declarado de fixar na alliança romana o voluvel chefe massésyliano.

Respondeu Syphax com mil promessas, mas nada assentou definitivamente, e, — á similhança do seu rival Massinissa, — pediu a presença de Scipião, para tomar uma ultima resolução.

O general romano não tinha á mão uma esquadra aprestada para o levar á Africa, e, menos ainda, forças preparadas, para o acompanharem e guardarem, n'esta viagem diplomatica.

A sua audacia natural, redobrada pelos impetos de arriscada coragem, que produzem os annos da juventude,

Digitized by Google

deu-lhe força demasiada, para realisar a temeridade de partir de Carthagena para a Africa, em duas galéras, acompanhado pelo seu amigo Lélio.

O devotado Fabio, reprehendendo-lhe tal feito, apodou-o acto, de loucura rematada.

Mas o « audaces fortuna juvat » parecia ter sido inventado para elle, ou por elle, como os acontecimentos o vão provar.

Hasdrubal, filho do general Giscon, navegava, com sete navios, para Carthago, quando, a meio da travessia, avistando as galéras romanas, deu-lhes caça; e as trirémes de Scipião, para poderem mais facilmente escapar-se, deram a pôpa ao vento, desviando-se do verdadeiro rumo.

O carthaginez, no que todos são accordes, podia e devia, continuando a perseguição, apresar os navios romanos, e levar a Carthago, como prisioneiro, o ousado general, que tantas derrotas lhe infligira, e que expulsára os seus, quasi totalmente, das ricas terras da Iberia.

Pois não se resolveu a tanto! Presentindo, que Scipião se dirigia á côrte de Syphax, entendeu, que seria melhor precedêl-o, para indispôr o numida contra o romano. Aproou ao sul, e deixou bolinar, á sua vontade, as galéras romanas.

Supponha-se, por um momento de reflexão historica, quantos desastres Hasdrubal evitaria á sua patria, inclusivè a derrota de Zama; quantas mutações propicias auxiliariam, assim, o infatigavel egenial Hannibal; e quão grandes, e favoraveis aos carthaginezes, seriam os revi-

Digitized by Google

ramentos das coisas da guerra, em Hespanha e na Italia. Procedendo a seu modo, Hasdrubal julgou realisar uma habilidade diplomatica, e vencer de antemão a alliança do numida, frustrando os planos politicos do latino.

Nada ha melhor para auxiliar, e até justificar pelo exito, as temeridades d'um irreflectido audaz, que as espertezas d'um conspicuo tolo.

Hasdrubal chegou mais cêdo, que Scipião, diga-se em abono da verdade; empregou todos os meios para alhear dos romanos o monarcha massésyliano, que pulava com inepto orgulho, ao reconhecer-se adulado, pelas duas grandes rivaes, as nações mais poderosas do seu tempo.

A bonhomia do punico foi tão longe, que até chegou a realisar, com a assistencia do romano, uma conferencia, onde Syphax, arrogando-se o alto papel de árbitro supremo, pretendeu accommodar e conciliar os contendores, como representantes dos dois povos belligerantes!

N'essa conferencia, aliás improficua nos seus resultados, o genio de Scipião foi tão elevadamente superior, e tão exuberantemente pleno de attrahentes exteriorisações, nas maneiras, na graça, nos conceitos, na finura de espirito, — porque tudo isto havia no grande cabo de guerra, segundo rezam os seus biographos, — que soube arrancar ao carthaginez Hasdrubal a confissão da superioridade intellectual do grande romano, fazendo-lhe impulsivamente protestar, que os predicados do seu finissimo e primacial espirito estavam acima das qualidades do homem de guerra, que, em tão poucos annos, tanto illustrára o seu nome, pelas continuadas victorias e invejaveis successos.

Digitized by Google

Talvez fôsse, afinal, para lhe fazer elogios, que o punico deixára escapar Scipião, são e salvo, por auxilio do vento e pela mercê da sua inepcia!

Por fim o latino venceu diplomaticamente, pois Syphax, mais uma vez, contrahiu alliança offensiva e defensiva com Roma.

E voltou a Carthagena o general romano, sem ter soffrido o menor incommodo, n'esta perigosissima e difficilima missão, em que gastára apenas alguns dias.

Como, porém, o illustre caudilho ligasse assás importancia á adhesão de Massinissa, tanto pelo valor d'este, como pelas suas forças numidas, deslocou-se de Tarragona, e approximou-se da Bética, onde, nas proximidades de Gadés, se realisou a conferencia dos dois grandes homens, que assim deviam preparar, para mais tarde levar a cabo, a derrota e a humilhação da propria Carthago.

Scipião e Massinissa alliaram-se definitivamente; e este, assegurando o auxilio dos seus, incitou aquelle, a passar á Africa, onde lhe prognosticava uma victoria facil, e a consequente ruina do poderio punico.

O romano alcançára um alliado de primeira ordem, e o numida um protector, para as suas ambições, e um cooperador, na desejada vingança, contra o rival, que se apossára, de accôrdo com o massyliano Mezétula, de parte dos dominios, que lhe pertenciam por hereditariedade régia. Entendidos entre si, Carthago recebia occultamente um profundo golpe, porque esta ligação robustecera a ideia da guerra em Africa, e occasionára

Digitized by Google

a conjuncção de forças importantes, para poder realisar-se tão almejado fim.

A diplomacia, a tactica, a sagacidade e a perspicacia do politico Scipião tinham obtido o que pela força das armas seria impossivel alcançar : o latino, suggestionando o chefe numida, gizára com elle a perda da metropole carthagineza.

Massinissa passou á Africa, n'esse mesmo anno 206 (antes J.-C.), declarando-se abertamente alliado de Roma. Venceu Mezétula; e combateu, com pouca fortuna, Syphax e os seus alliados carthaginezes. Mas, se não os venceu, incommodou-os, e obrigou-os a reterem, em Africa, uma parte importante das suas forças. Depois esperou, com persistencia tenacissima, a vinda de Scipião; e, juntando-se-lhe com os seus mais fieis cavalleiros, no anno 204, (antes J.-C.), foi o mais prestimoso e valoroso auxiliar da campanha africana.

Alguns historiadores dizem, que Massinissa, quando Scipião desembarcou com os seus 30.000 homens, só dispunha de 200 cavalleiros numidas; outros affirmam, que tinha 2.000! Em todo o caso, é facto averiguado que, chamando a si os seus massylianos, juntou importantes forças, acompanhando a lucta, e decidindo, pelo esforço da sua numerosa cavallaria, a victoria, dos romanos, na célebre batalha de Zama, pois, já então, reinava na Massylia, tendo subido ao throno numida, depois de derrotado o seu adversario Syphax.

Mas não precipitemos os acontecimentos; e sigamos antes os feitos de Publio Cornelio Scipião, na guerra da Hespanha.

Digitized by Google

O general romano perseguia, sem descanço, as restantes forças punicas, que, como referimos, se acantonavam na Bética, junto a Gadés.

Magon continuava uma guerra de escaramuças, ou combates de guerrilhas, sem outro fim, que não fôsse cobrir a defeza da cidade, primitivo centro da occupação phenicia, e ultimo baluarte dos carthaginezes; e corajosamente aguardava os acontecimentos.

Os iberos béticos, apesar das suas antigas amizades com os libyo-phenicios, já não os auxiliavam com grande enthusiasmo, porque, dia a dia, elles viam, não só augmentar o poderio romano, na peninsula, mas tambem accrescer a influencia e a popularidade de Scipião, que não perdia o ensejo de attrahir os indigenas, pelas sábias medidas de administração, e pelos actos d'uma bem estudada longanimidade, que chegava, por vezes, a attingir os limites d'uma piedade comica.

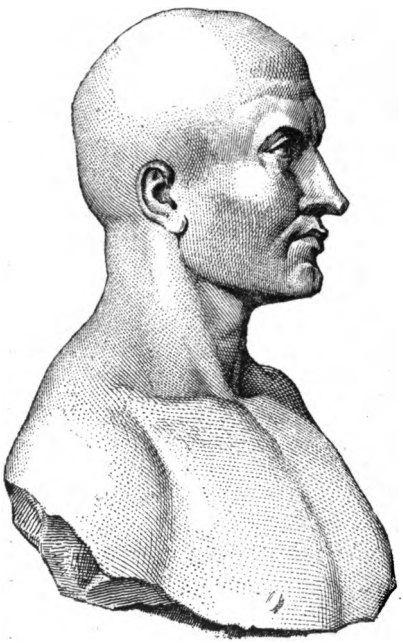
Conta-se até, como prova da sua arte de bem representar a comedia humana, fazendo crêr sentimentos alheios ao seu caracter, que, ao ouvir a lacrimosa viuva d'um chefe celtibero, morto na lucta com os punicos, relatar-lhe as suas maguas e soffrimentos, Scipião, o libertino cidadão de Roma, o general que friamente havia assistido, nos campos de batalha, ás horrorosas agonias de milhares de moribundos, se enternecera, proferira dolorosas lastimas, e chorára copiosamente!

Era d'esta força o émulo de Hannibal.

Os preparativos que se faziam, em Carthagena, armando e equipando galéras, exercitando os contingentes de auxiliares, iberos, não eram feitos para destroçar

Digitized by Google

as forças de Magon, contra as quaes bastariam algumas das legiões romanas, mas, como já todos boquejavam, eram destinados á expedição que se dirigiria á Africa, para fazer a guerra á cidade de Carthago.



Scipião, o Africano
(segundo um busto romano)

Os punicos assustados, já com as noticias d'esta projectada expedição, já com a falta que lhes faziam as forças numidas, alliadas aos romanos, as massylianas, pelo lado de Massinissa, e as massésylianas, pela parte de Syphax, começaram a empregar todos os meios para desligar os potentados numidas, chamando-os de novo á sua alliança.

Envidaram, em primeiro logar, todos os seus esforços, para convencerem o chefe mais poderoso, que então era o voluvel Syphax.

Este, porém, não se deixava convencer, porque sabia dos triumphos romanos, na Hespanha, e da posição diffi-

Digitized by Google

cil e angustiosa em que se encontrava Hannibal, na Italia.

Todas as promessas e offertas eram baldadas, pois, d'esta vez, o numida parecia cimentado, forte e inabalavelmente, com os romanos.

A astucia de Hasdrubal (1) — o que tinha voluntariamente deixado escapar Scipião, — suppriu os argumentos, já gastos e assás improficuos, por um estratagema, que deu o resultado desejado.

Hasdrubal sabia, que a extraordinaria formosura de sua filha Sophonisba, a promettida de Massinissa, havia deslumbrado o monarcha massésyliano, que a sollicitára em casamento, o qual não se fizera de seguida, ou por opposição d'esta, ou porque os acontecimentos bellicosos tinham impedido a realisação immediata.

O manhoso punico, sem fallar da alliança com a sua Carthago, offereceu a alliança matrimonial com a sua formosissima filha (2).

---

(1) Este Hasdrubal, filho de Giscon, não pertencia á familia dos Barcas. O ultimo Hasdrubal Barca havia anteriormente, como narrámos, perdido a vida na batalha do Metauro, quando tardiamente avançava, para se juntar ao exercito do general carthaginez Hannibal, seu irmão.

(2) Os auctores antigos teceram, em côro unisono, os maximos elogios á plastica deslumbrante de Sophonisba, reputada a mais bella mulher da sua epocha. Corneille e Voltaire enlevados pela tradicional belleza, e enthusiasmados pelo dramatico da sua vida, escreveram sob o nome de « Sophonisba » as suas tragedias, onde pretenderam reviver a vida punica, mas não conseguiram fazêl-o: sendo taes producções d'uma mediocridade, muito abaixo do talento dos grandes escriptores.

Digitized by Google

Não foi preciso instar o numida, que ardia em desejos de possuir, como sua mulher, a belleza mais celebrada d'aquelles tempos.

Syphax consorciou-se com Sophonisba; e os attractivos da punica, misturados com as razões que adduzia, para convencer o potentado numida a ligar-se aos carthaginezes, fôram tão poderosos e efficazes, que o regio esposo não se demorou a firmar um pacto com Carthago, obrigando-se, por solemne juramento, a tratar como amigos, ou como adversarios, os alliados ou os inimigos da metropole punica (anno 207, antes J.-C.).

Carthago socegou dos seus cuidados, por este lado, pois havia conseguido a alliança offensiva e defensiva do poderoso rei, o mais importante, entre os chefes dos povos visinhos.

De Massinissa não se occupavam os senadores carthaginezes, porque sabiam, que este estava firme e inabalavelmente ao lado dos romanos, não esquecendo os aggravos, antigos e modernos, que recebera dos seus preteritos alliados, e porque contavam, que elle facilmente seria derrotado pelas forças de Syphax, quando pretendesse fazer guerra aos massésylianos ou aos carthaginezes.

Mas, não contentes com o primeiro successo obtido, pretenderam levar mais longe o rei numida. Servindo-se ainda da influencia de Sophonisba convenceram Syphax a enviar uma embaixada a Scipião, para o fazer desistir da annunciada expedição á Africa, convencidos de que tal missão não lograria o intento, mas accentuaria a ruptura do numida com o romano, e fixaria a nova alliança, de maneira a ficarem seguros contra a costumada volubilidade do massésyliano.

Digitized by Google

Vieram á Hespanha os embaixadores, e ao serem recebidos por Scipião, declararam-lhe, em nome do seu rei, que sabendo dos aprestes feitos, para passar ás terras africanas, fazia considerar ao general romano, que as suas promessas anteriores não deviam incitar ou motivar a projectada expedição, porque, tendo casado com uma filha de Hasdrubal, se reconciliára com os carthaginezes. Que em virtude d'este parentesco de affinidade, rogava, portanto, que a guerra, entre as duas republicas, se ferisse fóra da Africa, para não se encontrar na durissima conjunctura de ter de se decidir a combater, por um ou pelo outro dos dois grandes adversarios.

Os legados numidas accrescentaram, que no caso de Scipião fazer a guerra a Carthago, nos seus dominios de Africa, o chefe massésyliano vêr-se-hia obrigado, embóra contrariadamente, a combater, ao lado dos carthaginezes, que defendiam tambem o torrão africano, onde nascera, e a luctar, pela integridade da patria de sua esposa e dos seus affins.

Ficavam bem, ao numida, estes generosos e piedosos pensamentos, filhos legitimos da feminina influencia exercida pela beldade carthagineza, que não da sua grandeza d'alma. Não agradaram, porém, a Scipião; e facilmente se conceberá o espanto, mesclado de viva indignação, que lhe causaram estas cathegoricas declarações.

Como politico sagacissimo, soube dissimular; respondeu, invocando o antigo pacto de alliança, insistindo nas vantagens das clausulas, que dariam a Syphax a supremacia africana; e appellou para a consciencia do monarcha massésyliano, aconselhando-lhe a manutenção da alliança jurada, para não despertar, pela quebra do

Digitized by Google

juramento, a colera dos deuses, testemunhas, e vingadores divinos da fé dos tratados.

Voltaram, para Cirta, os embaixadores, no anno 206, (antes J.-C.); e, Scipião, tomando, na devida conta, a delicada e disfarçada declaração de guerra, que lhe fôra apresentada, não recuando, apesar da defecção do poderoso e importantissimo auxiliar, da ideia fixa de passar á Africa, no mais curto trecho, fez propalar entre os seus legionarios, que a embaixada viera para o instigar a fazer immediatamente a expedição contra Carthago.

Não imperaram, no animo altivo do romano, as encobertas ameaças dos carthaginezes, postas no bocca do numida.

As sollicitações de Massinissa, o qual com muito custo, e depois de sanguinolenta lucta, contra Mezétula e Lucumaces, havia expulsado estes pretendentes, e reconquistado novamente o throno massyliano, fôram, successivamente, mais insistentes, demandando a presença de Scipião, para luctar contra Carthago.

Tudo se apromptava para a guerreira invasão, e os povos da Iberia prestavam-se á empreza, mais por espirito aguerrido, proprio da sua bellicosa indole, que por mira no sôldo de mercenarios.

A auctoridade, porém, de Fabio, que imperava no conselho de Scipião, fez, ou por prudencia, ou por inveja,

Digitized by Google

desvial-o da execução immediata do seu projecto, resolvendo-se, á ultima hora, o addiamento da expedição, que depois havia de realisar-se, decorridos dois annos, quando a peninsula iberica já estava limpa de carthaginezes.

Dirigiram-se, depois, no anno 205, (antes J.-C.), as vistas de Scipião, para a Bética Carthagineza, onde Gadés era a praça forte, e o unico porto, de grande importancia, ainda em poder dos punicos.

Luctou contra as forças de Magon, que oppôz energica resistencia; e apoderou-se, por assalto, da vetusta cidade gaditana, antigo emporio maritimo dos tyrianos, que adviera, por successão e conquista, aos libyo-phenicios.

Magon embarcava-se com as forças, que lhe restavam, e aproava para a Liguria, a fim de seguir ao encontro de seu irmão Hannibal, levando-lhe nas galéras os ultimos soldados carthaginezes, os derradeiros restos da dominação libyo-phenicia na Iberia.

O anno 205, (antes J.-C.), marcou o fim do predominio punico na peninsula. Carthago perdeu a sua importantissima colonia, passados cêrca de trinta e tres annos, depois da conquista de Hamilcar Barca.

Roma apossou-se de grande parte da Hespanha Central e Meridional, decorridas tantas vicissitudes de guerra, e feridos tantos e tão cruentos combates. E a dominação romana assentára-se definitivamente nas ricas e uberrimas regiões dos iberos. O victorioso Scipião passou á Sicilia, d'onde enviou Lélio a fazer uma incursão africana, seguindo, pouco depois, a juntar-se com este e com o fiel e tenacissimo Massinissa, realisando, finalmente, a

Digitized by Google

desejada expedição contra Carthago, no anno 204, (antes J.-C.).

Hannibal, que ainda assombrava os romanos pelos maravilhosos recursos do seu genio militar, mantendo-se intemeratamente na Italia, foi chamado a Carthago, para defender a metropole, que perigava de ser tomada pelas legiões de Scipião, depois da derrota dos exercitos massésylianos e carthaginezes, commandados por Syphax e Hasdrubal, no anno 203, (antes J.-C.). Depois de preparar, durante um anno, as suas forças para combater o exercito do seu émulo, foi derrotado na batalha de Zama, no anno 202, (antes J.-C.).

Foi este o fim da segunda guerra punica, que durára perto de dezeseis annos, assombrando o mundo d'aquellas éras, e causando, ainda hoje, a admiração de quem compulsar a sua historia, pela grandeza dos feitos realisados, e pelo alcance dos resultados politicos.

Bem disse o sabio professor da Universidade de Oxford, M. Creighton : « esta guerra, entre os Romanos e Han-
« nibal, foi uma das maiores guerras, que o mundo viu;
« *foi o duello d'um grande homem com uma grande*
« *nação* » (1).

(1) Histor. of Rom., por M. Creighton, pag. 60, — Oxford — 1885.

Digitized by Google

É extranho ao nosso intento o proseguirmos, detalhadamente, a historia de Carthago, desde os fins da segunda guerra punica, porque, por esse tempo, segundo o tratado do anno 201, (antes J.-C.), havia terminado a sua dominação na Iberia.

De Publio Cornelio Scipião, cognominado, *o africano*, pelas suas victorias na região carthagineza, até Scipião Emiliano, *o segundo africano*, destruidor da cidade de Carthago, e vencedor da terceira e ultima guerra punica, que deu a Roma a posse de todos os dominios libyo-phenicios, poucos factos se salientam na vida do povo vencido.

A historia resume-se em cinco periodos.

Chamamento de Hannibal á administração publica, anno 195, (antes J.-C.), governando, de fórma a relevar o nivel social da sua patria, e a fazer resurgir-lhe o antigo poderio, até ao seu exilio, ou fuga para Antiochia, anno 193, (antes J.-C.).

Guerras contra Massinissa, já senhor de todas as Numidias, e de grande parte dos antigos dominios africanos de Carthago, desde 182 até 152, (antes J.-C.). Renascença, assombrosamente prodigiosa, da metropole punica : recuperando, commercial e agricolamente, a prosperidade e riquezas d'outr'ora, apesar de tão successivas luctas e perniciosos desastres; causando a inveja e o espanto dos romanos, e levando Catão a pronunciar, no senado, os célebres discursos « *Delenda Carthago* », de 152 a 149, (antes J.-C.).

Terceira e ultima guerra punica, motivada pelo resurgimento carthaginez, mas sob o pretexto de prestar

Digitized by Google

auxilio ao fiel alliado Massinissa, desde o anno 149 até 154, (antes J.-C.).

E, finalmente, o cêrco, o assalto, o saque, o incendio, e o arrasamento da cidade punica, pelas legiões de Scipião Emiliano, no anno 146, (antes J.-C.).

Digitized by Google

VIII

A economia social de Carthago

A grande cidade punica teve, durante muitos seculos, não só a thalassocracia, o imperio dos mares, pelas suas numerosas frótas mercantes, mas tambem o monopolio commercial do Mediterraneo, desde a Grande Syrta até ás Columnas.

Foi Carthago, depois de Tyro, o maior armazem da compra e venda, na antiguidade, e o valiosissimo deposito das riquezas naturaes e industriaes do mundo preromano.

Se os seus libyo-phenicios deram heroes e homens de estado, como os Barcas, os seus phenicios produziram commerciantes e banqueiros, que fôram superiores, quanto á epocha em que viveram, aos Morgans, Vanderbilts, Astors e outros do moderno mundo financeiro, que espantam e maravilham, pelos seus *trusts*, pelas suas emprezas millionarias.

Digitized by Google

Póde afoitamente dizer-se, que estes ultimos não excedem, antes são inferiores, dadas as condições mesologicas d'uns e d'outros, aos seus proto-parentes da finança, aos ancestres do semitismo commercial.

Por isso não procedeu ajuizadamente o sabio investigador allemão, T. Wiegand, que, ha poucas semanas, iniciou uma subscripção publica na Allemanha do Norte, a fim de poder proceder ás pesquisas archeologicas para se descobrir, em Libyssa, a sepultura do grande Hannibal, dizendo, que os seus conterraneos da alta banca deviam apreciar, a historia de Carthago e estimar o seu heroe!

Não seria, porém, melhor e mais acertado recorrer aos financeiros americanos, que decerto tambem mandariam inquirir do paradeiro tumular de Hannon, o rico?

Houve quem comparasse os poderosos e infatigaveis phenicios aos modernos thalassocratas, aos inglezes, actuaes senhores do mar. Não concordamos com a comparação, porque, embóra haja pontos de contacto, a paridade não se realisa, no seu conjuncto de similhança. Melhor adoptado seria tal *simile*, aos portuguezes, ou aos hollandezes, no momento historico das suas epopeias maritimas. Mas, se difficilmente admittimos o parallelismo phenicio-britannico, não duvidamos affirmar, que na grande republica da America do Norte, nos Estados-Unidos, se encontra a resurreição hodierna da Carthago libyo-phenicia.

Quem, com bom e ajuizado criterio, não suspeitará, que a nação norte-americana, tão rapida e fortemente fundada sobre a primitiva colonia dos emigrados puritanos, tal a metropole africana dos fugitivos tyrianos, será

Digitized by Google

a directa successora da thalassocracia ingleza, como Carthago foi a legitima herdeira do poderio de Tyro?

As riquezas, assombrosas, dos industriaes e financeiros americanos são a renovação da soberania do mercantilismo, iniciada no Levante, deslocada para a cidade dos Hannons, resuscitada temporariamente, no Adriatico e na fóz do Tejo, transferida para os mercadores do Tamisa, e, agora, attrahida ás margens do Hudson.

Os potentados financeiros de New-York e de Chicago são méros imitadores dos banqueiros carthaginezes, no ousio das suas operações, na arriscada coragem dos seus emprehendimentos, e até mesmo no sonho ambicioso do imperialismo, que, em todas as sociedades, tem sido sempre o precursor da epocha aurea, e outrosim o promotor da crise que antecede o final occaso.

A actividade na acquisição e collocação dos productos; a iniciativa em armar navios para cumprirem os periplos, e para se arriscarem ás viagens descobridoras de novos mercados; a astucia na compra e a finura na venda; o uso do crédito em favor dos da sua classe; a paciencia soffredora e tenaz na accumulação das riquezas; eis as importantes caracteristicas do mercador carthaginez.

Por isso vimos de dizer, que os norte-americanos os imitam, mas ainda não os egualam, quer na largueza de vistas, quer no desenvolvimento economico d'aquillo que, hoje, se chama o commercio mondial.

Para lá caminharão; e toda a historia de Carthago, com os seus monopolios, com a sua aristocracia-plutocrata, com os seus millionarios, que só desejavam ligar as filhas da prole rica aos da estirpe tyriana, redourando,

Digitized by Google

a seu modo, a antiga prosapia, poderá talvez, n'um futuro mais ou menos remoto, renascer ou, melhor, repetir-se, nas suas linhas geraes de deslumbrante prosperidade e de amesquinhada decadencia.

Fôram, portanto, eximios negociantes os argentarios membros do synédrio punico.

Os seus nautas traziam-lhes, continuadamente, os productos ricos dos paizes mais longinquos.

As galéras de Carthago seguiram, no Norte, até á Scandinavia, as derrotas que os seus irmãos tyrianos lhes indicaram, por as terem aprendido dos iberos, tartessos e ligúros; não nos cançamos de repetil-o, em prol da nossa honrosa genealogia.

Além do hypothetico periplo egypcio-phenicio, quanto á circumnavegação da Africa, os navios carthaginezes bateram as costas africanas, d'um e d'outro lado, até ao equador, sulcaram todos os mares ou divisões do Mediterraneo, singraram no Indico e no Atlantico, e devassaram o Mar do Norte e as portas do Baltico.

Arrojados navegantes fôram elles; mas, se os armadores e alguns pilotos pertenceram ao elemento phenicio, os tripulantes, os mareantes, fôram libyo-phenicios e iberos.

Para tal arrôjo, attentos os parcos conhecimentos, e rudimentares instrumentos da nautica d'aquelles tempos, era mistér, que a fibra energica do elemento turanico auxiliasse a teimosa e paciente tenacidade do semita.

Digitized by Google

Os notaveis periplos de Hannon e Himilcon comprovam o que acabamos de affirmar (1).

As caravanas, formadas pelos libyos, e pelos povos tributarios, os auseuses, os machylas, os maxyas, os lotophagos e os nasamões, avançaram pelos desertos até ao interior da Africa Central, e permutaram productos com o Oriente.

A Sicilia e a Sardenha produziam-lhes o trigo, e, juntamente com a Corsega, o mel e a cêra.

Na grande ilha sarda tambem se exploravam os minerios, as pedras preciosas, principalmente as que se chamavam sardonicas.

A ilha de Lipara dava o betume; e a ilha de Ilva (Elba) o ferro.

As ilhas Gimnesias (Baleares) forneciam o azeite, o vinho, a lã de finissima qualidade, e o gado muar.

Da Iberia, além dos productos similares aos de todas estas ilhas, tiravam o cobre, o ferro, a prata, o ouro, e outras naturaes riquezas da peninsula.

A Gallia, apesar de ter ás portas mediterraneas, a commercial Massilia (Marselha), permutava com os carthaginezes.

Os navios de Carthago carregavam, nas ilhas Cassite-

(1) Veja-se pag^s. 157, 158, e a Nota C in-fine.

Digitized by Google

ridas e nas outras dos Albiões, o estanho; e, no littoral scandinavico, o ambar.

Os productos das manufacturas de Carthago, principalmente as obras trabalhadas em metaes, os tecidos, e as pedras finas lapidadas, tinham mercados certos, na Italia e na Grecia, para onde tambem eram exportados os escravos negros da Ethiopia.

Os tecidos carthaginezes eram os preferidos, no mundo antigo, pelo bom e perfeito acabamento da sua fabricação. Os gregos não conseguiram equiparal-os; e Atheneu conta, que o grego Polémon fôra estudar os processos da tecelagem e da tinturaria de Carthago, e que publicára o resultado de tal investigação n'um tratado especial sobre a manufactura dos pannos libyo-phenicios.

As suas fabricas da ilha Melita (a Malta, que os punicos haviam herdado dos phenicios), fôram tambem afamadas, pela belleza e finura dos tecidos.

Quando os tyrianos decahiram da sua thalassocracia, os carthaginezes monopolisaram a venda da célebre *purpura,* que aquelles continuaram a fabricar até á destruição de Tyro.

O sal dos confins da Libya oriental era enviado, por terra, até ao rio Niger, e trocado pelos grãos d'ouro, pelas tamaras, pelos escravos, e pelas pedras preciosas, que Plinio appellidava *carbunculi carchedonii.*

Por este enunciado, que se deve addir a tudo o que dissemos sobre o commercialismo e industrialismo dos phenicios, facilmente se prevê o que fôram a industria e o commercio da rica metropole africana, a sua extensão dilatada, a perfeição da sua mechanica, os aperfeiçoamentos dos seus processos, e a sua economia intima.

Digitized by Google

Os estudiosos, que queiram mais minuciosamente saber da vida commercial do povo carthaginez, terão um poderoso auxiliar no livro de Wilhelm Bætticher, *Geschichte der Carthager*, onde bem resalta a grandeza do mercantilismo punico.

A agricultura foi muito estimada, e muito desenvolvida. As tendencias agricolas dos libyos fôram aproveitadas e augmentadas pelos phenicios, que, fornecendo o capital sufficiente, para a laboração do sólo, fizeram progredir a primeira e mais importante industria natural, a agricultura. Os ricos negociantes honravam-se de serem tambem grandes proprietarios.

O douto Heeren, na sua proficiente obra sobre a « Politica e Commercio dos Povos da Antiguidade », já citada, diz : « Em Carthago, o amor pela agricultura parece ter « excedido a natural vocação pelo commercio. »

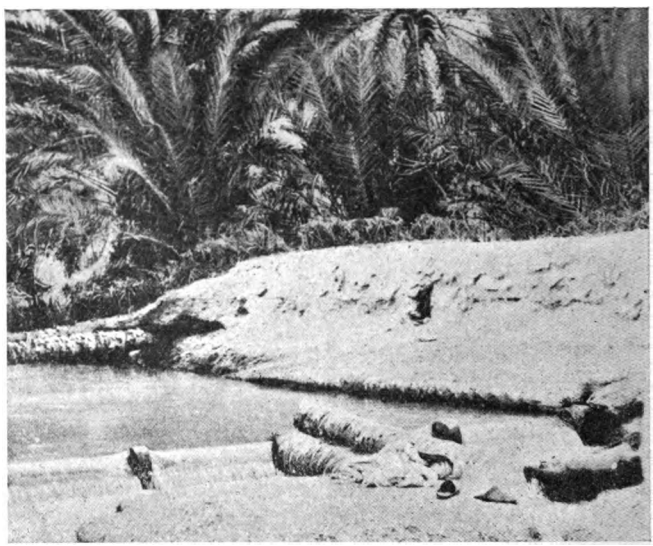
Embóra não concordemos absolutamente com esta asserção, serve-nos ella para confirmar, com a auctoridade do eminente historiador, o elevado grau a que chegou, na região carthagineza, o fanatismo pelas coisas agricolas.

As culturas horticolas e viticolas eram em plena prosperidade.

A pecuaria, na industria da creação do gado, no aperfeiçoamento das raças bovinas, equinas e ovinas, tinha attingido o maximo desenvolvimento.

Digitized by Google

O antigo escriptor Diodoro refere-se encomiasticamente aos campos e jardins de Carthago. « Que o paiz, atraves-
« sado por Agathocles á frente do seu exercito, logo
« proximo ao logar do desembarque, era coberto de



Paizagem das proximidades de Carthago

« jardins, de plantações, e cortado de canaes, que ser-
« viam para a irrigação. Sumptuosas casas de campo pa-
« tenteavam as riquezas dos seus proprietarios, offere-
« cendo todos os commodos da vida, porque a grande
« paz anterior permittira aos moradores accumular, em
« taes habitações, tudo o que podia lisonjear a sensuali-
« dade. O sólo era plantado de vinhas, de oliveiras e
« d'outras arvores de fructo. D'um lado, estendiam-se

Digitized by Google

« prados, onde pastavam manadas de bois e rebanhos de « ovelhas; do lado opposto, nos pontos mais baixos havia « immensos « haras ». Por toda a parte se descortinava « o bem-estar, pois que os carthaginezes mais distinctos « ali tinham propriedades, onde rivalisavam em luxo. »

Passados cincoenta annos, depois da invasão armada de Agathocles, ainda o consul Regulus (1), fazendo a sua incursão, no territorio punico, relatava as mesmas maravilhas agricolas.

Entre todas as provincias, onde florescia a agricultura, avultava a Byzacena, a perola da Libya agricola. D'esta dizia Scylax : « Este paiz, habitado pelos libyos, é « muito fertil, e fornece á vista um magnifico aspecto. « Abunda em gados, e os seus habitantes são muito « ricos. »

O que se dava na Libya dependente de Carthago, succedia tambem na parte libyana, que pertencia á Cyrénaica, onde, como já indicámos, existia a região uberrima, e bem cultivada, que havia sido cognominada « Jardim das Hespérides ».

(1) Regulus foi o victorioso almirante romano, na grande batalha naval de Ecnome, anno 256 (antes J.-C.); tomou Tunis e Adis (Rhades) e apoderou-se de mais de duzentas povoações libyo-phenicias, sendo afinal vencido por Xanthippo, capitão grego ao serviço de Carthago, nos arredores d'esta. Feito prisioneiro e enviado pelo senado punico a Roma, para aconselhar a troca dos prisioneiros, pediu ao senado romano, que tal não fizesse! Regressando a Carthago, por não faltar á sua palavra, expiou, no meio de horrorosos supplicios, o seu patriotismo encendrado, ficando como um inicial modêlo para aquelles, que se sacrificam em holocausto da patria.

Digitized by Google

Vê-se, portanto, que a agricultura era apanagio dos libyos, embóra os punicos, para utilidade e gôso proprios, a impulsionassem por meio da abundancia dos capitaes de que dispunham. A indole semitica, predominante no punico, no descendente do colono tyriano, sem a fusão com o sangue libyano, nunca foi inclinada ao mistér do agricultor. O semita preferiu sempre a labuta commercial, as lides com o dinheiro.

Os libyo-phenicios não tiveram sómente a rotina, as antigas praticas ruraes a guial-os na sua vida, porque muitos dos seus propagaram novos processos, que defenderam e aconselharam em tratados, ou livros especiaes, sobre o assumpto.

Taes livros chegaram até nós, pelas traducções feitas em lingua latina, pelos romanos, que tanto aprenderam com os vencidos carthaginezes. Adiante lhes faremos menção mais especial.

Os fructos agricolas das terras proximas, os productos das regiões remotas, as mercadorias coloniaes, ou as dos paizes autonomos, vinham convergir á cidade, á metropole. Quaes os auriculos e ventriculos do coração humano, taes os grandes armazens, recebendo em deposito para o consumo, e as vastas dócas, embarcando para a reexpedição, cumpriam as funcções da systole e diastole mercantis. Para este coração commercial do mundo antigo, a aorta era o mar, e o systema venoso os itinerarios das caravanas de terra.

Digitized by Google

Os caes, os mólhes ou dócas, os armazens de Carthago, no seu conjuncto systematico, sabiamente disposto e construido, não tiveram eguaes, durante a antiguidade. E, nos chamados tempos medievaes e modernos, nenhum dos emporios commerciaes, que existiram, ou nas republicas mercantis de Genova e Veneza, ou nas cidades livres da burguezia commercial da Hansa, se lhes avantajou notoriamente.

Nos nossos tempos, — ninguem decerto o ignora —, Liverpool e Hamburgo, Londres e Anvers, Marselha e Genova, New-York e Bombaim, envergonhariam a reconstituição de um porto, como o de Carthago, mas o que talvez assombraria as estatisticas do movimento commercial d'estes grandes portos commerciaes, seria a resurreição do movimento extraordinario, que deveria ter o porto universal da epocha preromana. Esta resurreição, não se póde fazer com rigor exacto, pela analyse da estatistica retrospectiva, porque infelizmente não existe em documento algum antigo.

O historiador, porém, recompondo, pedaço a pedaço, a vida economica do mundo antigo, analysando minuciosa e especificadamente os phenomenos sociáes d'esse tempo, estudando a densidade das populações, e as necessidades d'estas, descobrindo qualitativa e quantitativamente as producções e os materiaes de consumo,poderá, sem affirmações axiomaticas, mas com visos de probabilidade, arriscar ou aventar uma opinião mais ou menos fundada; o que já é muito. A tanto não nos abalançaremos, porque só esse trabalho nos absorveria longas vigilias e aturados estudos, sem importancia maxima, aliás, para o escôpo a que nos propomos.

Não nos furtaremos a dizer, que ao lêrmos com cui-

Digitized by Google

dado attento, as paginas dos escriptores antigos, tratando das guerras punicas, ficámos admirados do enorme numero de navios, que ou entraram em combate, ou transportaram viveres e armamentos para os belligerantes. E por aqui se póde fazer um juizo de quão numerosas deveriam ter sido as frótas mercantes da thalassocracia carthagineza, juntamente com as das cidades levantinas, com as dos gregos do Peloponneso e do Archipelago, e com as dos phenicios, pois todas frequentavam o porto da grande metropole africana.

Dirão alguns : mas esses navios lotariam como os barcos dos nossos pescadores costeiros, tripulados por duas duzias de homens! Infelizmente, para a maioria dos que lêm, preferindo o romance de capa e espada, ou a novella de sentimentalismo piégas, ao livro são e proficuo da historia do passado, será essa a noção correntia, mas erronea e assás contraria á verdade historica.

No nono anno da primeira guerra punica (256, antes J.-C.), deu-se a batalha naval de Ecnome (1), nas costas da Sicilia, ganha pelos consules Regulus e Manlius contra os carthaginezes Hannon e Hamilcar (2). N'essa batalha entraram, pelo lado dos romanos : trezentas e trinta galéras de guerra, de primeira ordem, sem contar os outros navios mais secundarios, e os de transporte; e,

(1) Ecnome era o nome d'um monte siciliano, junto á costa, proximidades de Héracléa; e, como era avistado do sitio onde se dava o combate naval, proporcionou a este a sua nomenclatura.

(2) Este Hamilcar não pertencia á familia dos Barcas. Foi pela sua inepcia, cumulada com a de Hannon, que a lucta, indecisa quasi até ao fim, se resolveu a favor dos romanos, os quaes, mais uma vez, se aproveitaram dos apparelhos « corvos » para a abordagem.

Digitized by Google

pelos carthaginezes: trezentas e cincoenta galéras de guerra.

Cada galéra era tripulada por trezentos remadores, e defendida por cento e vinte combatentes, o que lhe dava uma equipagem de quatrocentos e vinte homens; ou fôssem cêrca de cento e quarenta mil homens embarcados nas galéras de guerra dos romanos; e perto de cento e cincoenta mil homens nas galéras carthaginezas; prefazendo um total de 290.000 homens, soldados e remadores, distribuidos por 680 navios (1).

Estes numeros, em que não entram as equipagens dos navios secundarios, já de guerra, já de transporte, são assás eloquentes para nos convencerem do alto poderio maritimo a que chegaram as marinhas de guerra das duas republicas rivaes; e, facilmente, dos mesmos numeros se póde induzir, quão numerosa seria a marinha mercante d'uma thalassocracia, tal como a libyo-phenicia, nas epochas do seu apogeu commercial e politico.

A navegação maritima já fazia os frequentes periplos de longo curso; e já eram distantes os tempos dos barcos de Ulysses, e dos heroes homericos da Odysseia.

Não ha nenhuma nação maritima, dispondo de fortes

(1) Para se aquilatar o poderio d'estas forças, bastará dizer, que, actualmente, todas as nações maritimas da Europa, segundo os ultimos « ships built and building » não dispõem, nas suas formidaveis esquadras, plenas de fortes couraçados e de velozes cruzadores, de mais de 292.000 homens, officiaes, marinheiros e combatentes. A Grã-Bretanha, a maior potencia maritima do mundo moderno, contém, nos seus navios de guerra, uma força de cêrca de 90.000 homens.

Digitized by Google

esquadras de combate, que não possa estar em approximado parallelo com as suas frótas de commercio; pelo contrario, estas são sempre superiores áquellas, e nem a marinha mercante implica, — apesar da sua quantiosa formação — uma armada de guerra assás forte. Sirvam de exemplo nos tempos modernos: a Inglaterra, que possue uma grande fróta mercantil e uma forte esquadra de combate, dignas uma da outra, onde, porém, pela superioridade numerica e de tonelagem, a marinha mercante se avantaja muito á de guerra; e a Suecia-Noruega, que dispõe d'uma importantissima quantidade de navios de commercio, tendo aliás uma pequena esquadra.

As forças de guerra maritima dos carthaginezes provam, portanto, como deveria ser grande o numero dos navios, que faziam o tráfego mercantil da rica e poderosa republica.

Sómente até aos fins da primeira guerra punica, Carthago havia perdido quinhentas galéras de guerra, quadrirémes e quinquerémes, das que podiam conter quatrocentos homens, entre tripulação e soldadesca.

O porto commercial abrangia um mólhe ou dóca, para os navios mercantes evitarem qualquer golpe de mão, em tempos de guerra, ou para se abrigarem do temporal, e

Digitized by Google

communicava com o mar, por uma entrada, que tinha a largura de setenta pés romanos (1).

Esta communicação fechava-se, por meio de fortes e grossas cadeias de ferro.

A dóca commercial tinha a fórma d'uma ellipse alongada, de quinhentos por trezentos metros.

Ligada a esta, por um canal abobadado, seguia-se a dóca ou porto de guerra, cognominado porto Cothon, — que, segundo Servius, significava, porto feito pela mão do homem, — onde existiam os arsenaes da marinha de guerra, e o palacio do commandante das forças maritimas, a quem hoje se dá o nome de almirante.

O porto de Cothon era mais reduzido, que o porto mercante, pois tinha trezentos metros de largura, sobre quatrocentos metros de comprimento. Ao centro, n'uma ilha artificial, existia o palacio do suffetado maritimo (almirantado) com uma alta torre de vigia. Na dóca havia ordinariamente, uma reserva de cento e cincoenta a duzentas galéras de guerra (2).

O principal movimento de carga e descarga dos navios mercantes fazia-se : junto aos caes exteriores, que bordavam, em longo prolongamento, as duas dócas indicadas, a mercante e a Cothon; e ainda para os lados de Megara, a oéste, nas proximidades da muralha, que defrontava com

(1) O pé romano equivalia a 0m,2945. Tal largura correspondia, em medida metrica, a 20 metros e 6 decimetros.

(2) Veja-se « Forces militaires de Carthage », par M. Jean Yanoski, pag. 137.

Digitized by Google

a Necropole. A estes extensos caes podiam abordar centenas de navios, das lotações então usadas.

Pelo que fica exposto, facilmente se póde avaliar do grande e intenso movimento maritimo, que Carthago teve, durante a epocha da sua assombrosa prosperidade.

Segundo Strabão, a grande metropole punica tinha, na extensão das suas triplices muralhas, trezentos e sessenta estádios (1), e, na parte que atravessava o isthmo, das bandas do continente, sessenta estádios (2). O romano Tito Livio avaliou, pelo minimo, em vinte cinco milhas romanas, a sua circumferencia (3).

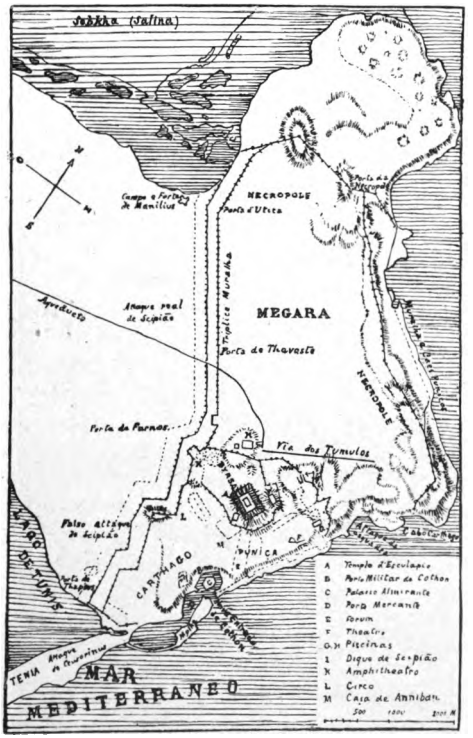
Sobre as divergencias dos dois, e sobre os calculos modernos, legitimados pelas investigações archeologicas, publicou o erudito M. Dureau de la Malle, o seu importante estudo, « Recherches sur la topographie de Carthage ».

O mappa topographico de Carthago, que aqui juntamos, funda-se nos resultados do trabalho de M. Dureau de la Malle, e por elle se recompõe topographicamente a cidade punica, e se reconstituem as obras de ataque, que

(1) 64.800 metros.
(2) 10.800 metros.
(3) 36.812 metros.

Digitized by Google

Scipião Emiliano construiu, para a sitiar, interceptando todas as communicações da pequena peninsula com o continente.



Topographia da antiga Carthago

A população de Carthago, « cidade », foi avaliada em setecentos mil habitantes, por Strabão.

Digitized by Google

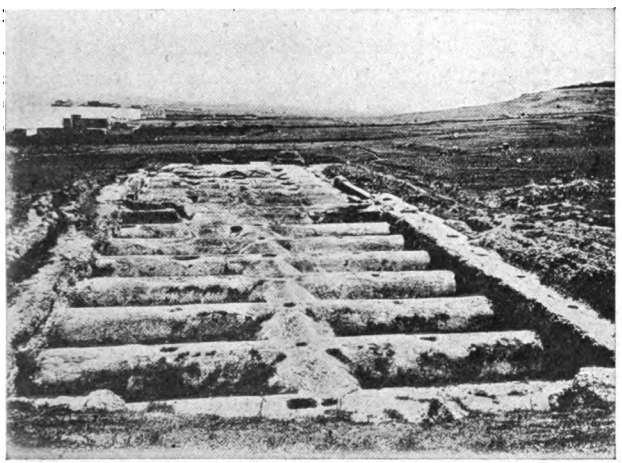
Fazendo o calculo : já pelos combatentes validos, trinta mil, — que defenderam, sob o commando de Hasdrubal, a cidadella de Byrsa, até á tomada pelos romanos —; já pelos que tinham morrido, durante o cêrco, vinte mil; e addindo mulheres, creanças e anciãos; Dureau de la Malle chega á conclusão de que Carthago tinha duzentas e cincoenta mil almas. Quantos tinham sahido, antes do sitio, quantos se escaparam, pelo lado de terra, quando o cêrco não era completo, e pelas portas do mar, que davam facil sahida para os veleiros mercantes? O sabio erudito não os mette em linha de conta! Depois note-se, que isto se dava na decadencia de Carthago, a qual se accelerára, com breves interrupções, depois da derrota de Zama, depois da desastrosa segunda guerra punica. Por isso, sem irmos até á cifra de Strabão, inclinamo-nos, para o calculo de quinhentas mil almas, como total da população urbana, o que já é importante, perante a demographica d'aquelle tempo.

Stéla carthagineza

Digitized by Google

São estes os principaes dados, que podemos encontrar, nos livros e memorias de escriptores antigos e modernos, para esboçarmos a retrospectiva synthese economico-social do grande povo carthaginez.

Não se enxergam mais que as linhas geraes da sua



Restos archeologicos das cisternas de Carthago

silhouette economica; mas descobrem-se as fórmas externas, que sufficientemente avultam a recomposição, que é mistér.

As magnificas praças, entre as quaes sobresahia a que Victor de Vite descobriu, ha poucos annos, appellidando-a, *Platea Nova;* os templos riquissimos em estatuas de ouro, de prata e d'alabastro, e ornados de pedrarias, de pinturas, e d'outras obras de arte : o templo

Digitized by Google

de Baal-Moloch, o de Apollo (com uma colossal estatua), o de Melkarth-Heracles (o tutellar phenicio), o de Astarté a divindade por excellencia, a protectora de Carthago, (onde existia o preciosissimo e artistico véo da deusa, ou o *peplos*), o de Esmun-Esculapio, e os de Céres e de Proserpina; o espaçoso Forum, rodeado de casaria de muitos andares (1); os populosos bairros, o Punico, o de Byrsa e o de Megara; as suas vastas e magnificentes necropoles, que se estendiam além da cidadella de Byrsa, bordando o novo bairro de Megara, a cidade dos jardins; os theatros e circos; as suas grandiosas cisternas, com reservatorios, que maravilham, pelos restos das suas imponentes fórmas architectonicas (2); todo este conjuncto, que nos falla, em magestosas ruinas, das sumptuosidades longinquas d'um passado prosperrimo, attesta a grandeza e a intensidade da vida social de Carthago.

---

(1) Diodoro, a proposito da conjuração de Bomilcar, refere, que as casas dos bairros, Byrsa e Punico, tinham muitos andares.

(2) Vinte e quatro cisternas abobadadas, tendo cada uma 130 passos de comprimento e 26 de largura, segundo referia Edrisi, geographo arabe do seculo XIII. O moderno archeologo Vellard diz, que, hoje, é difficil de verificar exactamente este conjuncto de depositos das aguas pluviaes, que obedecia a um systema disposto geometricamente e com muita arte. O que nos resta forma um rectangulo de 225 metros de longo por 150 de largo.

Digitized by Google

IX

Traços da civilisação carthagineza

A alta civilisação de Carthago transparece e impõe-se, quer pelas referencias dos escriptores antigos sobre o prodigioso desenvolvimento do commercio punico, por cujas mãos passaram as riquezas commerciaes, d'aquelles tempos, quer pelas provas da monumentologia, pelos destroços archeologicos, que as suas ruinas guardaram, como indice das bellezas magnificentes dos grandiosos palacios e magestosos edificios publicos da metropole libyo-phenicia. Vimos de nos referir a essas asserções e a essas provas, esboçando, anteriormente, o perfil da vida economica do grande emporio africano.

Mas torna-se ainda necessario, para melhor se ponderar e apreciar o civilisado estadio do seu viver nacional, que digamos dos conhecimentos, que poderam chegar até ao nosso tempo, sobre a cultura litteraria e artistica do povo carthaginez.

Digitized by Google

Os escriptores gregos e romanos são unanimes, em affirmarem, que houve, em Carthago, uma notavel cultura intellectual, rematada por uma litteratura, propriamente libyo-phenicia.

Plinio, o antigo, refere, que os romanos distribuiram pelos chefes africanos os livros das bibliothecas publicas, que haviam escapado ao incendio de Carthago.

Dizem alguns auctores modernos, como Yanoski, que os livros, distribuidos aos potentados alliados, diziam respeito á litteratura historica.

Sallustio, quando trata dos primeiros povos, que habitaram a Africa Septentrional, baseia-se, para apoio das suas affirmações, em provas adduzidas pelos escriptores dos livros punicos *(libri punici)*, que haviam pertencido ao rei ou suffêta Hiempsal.

Polybio assegura, que Carthago teve notabilissimos historiadores.

Da litteratura scientifica apenas se conhece, que os libyo-phenicios fôram eximios escriptores, na sciencia agronomica; e isto revelado, pelas traducções latinas, como dissemos, a proposito dos seus aperfeiçoamentos agricolas.

O tratado de Magon sobre a « Agricultura » foi muito

Digitized by Google

apreciado pelo mundo culto dos antigos, sendo traduzido pelo latino Silanus. Sabe-se, que esta obra era dividida em vinte e oito livros.

Catão, Plinio, Columello e outros romanos, que escreveram sobre economia rural, fizeram os maximos elogios ao tratado de Magon, extractando-o, e citando-o, nos seus livros.

De litteratura, propriamente dita, restam apenas dez versos, em lingua punica ou, melhor, libyo-phenicia, que Plauto copiou no seu livro « *Pœnulus* », versos que, até hoje, difficilmente se têm interpretado, apesar de se soccorrerem da lingua hebraica, que pertence ao ramo linguistico semitico, onde se filiava o punico.

Parece-nos, que os taes versos devem ter sido escriptos no dialecto libyo-phenicio, que, depois da juncção dos punicos com os ele- mentos turanianos da Libya, substituiu o primitivo idioma punico, o qual se filiava mais directamente nas origens da linguistica dos semitas. Nem d'outro modo se póde explicar as difficuldades interpretativas, conhecendo-se o alphabeto punico, e dispondo-se dos vocabularios e syntaxes semiticas mais importantes. Damos adiante uma das mais eruditas interpretações, a de Gesenius (1).

A epigraphia tumular começa a ser desvendada n'al-

(1) Veja-se Nota H, in-fine, extrahida da monumental obra « Scripturæ linguæque Phœniciæ Monumenta, quotquot supersunt edita et inedita, ad autographorum optimorumque exemplorum fidem edidit additisque de scriptura et lingua Phænicum commentariis illustravit », por Gesenius, — Lipsiæ, 1837.

Digitized by Google

guma das suas inscripções, mas mesmo n'estas deveria distinguir-se a punica propriamente dita da libyo-phenicia, caracterisando assim dois estádios da civilisação carthagineza, e, talvez, duas modalidades da sua lingua. No mesmo caso estão as stélas votivas.

Stéla libyo-phenicia

Houve, portanto, uma litteratura carthagineza; e bem é de lamentar, que Scipião Emiliano mandasse commetter o barbaro acto de incendiar a cidade, roubando-nos tantos documentos preciosos, e insubstituiveis, para a historia, quer da grande republica africana, quer dos povos antigos que ella tratára.

Para se avaliar da grandeza do incendio, bastará referir que, precisando Scipião de desembaraçar as tres principaes ruas, que iam do bairro punico até ao de Byrsa, onde estava a cidadella (1), as ruas de *Esmun*, de *Astarté* e de *Mappoles*, trabalharam, durante uma semana, dia e

(1) A cidadella era denominada Byrsa, e dava o seu nome ao bairro. Situada sobre uma collina, alta de 200 pés, tinha, em cir-

Digitized by Google

noite, os 120.000 homens, que compunham o seu exercito, não chegando a limpar a esplanada, que o romano demandava, para os movimentos do assalto ao ultimo reparo dos carthaginezes, porque estes, pela fome, se renderam á discrição. Dizendo-se isto, prova-se, que o incendio foi de devastadores effeitos; conhece-se da enormidade dos seus destroços; e deduz-se, portanto, que raros documentos se poderiam salvar.

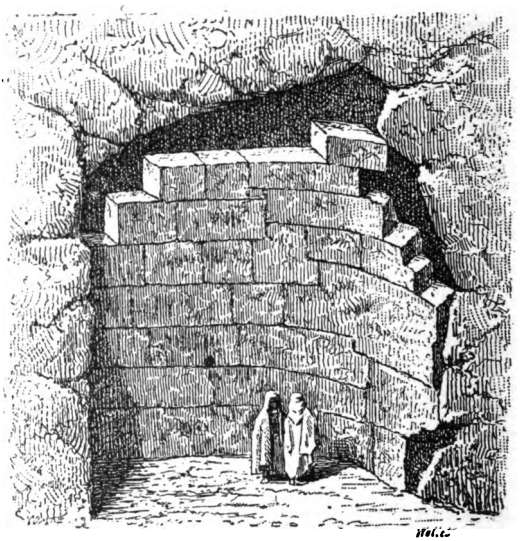
Mas dos effeitos destruidores do fogo, entre derrocadas e entulhos, escapou, para a posteridade, confirmado pela magnitude do devastamento, o attestado do alto grau de civilisação, que Carthago attingira. Porque os edificios publicos e privados da grande cidade, pela riqueza de construcção, alteada de elevados andares, e copiosamente ornamentada, pela abundancia dos sumptuosos mobiliarios, que n'elles se continham, ao desabarem derruindo-se, forneceram, nos vastos montes dos seus tisnados escombros, a affirmação da sua grandeza, e formaram, com o ingente das suas ruinas, as bases historicas da epocha, que os erguera e creára.

Nem admira, que a cultura intellectual e artistica do povo carthaginez tivesse progredido, pois que o contacto continuado, com os povos mais cultos, a que o obrigava o seu grande papel de mercador mondial, communicando com as importantes cidades do Levante e do alto Oriente, da Sicilia e da Cyrénaica, da Grecia e do Egypto, levava-o a transportar os productos d'essas civilisações, e a aproveital-os, em uso proprio; conduzia-

cumferencia, vinte e dois estádios, ou sejam 3.960 metros. Na parte mais elevada avultava o templo de Esmum-Esculapio. N'ella eram tambem os templos de Astarté e de Baal-Moloch!

Digitized by Google

o a conhecer-lhes os processos das nascentes industrias, e a descobrir os arcanos da cultura dos differentes



Ruinas de Byrsa

paizes; impellia-o, com o trato successivo, a assimilar os primores do mundo das lettras e das artes, e a cultival-as, por imitação ou conveniencia utilitaria, por amor proprio ou emulação.

Para dar a nota do seu desenvolvimento artistico, não só ficaram, como apregoámos, os destroços da sua cidade, mas tambem os testemunhos dos auctores antigos.

Digitized by Google

Polybio certifica a magnificencia dos monumentos dos carthaginezes, nas suas colonias, e refere-se ás estatuas que levantaram nas cidades sicilianas, em honra de Hamilcar, filho de Hannon.

Na Iberia, deixaram elles, além dos novos edificios e monumentos, que erigiram, na já grandiosa Gadés, e n'outros povoados mediterraneos, as solidas e bem construidas muralhas da Nova-Carthago, cidade notavel pelos importantes arsenaes e grandiosas edificações.

O escriptor Appiano descreveu a architectura monumental do porto Cothon, as suas arcarias de marmore, os seus vastos arsenaes, e as accommodações do palacio e da torre dos almirantes. O mesmo auctor relatou as riquezas do templo de Apollo, as suas vastas salas, cobertas de pinturas, enriquecidas com ornatos de ouro e de pedrarias (n'uma d'estas salas se reunia o Senado punico, e n'outras e guardavam os archivos historicos da republica), e a estatua da divindade, valiosa pela sua feição artistica, e pela quantidade de laminas de ouro, que cobriam o bronze da sua estructura (1).

Tito Livio cita o célebre escudo de prata, lavrado e artisticamente ornamentado, tendo ao centro um medalhão com o retrato, em relêvo, do grande Hasdrubal, e pesando 138 libras romanas.

As estatuas de Céres e Proserpina, que fôram transferi-

(1) Foi mandada para Roma, depois de despojada do ouro pela soldadesca, e collocada ao lado da estatua de Tito Flaminio. No tempo de Plutarcho, que a viu, era cognominada — o *grande Apollo de Carthago* —.

Digitized by Google

das para os templos de Roma, eram de uma perfeita e bem trabalhada esculptura.

Moéda de prata, de Carthago (Aréthusa)

As stélas votivas, distinctas na sua ornamentação e desenho, figuram, hoje, n'alguns dos mais importantes museus da Europa.

As medalhas commemorativas revélam uma gravura bem acabada e finamente desenhada, principalmente, as que conhecemos, e que existem na Bibliotheca Nacional de Paris, especialisando o grande medalhão de prata, que dá a nota da influencia artistica da Grecia na arte carthagineza.

Moéda de prata, de Carthago (Pégaso)

No museu de Leyde, que visitámos, patenteiam-se, em grande numero, os monumentos funerarios trabalhados em argilla, cobertos de inscripções, e ornados pelos bustos, soffrivelmente esculpidos, de individuos dos dois sexos, notaveis pelas feições libyanas assás pronunciadas, e pelos cabellos entrançados, como usavam os numidas e outros libyos.

Assim se affirmam, pelos depoimentos dos escriptores

Digitized by Google

extranhos, e pelos productos artisticos de Carthago, o apreço e a cultura que as bellas-artes fruiram, entre o povo libyo-phenicio.

Os colonos de Tyro transportaram comsigo os seus penates, e com estes o systema religioso dos phenicios.

Portanto, sobre a religião dos punicos, propriamente ditos, nada mais temos a accrescentar ao que dissemos, na primeira parte d'este livro, quando nos occupámos da religião dos phenicios.

A religião dos libyos, que era a dos turanianos, e a que já nos referimos, nas suas linhaes geraes, no primeiro volume d'esta « Paleontologia Social » (1), modificou, em parte, as cruentas tendencias dos principios religiosos punicos, embóra adoptasse muitas das suas divindades, e, com estas, muitos dos preconceitos e superstições, que lhes eram concomitantes.

Póde, porém, aventar-se, que os libyo-phenicios, principalmente os que não demoravam dentro dos muros de Carthago, seguiam uma religião menos terrorisante, menos dada a sacrificios sanguinolentos, e mais conforme á indole da sua raça.

Da influencia civilisadora dos libyo-phenicios, na Iberia,

(1) Veja-se « Iberos e Bascos », do auctor, a pag.s. 153 e 171.

Digitized by Google

póde dizer-se, que não foi mais longe, que a dos kananéos ou phenicios.

As caracteristicas ethnicas dos turano-semitas predominando no meio economico de Carthago, apesar da ligação com o elemento libyano, como já referimos, converteram a civilisação punica n'uma derivação ou n'um prolongamento da civilisação phenicia.

Se o libyo-phenicio trazia tambem comsigo, pelo sangue libyano, um atavismo turanico, que, pela consanguinidade, se assimilhava ao iberico, o turanismo da Iberia, porém, já havia produzido a resultante das suas forças civilisadoras, já tinha patenteado as suas qualidades de robustez moral, de tenacidade perseverante, de facilidade comprehensiva, de ousio para os ignotos periplos, de audacia, emfim, para os grandes emprehendimentos.

O carthaginez não trouxe, portanto, nova energia ás faculdades creadoras dos povos iberos.

Sob a sua dominação, a estatica social dos iberos conservou-se, sem modificações importantes, nos seus principios fundamentaes, e a dynamica da sociedade peninsular não lhe deveu impulsos fortes ou actividades vivificantes.

Peninsulares e punicos encontraram-se, ou conviveram, mais nos campos das batalhas, que no labutar da vida social.

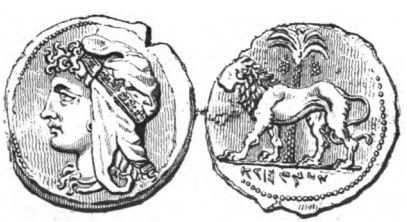
Comtudo não se póde negar aos libyo-phenicios a parte importante, que, após a invasão de Hamilcar, principalmente durante o governo de Hasdrubal, e nos primeiros annos do suffetado de Hannibal, elles occuparam no fo-

Digitized by Google

mento da industria mineira, na intensidade das operações commerciaes, na fundação de importantes povoados do littoral mediterraneo (1), e na exploração agricola da Hespanha Meridional.

E não esqueçamos tambem, que nem tiveram tempo para consolidarem o seu emporio hispanico, nem houveram meio de continuarem, longa e desenvolvidamente, a successão da herança phenicia, porque a sorte de Zama arrastára comsigo a fortuna de Carthago, a sua hegemonia africana, e o seu imperio colonial.

(1) Além da origem libyo-phenicia das cidades de Carthagena e de Barcelona, a que já fizemos referencia especial, muitas são as povoações importantes da Hespanha Mediterranea onde se descobre, mediata ou immediatamente, a fundação, ou dos phenicios ou dos libyo-phenicios, revelando-se os signaes indeleveis da sua passagem historica na deturpada toponymia dos actuaes povoados.



Digitized by Google

Digitized by Google

Nota A

La coloration préhistorique d'os humains a été souvent signalée. Citons notamment une tombe néolithique près de Sgurgola (territoire d'Anagni, Italie), qui contenait une portion faciale de crâne humain coloré en rouge vif par du cinabre; les squelettes saupoudrés d'oligiste de Menton, ceux de la grotte d'Arene Candide, près Final-Marina, et des crânes humains colorés de Sicile, provenant de sépultures de l'âge de la pierre polie. M. Pigorini a fait au congrès préhistorique de Lisbonne (1) une communication à ce sujet; il croit que ces ossements ont été colorés après le décharnement du cadavre; on n'aurait donc enterré que des squelettes.

Nous avons déjà dit que, dans nos trouvailles, l'hypothèse de ce rite nous paraissait inadmissible; les ossements colorés que nous avons trouvés ne contredisent pas notre opinion. Leur étude nous fait penser que le cinabre a été employé à peindre des tissus portés comme ornements

(1) Congrès international d'antropologie et d'archéologie préhistorique. *Rapport sur la session de Lisbonne*, par M. E. Cartailhac, p. 91. Paris, E. Boban, 1880.

Digitized by Google

ou vêtements; la toile aurait disparu, et le cinabre serait seul resté, parfois tombant en poussière, d'autres fois conservant encore une certaine consistance.

Sur celui de nos crânes où la coloration est le mieux marquée, la croûte rouge forme une bande légèrement en relief à la surface du front, près de la naissance des cheveux : en cet endroit, le crâne, qui était tourné la face en haut, offrait une surface horizontale où le cinabre, après disparition de la peau et de la toile, s'affaissait sur place; une mince couche de limon très fin, déposée par les eaux dans le tombeau, a formé un enduit sur la croûte de cinabre et lui a conservé une forte adhérence au crâne. Sur les côtés, au contraire, et sur la nuque, les traces de cinabre sont plus rares et moins adhérentes; c'est que le limon n'a pu s'y déposer, et les croûtes de couleur se sont détachées. Il en reste assez cependant pour indiquer d'une façon certaine que la bande faisait primitivement le tour complet de la tête; la place qu'elle occupait est exactement celle d'un bandeau qui aurait servi à rattacher la chevelure.

La même chose peut se constater également sur d'autres.

Or, de pareils bandeaux ont une grande analogie avec nos diadèmes d'argent.

Le diadème, διάδημα, le plus ancien insigne de la royauté, était, comme son étymologie l'indique, un bandeau dont les rois se ceignaient le front; mais on peut croire qu'avant de devenir un insigne de suprématie, il n'était qu'un simple objet de toilette. Nous croyons que plusieurs des objets que nous nommons pendants d'oreilles ont été plutôt attachés ou suspendus à un voile ou à un

Digitized by Google

bandeau entourant la tête; il serait naturel que le bandeau, coloré ou non, servît à fixer ces ornements. Il est *à priori* probable que les diadèmes d'argent n'ont pas été inventés d'emblée : ils auront été précédés de bandeaux de toile, qu'on aura ensuite continué à employer concurremment avec eux ; et il nous paraît probable qu'on ornait ces bandeaux de diverses façons, soit en les chargeant de bijoux, soit en les colorant.

Parmi les autres restes de cinabre nous citerons encore : 8 boutons en ivoire, dont les faces inférieures surtout sont colorées en rouge; ces boutons sont de petits prismes à bases triangulaires (vide gravura de pag. 44 dos « Iberos e Bascos »), l'une des faces porte deux trous communiquant entre eux, le bouton de la figure est un cône ; divers ossements saupoudrés d'une matière rouge, cinabre ou ocre, pouvant provenir d'habits peints ou d'une substance colorante déposée comme telle à côté du mort. Enfin, la terre qui recouvrait les ossements d'une sépulture renfermait une couche assez régulière de cinabre. Ces faits, notamment la coloration des boutons, s'expliquent par l'hypothèse d'habits peints (1).

Nota B

« Les montagnes nommées les Pyrénées surpassent les « autres par leur hauteur et leur étendue ; séparant les

(1) Extractado de « Les premiers âges du métal dans le Sud-Est de l'Espagne, par Henri et Louis Siret ».

Digitized by Google

« Gaules de l'Ibérie et de la Celtibérie; elles s'étendent « de la mer du Midi à l'Océan Septentrional, dans un « espace de trois mille stades. Autrefois, elles étaient en « grande partie couvertes de bois épais et touffus ; mais « elles furent, dit-on, incendiées par quelques pâtres qui « y avaient mis le feu. L'incendie ayant duré continuelle- « ment pendant un grand nombre de jours, la superficie « de la terre fût brûlée, et c'est de là que l'on a donné à « ces montagnes le nom de Pyrénées. La combustion du « sol fit fondre des masses de minerai d'argent, et pro- « duisit de nombreux ruisseaux d'argent pur. Ignorant « l'usage de ce métal, les indigènes le vendirent, en « échange d'autres marchandises de peu de prix, aux « marchands phéniciens, instruits de cet événement. Im- « portant cet argent en Sibérie, en Grèce, et chez d'autres « nations, ils gagnèrent d'immenses richesses. La cupi- « dité de ces marchands fût telle, que, leurs navires étant « déjà chargés, ils coupèrent le plomb de leurs ancres, « et y substituèrent l'argent, qui s'y trouvait encore en « abondance.

« Les Phéniciens continuèrent longtemps ce commerce, « et devinrent si puissants, qu'ils envoyèrent de nom- « breuses colonies dans la Sicile et les îles voisines, ainsi « que dans la Libye, la Sardaigne et l'Ibérie. Longtemps « après, les Ibériens, ayant appris les propriétés de l'ar- « gent, exploitèrent des mines considérables. Presque « tout l'argent qu'ils en retirèrent était très pur, et leur « procura de grands revenus.

« Nous allons faire connaître la manière dont les Ibé- « riens exploitent ces mines. Les mines de cuivre, d'or, « d'argent sont merveilleusement productives. Ceux qui « exploitent les mines de cuivre retirent du minéral brut « le quart de son poids de métal pur. Quelques particu-

Digitized by Google

« liers extraient des mines d'argent dans l'espace de
« trois jours un talent cuboïque. Le minerai est plein de
« paillettes compactes et brillantes.

« Aussi, faut-il admirer à la fois la richesse de la na-
« ture et l'adresse de l'homme. Les particuliers se
« livraient d'abord avec ardeur à l'exploitation des mines
« d'argent, dont l'abondance et la facilité d'exploitation
« procuraient de grandes richesses. Mais lorsque les
« Romains eurent conquis l'Ibérie, ces mines furent en-
« vahies par une tourbe d'Italiens cupides, qui se sont
« beaucoup enrichis. Ces industriels achètent des trou-
« peaux d'esclaves, et les livrent aux chefs des travaux
« métallurgiques. Ceux-ci leur faisaient creuser le sol en
« différents points, et à de grandes profondeurs, mettent
« à découvert des filons d'or et d'argent.

« Les fouilles sétendent aussi bien en longueur qu'en
« profondeur, ces galeries ont plusieurs stades d'étendue.
« C'est de ces galeries longues, profondes et tortueuses,
« que les spéculateurs tirent leurs trésors.

« Si l'on compare ces mines avec celles de l'Attique,
« on trouvera une grande différence. Là, à d'énormes
« travaux on ajoute beaucoup de dépenses ; quelquefois,
« au lieu d'en tirer le profit qu'on en espérait, on y perd
« ce que l'on avait ; de sorte qu'on peut appliquer à la
« mésaventure une énigme célèbre.

« Les exploiteurs, au contraire, des mines de l'Espagne
« ne voient jamais leurs espérances et leurs efforts trom-
« pés ; s'ils rencontrent bien dès le commencement de
« leurs travaux, ils découvrent à chaque pas de nouveaux
« filons d'or et d'argent. Toute la terre des environs n'est
« qu'un tissu de ramifications métalliques. Les mineurs

Digitized by Google

« trouvent quelquefois des fleuves souterrains, dont ils « diminuent le courant rapide en les détournant dans des « fossés inclinés, et la soif inextinguible de l'or les fait « venir à bout de leurs entreprises.

« Ce qu'il y a de plus étonnant, c'est qu'ils épuisent en- « tièrement les eaux au moyen des vis égyptiennes qu'Ar- « chimède, de Syracuse, inventa pendant son voyage en « Egypte. Ils les élèvent ainsi successivement jusqu'à « l'ouverture de la mine; et ayant desséché les galeries « ils y travaillent à leur aise.

« Cette machine est si ingénieusement construite, que « par son moyen on ferait écouler d'énormes masses « d'eau et on tirerait aisément un fleuve entier des pro- « fondeurs de la terre à sa surface.

« Mais ce n'est pas seulement en ceci qu'il faut admirer « le talent d'Archimède; on lui doit encore beaucoup « d'autres ouvrages, plus grands, et qui sont célèbres par « toute la terre. Nous les décriront exactement et en « détail lorsque nous serons arrivés à l'époque d'Archi- « mède.

« Les ouvriers qui travaillent dans les mines, rappor- « tent donc à leurs maîtres d'énormes revenus. Ces mal- « heureux, occupés nuit et jour dans les galeries souter- « raines, épuisent leurs forces et meurent en grand nom- « bre d'un excès de misère. On ne leur donne aucun répit; « les chefs les contraignent par des coups, à supporter « leur infortune jusqu'à ce qu'ils expirent misérablement. « Quelques-uns, dont le corps est plus robuste et l'âme « plus fortement trempée traînent longtemps leur misé- « rable existence, cependant l'excès des maux qu'ils en- « durent; doit leur faire préférer la mort. Parmi les nom-

Digitized by Google

« breuses particularités de ces mines, on remarque « comme un fait curieux, qu'il n'y a aucune dont l'exploi- « tation soit récente : toutes ces mines ont été ouvertes « par l'avarice des Carthaginois, à l'époque où ils étaient « maîtres de l'Ibérie. C'était la source de leur puissance ; « c'était de là qu'ils tiraient l'argent pour solder les puis- « santes et nombreuses armées dont ils se servaient dans « toutes leurs guerres. Les Carthaginois ne se fiaient ni « à la milice nationale ni aux troupes de leurs alliés. En- « tretenant la guerre à force d'argent, ils ont exposé aux « plus grands dangers les Romains, les Siciliens et les « Libyens. Au reste, de tout temps, les Carthaginois ont « été avides d'acquérir des richesses et les Romains ne « songeaient qu'à ne rien laisser à personne.

« On trouve aussi de l'étain en plusieurs endroits de « l'Ibérie, non pas à la surface du sol, comme quelques « historiens l'ont prétendu, mais dans les mines d'où on « le retire pour le faire fondre comme l'argent et l'or. Les « plus riches mines d'étain ont dans les îles de l'Océan en « face de l'Ibérie et au-dessus de la Lusitanie, et nom- « mées pour cette raison les îles Cassitérides. On fait « aussi passer beaucoup d'étain de l'île Britannique dans « la Gaule, située en face ; les marchands le chargent sur « des chevaux et le transportent à travers l'intérieur de « la Celtique jusqu'à Marseille et à Narbonne. Cette der- « nière ville est une colonie des Romains ; en raison de « sa situation et de son opulence, elle est le plus impor- « tant entrepôt de cette contrée. »

Extractado de Diodoro da Sicilia, tomo II, pag^s. 36 e seg^tes, trad. de F. Hœffer.

Digitized by Google

Nota C

O Periplo de Hannon, que Bougainville colloca em 570 (antes J.-C.), só é conhecido por uma noticia resumida, sobre a narrativa original, escripta em lingua punica, chegando até nós pela traducção grega, que Hudson conservou no seu livro *Geographiæ veteris scriptores græci minores.*

Damos aqui a versão franceza feita por Bougainville, nas *Mémoires sur les découvertes d'Hannon* (Mémoires de l'Académie des Inscriptions, tom. XXVI, XXVIII).

« Les Carthaginois résolurent qu'Hannon naviguerait au delà des Colonnes, et qu'il fonderait des colonies avec les Liby-Phéniciens. Il partit, emmenant avec lui une flotte de soixante vaisseaux, une quantité d'hommes et de femmes, au nombre de trente mille, des provisions et toutes les choses nécessaires.

« Après nous être embarqués et après avoir passé par le détroit, nous naviguâmes durant deux jours, et fondâmes ensuite une ville du nom de *Thymiatérum.* Il y avait à côté d'elle une grande plaine. De là nous fîmes voile à l'ouest, vers le cap libyen de *Soloës*, garni de toutes parts d'arbres. Après y avoir élevé un temple à Neptune, nous nous dirigeâmes, pendant une demi-journée, de nouveau vers l'ouest jusqu'au moment de toucher à un lac voisin de la mer, et rempli de joncs. Il s'y trouvait des éléphants et beaucoup d'autres animaux herbi-

Digitized by Google

vores. Nous longeâmes le lac pendant une journée, et nous construisîmes des villes sur la mer, que nous appelâmes *Karikum, Teichos, Gytte, Acra*, *Mélitte* et *Arambe*.

« En partant de ces lieux, nous arrivâmes au grand fleuve *Lixus*, qui descend de la Libye. Le long de ses rivages demeure un peuple nomade, les *Lixites*, qui faisaient paître leurs troupeaux; nous y fîmes quelque séjour en contractant avec eux alliance. Mais au-dessus d'eux vivaient des Éthiopiens sauvages, occupant un pays montagneux et riche en animaux, où le Lixus prend naissance. Les montagnes étaient habitées par des hommes d'une figure étrange, des Troglodytes, que les Lixites dépeignaient comme plus agiles à la course que des chevaux.

« Nous prîmes des interprètes parmi les Lixites, et nous passâmes près du désert durant deux jours. Nous nous portâmes de là à une journée vers l'est : ici nous rencontrâmes au fond d'un golfe une petite île ayant cinq stades de circuit; nous y établîmes des colons en lui donnant le nom de *Cerné*. Selon notre calcul, il nous semblait qu'elle devait être à une distance égale de Carthage; car on mit autant de temps pour le trajet de là aux Colonnes que de celles-ci à Cerné. Nous arrivâmes à un lac, en remontant un grand fleuve, nommé *Chrètes*. Ce lac renfermait trois îles plus grandes que Cerné. A partir de ces îles, il nous fallut une journée pour atteindre la fin du lac.

« Au-dessus de ce lac on voyait s'élever de hautes montagnes, couvertes d'hommes féroces, revêtus de peaux d'animaux qui nous lancèrent des pierres et nous empêchèrent d'aborder. En continuant notre route, nous parvînmes à un *grand fleuve*, rempli de crocodiles et d'hip-

Digitized by Google

popotames. Nous rebroussâmes chemin, et nous allâmes rejoindre Cerné.

« De cet endroit, nous nous embarquâmes vers le sud, et nous longeâmes les côtes pendant douze jours. Toute la contrée était habitée par des Éthiopiens, qui en nous voyant arriver prirent la fuite. Ils parlaient un langage inintelligible, même pour les Lixites qui nous accompagnaient. Le dernier jour nous abordâmes près de quelques montagnes élevées, et garnies de différentes espèces de bois odoriférants. Nous naviguâmes deux journées plus loin, et nous mouillâmes près d'un très grand golfe, ayant des deux côtés un terrain plat, sur lequel nous vîmes brûler partout, la nuit, des feux à une certaine distance, et à une élévation plus ou moins grande. Nous y fîmes de l'eau, et nous côtoyâmes les rives pendant cinq jours; au bout de ce temps nous vîmes devant nous un grand golfe, auquel nos interprètes donnèrent le nom de *Corne d'Ouest*. Il y avait dans ce golfe une grande île dans laquelle se trouvait un lac, qui à son tour renfermait une île plus petite.

« Nous abordâmes en ce lieu, où nous ne vîmes, le jour, que des forêts, mais la nuit beaucoup de feux; et nous entendîmes le son de flûtes, de cymbales, de timbales, et un bruit effroyable. La terreur s'empara de nous, et nos devins nous ordonnèrent de quitter l'île. Nous mîmes aussitôt à la voile, et nous passâmes près d'une contrée brûlante nommée *Thymiamata*. Elle était pleine de torrents de feu qui se jetait dans la mer. Mais cette terre était inaccessible à cause de sa grande chaleur. La crainte nous fit encore quitter promptement ces parages.

« Pendant quatre jours en mer, nous aperçûmes, la nuit, les côtes couvertes de feux. Nous vîmes, au milieu de ce

Digitized by Google

pays, un feu énorme qui semblait toucher jusqu'aux étoiles. Le jour nous y distinguâmes une montagne très élevée, que l'on appelait le *char des dieux*. Durant trois jours nous passâmes près des torrents de feux, et nous approchâmes d'un golfe appelé la *Corne du Sud*. Dans l'angle de ce golfe il y avait une île pareille à l'autre dont nous avons parlé, laquelle contenait un lac; celui-ci renfermait à son tour une autre île, habitée par des hommes sauvages; mais la plupart d'entre eux étaient des femmes aux corps velus, que nos interprètes appelaient Gorilles. Nous ne pûmes pas attrapper les hommes : ils s'enfuirent dans les montagnes et se défendirent avec des pierres. Quant aux femmes, nous en prîmes trois, qui mordirent et égratignèrent leurs conductéurs, et ne voulurent pas les suivre. Nous les tuâmes, et nous leur ôtâmes la peau, que nous apportâmes à Carthage; car nous ne pûmes pas aller plus loin, faute de provisions. »

Nota D

« En dehors des Colonnes d'Hercule, du côté de la Libye, on trouve une île (la plus grande des Canaries) (1) d'une étendue considérable et située dans l'Océan. Elle est éloignée de la Libye de plusieurs journées de navigation, et située à l'occident. Son sol est fertile, montagneux, peu plat, et d'une grande beauté. Cette île est

(1) Affirmação á conta da traducção franceza.

Digitized by Google

arrosée par des fleuves navigables. On y voit de nombreux jardins plantés de toutes sortes d'arbres, et des vergers traversés par des sources d'eau douce. On y trouve des maisons de campagnes somptueusement construites, et dont les parterres sont ornés de berceaux couverts de fleurs. C'est là que les habitants passent la saison de l'été, jouissant voluptueusement des biens que la campagne leur fournit en abondance. La région montagneuse est couverte de bois épais et d'arbres fruitiers de toutes espèces; le séjour dans les montagnes est embelli par des vallons et de nombreuses sources. En un mot, toute l'île est bien arrosée d'eaux douces, qui contribuent non-seulement au plaisir des habitants, mais encore à leur santé et à leur force. La chasse leur fournit nombre d'animaux divers, et leur procure des repas succulents et somptueux. La mer qui baigne cette île renferme une multitude de poissons; car l'Océan est naturellement très poissonneux. Enfin, l'air y est si tempéré, que les fruits des arbres et d'autres produits y croissent en abondance pendant la plus grande partie de l'année. En un mot, cette île est si belle, qu'elle paraît plutôt le séjour heureux de quelques dieux que celui des hommes.

« Jadis cette île était inconnue, à cause de son grand éloignement du continent, et voici comment elle fut découverte : Les Phéniciens exerçaient de toute antiquité un commerce maritime fort étendu; ils établirent un grand nombre de colonies dans la Libye et dans les pays occidentaux de l'Europe. Leurs entreprises leur réussissaient à souhait; et, ayant acquis de grandes richesses, ils tentèrent de naviguer au delà des colonnes d'Hercule, sur la mer qu'on appelle Océan. Ils fondèrent d'abord sur le continent, près des colonnes d'Hercule, dans une presqu'île de l'Europe, une ville qu'ils nommèrent *Gadira*. Ils y firent les constructions convenables à cet emplacement.

Digitized by Google

Ils y élevèrent un temple magnifique, consacré à Hercule, et instituèrent de pompeux sacrifices d'après les rites phéniciens. Ce temple est encore de nos jours en grande vénération. Beaucoup de Romains célèbres par leurs exploits y ont accompli les vœux qu'ils avaient faits à Hercule pour le succès de leurs entreprises. Les Phéniciens avaient donc mis à la voile pour explorer, comme nous l'avons dit, le littoral situé en dehors des colonnes d'Hercule; et pendant qu'ils longeaient la côte de la Libye, ils furent jetés par des vents violents fort loin dans l'Océan. Battus par la tempête pendant beaucoup de jours, ils abordèrent enfin dans l'île dont nous avons parlé. Ayant pris connaissance de la richesse du sol, ils communiquèrent leur découverte à tout le monde. C'est pourquoi les Tyrrhéniens, puissants sur mer, voulaient aussi y envoyer une colonie; mais ils en furent empêchés par les Carthaginois. Ces derniers craignaient d'un côté qu'un trop grand nombre de leurs concitoyens, attirés par la beauté de cette île, ne désertassent leur patrie. D'un autre côté, ils la regardaient comme un asile où ils pourraient se retirer dans le cas où il arriverait quelque malheur à Carthage. Car ils espéraient qu'étant maîtres de la mer, ils pourraient se transporter, avec toutes leurs familles, dans cette île, qui serait ignorée de leurs vainqueurs (1). »

(1) Diodore, tomo II, pag. 18 da traducção de Hœffer.

Digitized by Google

Nota E

Polyb. III : « Traité que Hannibal, le général Magon, Murcan, Barmocar, les sénateurs de Carthage qui sont avec Hannibal, et tous les Carthaginois qui combattent avec lui, ont fait avec Xénophane, Athénien, fils de Cléomaque, qui nous a été envoyé comme ambassadeur par le roi Philippe, fils de Démétrius, pour lui, pour les Macédoniens et leurs alliés.

« En présence de Jupiter, de Junon et d'Apollon, en présence du génie de Carthage, d'Hercule et d'Iolaüs, en présence de Mars, de Triton et de Neptune, en présence de tous les dieux protecteurs de notre expédition, du soleil, de la lune et de la terre; en présence des fleuves, des prés et des eaux; en présence de tous les dieux que Carthage reconnaît pour ses maîtres; en présence de tous les dieux qui sont honorés dans la Macédoine et dans tout le reste de la Grèce; en présence de tous les dieux qui président à la guerre et qui sont présents à ce traité, Hannibal, général, et avec lui tous les sénateurs de Carthage et tous ses soldats ont dit :

« Afin que désormais nous vivions ensemble comme amis et comme frères, soit fait, sous votre bon plaisir et le nôtre, ce traité de paix et d'alliance, à condition que le roi Philippe, les Macédoniens et tout ce qu'ils ont d'alliés parmi les autres Grecs, conserveront et défendront les Carthaginois, Hannibal, leur général, les soldats qu'il commande, les gouverneurs des provinces dépendantes de Carthage, Utique et toutes les villes et nations soumises

Digitized by Google

à Carthage, et les soldats, et les alliés, et toutes les villes et nations avec lesquelles nous avons amitié et alliance dans l'Italie, dans la Gaule, dans la Sigurie et avec lesquelles nous pourrons contracter amitié et alliance dans cette région, conserveront et défendront le roi Philippe et les Macédoniens et tous leurs alliés d'entre les autres Grecs. Nous ne chercherons point à nous surprendre les uns les autres; nous ne nous tendrons point de pièges.

« Nous, Macédoniens, nous nous déclarons de bon cœur, avec affection, sans fraude, sans dessein de tromper, ennemis de tous ceux qui le seront des Carthaginois, excepté les villes, les ports et les rois avec qui nous sommes liés par des traités de paix et d'alliance. Et nous aussi, Carthaginois, nous nous déclarerons ennemis de tous ceux qui le seront du roi Philippe, excepté les rois, les villes, les nations avec qui nous sommes liés par des traités de paix et d'alliance.

« Vous entrerez, vous, Macédoniens, dans la guerre que nous avons contre les Romains, jusqu'à ce qu'il plaise à Dieu de donner à nos armes et aux vôtres un heureux succès.

« Vous nous aiderez de tout ce qui sera nécessaire, selon que nous en serons convenus. Si les dieux ne nous donnent point la victoire dans la guerre contre les Romains et leurs alliés, et que nous traitions de paix avec eux, nous en traiterons de telle sorte que vous soyez compris dans le traité, et aux conditions qu'il ne leur sera pas permis de vous déclarer la guerre, ou à nous, alors nous nous secourrons les uns les autres selon le besoin. Nous en userons de même si quelqu'autre nous fait la guerre, excepté à l'égard des rois, des villes,

Digitized by Google

des nations, dont nous serons amis et alliés. Si nous jugeons à propos d'ajouter quelque chose à ce traité ou d'en retrancher, nous ne le ferons que du consentement des deux parties » (1).

Nota F

A curiosa inscripção phenicia, que se segue, pertence ao sarcophago de *Eschmounezer*, rei de Sidon.

Tão importante monumento funerario é uma das preciosidades phenicias do museu do Louvre.

Foi descoberto, em Sayda, por M. Péretié, e está em bom estado de conservação.

Artisticamente, prova a influencia da arte nilina, e a inaptidão do artista kanaanéo para representar a figura humana.

A sua inscripção gravada, na cabeceira tumular, tem soffrido varias interpretações.

Para nós, a que nos parece mais acceitavel é a que apresentou o distincto hebraista, E. Rollier, na sua *Mémoire sur l'inscription funéraire du sarcophage d'Eschmounezer, roi de Sidon* (recension du texte sur l'original, traduction, commentaire et observations critiques

(1) Segundo a versão franceza dada por Yanoski.

Digitized by Google

sur les traductions antérieures), Paris, 1875. Rollier attribue ao reinado de Eschmounezer uma data synchronica com o reinado de Hosée, rei d'Israel, e com o de Ezechias, rei de Judá.

I

Au mois de *Boul* de l'an quatorze, XIVe de mon règne (à moi), roi Eschmounezer, roi des Sidoniens, fils du roi Tabnith, roi des Sidoniens, moi Eschmounezer, roi des Sidoniens, je parlai, en disant :

II

« La durée de mon existence en ce monde, à moi, fils « de rois, était déjà limitée, alors que parmi les enfants « de Dieu j'y occupais le premier rang. »

III

« Je suis mort, et je suis couché dans ce cercueil et « dans ce tombeau, dans le lieu où j'ai construit ma « dernière demeure, auprès des autres rois. »

IV

« Aucun homme ne devra ouvrir cette couche funèbre « et ne devra chercher d'éclaircissements auprès de « celui qui dort ici, comme si le dormeur avait été un « de leurs égaux. Il ne devra pas enlever le cercueil « qui me sert de couche, ni me transporter dans cette « couche sur la couche d'un autre. Même quand quel- « qu'un te tenterait, ne l'écoute pas. »

Digitized by Google

V

« Car un verdict est prononcé contre les personnes « royales, comme contre tout le monde. Ceux qui ou- « vriraient le couvercle de cette couche, ou enlève- « raient le cercueil qui me sert de couche, ou me trans- « porteraient dans cette couche; ceux-là n'auront pas « de couche avec les morts, et ils ne seront pas ense- « velis dans un tombeau, et ils ne laisseront après eux « ni fils ni postérité, et les dieux saints avec celui qui « fait régner le monarque qui domine parmi eux les « livreront à leurs ennemis, qui les chasseront de leur « pays. »

VI

« Est-il un être humain qui ose jamais ouvrir le cou- « vercle de cette couche, ou enlever ce cercueil avec « moi, fils de reine, mère de l'homme mortel? Il ne « laissera pas de racines en bas, et de fruits en haut, « et il ne figurera pas parmi ceux qui vivent sous le « soleil, et sa grâce disparaîtra. »

VII

« La durée de mon existence en ce monde, à moi, fils « de roi, était déjà limitée, alors que parmi les enfants « de Dieu j'occupais le premier rang. »

VIII

« Même après ma mort, je demeurerai comme main- « tenant Eschmounezer, roi des Sidoniens, fils du roi

Digitized by Google

« Tabnith, roi des Sidoniens, petit-fils du roi Esch-
« mounezer, roi des Sidoniens. »

IX

« Et ma mère Amastoreth, grande prêtresse d'Asto-
« reth, la reine (des cieux), est la fille d'Eschmounezer,
« roi des Sidoniens. C'est ma mère qui a bâti la maison
« de la déesse Astoreth à Sidon, pays maritime, et il lui
« a plu que le nom d'Astoreth qu'elle porte restât très
« célèbre. ».

X

« Et nous deux avons bâti une maison d'habitation
« pour l'homme saint qui annonce les prophéties, qui
« passait avant sur la montagne une vie pauvre et misé-
« rable; et mon fils reste près de lui, et y occupe le
« premier rang. »

XI

« Et nous deux avons construit des maisons pour les
« dieux des Sidoniens à Sidon, pays maritime, une
« maison pour Baal-Sidon, et une autre maison pour
« réunir Astoreth à Baal. »

XII

« Le Seigneur des rois voudra encore nous donner
« les beaux et splendides pays qui sont sous le patro-
« nage du puissant Dagon, entre les mains de la tribu
« de Dan, comme récompense des forces que j'ai em-

Digitized by Google

« ployées, et les ajouter à la frontière de mon pays pour « les consolider à jamais aux pays des Sidoniens. »

XIII

« Ma dernière demeure près d'autres rois est déjà « préparée; que personne n'ouvre mon lit et ne vide « mon lit; qu'on ne me transporte pas dans ma propre « couche, et qu'on ne porte pas mon lit ailleurs, pour que « les dieux sacrés ne détruisent pas ceux qui oseraient « le faire de leurs propres mains, et ne les livrent pas « à un homme mortel qui les chasserait de leur pays et « les disperserait pour toujours. »

Nota G

A inscripção phenicia do templo de Baal, em Marselha, descoberta em 1845, é uma das mais completas e importantes de toda a monumentologia kanaanéa.

Adoptamos a versão, que nos pareceu mais seguida, a do Abbé Bargés, erudito hebraista do seculo findo, na sua obra « Temple de Baal, à Marseille, ou grande inscription phenicienne découverte dans cette ville; Paris, 1847 ».

1. « Temple de Baal. Loi concernant les offrandes (qui doivent être présentées aux prêtres par les maîtres des sacrifices), loi conforme aux ordonnances décrétées du temps de Khelesbaal, le suffète, fils de Bodtanith, fils de

Digitized by Google

Bod, et de. . . . . le suffète, fils de Bodaschmqun, fils de Khelesbaal, et de leurs collègues.

2. « Pour un taureau tout à fait robuste et adulte, s'il est d'ailleurs entièrement sain, il sera donné aux prêtres dix pièces d'argent par bête, et pour la cuisson de chacune d'elles il leur sera offert une part de la victime, savoir : trois cents sicles de chair; cette part sera coupée en morceaux, et on la rôtira, ainsi que la peau, les intestins et les pieds de la victime; le reste sera laissé au maître du sacrifice.

3. « Pour un veau à qui les cornes n'ont pas encore poussé, qui marche lentement et stimulé par le bâton, ou bien pour un bélier entièrement fort et arrivé à l'âge adulte, s'ils sont d'ailleurs parfaitement sains, il sera donné aux prêtres cinq pièces d'argent par bête, et pour la cuisson de chacune il leur sera offert une part de la victime, savoir : cent cinquante sicles de chair; cette part sera coupée en morceaux, et on la rôtira, ainsi que la peau, les intestins et les pieds; le reste sera laissé au maître du sacrifice.

4. « Pour un bouc ou une chèvre entièrement forts et adultes, si ces bêtes sont parfaitement saines, il sera donné aux prêtres un sicle et deux oboles pour chacune d'elles, et pour le morceau d'usage, il leur sera offert trente sicles de chair. Ce morceau sera coupé et rôti, ainsi que la peau, les intestins et les pieds; le reste sera laissé au maître du sacrifice.

5. « Pour un agneau, un chevreau ou un faon de biche, entièrement forts et adultes, s'ils sont parfaitement sains, il sera donné aux prêtres trois quarts de sicle d'argent et d'oboles (tant) par bête, et pour la cuisson il leur sera

Digitized by Google

offert un morceau de la victime, du poids de (tant), lequel sera coupé et rôti, ainsi que la peau, les intestins et les pieds; le reste sera laissé au maître du sacrifice.

6. « Pour un petit de chevreuil, s'il brille d'une parfaite santé, s'il est remarquable par sa légèreté à la course et doué d'une belle apparence, il sera donné aux prêtres trois quarts de sicle d'argent et deux oboles par bête, ainsi que les intestins et les pieds; le reste sera laissé au maître du sacrifice.

7. « Pour un oiseau ou des prémices sacrées, pour une oblation de nourriture ou une oblation d'huile, il sera donné aux prêtres une pièce d'argent et dix oboles pour chacun de ces objets.

8. « Pour tout morceau qui sera levé devant les dieux, il en reviendra aux prêtres une part, laquelle sera rôtie. Quant aux morceaux. . . . .

9. « Pour une libation, pour du lait, de la graisse et pour toute espèce de sacrifice qu'un homme peut offrir en sacrifices gras. . . . .

10. « Pour tout sacrifice qu'offrira un pauvre en bétail ou un pauvre en oiseaux, rien ne sera assigné aux prêtres. . . . .

« Tout lépreux, toute personne attaquée de la teigne et quiconque implorera les dieux. Tous ceux qui sacrifieront. . . . .

. . . . . Pour tout. . . . .

11. « Homme mort, l'offrande pour chaque sacrifice

Digitized by Google

sera faite conformément au règlement établi dans l'inscription. . . . .

12. « Quant à l'offrande qu'il (le maître du sacrifice) présentera, il la placera sur un morceau de la victime, et il la donnera conformément à l'écrit lequel. . . . . et Khelesbaal, fils de Bodaschmoun, et leurs collègues.

13. « Tout prêtre qui se fera donner pour l'offrande quelque chose de plus que ce qui aura été rôti ou placé sur le morceau de la victime, sera condamné à une amende. . . . . Quant à l'argent au maître du sacrifice qui l'aura offert, il donnera (le double de) l'offrande qui. . . . . »

Nota H

Plauto no seu Pœnulus, acto V, scena I, versos 1-10, deixou-nos umas importantes reliquias da lingua punica, que Gesenius interpretou, eruditamente, nos *Monumenta Phenicia*, a pag. 375.

MIL. Vin' appellem hunc Punice?
AG. An scis? MIL. Nullus est me hodie Pœnus Punior
AG. Adi atque appella, quid velit, quid venerit,
Qui sit, quojatis, unde sit : ne parseris.
MIL. *Avo* חוו Salvete } ! quojates estis? aut quo ex oppido?
HAN. *Hanno Muthumballe bechaedre anech.* חנון מתובעל בקזתא אנך Hanno Muthumbalis ex Carthagine ego }

Digitized by Google

AG. Quid ait? MIL. Hannonem sese ait Carthagine,
Carthaginiensem Muthumbalis filium.

HAN. *Vo* / Salve / חוו ! MIL. Salutat. HAN. *Donni* / אדני / mi domine ! MIL. *Doni* volt tibi
Dare hinc nescio quid? audin' pollicerier?

AG. Saluta hunc rursus Punice verbis meis.

MIL. *Avo donni* / חוו אדני / Salve, domine, hic mihi tibi inquit verbis suis.

HAN. *Mi bar bocca?* / מי בר בקי / Quo ex oppido es? Mil. Istuc tibi sit potius quam mihi!

AG. Quid aid? MIL. *miseram* esse prædicat *buccam* sibi.
Fortasse medicos nos esse arbitrarier.

AG. Si ita est, nega esse: nolo ego errare hospitem.

MIL. Audi tu, *rufen nu lo, is tam!* / רפאין אנו לאאישתם / medici nos non (sumus), vir bone! AG. Sic volo
Profecto vera cuncta huic expedirier.
Roga, numquid opus sit. MIL. Tu, qui zonam non habes,
Quid in hanc venistis urbem, aut quid quæritis?

HAN. *Muphursa* / מפרשח / Explicationem AG. Quid ait? HAN. *Mure lech ianna* / מורה לך יענה / Doctor tibi explicabit. AG. Quid venit?

MIL. Non audis? *mures Africanos* prædicat
in pompam ludis dare se velle ædilibus.

HAN. *Læch la chananim li menuchot.* / לך לחנגיסלימנוחות / Abi ad (deos) misericordes, mihi quies sit. AG. Quid nunc ait?

MIL. *Ligulas, canalis* ait se advexisse et *nuces:*
Nunc orat operam ut des sibi ut ea veneant.

AG. Mercator, credo, est. HAN. *Is amar hinam* / איש אמר הנם / Vir loquitur frustra AG. Quid est?

HAN. *Palu me rega datham* / פלוא מה רקה דעתם / Mirum, quam inanis cognitio eorum AG. Milphio, quid nunc ait?

MIL. *Palas* vendundas sibi ait, et *mergas datas,*
Ut hortum fodiat, atque ut frumentum metat.
Ad messim, credo, missus hic quidem tuam.

Digitized by Google

AG. Quid istuc ad me? MIL. Certiorem te esse volui,
Ne quid clam furtive accepisse censeas.
HAN. *Muphonnium sucorahim* } MIL. Heu! cave si feceris
מפניהם שקרתהם
Removebo mendacia eorum. }
Quod hic te orat. AG. Quid ait, aut quid orat, expedi.
MIL. *Sub cratim* uti jubeas sese *supponi*, atque eo
Lapides *imponi* multos, ut sese necet.
HAN. *Gunebel balsamen ierasan!* } AG. Narra,
גאון נבל בעל שמים ירסן } quid est?
Petulantiam scurræ deus cœlorum capistret! }
Quid ait? Mil. Non, hercle, nunc quidem quicquam scio.
HAN. At ut scias nunc, dehinc Latine jam loquar.
Servom, hercle, te esse oportet et nequam et malum,
Hominem peregrinum advenam qui irrideas.

Na mesma comedia de Plauto (acto V, scena I), encontram-se os dez versos seguintes :

1 *Yth alonim valonuth* *sicarthi simacom syth*
2 *Chym lacchu yth tummy'* *'sthyal mytthibariim ischi*
3 *Liphocaneth yth byn achi* *iadidi ubynuthii*
4 *Birno rob syllohom* *alonim ubymysyrthohom*
5 *Bythylm moth ynn* *ocholh li velech Antidamaschon*
6 *Ys sid dobrim thyfel* *yth chylys choa them liful*
7 *Yth binu ys* *dibburt hinn ocutnu Agorastocles*
8 *Yth emanethi hy chyr saely* *choc syth naso : Byrmi*
9 *Id chi llu hily gubulim* *lasibit thym*
10 *Body aly thera ynnynnu ysl ym moncor lu sim.*

Gesenius (*Monum. Phœn.* p. 368), interpreta assim :

1 *Superos superasque celebro hujus loci,*
2 *Ut, ubi abstulerunt prosperitatem meam, impleatur jussu eorum desiderium meum*
3 *Servandi filium fratris mei e manu prædonum et filias meas*
4 *Virtute magna quæ dii (est) et imperio eorum.*
5 *Ante mortem ecce amicitia (erat) mihi lecum, o Antidama :*
6 *(Qui erat) vir contemnens loquentes fatua, strenuus robore, integer in agendo :*

Digitized by Google

7 *Filium eis est fama hic (esse) cognatum nostrum Agorastoclem:*
8 *Fœdus meum* (i. e. tesseram fœderis), *imaginem numinis mei, pro more fero. Indicavit*
9 *Testis quod hæ regiones ei (sunt) ad habitandum ibi.*
10 *Servi ad januam ecce luna interrogata num cognitum adsit nomen.*

Digitized by Google

INDICE

PREFACIO. 7

PHENICIOS :

I. — O Mediterraneo e os Primitivos Navegadores . 19
II. — Origens dos Phenicios. 35
III. — Traços da Historia Phenicia. 51
IV. — Religião e fórma de governo dos Phenicios . . 81
V. — A Industria e a Arte da Phenicia. 105
VI. — Navegação, Commercio e Colonias 145
VII. — O alphabeto não foi invento dos phenicios. . . 173
VIII. — Influencia da Civilisação Phenicia. 183

CARTHAGINEZES :

I. — Carthago; a sua fundação e os seus elementos ethnicos. 205
II. — Primeiras relações dos Carthaginezes com os Iberos. 225
III. — Carthago perde as Ilhas Italicas, e invade a Hespanha. 233
IV. — Inicios da dominação carthagineza na Peninsula. 245

Digitized by Google

V. — Hannibal na Peninsula Iberica 251
VI. — A segunda guerra punica na Iberia. 267
VII. — Cornelio Scipião e o fim do dominio Carthaginez 275
VIII. — A economia social de Carthago 297
IX. — Traços da civilisação carthagineza 317
Nota A 329
Nota B 331
Nota C 336
Nota D 339
Nota E 342
Nota F 344
Nota G 348
Nota H 351

Imp. E. Desgrandchamps, 23, rue Boissonade. — Paris.

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

AH 3707.17
Phenicios e Carthaginezes.
Widener Library 006287807
3 2044 080 857 535

Digitized by Google